

teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



500 Anos de Dramaturgia Brasileira - Vol VIII - Nº 30

Teatro da Juventude



**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça
Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 5 - número 30 - Junho de 2000

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Eliana Rocha

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Consultoria: Prof. Milton Andrade

Capa: Flávio Império (in memoriam.)

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 7 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

Nesta edição retomamos a trajetória do teatro brasileiro na década de 50, que, como foi demonstrado no número 20 da TEATRO DA JUVENTUDE, constituiu um rico período para o nosso país, sobretudo no teatro.

Segundo Eudinyr Fraga, professor de Teatro Brasileiro, que assina a “Apresentação” deste número, nessa década a situação do teatro brasileiro modifica-se completa e rapidamente. Diretores estrangeiros vêm trabalhar no Brasil, cria-se o TBC – Teatro Brasileiro de Comédia, funda-se a EAD – Escola de Arte Dramática, surgem inúmeros grupos teatrais... O teatro brasileiro coloca-se no mesmo patamar das melhores companhias estrangeiras.

Nesse contexto inserem-se os três relevantes autores – Nelson Rodrigues, Jorge Andrade e Ariano Suassuna – cujas peças *Vestido de noiva*, *A moratória* e *Auto da Compadecida* publicamos nesta edição.

Mestre em criar cenas curtas em linguagem direta e precisa, Nelson Rodrigues, jornalista por profissão, estiliza a realidade, recriando-a sob uma lente de aumento. E mais: seus personagens em geral vivem conflitos entre os instintos do inconsciente e a repressão do consciente, o que leva o público a refletir sobre a realidade e os padrões estabelecidos. Das dezessete peças que escreveu, a maioria, por razões óbvias – impossibilidade de conciliar instinto e sociedade –, não tem final feliz. Com o sucesso e a criatividade demonstrada em *Vestido de noiva*, Nelson passa a ser reconhecido como fundador do moderno teatro brasileiro.

Jorge Andrade, descendente de fazendeiros do interior paulista, forma-se em Direito em São Paulo e, depois de trabalhar dois anos numa das fazendas do pai, em 1951 retorna a São Paulo e ingressa na EAD, onde descobre sua vocação. Em 1954, recebe sua primeira menção honrosa e, daí em diante, uma sucessão de prêmios. Com *A moratória*, em que expõe e analisa a fundo o conflito social vivido com a decadência dos barões do café, Jorge Andrade é premiado na Rádio Jornal do Brasil em 1955 e convidado pelo governo norte-americano a visitar os Estados Unidos, onde passa três meses assistindo teatro e visitando grupos amadores e universidades. No mesmo ano, o júri da revista *Teatro Brasileiro* considera a peça o melhor texto de 1955. As peças *O telescópio*, *Pedreira das almas* e *A moratória* foram vertidas para o inglês, e a última também para o francês.

Ariano Suassuna escreve o *Auto da Compadecida* com base em romances e histórias populares do Nordeste, com influência harmoniosa do dramaturgo português Gil Vicente. Principal animador do Armorial, movimento voltado para o descobrimento e a interpretação das raízes do Nordeste, Suassuna demonstra, desde suas primeiras peças (*Uma mulher vestida de sol* – 1947, *Cantam as harpas de Sião* – 1948 e *Os homens de barro* – 1949), clara inspiração popular combinada com convicção cristã. A consagração nacional e internacionalmente, no entanto, viria com o *Auto da Compadecida* (1955). Suassuna escreve também poesia e crítica de arte e, desde 1989, é membro da Academia Brasileira de Letras.

As três peças publicadas nesta edição proporcionam ao leitor um passeio imperdível pela próspera década. Conheça mais sobre os autores e as peças lendo a “Apresentação” de Eudinyr.

Erné Vaz Fregni

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE

Saudações...

Vimos através desta solicitar a coleção completa da revista TEATRO DA JUVENTUDE, que usaremos para fins educacionais e teatrais.

**Malu Silva e Luiz Azevedo – diretores
Standard Teather Company
Bragança Paulista – SP**

Sou professora de português e filosofia e trabalho com alunos de ensino fundamental e médio em escola pública. Gostei muito das peças teatrais e do conteúdo teórico que a revista TEATRO DA JUVENTUDE traz em cada volume, além de orientações e excelentes indicações bibliográficas.

Gostaria muito de adquirir a coleção completa da revista, pois a biblioteca da escola, além de possuir poucos exemplares de cada número, sendo difícil retirá-los para uso fora da biblioteca, também não possui todos os números.

Sei que a coleção está no número 25. Possuo os seguintes números: 1, 2, 10, 12. Gostaria de poder retirar os demais nessa Secretaria.

No aguardo de uma resposta, agradeço antecipadamente.

**Lucília M. R. Morales – professora
São Paulo – SP**

Solicitamos a doação da TEATRO DA JUVENTUDE e ressaltamos que sua colaboração permitirá a ampliação das atividades de consulta ao público, que abrange os corpos docente, discente e administrativo desta unidade, assim como todos que acompanham, com especial interesse, o desenvolvimento da arte e da cultura.

**Regina Coeli Guedes de S. Pinto – diretora
UNESP – Universidade Estadual Paulista
Campus de São Paulo – SP**

Coordeno um grupo de teatro em minha escola, Colégio Positivo, e também curso teatro no Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos de Tatuí, onde tive conhecimento da TEATRO DA JUVENTUDE. Venho portanto solicitar os exemplares da revista, os quais ampliariam o conhecimento do grupo teatral do colégio.

**Bruna Renzano – coordenadora
Grupo Trapa
Tatuí – SP**

A Casa Aberta Leide das Neves – Itaugera, é uma entidade situada na Zona Leste há dez anos. Atendemos quatrocentas crianças e adolescentes na faixa etária de 5 a 17 anos, todas de famílias carentes da região. Visando a construção democrática da cidadania, temos como missão, por meio do projeto educativo, resgatar com as crianças e adolescentes sua autonomia, desenvolvendo trabalhos cooperativos. Para isso, nossa instituição coloca à disposição desses jovens e crianças as seguintes atividades: educação física, música, capoeira, horticultura, artes plásticas, teatro, circo-teatro e teatro de rua. Vimos pelo presente solicitar a coleção completa da revista TEATRO DA JUVENTUDE, que irá enriquecer o trabalho de nossas aulas de teatro.

**Lúcia Medeiros – diretora
Casa Aberta Leide das Neves
Itaugera – SP**

Tem esta a finalidade de solicitar a regularização do envio da revista TEATRO DA JUVENTUDE, ora interrompido, para Georges Ohnet, ator e diretor, e para a entidade Teco – Teatro e Comunicação.

**Georges Ohnet – presidente
TECO – Teatro e Comunicação
Cotia – SP**

Solicito as revistas TEATRO DA JUVENTUDE, do número 16 ao 27, porque é de interesse para

o grupo de teatro amador por mim dirigido.

**Marina Ferreira – diretora do grupo
Grupo Ditirambos
São Paulo – SP**

Gostaríamos de receber os exemplares 1, 2, 3, 13, 18, 21 e 22, que não possuímos em nossa biblioteca. Coordeno o “Projeto de Artes” da Prefeitura Municipal de Itatiba. A rede municipal está com cerca de 19.800 alunos de 4 a 18 anos.

**Cláudio Furtado Gouveia – coordenador
Prefeitura Municipal de Itatiba
Itatiba – SP**

Recebemos da prefeitura os dez primeiros exemplares da TEATRO DA JUVENTUDE. Se possível, enviem-nos os números posteriores, que faltam em nossa coleção.

**Sérgio Augusto da Silva (Serginho Caffé)
Grupo Art&Vida
Gavião Peixoto – SP**

Parabéns pela revista! Faço parte de dois grupos de teatro da minha cidade e estou adquirindo uma experiência muito legal. Gostaria de solicitar o recebimento da coleção da TEATRO DA JUVENTUDE. Se não for possível mandar os primeiros números, gostaria de solicitar cópias. Tenho certeza que me ajudará muito!

**Poliana Loverbeck Cremonin – atriz
S.O.S. Teatro e Talentu's Produções Artísticas
Fernandópolis – SP**

A direção do Colégio Cooperativo de Presidente Venceslau vem, por meio desta, solicitar informações sobre a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Nossa colégio é cooperativo, temos 202 alunos, da pré-escola ao 3º ano do ensino médio, com idades entre 6 e 17 anos, e realizamos, em diversas ocasiões, espetáculos nos gêneros: peça, música, declamação e jogral. Poderíamos receber a

revista sem ônus para o colégio? Caso contrário, qual o procedimento quanto a pagar para recebê-la?

**Neli Aparecida Pereira Belaz – diretora adm.
pedagógica - Colégio Cooperativo de Presidente
Venceslau - Presidente Venceslau – SP**

Somos de um grupo de teatro e gostaríamos, se possível, de receber os números 1 a 4, 7, 22 ao 25 da TEATRO DA JUVENTUDE para completar a nossa coleção. A revista vem sendo um verdadeiro instrumento de trabalho e pesquisa para o grupo. Desde já agradeço a atenção.

**Anderson da Silva – ator
Companhia de Teatro o QUÉ?
Caçapava – SP**

Resposta: As revistas solicitadas podem ser retiradas na Secretaria do Estado da Cultura, no Departamento de Artes Cênicas (3º andar), ou na Delegacia Regional de Cultura mais próxima. Informações com Glória Inês pelo telefone (11) 3351-8055 ou 3351-8051.

ENVIO DE TEXTOS PARA PUBLICAÇÃO NA TEATRO DA JUVENTUDE

A Casa da Cultura de Ribeirão Preto forneceu-me seu endereço. Não sei se a informação que busco poderá ser esclarecida pelos senhores, mas, mesmo assim, agradeço pela atenção. Escrevo textos para teatro e, incentivado por um ator que passou pela cidade, gostaria de saber para onde enviá-los para avaliação. Como fazer para enviá-los? Existe possibilidade de esses textos serem publicados na revista?

**João Batista de Carvalho – autor
Antinópolis – São Paulo**

Resposta: Existe, sim, João Batista. Os textos devem ser entregues impressos e, se possível, também em disquete. Serão publicados

aqueles que apresentarem qualidade compatível com os textos que vêm sendo publicados e forem aprovados por uma comissão específica. Até o final do ano, e ainda no início do próximo, estaremos publicando a série “500 Anos da Dramaturgia Brasileira”. Como já temos textos selecionados para publicação após esse período, caso seja aprovado, seu texto será publicado no segundo semestre do ano 2001.

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE EM OUTROS ESTADOS

Venho através desta solicitar a edição da revista TEATRO DA JUVENTUDE, a partir da 16ª edição.

Gilson de Araújo – ator
Escola de Teatro do Sesi
Belém – PA

Resposta: Gilson, favor entrar em contato com Glória Inês pelo telefone (11) 3351-8055 ou 3351-8051.

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE POR FORMULÁRIO PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA

Joaquim Gomes da Silva
São Bernardo do Campo – SP

Luana Altan – atriz
Guarulhos – SP

Roberta Queiroz – atriz
Guarulhos – SP

Gustavo Lussari – diretor
Grupo Teatral Espírita Laurinho do Instituto de Difusão Espírita de Araras
Araras – São Paulo

Ulisses Sanches – professor
EMEF “Professor Carlos Pasquale” e EMEF “Ezequiel Ramos Júnior”

São Paulo – SP

Walkiria A. M. F. Silva – coordenadora pedagógica
Escola Estadual “José dos Reis Pontes” – Ensino Fundamental
Espírito Santo do Pinhal – São Paulo

Sr. Garlaldo – secretário
SECEC – Secretaria de Esporte e Cultura de São Sebastião
São Sebastião – SP

Valderlice de L. L. Moreira da Silva – diretora
Centro de Educação “Incentivo – Trenzinho da Fantasia”
Fernandópolis – SP

Rejane de Deus – diretora
GDAC – Grupo Dom Augusto Carvalho
Caruaru – PE

Gilberto Freitas Corrêa Filho – diretor
Grupo Tim Tim Por Tim Tim – Sociedade Albiótica Brasileira
Nova Xavantina – MT

Shirley G. Zborial e Maristela M. de Queiróz Telles
Colégio “Interação”
São Paulo – SP

Fernanda Gonçalves
Cia. Crazy Life
Caçapava – SP

Jeferson Santiago de França
Grupo TJR –Tribo dos Jovens Revolucionários
Cabreúva – SP

Mário Luíz Beraldo Costa Júnior
Cia. Boa Esperança de Teatro Amador “Lua Bonita”
Boa Esperança do Sul – SP

Eunice de Lourdes de Franco – bibliotecária
Faculdades Integrais de Fátima do Sul
Fátima do Sul – MS

Sandra Regina Santos de Souza
Educativa – Centro Educacional
Ourinhos – SP

José Rogério Casimiro – responsável pelo grupo
Casa da Cultura
Pirapóra do Bom Jesus – SP

Eduardo Silveira – professor
E. E. "Professor José Pinto do Amaral"
Mairinque – SP

Neuza Maria Brunatti Florio – diretora
E. E. "Jardim das Rosas"
Serrana – SP

Cláudio Federicce – diretor artístico
Cia Teatral Bote a Boca
Pedreira – SP

Adriana do Prado Oliveira – responsável
Garotos de Rua
Guarulhos – SP

Eduardo Francisco – responsável
Cevale – Centro de Divulgação e Valorização da
Leitura
São Paulo – SP

Wilson Valença – diretor
Grupo de Artes Cênicas Kampala
São Paulo – SP

Almira Jurema Q. Magalhães – diretora
Colégio Metropolitano São Paulo
São Paulo – SP

Maria América de O. Piffer – diretora
Pólo – Projetos Educacionais S/C Ltda.
São Paulo – SP

Marlene Aparecida B. Bortotti – diretora
Biblioteca Municipal Profº "José Aparecido
Castelucci"
Taquarituba – SP

Chico Canindé – diretor
Prefeitura e Secretaria Municipal de Cultura
Guarulhos – SP

Prefeitura Municipal de João Neiva
Biblioteca P. M. Pe. João Batista Alves.
João Neiva – ES

Jonas Antunes de Almeida
São Paulo – SP

Elaine Baron da Fonseca
Campo Limpo – SP

Juliana Vargas Godoy
São Paulo – SP

Resposta: Os solicitantes do Estado de São Paulo podem retirar as revistas na Secretaria do Estado da Cultura, no Departamento de Artes Cênicas (3º andar), ou na Delegacia Regional de Cultura mais próxima. Os de outros Estados devem entrar em contato com Glória Inês pelo telefone (11) 3351-8055 ou 3351-8051.

ESCREVA PARA CARTAS

A seção *Cartas* é um canal direto entre você e a *Teatro da Juventude*. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

O ENDEREÇO É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

APRESENTAÇÃO

NELSON, JORGE E SUASSUNA	12
Eudinyr Fraga	

TEXTOS

VESTIDO DE NOIVA	17
Nelson Rodrigues	

A MORATÓRIA	47
Jorge Andrade	

AUTO DA COMPADECIDA.....	99
Ariano Suassuna	

NELSON, JORGE E SUASSUNA

O teatro brasileiro, na década de 50, coloca-se no mesmo patamar das melhores companhias estrangeiras. Nesse contexto inserem-se os três relevantes autores desta edição: Nelson Rodrigues, Jorge Andrade e Ariano Suassuna

Eudinyr Fraga*

O teatro brasileiro – se por teatro se comprehende aquele triângulo necessário para sua existência: autor, ator (técnicos) e, elemento imprescindível, público – só começa a existir, efetivamente, a partir da década de 1830. Antes desta data, os espetáculos teatrais tinham caráter transitório e estavam relacionados com festividades religiosas, patrióticas ou sociais. Ao se criarem as primeiras companhias estáveis, nasce o problema da procura de um repertório que atendesse ao interesse do público. Se por um lado a escolha recaia sobre peças européias (na maioria portuguesas, francesas e espanholas), por

outro conscientiza-se a necessidade de criar uma dramaturgia nacional que colocasse em cena o país e seu povo, com suas aspirações, seus defeitos, suas qualidades, com personagens que falassem o nosso idioma sem sotaques, mesmo o de Portugal.

Surgem os primeiros dramaturgos nacionais, tais como Martins Pena, Gonçalves Dais, José de Alencar (mais conhecido nas escolas como o autor de *O guarani* ou *Senhora*), Joaquim Manuel de Macedo (cuja obra mais famosa é o romance *A moreninha*), França Júnior, Artur Azevedo. Há um predomínio absoluto do gênero cômico sobre o dramático, já que na comédia os novos autores não se obrigavam a estar tão presos aos modelos estrangeiros de “escrever corretamente para o teatro”. Sentindo-se mais descompromissados, poderiam retratar no palco a realidade em que

Dirigido por Ziembinski, o grupo “Os Comediantes” estréia, em 1943, “Vestido de Noiva”, de Nelson Rodrigues, primeiro sucesso do autor

viviam, criticando-a e até mesmo propondo soluções para resolver seus problemas. O grande centro teatral era, evidentemente, o Rio de Janeiro, a capital do país, onde se localizavam as grandes companhias e onde havia maior público, a procurar avidamente esse tipo de divertimento. No final do século XIX, e mesmo na maior parte do XX, esse público privilegiava espetáculos mais leves, com cantos e danças, ou seja, operetas, revistas (uma sucessão de quadros cômicos e musicais interligados por um fio de enredo, os acontecimentos do ano anterior, por exemplo),

burletas (que diferiam das revistas por terem uma história mais consistente, colaborando a música na criação de uma atmosfera alegre e descompromissada) – o que não quer dizer que não existissem autores mais empenhados, preocupados em observar e recriar a realidade de maneira menos superficial.

Quando eclode a Semana de Arte Moderna em São Paulo, em fevereiro de 1922, não se cogitou de convidar o teatro para participar do evento, talvez porque a atividade teatral exija a colaboração dos mais variados setores artísticos, que possibilitem uma infra-estrutura de bom nível. Havia, é claro, companhias estáveis, centradas num ator/atriz principal, com mais dez ou doze outros, submetidos a um trabalho exaustivo, de segunda à segunda, com mais de uma sessão diária, sem descanso semanal. Os

textos eram, em sua maioria, escritos com base nas características físicas e peculiaridades de interpretação desses atores, algo como se faz nas atuais novelas televisivas, nas quais muitas personagens são construídas tendo em vista a participação de tal ou qual ator.

Era um sistema de trabalho que impedia maiores aprofundamentos por parte desses profissionais e que os obrigava a utilizar a figura do ponto, uma pessoa escondida num buraco no meio do palco, coberto com uma tampa semicircular, com a função de assoprar em voz baixa – às vezes bastante audível para os espectadores das primeiras fileiras... – o texto e as marcações (deslocamento em cena dos intérpretes).

Quem exigisse alguma coisa mais do teatro assistia às companhias estrangeiras que faziam turnês periódicas ao Brasil, ou, se tivesse posses, ia à própria fonte, ou seja, viajava para o exterior. No Rio e em outras capitais, companhias amadoras tentavam, com extrema dificuldade, encenar trabalhos estrangeiros de qualidade, que permitissem colocar nossas platéias atualizadas com o que se estava fazendo no exterior. Um desses grupos, “Os Comediantes”, começou suas atividades em 1940. A Segunda Grande Guerra (1938-1945) já começara, as companhias européias estavam impedidas de se apresentar, refugiados, inclusive artistas, claro, procuravam asilo no Brasil, o

público mais exigente sentia-se sem motivação para freqüentar um teatro excessivamente popularesco, no mau sentido da expressão.

Entre esses refugiados encontrava-se Zbigniew Ziembinski (mais tarde apelidado carinhosamente de Zimba), ator e diretor polonês com nome já consolidado na sua pátria. A ele não interessava se juntar a grupos profissionais (alguns com talentosos astros e estrelas), nos quais pouco se podia fazer. Acabou se envolvendo com “Os Comediantes”, na função de diretor e, na temporada de 1943, no dia 28 de dezembro, estréia *Vestido de noiva*, escrita por um então pouco conhecido jornalista, com larga experiência na profissão: Nelson Rodrigues (1912-1980). Nelson já lançara anteriormente uma peça, *A mulher sem pecado*, sem obter maiores atenções do público e do meio artístico.

Ziembinski, excelente diretor e ator, conhecia todos os segredos do palco. Foi, por exemplo, um dos maiores iluminadores que já tivemos (a luz não é no palco um simples acessório, é elemento que contribui para dar forma, vivificar a montagem, modificando-a, recriando-a).

Profundo conhecedor da encenação expressionista, que desde o fim do século passado viera modificar a montagem teatral européia, decidiu aplicá-la ao texto de Nelson.

Numa explicação sumária, expressionismo é o movimento artístico (nas suas diversas modalidades) que procurava o que se passa no interior do ser humano, tornando o palco (no caso do teatro) uma projeção da mente dos personagens, distorcendo, muitas vezes, cenários, figurinos, maquilagem e iluminação, exagerando a própria técnica de representar dos atores.

O diretor polonês percebeu imediatamente a possibilidade de transformar o palco na interioridade de Alaíde, personagem principal. O enredo da peça em si é simples: Alaíde “rouba” e

se casa com o namorado (Pedro) de sua irmã Lúcia. Sente-se insegura no casamento, temendo perdê-lo, e, após uma discussão com o marido, foge transtornada para a rua, sendo atropelada e levada a um hospital. Na mesa de operações, sua mente de descontrola pelo efeito do choque e da anestesia, e ela começa a relembrar

confusamente o passado e os fatos que a conduziram ao conflito com a irmã, embaralhando-os com desejos longamente reprimidos.

A peça se desenvolve em três planos: no plano da realidade, diálogos repletos de frases banais da equipe de médicos na sala de cirurgia e dos jornalistas que fazem a cobertura de acidentes mostram o desinteresse e a insensibilidade daqueles que se acostumam a trabalhar diariamente com o sofrimento físico; no plano da memória, as lembranças de Alaíde, por mais distorcidas que sejam, relacionam-se ainda com seu passado; e, por último, no plano da alucinação, misturam-se, sem nexo visível, fatos e personagens reais do plano anterior, com frustrações particulares, desejos sexuais abalados pelo meio social (é preciso lembrar que estamos

“Em arte, nada é mais difícil do que a aparência de simplicidade. A linguagem de Nelson é uma recriação artística, uma estilização da realidade”

em 1940), tendências agressivas e transgressoradas. Este terceiro plano é o mais interessante da peça, porque nele surge a figura de Madame Clessy, uma mundana (designação que se dava a um tipo de prostituta, de nível superior às suas colegas mais pobres) francesa que teria vivido no início do século XX, tendo sido assassinada por seu amante adolescente. Seu diário, encontrado por Alaíde no sótão de uma casa na qual morara na zona norte do Rio, fora lido às escondidas e, de forma obscura, a seduzira. Alaíde era o que se convencionava chamar de “mulher direita”: casada, fiel ao marido, obediente às convenções sociais da época, o que não a impede de, confusamente, desejar ser como Clessy, relacionar-se com garotos jovens, ter uma vida romântica, diferente da que levava, e, quem sabe, assassinar Pedro. Veja-se a cena em que ela se confunde com a personalidade de Marguerite Gautier, protagonista de *A Dama das Camélias*, famosa peça francesa de Alexandre Dumas Filho que conta os amores e sacrifícios de linda e jovem cortesã (uma mundana de nível superior), freqüentadora da alta sociedade francesa, por volta de 1850. Confunde-se ao mesmo tempo com Scarlett O’Hara, a voluntaria e amoral protagonista de ...*E o vento levou*, filme que estreara no Brasil em 1940 com enorme sucesso.

A técnica de Nelson Rodrigues é criar cenas curtas, que se sucedem rapidamente nos três planos, dando flashes das personagens “reais” (pai, mãe, Lúcia, Pedro) e de outras criadas por sua imaginação, como Clessy, os freqüentadores e as meninas de um bordel, ficando a cargo do espectador (ou leitor) a tarefa de reorganizá-las. Trata-se de uma técnica eminentemente cinematográfica, não fosse Nelson um admirador entusiasta de cinema. É preciso ressaltar sua linguagem: direta, precisa, parecendo ter sido recolhida no dia-a-dia, sem maiores retoques. Não nos enganemos, porém. Em arte, nada é mais difícil do que a aparência de simplicidade. A linguagem de Nelson é, na verdade, uma recriação artística (se intuitiva ou não, não interessa), uma estilização da realidade. O verdadeiro artista não reproduz a vida como um espelho. A imagem que ele cria é mais profunda e rica.

Rodrigues é um desses recriadores da realidade, deformando-a, alterando-a, exagerando-a, visando nos dar uma outra realidade que se esconde na fachada social dos seres humanos. Seus personagens têm, em geral, como característica principal, um estado de frenesi e exasperação; estão preocupados e envolvidos com um problema primordial: o choque entre o instinto (sexual, na maioria das vezes) e as convenções sociais (brasileiras, é claro) que criam padrões de repressão – fato pelo qual a maioria das suas dezessete peças não termina bem, já que se torna difícil encontrar uma solução que satisfaça ao instinto e à sociedade.

O final de *Vestido de noiva* é ambíguo: se Alaíde morre na mesa de operação e no plano da realidade já estava morta (a peça inteira seria uma projeção da sua mente), como poderia se imaginar convivendo com o marido (já viúvo) e a irmã? Sábato Magaldi, o maior crítico e comentarista da obra de Nelson, sugere que Alaíde, moribunda, teria antecipado o fato,

sugestão aceita pelo autor.

Outro crítico, João Roberto Faria, pensa ser uma evocação da mente de Lúcia, também transtornada e que se sente culpada pela morte da irmã. Também se levantou a hipótese de que, depois da morte, subsiste ainda uma determinada forma de energia

“A Moratória” de Jorge Andrade é uma das grandes peças do moderno teatro brasileiro

capaz de se ver e ver aos outros. Prefiro interpretar essa ambigüidade como licença poética (liberdade que permite ao artista fugir do que se convenciona como real, deformando-o segundo suas necessidades). As hipóteses ficam a cargo do leitor ou espectador, que poderá criar alguma que lhe pareça mais plausível... Afinal, o mistério é característica de toda grande obra artística, e o que realmente importa é ser a peça uma fascinante e envolvente experiência teatral e humana.

Jorge Andrade (1922-1984) é outro grande dramaturgo que renovou a cena brasileira, procurando, através de sua vasta obra, traçar o desenvolvimento de uma família brasileira (no caso, paulista) desde o século XVII até a atualidade, analisando-a em seus múltiplos aspectos, tanto sociais como psicológicos. As peças desse ciclo épico não foram escritas em ordem cronológica, mas reagrupadas e levemente revistas posteriormente pelo próprio autor.

A moratória estreou em 1955, quando a situação do teatro brasileiro modificara-se completa e rapidamente. Inúmeros diretores estrangeiros como Ziembinski vieram trabalhar no Brasil; criara-se em 1948 uma companhia particular (o TBC, Teatro Brasileiro de Comédia, obra do industrial italiano Franco Zampari, estabelecido em São Paulo desde 1922), que se organizou em nível absolutamente profissional e que, por muito tempo, serviria de padrão para outras mais; fundara-se uma Escola de Arte Dramática, realização de Alfredo Mesquita; surgiram novos grupos teatrais, tais como o Teatro de Arena (1955), que mais tarde se colocará contra o sistema de trabalho do TBC, defendendo a necessidade de privilegiar autores nacionais e de criar um estilo de representar “brasileiro”. Enfim, num curto período, o teatro brasileiro recuperara, com incrível vigor, o tempo perdido e se colocara no mesmo patamar das melhores companhias estrangeiras.

Jorge Andrade pertencia a uma tradicional família paulista e fora educado no ambiente interiorano, sem grandes preocupações culturais. Decidido a ampliar seus horizontes, veio para a capital e ficou fascinado com o teatro e a possibilidade de, por meio dele, dar seu depoimento sobre sua família e, por extensão, sobre a sociedade em que vivia. Como ele próprio declarou mais tarde, foi uma tentativa de acertar contas com o passado e de, posteriormente, passar a acreditar na possibilidade de renovação. A moratória se passa em dois planos: numa fazenda de café, em 1929, e numa pequena cidade do interior, em 1932. A história em linhas gerais é simples: uma fazenda de café é perdida por dívidas e seu proprietário tem a esperança de recuperá-la graças a uma moratória (ou seja, dilatação de prazo) a ser concedida pelo governo, o que não se efetivará por decorrência de uma falha processual. É um drama psicológico sobre pessoas que não conseguem se adaptar às novas condições de vida, que se apegam desesperadamente a valores ultrapassados, recusando procurar soluções que possam significar uma renúncia a esses valores. Se a história parece simples, não se pode dizer o mesmo da complexa solução encontrada pelo

autor, que faz a ação transitar sem cessar entre passado e presente, não com preocupações cronológicas, mas com a finalidade de esclarecer o comportamento das personagens e, até certo ponto, entender suas falhas. Nenhuma das personagens é má, mesmo a Elvira, a tia, falta uma real consciência de seu egoísmo e mesquinhez. Contudo, não podem evitar se ferir sem cessar, recusando qualquer compromisso com a nova realidade.

Com a divisão do palco em dois planos, a peça faz amplo uso do que se chama em teatro de “ironia dramática”, ou seja, o público sabe o que acontecerá no futuro, mas as personagens não podem conhecê-lo. Esse procedimento aumenta enormemente a tensão emotiva dos espectadores, que só podem contemplar, mas não impedir, a ruína da família. A conclusão do drama é altamente pessimista: “Os que plantaram... vão começar a colher!”, ou seja, a família não plantou, não se adaptou às mudanças sociais, e seu futuro será incerto. Só na peça que irá encerrar o ciclo, a

No “Auto da Comadecida” Ariano Suassuna traz o Brasil dos romances e histórias populares do Nordeste

que se conheça as demais peças do ciclo, já que o prazer e o interesse que desperta no público são de natureza permanente e singular.

As duas peças analisadas anteriormente pertencem ao que se convencionou chamar “o eixo teatral Rio/São Paulo”. O carioca Nelson (nascido na verdade em Pernambuco) preocupou-se em retratar a média e baixa burguesia do Rio, que, sufocada por valores ultrapassados, tenta resolver seus problemas por intermédio de uma agressividade autodestrutiva. Já o paulista Jorge Andrade incorpora ao nosso teatro a visão do homem interiorano, patriarcal, em conflito com a nova sociedade e novos valores da grande metrópole.

Mas havia também o Brasil sem a sofisticação dos grandes centros urbanos, no qual o espírito religioso, o folclore e as influências da antiga cultura ibérica se misturam harmoniosamente. É o Brasil dos romances e histórias populares do

Nordeste, um Brasil que não é mais verdadeiro que o citadino, mas é tão verdadeiro quanto. Ariano Suassuna, paraibano radicado no Recife, nascido em 1927, traz essas fontes para o nosso moderno teatro. Ariano é um intelectual, conhedor do teatro erudito europeu, seja o latino, o clássico francês ou o do Século de Ouro espanhol (XVII); um católico convertido, detalhe importante para compreender as preocupações religiosas de suas personagens. A montagem de *Auto da Compadecida*, em 1957, abriu-lhe as portas para um pleno reconhecimento, internacional inclusive. Auto é a denominação genérica dada em Portugal, na Idade Média, a uma peça de fundo religioso. Gil Vicente, o fundador do teatro português, deixou-nos, por exemplo, uma série de autos.

Na religiosidade de Suassuna, a severidade da doutrina católica está sempre temperada de bom senso e por boa dose de complacência com as fraquezas humanas. Essas fraquezas se mostram por inteiro nas duas primeiras partes da *Compadecida* (não há propriamente uma divisão em atos); adultérios, mundanidade e hipocrisia dos religiosos, venalidade da maioria. Os dois "heróis", chamemo-los assim, na verdade dois simpáticos vigaristas, João Grilo e Chicó, tentam sobreviver da melhor maneira possível, não hesitando em lograr quem quer que seja, desde que obtenham algum lucro, com o que procuram, de certa forma, uma compensação pela maneira como são explorados. Toda essa

parte é muito divertida, com um perfeito e estilizado uso do linguajar e do modo de ser do nordestino. Mas é apenas isso.

Na última parte, após a morte de todos, realiza-se, no outro mundo, o julgamento, perante Jesus e o diabo, com a presença de uma doméstica e amável Nossa Senhora. Jesus é um negro retinto e João Grilo se espanta: "Eu pensava que o senhor era muito menos queimado", o que motiva uma amável recriminação por parte do Senhor, que o aconselha a não ser preconceituoso. É nessa parte que se mostrará toda a dimensão humana da peça, a possibilidade de redenção do homem pelo exercício da fraternidade e da bondade. A religião seria, portanto, não um fator de alienação, mas um instrumento eficaz na regeneração da humanidade, porque o catolicismo do dramaturgo é alegre, nada dogmático.

Decorridos mais de quarenta anos da estréia, a peça pouco perdeu da sua elaborada ingenuidade. Ela nos faz rir, torcer pelos humildes e, ao mesmo tempo, para que os corruptos sejam condenados. Em suma, nos faz refletir.

* Eudinyr Fraga fez toda a sua carreira na ECA – Escola de Comunicações e Artes da USP – Universidade de São Paulo: mestrado, doutorado, livre-docência e titularidade. Professor titular de Teatro Brasileiro, faz conferências no Brasil e no exterior, organiza cursos, inclusive de pós-graduação, e orienta teses. Autor de teatro, escreveu, entre outras: *Os carentes e Os invasores*. Entre seus livros destacam-se *Qorpo-Santo, surrealismo ou absurdo?*; *O simbolismo no teatro brasileiro*; *Nelson Rodrigues expressionista*.

VESTIDO DE NOIVA

Nelson Rodrigues

PERSONAGENS:

ALAÍDE
 LÚCIA
 PEDRO
 MADAME CLESSI (COCOTE DE 1905)
 MULHER DE VÉU
 PRIMEIRO REPÓRTER
 SEGUNDO REPÓRTER
 TERCEIRO REPÓRTER
 QUARTO REPÓRTER
 HOMEM INATUAL
 MULHER INATUAL
 SEGUNDO HOMEM INATUAL
 O LIMPADOR (CARA DE PEDRO)
 HOMEM DE CAPA (CARA DE PEDRO)
 NAMORADO E ASSASSINO DE CLESSI (CARA DE PEDRO)
 LEITORA DO “DIÁRIO DA NOITE”
 GASTÃO (PAI DE ALAÍDE E DE LÚCIA)
 D. LÍGIA (MÃE DE ALAÍDE E DE LÚCIA)
 D. LAURA (SOGRA DE ALAÍDE E DE LÚCIA)
 PRIMEIRO MÉDICO
 SEGUNDO MÉDICO
 TERCEIRO MÉDICO
 QUARTO MÉDICO
 MULHER DA “PACIÊNCIA” (LUPANAR)
 DANÇARINA (LUPANAR)
 TERCEIRA MULHER (LUPANAR)
 QUATRO PEQUENOS JORNALEIROS

PRIMEIRO ATO

Cenário dividido em três planos: 1º plano: alucinação; 2º plano: memória; 3º plano: realidade. Quatro arcos no plano da memória; duas escadas laterais. Trevas.

Buzina de automóvel. Rumor de derrapagem violenta. Som de vidraças partidas. Silêncio. Assistência. Silêncio.

VOZ DE ALAÍDE

(Microfone) Clessi... Clessi...

(Luz em resistência no plano da alucinação. Três mesas, três mulheres escandalosamente pintadas com vestidos berrantes e compridos. Decotes. Duas delas dançam ao som de uma vitrola invisível, dando uma vaga sugestão lésbica. Alaíde, uma jovem senhora, vestida com sobriedade e bom gosto, aparece no centro da cena. Vestido cinzento e uma

bolsa vermelha.)

ALAÍDE

(Nervosa) Quero falar com Madame Clessi! Ela está? (Fala à 1ª mulher, que, numa das três mesas, faz “pacIÊNCIA”. A mulher não responde.)

ALAÍDE

(Com angústia) Madame Clessi está – pode me dizer?

ALAÍDE

(Com ar ingênuo) Não responde! (Com doçura) Não quer responder? (Silêncio da outra)

ALAÍDE

(Hesitante) Então perguntarei (Pausa) àquela ali. (Corre para as mulheres que dançam.)

ALAÍDE

Desculpe. Madame Clessi. Ela está? (A 2ª mulher também não responde.)

ALAÍDE

(Sempre doce) Ah! Também não responde?
 (Hesita. Olha para cada uma das mulheres. Passa um homem, empregado da casa, camisa de malandro. Carrega uma vassoura de borracha e um pano de chão. O mesmo cavalheiro aparece em toda a peça, com roupas e personalidades diferentes. Alaíde corre para ele.)

ALAÍDE

(Amável) Podia me dizer se Madame... (O homem apressa o passo e desaparece.)

ALAÍDE

(Num desapontamento infantil) Fugiu de mim!
 (No meio da cena, dirigindo-se a todas, meio agressiva) Eu não quero nada demais. Só quero saber se Madame Clessi está!
 (A 3^a mulher deixa de dançar e vai mudar o disco da vitrola. Faz toda a mímica de quem escolhe um disco, que ninguém vê, coloca-o na vitrola também invisível. Um samba coincidindo com este último movimento. A 2^a mulher aproxima-se, lenta, de Alaíde.)

1^a MULHER

(Misteriosa) Madame Clessi?

ALAÍDE

(Numa alegria evidente) Oh! Graças a Deus!
 Madame Clessi, sim.

2^a MULHER

(Voz máscula) Uma que morreu?

ALAÍDE

(Espantada, olhando para todas) Morreu?

2^a MULHER

(Para as outras) Não morreu?

1^a MULHER

(A que joga paciência) Morreu. Assassinada.

3^a MULHER

(Com voz lenta e velada) Madame Clessi morreu!
 (Brusca e violenta) Agora, saia!

ALAÍDE

(Recuando) É mentira. Madame Clessi não morreu. (Olhando para as mulheres) Que é que estão me olhando? (Noutro tom) Não adianta, porque eu não acredito!...

2^a MULHER

Morreu, sim. Foi enterrada de branco. Eu vi.

ALAÍDE

Mas ela não podia ser enterrada de branco! Não pode ser.

1^a MULHER

Estava bonita. Parecia uma noiva.

ALAÍDE

(Excitada) Noiva? (Com exaltação) Noiva – ela?
 (Tem um riso entrecortado, histérico.) Madame

Clessi, noiva! (O riso, em crescendo, se transforma em soluço.) Parem com essa música! Que coisa! (Música cortada. Ilumina-se o plano da realidade. Quatro telefones, em cena, falando ao mesmo tempo. Excitação.)

PIMENTA

É “O Diário”?

REDATOR

É.

PIMENTA

Aqui é o Pimenta.

CARIOCA-REPÓRTER

É “A Noite”?

PIMENTA

Um automóvel acaba de pegar uma mulher.

REDATOR D'A NOITE

O que é que há?

PIMENTA

Aqui na Glória, perto do relógio.

CARIOCA-REPÓRTER

Uma senhora foi atropelada.

REDATOR D'O DIÁRIO

Na Glória, perto do relógio?

REDATOR D'A NOITE

Onde?

CARIOCA-REPÓRTER

Na Glória.

PIMENTA

A assistência já levou.

CARIOCA-REPÓRTER

Mais ou menos no relógio. Atravessou na frente do bonde.

REDATOR D'A NOITE

Relógio.

PIMENTA

O chofer fugiu.

REDATOR D'O DIÁRIO

Ok.

CARIOCA-REPÓRTER

O chofer meteu o pé.

PIMENTA

Bonita, bem vestida.

REDATOR D'A NOITE

Morreu?

CARIOCA-REPÓRTER

Ainda não. Mas vai.

(Trevas. Ilumina-se o plano da alucinação.)

ALAÍDE

(Trazendo, de braço, a 1^a mulher para um canto) Aquele homem ali. Quem é? (Indica um homem que acaba de entrar e que fica olhando para Alaíde.)

3^a MULHER

Sei lá! (Noutro tom) Vem aos sábados.

ALAÍDE

(Aterrorizada) Tem o rosto do meu marido.
(Recua, puxando a outra.) A mesma cara!

3ª MULHER

Você é casada?

ALAÍDE

(Fica em suspense) Não sei. (Em dúvida) Me esqueci de tudo. Não tenho memória – sou uma mulher sem memória. (Impressionada) Mas todo o mundo tem um passado; eu também devo ter – ora essa!

3ª MULHER

(Em voz baixa) Você, o que é, é louca.

ALAÍDE

(Impressionada) Sou louca? (Com docura) Que felicidade!

2ª MULHER

(Aproximando-se) O que é que vocês estão conversando aí?

3ª MULHER

(Para Alaíde) Isso é aliança?

ALAÍDE

(Mostrando o dedo) É.

3ª MULHER

(Olhando) Aliança de casamento.

2ª MULHER

A da minha irmã é mais fina.

3ª MULHER

(Cética) Grossa ou fina, tanto faz. (Dá passos de dança.)

ALAÍDE

(Excitada) Oh! Meu Deus! Madame Clessi!
Madame Clessi! Madame Clessi!
(O homem solitário aproxima-se. Alaíde afasta-se com a 3ª mulher.)

ALAÍDE

Ele vem aí! Digam que eu não sou daqui!
Depressa! Expliquem!

3ª MULHER

(Fala dançando samba) Eu dizer o quê, minha filha!

O HOMEM

É nova aqui?

ALAÍDE

(Modificando a atitude inteiramente) Não, não sou nova. Não tinha me visto ainda?

O HOMEM

(Sério) Não.

ALAÍDE

(Excitada, mas amável) Pois admira. Estou aqui – deixe ver. Faz uns três meses...

O HOMEM

Agora me lembro perfeitamente.

ALAÍDE

(Sardônica) Lembra-se de mim?

O HOMEM

Me lembro, sim.

ALAÍDE

(Cortante) Bufão!

O HOMEM

(Espantado) O quê?

2ª MULHER

(Apaziguadora) Desculpe, doutor. Ela é louca.
(Para Alaíde) Madame não gosta disso!

O HOMEM

Por que é que põem uma louca aqui?

ALAÍDE

(Excitada) Bufão, sim. (Desafiadora) Diga se já me viu alguma vez? Diga, se tem coragem!

O HOMEM

(Formalizado) Vou me queixar à madame. Não está direito!

2ª MULHER

(Para Alaíde, repreensiva) Viu? Estou dizendo!

ALAÍDE

Diga! Já me viu? Eu devia esbofeteá-lo...

O HOMEM

(Oferecendo a face) Quero ver.

ALAÍDE

(Numa transição inesperada) ... mas não quero.
(Passa da violência para a docura.) Estou sorrindo – viu? Aquilo não foi nada! (Sorri docemente.)

O HOMEM

Vamos sentar ali?

ALAÍDE

(Sorrindo sempre) Estou sorrindo sem vontade. Nenhuma. Vou com você – nem sei por quê. Sou assim. (Doce) Vamos, meu amor?

O HOMEM

(Desconfiado) Por que é que você está vestida diferente das outras? (As outras estão vestidas de cetim vermelho, amarelo e cor de rosa.)

ALAÍDE

(Doce) Viu como eu disse – “meu amor”! Eu direi outras vezes – “meu amor” – e coisas piores! Madame Clessi está demorando! (Noutro tom) Mas ela morreu mesmo?

O HOMEM

(Numa gargalhada) Madame Clessi morreu – gorda e velha.

ALAÍDE

(Num transporte) Mentira! (Agressiva) Gorda e velha o quê! Madame Clessi era linda.
(Sonhadora) Linda!

O HOMEM

(Continuando a gargalhada e sentando-se no chão)

Tinha varizes! Andava gemendo e arrastando os chinelos!

ALAÍDE

(*Obstinada*) Mulher gorda, velha, cheia de varizes, não é amada! E ela foi tão amada! (*Feroz*) Seu mentiroso!

(*Alaíde esbofeteia o homem, que corta bruscamente a gargalhada. A 3ª mulher vem, em passo de samba, e acaricia a cabeça do homem.*)

1ª MULHER

Ele disse a verdade. Madame tinha varizes.

ALAÍDE

(*Sonhadora*) Depois de morta foi vestida de noiva!

1ª MULHER

Bobagem ser enterrada com vestido de noiva!

ALAÍDE

(*Angustiada*) Madame Clessi! Madame Clessi!

O HOMEM

(*Levantando-se, grave*) Agora vou me embora. Fui esbofeteado e é o bastante.

ALAÍDE

(*Com uma amabilidade nervosa*) Ah! Já vai? Quer o número do meu telefone?

O HOMEM

(*Sem dar atenção*) Nunca fui tão feliz! Levei uma bofetada e não reagi. (*Cumprimentando exageradamente*) Me dão licença.

ALAÍDE

(*Correndo atrás dele*) Não vá assim! Fique mais um pouco!

O HOMEM

Adeus, madame. (*Sai.*)

(*A 3ª mulher dança com uma sensualidade ostensiva. Passa o empregado, de volta, com a vassoura, o pano de chão e o balde.*)

ALAÍDE

(*Saturada*) Ah! Meu Deus! Esse também!

1ª MULHER

Quem?

ALAÍDE

Aquele. Tem a cara do meu noivo; os olhos, o nariz do meu noivo – estão me perseguindo. Todo o mundo tem a cara dele.

(*Duas mesas e três mulheres desaparecem. Duas mulheres levam duas cadeiras. As duas mesas são puxadas para cima. Surge na escada uma mulher. Espartilhada, chapéu de plumas. Uma elegância antiquada de 1905. Bela figura. Luz sobre ela.*)

ALAÍDE

(*Num sopro de admiração*) Oh!

MADAME CLESSI

Quer falar comigo?

ALAÍDE

(*Aproximando-se, fascinada*) Quero, sim. Queria...

MADAME CLESSI

Vou botar um disco. (*Dirige-se para a invisível vitrola, com Alaíde atrás.*)

ALAÍDE

A senhora não morreu?

MADAME CLESSI

Vou botar um samba. Esse aqui não é muito bom. Mas vai assim mesmo. (*Samba surdinando*) Está vendendo como estou gorda, velha, cheia de varizes e de dinheiro?

ALAÍDE

Li seu diário.

MADAME CLESSI

(*Cética*) Leu? Duvido! Onde?

ALAÍDE

(*Afirmativa*) Li, sim. Quero morrer agora mesmo, se não é verdade!

MADAME CLESSI

Então diga como é que começa. (*Clessi fala de costas para Alaíde.*)

ALAÍDE

(*Recordando*) Quer ver? É assim... (*Ligeira pausa*) “Ontem, fui com Paulo a Paineiras”... (*Feliz*) É assim que começa.

MADAME CLESSI

(*Evocativa*) Assim mesmo. É.

ALAÍDE

(*Perturbada*) Não sei como a senhora pôde escrever aquilo! Como teve coragem! Eu não tinha!

MADAME CLESSI

(*À vontade*) Mas não é só aquilo. Tem outras coisas.

ALAÍDE

(*Excitada*) Eu sei. Tem muito mais. Fiquei...

(*Inquieta*) Meu Deus! Não sei o que é que eu tenho. É uma coisa – não sei. Por que é que eu estou aqui?

MADAME CLESSI

É a mim que você pergunta?

ALAÍDE

(*Com volubilidade*) Aconteceu uma coisa, na minha vida, que me fez vir aqui. Quando foi que ouvi seu nome pela primeira vez? (*Pausa*) Estou me lembrando!

(*Entra o cliente anterior com guarda-chuva, chapéu e capa. Parece boiar.*)

ALAÍDE

Aquele homem! Tem a mesma cara do meu noivo!

MADAME CLESSI

Deixa o homem! Como foi que você soube do meu nome?

ALAÍDE

Me lembrei agora! (*Noutro tom*) Ele está me olhando. (*Noutro tom, ainda*) Foi uma conversa que eu ouvi quando a gente se mudou. No dia mesmo, entre papai e mamãe. Deixe eu me recordar como foi... Já sei! Papai estava dizendo: “O negócio acabava...

(*Escurece o plano da alucinação. Luz no plano da memória. Aparecem pai e mãe de Alaíde.*)

PAI

(Continuando a frase) ...numa orgia louca.”

MÃE

E tudo isso aqui?

PAI

Aqui, então?!

MÃE

Alaíde e Lúcia morando em casa de Madame Clessi. Com certeza, é no quarto de Alaíde que ela dormia. O melhor da casa!

PAI

Deixa a mulher! Já morreu!

MÃE

Assassinada. O jornal não deu?

PAI

Deu. Eu ainda não sonhava conhecer você. Foi um crime muito falado. Saiu fotografia.

MÃE

No sótão tem retratos dela, uma mala cheia de roupas. Vou mandar botar fogo em tudo.

PAI

Manda.

(Apaga-se o plano da memória. Luz no plano da alucinação.)

ALAÍDE

(Preocupada) Mamãe falou em Lúcia. Mas quem é Lúcia? Não sei. Não me lembro.

MADAME CLESSI

Então vocês foram morar lá? (*Nostalgica*) A casa deve estar muito velha.

ALAÍDE

Estava, mas Pedro... (*Excitada*) Agora me lembrei! Pedro. É meu marido! Sou casada. (*Noutro tom*) Mas essa Lúcia, meu Deus! (*Noutro tom*) Eu acho que estou ameaçada de morte! (*Assustada*) Ele vem para cá. (*Refere-se ao homem solitário que se aproxima.*)

MADAME CLESSI

Deixa.

ALAÍDE

(Animada) Pedro mandou reformar tudo, pintar. Ficou nova a casa. (*Noutro tom*) Ah! Eu corri ao sótão, antes que mamãe mandasse queimar tudo!

MADAME CLESSI

Então?

ALAÍDE

Lá vi a mala – com as roupas, as ligas, o espartilho cor-de-rosa. E encontrei o diário. (*Arrebatada*) Tão lindo, ele!

MADAME CLESSI

(Forte) Quer ser como eu, quer?

ALAÍDE

(Veemente) Quero, sim. Quero.

MADAME CLESSI

(Exaltada, gritando) Ter a fama que eu tive. A vida. O dinheiro. E morrer assassinada?

ALAÍDE

(Abstrata) Fui à biblioteca ler todos os jornais do tempo. Li tudo!

MADAME CLESSI

(Transportada) Botaram cada anúncio sobre o crime! Houve um repórter que escreveu uma coisa muito bonita!

ALAÍDE

(Alheando-se bruscamente) Espera, estou me lembrando de uma coisa. Espera. Deixa eu ver! Mamãe dizendo a papai.

(Apaga-se o plano da alucinação. Luz no plano da memória. Pai e mãe.)

MÃE

Cruz! Até pensei ter visto um vulto – ando tão nervosa. Também esses corredores! A alma de Madame Clessi pode andar por aí... e...

PAI

Perca essa mania de alma! A mulher está morta, enterrada!

MÃE

Pois é...

(Apaga-se o plano da memória. Luz no plano da alucinação.)

MADAME CLESSI

Mas o que foi?

ALAÍDE

Nada. Coisa sem importância que eu me lembrei. (Forte) Quero ser como a senhora. Usar espartilho. (Doce) Acho espartilho elegante!

MADAME CLESSI

Mas seu marido, seu pai, sua mãe e... Lúcia?

O HOMEM

(Para Alaíde) Assassina!

(Apaga-se o plano da alucinação. Luz no plano da realidade. Sala de operação.)

1º MÉDICO

Pulso?

2º MÉDICO

160.

1º MÉDICO
Rugina.

2º MÉDICO
Como está isso!

1º MÉDICO
Tenta-se uma osteossíntese!

3º MÉDICO
Olha aqui.

1º MÉDICO
Fios de bronze.
(Pausa)

1º MÉDICO
O osso!

3º MÉDICO
Agora é ir até o fim.

1º MÉDICO
Se não der certo, faz-se a amputação.
(*Rumor de ferros cirúrgicos*)

1º MÉDICO
Depressa!
(Apaga-se a sala de operação. Luz no plano da alucinação.)

O HOMEM
(Para Alaíde, sinistro) Assassina!

MADAME CLESSI
(Espantada) O quê?

O HOMEM
(Indicando) Ela! Assassina!

MADAME CLESSI
(Para Alaíde) Você?

ALAÍDE
(Nervosíssima) Não me pergunte nada. Não sei. Não me lembro. (Num lamento) Se, ao menos, soubesse quem é Lúcia!

O HOMEM
(Angustiado) Não tem ninguém aqui? Quero um chope!

ALAÍDE
(Em pânico) Ele quer me prender! Não deixe!

MADAME CLESSI
(Assombrada) Você... matou? Você?

ALAÍDE
(Desesperada) Matei, sim. Matei, pronto!

O HOMEM
(Queixoso) Meu Deus! Não tem ninguém para me servir. (Com angústia) Ninguém! (Olha para Alaíde.) Assassina!

ALAÍDE
(Patética) Matei. Matei meu noivo.

O HOMEM
Ela disse – “matei meu noivo”. Foi. Eu assisti.

ALAÍDE
Não assistiu nada! Não tinha ninguém. Lá não

tinha ninguém! E não foi meu noivo. Foi meu marido!

MADAME CLESSI
(Frívola) Marido ou noivo tanto faz.

ALAÍDE
(Histérica, para o homem) Agora me leve, me prenda – sou uma assassina.

O HOMEM
Não prendo. Não tenho nada com isso!
(Angustiado) Não há ninguém para me servir?
(Melancólico) Ninguém!

MADAME CLESSI
O senhor tem a cara do marido de Alaíde?

ALAÍDE
Tem, sim. Ele vai dizer que não, mas tem.

O HOMEM
(Grave) Tenho...
(O homem afasta-se. Mesa desaparece. O homem carrega a cadeira.)

O HOMEM
Quando quiser carregar o corpo, eu ajudo. (Sai.)

ALAÍDE
Ele está ali. Ali.

MADAME CLESSI
(Admirada) Ele quem?

ALAÍDE
(Baixo) Meu marido.

MADAME CLESSI
Vivo?

ALAÍDE
Morto.

(Alaíde guia Clessi. Aponta para um invisível cadáver.)

ALAÍDE
Viu?

MADAME CLESSI
Estou vendo. Mas você?...

ALAÍDE
Eu. Olha os pés. Assim – tortos. (Faz a mímica correspondente.)
(Buzina. Rumor de derrapagem. Ambulância. Alaíde e Clessi imóveis.)

MADAME CLESSI
Mas por que fez isso?

ALAÍDE
(Excitada) Ele era bom, muito bom. Bom a toda hora e em toda parte. Eu tinha nojo de sua bondade. (Pensa, confirma.) Não sei, tinha nojo. Estou me lembrando de tudo, direitinho, como foi. Naquele dia eu disse: “Eu queria ser Madame Clessi, Pedro. Que tal?”

(Apaga-se o plano da alucinação. Luz no plano da memória.)

PEDRO
Você continua com essa brincadeira?

ALAÍDE
Brincadeira o quê? Sério!

PEDRO
Não me aborreça, Alaíde!

ALAÍDE
O que é que você fazia?

PEDRO
Não sei. (*Rápido*) Matava você.

ALAÍDE
(*Cética*) Duvido. Nunca que você teria essa coragem!

PEDRO
(*Olhando-a*) É. Não teria.

ALAÍDE
Não disse? Mas se eu fugisse, se me transformasse numa Madame Clessi?

PEDRO
Sei lá, Alaíde! Sei lá!

ALAÍDE
(*Perversa*) Ah! É assim que você responde? Pois fique sabendo...

PEDRO
O quê?

ALAÍDE
(*Maliciosa*) Não digo! (*Cantarola "Danúbio azul"*.)

PEDRO
(*Gritando*) Agora diga. Diga.

ALAÍDE
(*Maliciosa*) Digo o quê!

PEDRO
Então não falasse!
(*Trevas. Luz no plano da alucinação, onde já está Alaíde.*)

ALAÍDE
(*Num tom sinistro e inesperado*) Tem alguém querendo me matar.

MADAME CLESSI
Isso eu já sei. O que eu quero saber é como você matou Pedro. Como foi?

ALAÍDE
Interessante. Estou me lembrando de uma mulher, mas não consigo ver o rosto. Tem um véu. Se eu a reconhecesse!...

MADAME CLESSI
Deixa a mulher de véu. Como foi que você matou?

ALAÍDE
(*Atormentada*) Estou sentindo um cheiro de flores, de muitas flores. Estou até enjoada.
(*Noutro tom*) Como eu matei? Nem sei direito.

Estou com a cabeça tão embaralhada! Começo a me lembrar. Só esqueci o motivo. Naquele dia eu estava doida.

(*Trevas*)

VOZ DE ALAÍDE

(*Das trevas*) Doida de ódio. Talvez por causa da mulher do véu. Ainda não sei quem ela é, mas hei de me lembrar. Pedro estava lendo um livro.
(*Luz no plano da memória. Pedro lê um livro.*)

ALAÍDE

(*Provocadora*) Você não acaba com esse livro?

PEDRO

Mas, minha filha, comecei agora!

ALAÍDE

(*Com irritação*) Por causa de seus livros você até esquece que eu existo!

PEDRO

(*Conciliatório*) Não seja boba! (*Levanta-se, quer abraçar a mulher.*)

ALAÍDE

(*Repelindo-o*) Fique quieto! Não, não, já disse!
(*Pedro insiste.*)

ALAÍDE

(*Sentida*) Não quero! Vá ler seu livro, vá!

PEDRO

(*Brincando*) Não vou!

VOZ DE CLESSI

(*Microfone*) Quem é essa mulher de véu?

PEDRO

Não seja assim, Alaíde!

ALAÍDE

(*Veemente*) Não seja assim o quê! Você nem me liga e agora está com esses fingimentos.

PEDRO

(*Afetuoso*) Deixe de ser criança! Venha cá! Um beijinho só!

ALAÍDE

(*Intransigente*) Não, não vou, não! Desista.
(*Ameaçadora*) Pedro! (*Repele-o.*) Também vou ler!

PEDRO

O quê?

ALAÍDE

(*Enigmática*) Você nem faz idéia! Um diário! O diário de uma grande mulher!
(*Trevas*)

ALAÍDE

(*Nas trevas, ao microfone*) Ele não sabia por que eu estava mudada. Tão mudada. Como podia saber que era um fantasma – o fantasma de Madame Clessi – que me enlouquecia?

VOZ DE CLESSI

(*Microfone*) Só o meu fantasma, não. E os outros dois fantasmas? A mulher de véu e Lúcia?

VOZ DE ALAÍDE

Depois, eu vejo isso. (*Noutro tom*) Se ele soubesse que ia morrer!...
(*Luz no plano da memória. Pedro lê.*)

ALAÍDE

(Provocante) Pedro. (*Diz o nome de maneira cantante, destacando as sílabas.*) Pe-dro. (*Silêncio de Pedro*) Ah! Está assim, heim!

PEDRO

(Sem voltar-se) Quem manda você fazer o que fez?

ALAÍDE

Eu não fiz nada!

PEDRO

Me repeliu!

ALAÍDE

Repeli, sim. Eu não gosto de você! Deixei de gostar há muito tempo! Desde o dia de nosso casamento...

PEDRO

(Levanta-se e aproxima-se.) Bobinha!

ALAÍDE

Sério!

(Os dois se olham.)

ALAÍDE

(Ficando de costas) Gosto de outro.

PEDRO

(Apreensivo) Alaíde! Olhe o que eu lhe disse!

ALAÍDE

(Acintosa) Gosto, sim. Gosto de outro. Que é que está me olhando?

PEDRO

(Com certa ameaça) Não continue, Alaíde!

ALAÍDE

No mínimo, você está pensando: "Se ela gostasse de outro, não diria". Acertei?

PEDRO

Você é completamente doida!

ALAÍDE

Por que é que você não se ofende com as coisas que estou dizendo?

PEDRO

Vou ligar ao que você diz?!

ALAÍDE

(Irônica) Ah! Não! (Exaltada) Você faz mal em dizer que não mataria nunca a sua mulher!... Um marido que dá garantias de vida está liquidado.

PEDRO

(Irritado) Não provoque, Alaíde!

ALAÍDE

(Exaltada) Vou abandonar você, fugir daqui! Quero ser livre, meu filho! Livre! Tão bom!

PEDRO

(Impulsivo, pega-lhe o braço, torce-lhe o pulso.

Terrível) Não disse para não me provocar – não disse?

ALAÍDE

(Desesperada) Ai – ai! Eu estava brincando, Pedro. Ai! Ai!

PEDRO

(Sinistro) Nunca mais na sua vida brinque assim – nunca mais! Ouviu?

ALAÍDE

(Louca de dor) Pelo amor de Deus, Pedro – ai. Não, Pedro! Juro...

(Pedro larga. Alaíde esconde o braço machucado nas costas.)

ALAÍDE

(Ofegando) Você me machucou. Eu estava brincando só...

(Pedro vira-lhe as costas. Acende, com a mão trêmula, um cigarro. Volta-se para Alaíde.)

ALAÍDE

(Deixando cair a pulseira) Pedro, minha pulseira caiu. Quer apanhar para mim? Quer?

(Pedro vai apanhar. Abaixa-se. Rápida e diabólica, Alaíde apanha um ferro, invisível, ou coisa que o valha, e, possessa, entra a dar golpes. Pedro cai em câmara lenta. Trevas.)

VOZ DE ALAÍDE

(Microfone) Eu bati aqui detrás, acho que na base do crânio. Ele deu arrancos antes de morrer, como um cachorro atropelado.

VOZ DE CLESSI

(Microfone) Mas como foi que você arranjou o ferro?

VOZ DE ALAÍDE

(Microfone) Sei lá! Apareceu! (*Noutro tom*) Às vezes penso que ele pode estar vivo. Não sei de nada, meu Deus! Nunca pensei que fosse tão fácil matar um marido.

(Luz no plano da alucinação. Alaíde e Clessi sentadas no chão e no lugar em que, supostamente, está o cadáver invisível. As duas olham.)

MADAME CLESSI

Vamos carregar o homem? (Acariciando o morto presumivelmente na cabeça) Coitado!

ALAÍDE

Um morto é bom, porque a gente deixa num lugar e quando volta ele está na mesma posição.

MADAME CLESSI

Você está mesmo sentindo um cheiro de flores?

ALAÍDE

(Agitada) Vamos carregar? (*Noutro tom*) Mas para onde, meu Deus! Não tem lugar!

MADAME CLESSI

A gente esconde debaixo da cama.

ALAÍDE

(Desesperada) Mas ele não pode ficar lá a vida inteira. O empregado quando for arrumar o quarto – descobre.

MADAME CLESSI

Aqui é pior. Pode vir a polícia.

ALAÍDE

(Agoniada) Vamos logo, então?!

MADAME CLESSI

(Explicando) Olha, eu puxo por um braço e você por outro.

ALAÍDE

Arrastando o corpo, faz-se menos força.
(Cada uma puxa pelo braço de um invisível cadáver, arrastando-o. Realizam o respectivo esforço. Arquejam.)

ALAÍDE

(Ofegando) Isso como pesa!

(As duas detêm-se. Fazem como se, cuidadosamente, estendessem o corpo da vítima no chão. Clessi passa por cima do cadáver.)

MADAME CLESSI

(Sentando-se no chão) Você agora não está com pena dele?

ALAÍDE

(Excitada) Pena, eu? Pena nenhuma! Só ódio!

(Noutro tom) Meu Deus, o que é que ele fez?

(Confusa e angustiada) O que foi?

MADAME CLESSI

Eu não sei, minha filha.

ALAÍDE

(Angustiada) Não consigo me lembrar. Mas fez alguma coisa, sim. No mínimo, a mulher de véu está metida nisso!...

MADAME CLESSI

E Lúcia também.

(Entra o homem de capa e guarda-chuva. Aproxima-se. As duas olham, sem dizer palavra.)

O HOMEM

(Perto de Alaíde) Assassina!

(Imobilizam-se, emudecem os personagens. Rumor de derrapagem; grito. Ambulância.)

ALAÍDE

Que é que está me olhando? Nunca me viu?

(Noutro tom) Prenda – ande, está com medo? (Para Clessi) Você ouviu um grito? Vamos para a polícia?

O HOMEM

Assassina!

(Trevas. Luz no plano da memória. Quatro jornaleiros, um em cada arco.)

1º PEQUENO JORNALEIRO

Olha “A Noite”! “O Diário”! A mulher que matou o marido!

2º PEQUENO JORNALEIRO

Vai querer? “A Noite”! “O Diário”! Tragédia em Copacabana!

3º PEQUENO JORNALEIRO

“A Noite”! “O Diário”! Morreu o coisa!

4º PEQUENO JORNALEIRO

“Diário”! Violento artigo! Já leu aí?

1º PEQUENO JORNALEIRO

Olha a mulher que engoliu um tijolo! “O Diário”!
(Os quatro jornaleiros repetem, ao mesmo tempo, os pregões acima. Trevas. Luz no plano da alucinação.)

ALAÍDE

(Angustiada) Papai e mamãe, todo o mundo vai ler nos jornais. Vão pôr o meu retrato.

O HOMEM

Por que você matou seu marido?

MADAME CLESSI

(Intervindo) Ele era muito ruim! O doutor não imagina!

ALAÍDE

(Veemente) Ruim nada! Era até muito bom.

(Excitada) Nobre!

MADAME CLESSI

Boba! Você estragou tudo!

ALAÍDE

Mas eu não me lembro por que matei – não me lembro!

O HOMEM

Eu sei.

ALAÍDE

Então diga.

O HOMEM

Há uma mulher no meio. (Confidencial) Uma mulher de véu. Tem um véu tapando o rosto. Percebeu?

ALAÍDE

(Surpresa) Uma mulher de véu? (Animada) Mas o senhor então deve saber quem é ela. Tem que saber! Diga!

O HOMEM

Não digo. (Cumprimenta.) Com licença – Adeus!

(Antes de desaparecer) Lembre-se de seu casamento! (Sai.)

(Trevas. Luz no plano da realidade. Redação e casa.)

MULHER

(Gritando) Quem fala?

REDATOR D’O DIÁRIO

(Comendo um sanduíche) “O Diário”.

MULHER

(Esganiçada) Aqui é uma leitora.

REDATOR D'O DIÁRIO

Muito bem.

MULHER

Eu moro aqui num apartamento, na Glória! Vi um desastre horrível!

REDATOR D'O DIÁRIO

Uma mulher atropelada.

MULHER

A culpa toda foi do chofer. Eles passam por aqui, o senhor não imagina! Então, quem tem criança!...

REDATOR D'O DIÁRIO

Claro!

MULHER

Quando a mulher viu, já era tarde! "O Diário" podia botar uma reclamação contra o abuso dos automóveis!

REDATOR D'O DIÁRIO

Vamos, sim! (*Desliga.*)

MULHER

(Continuando) Obrigada, ouviu?

(*Trevas. Luz no plano da alucinação. Alaíde e Clessi no mesmo lugar. Mas no chão, deitado, está realmente um homem – o mesmo de sempre. Roupa diferente.*)

ALAÍDE

(Perturbada) Que é que tem meu casamento? Ele disse: "Lembre-se de seu casamento".

(Som da "Marcha nupcial". *Alaíde levanta-se. Faz um gesto, como que apanhando a cauda do invisível vestido de noiva. Faz que se ajeita.*)

MADAME CLESSI

Bonito vestido! Quem foi que teve a idéia?

ALAÍDE

(Transportada) Eu vi num filme. A grinalda é que é diferente. Mas o resto é igualzinho à fita.

(*Alaíde passa ao plano da memória, que se ilumina.*)

PEDRO

(Levantando-se naturalmente e passando também ao plano da memória. Puxa o relógio) Está quase na hora. Temos que andar depressa: depois do nosso, tem outro casamento.

ALAÍDE

Quer dizer que o outro casamento vai aproveitar a nossa ornamentação?

PEDRO

Deixa. Não tem importância.

ALAÍDE

Ah! Pedro!

PEDRO

Que foi?

ALAÍDE

(*Numa atitude inesperada*) Me esqueci que faz mal o noivo ver a noiva antes. Não é bom! (*Vira as costas.*)

PEDRO

Isso é ciancice! Agora não adianta! Já vi!

ALAÍDE

(Suplicante) Vá, Pedro, vá!

(*Entra a mãe de Alaíde.*)

ALAÍDE

(*Com ar de sonâmbula*) O buquê, mamãe?

MADAME CLESSI

Sua mãe não pode ser.

(*A mãe volta em marcha a ré.*)

MADAME CLESSI

Ela só apareceu depois! Você sozinha no quarto, sem ninguém, Alaíde? Uma noiva sempre tem gente perto. O quê? Você pode não se lembrar, mas lá devia ter alguém, sem ser sua mãe! Lembre-se.

(*"Marcha nupcial." Alaíde faz mímica de quem retoca a toalete. O pai e a mãe de Alaíde entram, com roupa de passeio.*)

PAI

Tudo pronto?

ALAÍDE

Quase. Vão tocar mesmo a *Ave Maria* de Gounod, papai?

PAI

Vão. Já falei na igreja.

MÃE

Está aí D. Laura!

ALAÍDE

(Virando-se) Ah! D. Laura!

D. LAURA

Como vai?

(Beijam-se.)

ALAÍDE

(Faceira, expondo-se) Que tal a sua nora? Muito feia?

D. LAURA

Linda. Um amor!

ALAÍDE

Olha, papai. Desculpe, D. Laura.

D. LAURA

Ora, minha filha.

ALAÍDE

(Para o pai) Ou *Ave Maria* de Gounod ou, então, de Schubert. Faço questão. Outra não serve.

PAI

Já sei.

D. LAURA

De Schubert ou de Gounod, qualquer uma é

muito bonita. Ah!

(D. Laura parece ter notado a presença de uma pessoa que até então não viria. Dirige-se a essa pessoa invisível, beijando-a, presumivelmente na testa.)

D.LAURA

Desculpe. Eu não tinha visto você.

(Pausa para uma resposta que ninguém ouve.)

D.LAURA

(Risonha) Quando é o seu?

(Pausa para outra resposta.)

D.LAURA

(Maliciosa) Qual o quê! Está aí, não acredito! Tão moça, tão cheia de vida.

PAI

(Para Alaíde, que está pronta) Então vamos!

(D. Laura faz um gesto qualquer para a invisível pessoa e vai para junto de Alaíde.)

D.LAURA

Cuidado com a cauda! (D. Laura apanha a imaginária cauda e a entrega a Alaíde.)

ALAÍDE

(Num último olhar) Não falta mais nada?

MÃE

(Olhando também) Nada. Acho que não.

PAI

(Impaciente) Já é tarde. Vamos descer.

("Marcha nupcial." Trevas.)

SEGUNDO ATO

(Inicia-se o segundo ato. Trevas. Voz de Alaíde e Clessi ao microfone.)

MADAME CLESSI

É impossível que não tenha havido mais coisas.

ALAÍDE

(Impaciente com a própria memória) Mas não me lembro, Clessi. Estou com a memória tão ruim!...

MADAME CLESSI

Olha, Alaíde. Antes de sua mãe entrar, quando você pediu o buquê, tinha alguém lá? Sem ser Pedro?

ALAÍDE

(Desorientada) Antes de mamãe entrar?

MADAME CLESSI

Sim. Tinha que ter mais alguém. Já disse – uma noiva nunca fica tão abandonada na hora de vestir!

ALAÍDE

(Como que fazendo um esforço de memória) Antes de mamãe entrar... Só pensando. Deixa eu ver... (Luz no plano da memória. Alaíde, vestida realmente de noiva, está sentada numa banqueta. Agora o espelho imaginário se transformou num

espelho verdadeiro, grande, quase do tamanho de uma pessoa. A grinalda não está posta ainda. Alaíde sozinha.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Ah! Quer ver uma coisa? Quem foi que D. Laura beijou na testa, depois que falou com você?

(Diante do espelho, Alaíde está retocando a toalete, ajeitando os cabelos, recuando e aproximando o rosto do espelho, etc.)

MADAME CLESSI

(Microfone, impaciente) Ah! Outra coisa! Quem foi que vestiu você? Foi sua mãe? Não? Pois é, Alaíde! (Luz amortecida em penumbra. Entra uma mulher, quase que magicamente. Um véu tapa-lhe o rosto. Luz normal.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Não disse que tinha que ter mais gente? Olha aí! (Noutro tom) A mulher de véu!

ALAÍDE

(Nervosa como compete a uma noiva) Achou?

MULHER DE VÉU

Não. Remexi tudo!

ALAÍDE

(Agoniada) Mas eu deixei a linha branca lá no seu quarto! Viu na cômoda?

MULHER DE VÉU

(Taciturna) Vi. Não achei nada.

ALAÍDE

Na gaveta de baixo?

MULHER DE VÉU

Também.

ALAÍDE

(Impaciente, retocando um detalhe de toalete) Você está tão esquisita!

(A Mulher de Véu procura ajeitar qualquer coisa no ombro de Alaíde.)

ALAÍDE

Quer chamar mamãe um instantinho? (Silêncio.)

ALAÍDE

(Virando-se) Quer chamar?

MULHER DE VÉU

(Virando-lhe as costas) Não. Não chamo ninguém.

(Agressiva) Vá você!

ALAÍDE

(Sentida, põe ruge lentamente; vira-se outra vez para a Mulher de Véu.) Você tem alguma coisa!

MULHER DE VÉU

(De costas) Eu? Não tenho nada. Nada, minha filha. (Ficando de frente para Alaíde, rápida e ríspida) Você sabe muito bem! (Violenta) Sabe e ainda pergunta!

ALAÍDE

(Levantando-se e apanhando a cauda) Chega. Eu mesma vou chamar.

(A Mulher de Véu, com rápida e sinistra decisão, coloca-se na frente de Alaíde.)

ALAÍDE

(Assombrada) Que é isso? (Noutro tom) Eu acho que você não está regulando bem!

MULHER DE VÉU

(Intimativa) Sente-se aí. (As duas se enfrentam.) Não vai chamar ninguém!

(Maquinalmente, Alaíde senta-se na banqueta, olhando, com espanto, a Mulher de Véu; esta se mostra bastante excitada.)

ALAÍDE

(Numa alegação ingênua) Mas eu preciso da linha branca!

MULHER DE VÉU

Primeiro, vamos conversar! (Sardônica) Linha branca!

ALAÍDE

Você vai querer discutir agora! Agora!

MULHER DE VÉU

(Exaltada) Então! Por que não será agora? Que é que tem de mais? (Noutro tom) Eu nunca falei, nunca disse nada, mas agora você tem que me ouvir!

ALAÍDE

(Gritando) Tem gente ouvindo! Fale baixo!

MULHER DE VÉU

(Excitada) Então você pensa que podia roubar o meu namorado e ficar por isso mesmo?

ALAÍDE

(Entre suplicante e intimativa) Você não vai fazer nada!

MULHER DE VÉU

(Com desprezo) Ah! Está com medo! (Irônica) Natural. Casamento até na porta da igreja se desmancha.

ALAÍDE

(Com mais coragem) Mas o meu, não.

MULHER DE VÉU

(Aproximando-se) O seu não, coitada! (Noutro tom) O seu, sim! Você não me desafie, Alaíde, não me desafie.

ALAÍDE

(Erguendo-se) Então não fale nesse tom!

MULHER DE VÉU

(Agressiva) Falo, falo – e se você duvida – faço um escândalo agora mesmo. Aqui, quer ver?

(Silêncio de Alaíde.)

MULHER DE VÉU

(Ameaçadora) Se eu disser uma coisa que sei. Uma coisa que nem você sabe!

ALAÍDE

(Baixo) O que é que você sabe?

MULHER DE VÉU

Se eu disser – Alaíde – duvido, e muito, que esse casamento se realize.

(Imobilizam-se Mulher de Véu e Alaíde. Depois, trevas.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Você parou quando a mulher de véu disse: "Duvido muito..."

(Acende-se a luz. Só Alaíde e a Mulher de Véu, na mesma posição da cena anterior.)

MADAME CLESSI

(Microfone, continuando) ...que esse casamento se realize!"

ALAÍDE

Mas o que foi que eu lhe fiz – diga? Para você estar assim?

MULHER DE VÉU

(Exaltada) O que foi? Sua hipócrita!

ALAÍDE

Diga então o que foi!

MULHER DE VÉU

Quer dizer que não sabia que eu estava namorando o Pedro?

ALAÍDE

(Mais indignada) Aquilo, "namoro"? Um flerte, um flerte à-toa.

MULHER DE VÉU

Você quer dizer a mim que foi flerte. Quer me convencer?

ALAÍDE

(Teimosa) Foi.

MULHER DE VÉU

(Violenta) E aquele beijo que ele me deu no jardim também foi flerte?

ALAÍDE

Sei lá de beijo! Que beijo?

MULHER DE VÉU

Está vendo como você é? Viu tudo! Você apareceu no terraço e entrou logo. Mas viu!

ALAÍDE

(Desesperada) Eu não admito que você venha recordar essas coisas! Ele é meu noivo!

MULHER DE VÉU

(Perversa) Viu ou não viu?

ALAÍDE

Não!

MULHER DE VÉU

Viú, sim!

ALAÍDE

(Patética) Por que é que você não protestou antes? Por que não falou na hora?

MULHER DE VÉU

Porque não quis. Quis ver até onde você chegava.
(*Noutro tom*) Esperei por este momento.
(*Batem na porta.*)

ALAÍDE

(*Em pânico*) Olha mamãe!

MÃE

(*Da porta*) Alaíde!

MULHER DE VÉU

(*Baixo e resoluta*) Deixe que eu respondo!

MÃE

Vocês abrem isso?

MULHER DE VÉU

(*Alto*) Já vai. (Para Alaíde, baixo) Fique aí. Olhe o que eu lhe disse: faço um escândalo!
(*A Mulher de Véu dirige-se em direção de uma presumível porta.*)

MULHER DE VÉU

(*Com naturalidade*) Já chamamos a senhora. Falta pouco.

MÃE

O que é que vocês estão fazendo aí?

MULHER DE VÉU

Alaíde já está quase pronta.

MÃE

Abre. Eu quero ver.

MULHER DE VÉU

(*Com intransigência brincalhona*) Não. Só depois que acabar.

MÃE

Que meninas!

MULHER DE VÉU

Daqui a cinco minutos – está bem?

MÃE

Então andem.

(*Mulher de Véu volta para junto de Alaíde.*)

ALAÍDE

(*Advertindo*) Mamãe deve estar estranhando.

MULHER DE VÉU

Não faz mal. Deixa! (Noutro tom) Se você não fosse o monstro que é.

ALAÍDE

(Rápida) E você presta, talvez?

MULHER DE VÉU

(*Patética*) Pelo menos, nunca me casei com os seus namorados! Nunca fiz o que você fez comigo: tirar o único homem que eu amei! (Com a possível dignidade dramática) O único!

ALAÍDE

Não tenho nada com isso! Ele me preferiu a você – pronto!

MULHER DE VÉU

Preferiu o quê? Você se aproveitou daquele mês

que eu fiquei de cama, andou atrás dele, deu em cima. Uma vergonha!

ALAÍDE

(*Sardônica*) Por que você não fez a mesma coisa?

MULHER DE VÉU

Eu estava doente!

ALAÍDE

Por que então não fez depois? Tenho nada que você não saiba conquistar ou... reconquistar um homem? Que não seja mais mulher – tenho?

MULHER DE VÉU

(Agressiva) O que me faltou sempre foi seu impudor.

ALAÍDE

(Rápida) E quem é que tem pudor quando gosta?

MULHER DE VÉU

(Saturada) Bem, não adianta discutir.

ALAÍDE

(Agressiva) Não adianta mesmo!

MULHER DE VÉU

Mas uma coisa só eu quero que você saiba. Você a vida toda me tirou os namorados, um por um.

ALAÍDE

(Irônica) Mania de perseguição!

MADAME CLESSI

(Microfone) Então você tirou todos os namorados da mulher de véu?

(Pausa para uma réplica de Alaíde que ninguém ouve.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Também você não se lembra de nada! Procurevê-la sem véu. Ela não pode ser uma mulher sem rosto. Tem que haver um rosto debaixo do véu.

(Pausa para outra réplica não ouvida.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Daqui a pouco você se lembra, Alaíde.

(Trevas. Luz no plano da realidade. Sala de operação.)

1º MÉDICO

Pulso?

2º MÉDICO

160.

1º MÉDICO

(Pedindo) Pinça.

2º MÉDICO

Bonito corpo.

1º MÉDICO

Cureta.

4º MÉDICO

Casada – olha a aliança.

(Rumor de ferros cirúrgicos.)

2º MÉDICO

Aqui é amputação.

3º MÉDICO

Só milagre.

1º MÉDICO

Serrote.

(Rumor de ferros cirúrgicos. A memória de Alaíde em franca desagregação. Imagens do passado e do presente se confundem e se superpõem. As recordações deixaram de ter ordem cronológica. Apaga-se o plano da memória. Luz nas escadas laterais. Dois homens aparecem no alto das escadas, cada um empunhando dois círios; descem, lentamente. A luz os acompanha. Um deles é gordo, ventre considerável, já entrado em anos; usa imensas barbas negras, cartola; o outro é um adolescente, lírico e magro. Ambos de negro, vestidos à maneira de 1905. Colocam os quatro círios; acendem. Depois do que, cumprimentam-se e vão se ajoelhar diante de um cadáver invisível. Fazem o sinal da cruz, com absoluta coincidência de movimentos. Os dois cavalheiros estão no plano da alucinação. Luz no plano da memória. Alaíde e Mulher de Véu.)

MULHER DE VÉU

(Continuando a frase) ... mas com Pedro você errou.

(Luz vertical sobre cada grupo.)

ALAÍDE

(Levantando-se e atravessando entre os círios com ar de deboche. Luz vertical acompanha.) Vou me casar com ele daqui a uma hora, minha filha.

MULHER DE VÉU

Pois é por isso que eu estou dizendo que você errou. Porque vai se casar!

ALAÍDE

(Irônica) Ah! É? Não sabia!

MULHER DE VÉU

Você roubou meus namorados. Mas eu lhe vou roubar o marido. *(Acintosa)* Só isso!

ALAÍDE

(Numa cólera reprimida) Vá esperando!

(Alaíde volta para o espelho e a Mulher de Véu atrás.)

MULHER DE VÉU

Você vai ver. *(Noutro tom)* Não é propriamente roubar.

ALAÍDE

(Irônica) Então está melhorando.

MULHER DE VÉU

Você pode morrer, minha filha. Todo mundo não morre?

ALAÍDE

Você quer dizer talvez que me mata?

MULHER DE VÉU

(Mais a sério) Quem sabe? *(Noutro tom, baixo)*

Você acha que eu não posso matar você?

(Luz no plano da alucinação, onde já está uma mulher, espartilhada, com vestido à 1905, e faz o sinal da cruz ante o invisível ataúde. A referida senhora, depois de cumprimentar os dois cavalheiros presentes, tira da bolsa um lencinho e chora em silêncio. Luz no plano da memória.)

ALAÍDE

(Afirmativa) Você não teria coragem. Duvido!

MULHER DE VÉU

Talvez não tenha coragem para matar. Mas para isso tenho!

(Esbofeteia Alaíde. Esta recua, levando a mão à face. Luz sobre Clessi e o namorado. Clessi num récamier. Namorado, uniforme colegial cáqui. O rapaz tem a mesma cara de Pedro. Plano da memória.)

MADAME CLESSI

(Carinhosa e maternal) Eu gosto de você porque você é criança! Tão criança!

FULANO

(Suplicante) Vai? Vamos ao piquenique, amanhã?

MADAME CLESSI

(Negligente) Onde é?

FULANO

Paquetá. Todo o mundo vai na barca das dez...

MADAME CLESSI

Não.

FULANO

(Suplicante) Amanhã é domingo!

MADAME CLESSI

(Sem lhe dar atenção) Tão branco – dezessete anos! As mulheres só deviam amar meninos de dezessete anos!

FULANO

(Sempre implorando) Não mude de assunto! Vai?

(Zangado) Não peço mais!

MADAME CLESSI

(Com docura) Amanhã não. Tenho um compromisso.

FULANO

(Meigo e suplicante) E aquilo que eu lhe disse?

MADAME CLESSI

Não me lembro! O quê?

FULANO

(Meigo e suplicante) Quer morrer comigo? Fazer um pacto como aqueles dois namorados da Tijuca?

MADAME CLESSI

(*Sempre terna*) Lindo! Tem os cabelos tão finos!
(*Luz sobre Alaíde e a Mulher de Véu.*)

ALAÍDE

(*Superior*) Pode dizer o que quiser. (*Irritante*) Sou eu que vou casar, não é? Então não faz mal.

MULHER DE VÉU

Outra coisa: você está crente de que ele é só seu, não está? (*Silêncio superior de Alaíde*) Está mais do que crente, é claro! Pois olhe: sabe quem é esse namorado que eu arranjei? Tantas vezes vim conversar com você sobre ele! Contar cada passagem, meu Deus! (*Com ironia*) Pois olhe: esse namorado era seu noivo. Seu noivo, apenas!

ALAÍDE

(*Cortante*) Mentira! Não acredito!

MULHER DE VÉU

(*Superior*) Então é – então é mentira!

ALAÍDE

(*Afirmativa*) Nunca, nunca que ele lhe daria essa confiança!

MULHER DE VÉU

(*Irritante*) Mas não é isso que interessa.

ALAÍDE

(*Agressiva*) Mentirosa!

MULHER DE VÉU

O que interessa é que você vai morrer. Não sei como, mas vai e eu então... me casarei com o viúvo. Só. Tipo da coisa natural, séria, uma mulher se casar com um viúvo.

(*Alaíde senta-se. Mergulha o rosto entre as mãos. Luz no plano da alucinação.*)

HOMEM DE BARBA

(*Num gesto largo e voz grave, redonda oratória*)
Está irreconhecível.

MULHER INATUAL

Também uma navalhada no rosto!

HOMEM DE BARBA

(*Descrevendo o golpe*) Pegou tudo isso aqui!

RAPAZ ROMÂNTICO

(*Lírico*) Foi tão bonita – nem parece!

(*A mulher aproxima-se do invisível caixão e faz que levanta um lenço que estaria sobre o rosto de um cadáver invisível. Luz sobre Alaíde e a Mulher de Véu.*)

ALAÍDE

(*Ameaçadora*) Vou dizer a Pedro o que você me contou!

MULHER DE VÉU

Se disser, vai ver o escândalo que eu faço!
Experimente!
(*Batem na porta.*)

MULHER DE VÉU

Quem é?

MÃE

Sou eu!

MULHER DE VÉU

Agora está quase no fim.

MÃE

Mas parece brincadeira!

MULHER DE VÉU

(*Cinicamente suplicante*) Só mais um pouquinho.
Depois, nós chamamos. Está bem?

(*Luz no plano da alucinação. Outro diálogo, junto ao caixão fantástico, enquanto a Mulher de Véu volta para junto de Alaíde.*)

MULHER INATUAL

Que horas são?

HOMEM DE BARBA

(*Consultando o relógio de corrente*) Três horas da manhã.

RAPAZ ROMÂNTICO

(*Patético*) Pensei que fosse mais.

HOMEM DE BARBA

(*Tira laboriosamente um vasto lenço do bolso traseiro da calça. Assoa-se estrepitosamente.*) Tudo porque ela não quis ir a um piquenique.

MULHER INATUAL

Dizem que tinham combinado morrer juntos. Na hora, ela não quis. Ele então...

HOMEM DE BARBA

Me disseram o negócio do piquenique.

MULHER INATUAL

(*Filosófica*) Dizem tanta coisa! A gente nunca sabe!
(*Luz no plano da memória. A Mulher de Véu aproxima-se de Alaíde, depois de apanhar a grinalda.*)

MULHER DE VÉU

(*Fria*) E a grinalda?

ALAÍDE

(*Recuando o corpo*) Deixe que eu ponho!

MULHER DE VÉU

Eu mesma ponho. Já fiz tudo. Faço mais isso.

ALAÍDE

(*Com rancor, olhando-a*) Foi por isso que você pediu a mamãe para me vestir.

MULHER DE VÉU

(*Violenta*) Foi.

ALAÍDE

(*Chorosa*) E eu, boba, sem desconfiar! Também a mamãe deixou!

(*Mulher de Véu quer colocar a grinalda.*)

ALAÍDE

(*Como que fugindo a um contato repelente*) E não me toque!

(*Batem na porta.*)

MULHER DE VÉU

(Exasperada) Oh! Meu Deus, será possível?

ALAÍDE

(Sombria) Então você deseja minha morte!

PEDRO

(Da porta) Alaíde!

MULHER DE VÉU

(Noutro tom) Pedro!

ALAÍDE

(Noutro tom) Já vai, Pedro. (Para a Mulher de Véu, ríspida) Vá abrir.

MULHER DE VÉU

(Baixo) Não diga nada do que eu lhe disse. Senão já sabe!

(As duas se olham rapidamente. A Mulher de Véu vai abrir a porta. Alaíde coloca a grinalda.)

PEDRO

(Jovial) D. Lígia está indignada. Me disse que vocês se trancaram aí e não deixam ninguém entrar.

MADAME CLESSI

(Microfone) Mas que coisa fizeram com você!

ALAÍDE

(Natural) Bobagem de mamãe!

(A Mulher de Véu, fechada, permanece a distância.)

PEDRO

(Curvando-se) Um beijinho!

ALAÍDE

(Ainda olhando para o espelho) Você dá ou pede?

PEDRO

Peço.

ALAÍDE

(Com dengue) Assim estraga a minha pintura. E, além disso... (Alaíde indica a Mulher de Véu.)

PEDRO

(Cínico) Ela finge que não vê!

MULHER DE VÉU

Até vou-me embora!

ALAÍDE

(Cheia de ironia) Ela é muito escrupulosa, Pedro! Você não imagina!

MADAME CLESSI

(Ao microfone) Se fosse comigo eu desmanchava o casamento!

MULHER DE VÉU

(Com lentidão calculada) Você se lembra do que eu lhe disse, Alaíde?

PEDRO

(Curioso) O que foi?

ALAÍDE

Nada. Coisa sem importância.

PEDRO

(Perverso, para a Mulher de Véu) Você tem namorado?

MULHER DE VÉU

(Fria) Por quê?

PEDRO

(Cínico) Por nada. Seu gênio é tão esquisito!

MULHER DE VÉU

Tenho. (Com perversidade) Tive. Ele vai se casar com outra.

PEDRO

Então HOMEM é um vilão autêntico.

MULHER DE VÉU

É.

ALAÍDE

(Sardônica) Não faz mal. Ela gosta dele assim mesmo.

MULHER DE VÉU

E gosto, sim. Ninguém tem nada com isso!

PEDRO

(Já para sair) Deixem D. Lígia entrar, antes que ela chore.

ALAÍDE

(Ríspida) Mamãe é muito boba. Ainda pede licença para entrar no quarto da filha! Fica do lado de fora, implorando!

PEDRO

Está quase na hora. Temos que andar depressa; depois do nosso, há outro casamento.

ALAÍDE

(Queixosa) Quer dizer que o outro casamento vai aproveitar a nossa ornamentação?

PEDRO

(Dispicente) Deixa. Não tem importância.

ALAÍDE

(Queixosa) Ah! Pedro!

PEDRO

Que foi?

ALAÍDE

(Virando-se de costas com dengue) Me esqueci que faz mal o noivo ver a noiva antes. Não é bom.

PEDRO

(Com bom humor) Isso é criancice! Agora não adianta! Já vi!

ALAÍDE

Vá, Pedro, vá!

(Imobilizam-se e emudecem, Alaíde e a Mulher de Véu.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Bem, o resto eu já sei, Alaíde.

(Noutro tom) O quê? (Parece ouvir um aparte que ninguém ouve.) Ah, você tinha pulado outra coisa? Que foi?

MULHER DE VÉU

Nós somos três cínicos: eu, você e ele. Você ainda é pior, porque quer ser inocente até o fim.

ALAÍDE

(Com raiva concentrada) É melhor eu calar minha boca!

MULHER DE VÉU

Ele tão natural, perguntando: "Você tem namorado?" Que idéia ele faz de nós, meu Deus!

ALAÍDE

(Revoltada) Eu sei que idéia!

MULHER DE VÉU

(Veemente) De mim, que sou uma pervertida! De você, que é uma idiota! (Sardônica) Em todo o caso, prefiro mil vezes ser pervertida do que idiota!

ALAÍDE

(Indignada) Você ainda acha preferível! Ainda diz que é!

MULHER DE VÉU

(Sardônica) Claro, minha filha! Então não é? "Deixem D. Lígia entrar"... Como ele é infame... Esse noivo que você arranjou!

ALAÍDE

(Irônica) Assim mesmo você gosta dele!

MULHER DE VÉU

Gosto. Amo. Mas gosto sabendo o que ele é e por isso mesmo. Mas você... Ah, meu Deus. Aposto que não acredita em nada do que eu contei.

ALAÍDE

(Enfurecida) E não acredito!

(Trevas para que novos personagens entrem no plano da memória.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Ah, então a pessoa que D. Laura beijou na testa – a tal que você não se lembrava quem era – é a mulher de véu? O que foi que as duas disseram naquela hora, Alaíde?

(Luz no plano da memória. A cena do quarto de Alaíde, no ponto em que D. Laura, já vestida de grande gala, está falando a uma pessoa, que é a Mulher de Véu. Presentes o pai e a mãe de Alaíde, também vestidos para a cerimônia.)

D.LAURA

(Para a Mulher de Véu, que está um pouco retirada) Desculpe. Eu não tinha visto você.

MULHER DE VÉU

Não faz mal.

D.LAURA

(Beija-a na testa; depois risonha) Quando é o seu?

MULHER DE VÉU

Tem tempo! (Noutro tom. Com certa amargura) Nunca!

D.LAURA

(Maliciosa) Qual o quê! Está aí, não acredito! Tão moça, tão cheia de vida!

PAI

(Para Alaíde, que está pronta) Então, vamos.

(Som da "Marcha nupcial". D. Laura faz um gesto qualquer para a Mulher de Véu e vai para junto de Alaíde.)

D.LAURA

(Solícita) Cuidado com a cauda! (Apanha a cauda, que entrega a Alaíde.)

ALAÍDE

(Num último olhar) Não falta mais nada?

(Todos olham, estando situados como no final do 1º ato.)

MÃE

(Olhando em torno) Não. Acho que não.

PAI

(Impaciente) Já é tarde! Vamos descer!

(Ao som da "Marcha nupcial", saem os personagens do casamento. Fica a Mulher de Véu, numa atitude patética. Luz amortecida. Os dois homens do velório cochicham e se afastam um pouco para fumar. Acendem o cigarro num dos círios e fumam.)

MADAME CLESSI

(Microfone) Então a mulher de véu não foi?

ALAÍDE

(Idem) Não.

MADAME CLESSI

(Idem) Por quê?

ALAÍDE

(Idem) Não quis ir. De maneira nenhuma. Não sei quem me contou depois que, enquanto nós esperávamos no salão a hora de sair, mamãe voltou para buscar a mulher de véu...

(Luz normal no plano da memória. Entra D. Lígia, apressada. A Mulher de Véu, na mesma posição.)

MÃE

Você ainda está aí? Todo o mundo já desceu!

MULHER DE VÉU

Eu não vou. Eu fico!

MÃE

(Surpresa) O que é que você tem?

MULHER DE VÉU

(De costas) Nada.

MÃE

(Desconfiada) Vocês duas brigaram?

MULHER DE VÉU

(Impaciente) Não sei, não sei.

MÃE

Vamos! Não seja assim!

MULHER DE VÉU

Não vou – não adianta. Está perdendo seu tempo.

MÃE

(Olhando-a, chocada) Mas não vai por quê?

MULHER DE VÉU

(Com raiva concentrada) Porque não – ora essa!
 (Noutro tom. De frente) Vou lá ao casamento
 dessa mulher!

MÃE

(Sentida) Oh! Isso é termo, “mulher”?

MULHER DE VÉU

(Sardônica) Não tenho outro!

MÃE

Que foi isso, de repente? Vocês, tão amigas!

MULHER DE VÉU

(Com amargura) Amigas, nós? Oh! Meu Deus!
 Como se pode ser tão cega! (Noutro tom) Eu ir a
 esse casamento, quando eu é que devia ser a
 noiva!

MÃE

(Em pânico) Você está doida?

MULHER DE VÉU

(Violenta) Eu, sim senhora, eu!

MÃE

(Suspensa) Você gosta de Pedro! (Pausa: as duas se
 olham.) Então é isso?

MULHER DE VÉU

(Sardônica) A senhora pensava que fosse o quê?
 (Luz no plano da alucinação. A Mulher Inatual,
 junto ao esquife, levanta o lenço para ver a
 fisionomia da morta invisível. Faz uma mímica de
 piedade. Alaíde e Clessi aparecem no alto de uma
 das escadas laterais, sentadas num degrau.
Penumbra no velório.)

MADAME CLESSI

Você parece maluca!

ALAÍDE

(Ao lado de Clessi) Eu?

MADAME CLESSI

Você está fazendo uma confusão! Casamento com
 enterro!... Moda antiga com moda moderna!
 Ninguém usa mais aquele chapéu de plumas, nem
 aquele colarinho!

ALAÍDE

(Agoniada) Tudo está tão embaralhado na minha
 memória! Misturo coisa que aconteceu e coisa que
 não aconteceu. Passado com o presente! (Num
 lamento) É uma misturada!

MADAME CLESSI

(Impaciente) Você fala tanto nessa mulher que
 morreu! Ela é o quê, afinal?

ALAÍDE

(Agoniada) Pois é, não posso me lembrar. Não
 consigo! Só me lembro que estavam fazendo
 quarto a uma senhora com um chapéu de
 plumas, espartilho, e dois homens com bigode,
 pastinha e colarinho alto.

MADAME CLESSI

Essa moda é antiga. Então isso foi há muito
 tempo.

ALAÍDE

(Fazendo um esforço de memória) Estou vendo se
 me lembro de mais alguma coisa...

(O Homem de Barba fala, agora, sentado no chão
 com a Mulher Inatual, em franco idílio.)

HOMEM DE BARBA

Clessi nem podia pensar que hoje estava morta!

MADAME CLESSI

(No alto da escada, levantando-se e descendo)
 Clessi... (Com espanto e medo) Clessi!...

ALAÍDE

(Triunfante, levantando-se também e descendo)
 Agora me lembro! De tudo, tudinho! Seu nome! É
 você – a morta é você!
(Alaíde e Clessi aproximam-se do esquife.)

MADAME CLESSI

(Apontando para seu próprio cadáver invisível. Com
 melancolia) Você não havia meio de se lembrar! E
 eu aqui!

ALAÍDE

(Excitada) É isso mesmo! Eu estava tão confusa!
 Mas agora sei. Li tudo isso na Biblioteca
 Nacional. Vi todas as notícias sobre o crime. O
 repórter descrevia tudo, até as pessoas que
 fizeram quarto de madrugada...

MADAME CLESSI

(Com melancolia) Teve muita gente no meu
 enterro?

ALAÍDE

(Com exaltação) Muita! De manhã, começou a
 chegar gente...

MADAME CLESSI

(Vaidosa) Quanto mais ou menos?
 (O Homem de Barba aproxima-se do Rapaz
 Romântico.)

HOMEM DE BARBA

Só nós aqui?

RAPAZ ROMÂNTICO

Mas deixa chegar sete horas! Vai ver como fica
 isso!

HOMEM DE BARBA

(Consultando o relógio de corrente) Ainda são
 quatro horas.

(Clessi e Alaíde sentadas junto aos dois círios.)

MADAME CLESSI

(Doce) Enterro de anjo é mais bonito do que de
 gente grande.

ALAÍDE

Então mamãe disse à mulher de véu...

MADAME CLESSI

(Repreensiva) A gente está falando numa coisa e vem você com outra muito diferente!
(*Luz no plano da memória. D. Lígia e a Mulher de Véu. A Mulher de Véu arranca o véu.*)

MÃE

Já disse para você não chamar sua irmã de mulher, Lúcia!

LÚCIA

(Exaltadíssima) Chamo, sim! Mulher, mulher e mulher!

MÃE

Vou chamar seu pai! Você não me respeita!

LÚCIA

(Desafiante) Pode chamar! (Noutro tom) Bater em mim, ele não vai!

MÃE

Isso é coisa que se faça! Rogar praga para sua irmã!

LÚCIA

Então! Depois do que ela me fez!

MÃE

(Indo sentar-se na banqueta, patética) A gente tem filhos...

LÚCIA

(Interrompendo com violência) Eu mandei a senhora me botar no mundo, mandei?

MÃE

(Com lágrimas, explodindo) E, depois, é isso!
(Entra o pai de Alaíde. D. Lígia levanta-se, rápida. Lúcia assume uma atitude discreta. O pai vem furioso.)

PAI

(Gritando) Vocês vêm ou não vêm?

MÃE

Vou, sim. (Disfarçando) Estava aqui conversando...

PAI

(Azedo) Isso é hora de conversar?...
(Sai D. Lígia.)

PAI

E você? Não vem?

LÚCIA

Não. Eu fico.

PAI

(Estranhando) Por quê?

LÚCIA

Não estou me sentindo bem. Se for, vou desmaiar na igreja.

PAI

(Furioso) Está bem.

(Sai. Lúcia senta-se na banqueta. Luz no plano da alucinação.)

ALAÍDE

(Evocativa) Você foi apunhalada por um colegial.

MADAME CLESSI

(Admirada) Quer dizer que Lúcia e a mulher de véu são a mesma pessoa!

ALAÍDE

(Sempre evocativa) ...um menino de dezessete anos matou você. (Abstrata) 27 de novembro de 1905. Até a data eu guardei!

MADAME CLESSI

(Doce) Irmãs e se odiando tanto! Engraçado – eu acho bonito duas irmãs amando o mesmo homem! Não sei – mas acho!

ALAÍDE

Você acha?

MADAME CLESSI

(A sério) Acho.

(Som de derrapagem. Um grito de mulher. Ambulância. Personagens imóveis.)

ALAÍDE

Mais bonito é ser assassinada por um menino. Um colegial! (Noutro tom) Ele usava uniforme cáqui?

MADAME CLESSI

(Doce e evocativa) De dia, sim. De noite, não.

ALAÍDE

Eu queria ter amado um menino. O seu tinha dezessete anos? (A outra confirma.) Devia ser muito branco.

MADAME CLESSI

(Inquieta) Seria tão bom que cada pessoa morta pudesse ver as próprias feições! Eu fiquei muito feia?

ALAÍDE

O repórter disse que não. Disse que você estava linda.

MADAME CLESSI

(Impressionada) Disse mesmo? Mas... (Pausa, com o olhar extraviado) E o talho no rosto? (Abstrata) Uma punhalada no rosto não é possível! Foi navalhada, não foi? (Noutro tom) Eu queria tanto me ver morta!

(Aproxima-se dos círios. Hesita. A Mulher Inatural faz que levanta um invisível lenço a cobrir um invisível rosto.)

MADAME CLESSI

(Espantada) Gente morta como fica!...

(Foge com Alaíde. A Mulher Inatural comenta com os companheiros de velório.)

MULHER INATUAL

Parece sorrir.

HOMEM DE BARBA

(Com um gesto imenso e um tom profundo) Quem morre descansa.

MULHER INATUAL

O senhor é espírita?

HOMEM DE BARBA

(Com um gesto ainda mais amplo) Respeito todas as religiões.

(Pausa. Os dois se ajoelham, fazem o sinal da cruz e se levantam.)

MULHER INATUAL

(Ajeitando qualquer coisa no vestido) Eu acho que vou-me embora.

HOMEM DE BARBA

(Depois de olhar para o lado e faunesco) Já?

MULHER INATUAL

É tarde.

HOMEM DE BARBA

(Olhando outra vez para os lados) Mora longe?

MULHER INATUAL

Assim, assim. Mas o lugar é muito escuro. Fico com receio.

HOMEM DE BARBA

(Concupiscente) Posso acompanhá-la.

MULHER INATUAL

Não vale a pena.

HOMEM DE BARBA

(Com um novo gesto) Eu ia sair mesmo.

MULHER INATUAL

Ah, então...

(A mulher vai ao invisível caixão e faz o sinal da cruz. Sai com o Homem de Barba.)

HOMEM DE BARBA

(Grave, profundo e pausado) Aliás, eu sou contra mulher andar sozinha tão tarde.

(O Rapaz Romântico, indignado, passa pelo invisível cadáver, faz um rápido sinal da cruz e segue adiante. Já ia sair, quando bate na testa, lembrando-se dos círios. Volta e apanha dois círios; o Homem de Barba faz o mesmo. Trevas. Luz no plano da alucinação. Pedro e Alaíde, de noivos, ajoelhados diante da cruz. Projetor solar vertical. Disco de "Ave Maria", canto de Rosa Poncelle.)

VOZ DE LÚCIA

(Microfone, em crescendo) Eu faço escândalo. Se eu disser uma coisa que sei!... Não me desafie, Alaíde. Eu é que devia ser a noiva! Você é um monstro! O único homem que eu amei! Nunca me casei com os seus namorados! O que eu não tive foi seu impudor!...

("Ave Maria" atenuada. De repente surge Lúcia, correndo, vestida de noiva.)

LÚCIA

Pedro!

ALAÍDE

Você?

PEDRO

Ah, você, Lúcia! Até que enfim!

(Lúcia abraça-se a Pedro. Falam-se quase boca com boca.)

LÚCIA

Demorei, meu filho, porque custei a encontrar a linha branca.

ALAÍDE

Onde é que você achou?

LÚCIA

Na cômoda. Estava na gaveta de baixo.

ALAÍDE

(Triunfante) Eu não disse! Eu tinha posto lá!

PEDRO

(Cínico) Se você chegasse um pouquinho mais tarde, o casamento teria se realizado!

LÚCIA

(Desprendendo-se de Pedro, gritando, com o punho erguido, como na saudação comunista) Eu é que devia ser a noiva!...

ALAÍDE

(Excitadíssima, também com o punho erguido) Mentirosa! Sua mentirosa! Roubei seu namorado e agora ele é meu! Só meu!

LÚCIA

(Com o punho erguido) Confessou. Até que enfim! Pelo menos, diga, berre: "Roubei o namorado de Lúcia!!!..."

ALAÍDE

(Perturbada) Não digo nada! Não quero!

(Trevas.)

MADAME CLESSI

(Microfone, bem lenta) Duas noivas! Interessante – duas noivas! Mas que foi que disse o padre, quando Lúcia apareceu? Renda da Bélgica, você mandou buscar. Quanto custou? Não diga. Deixa ver se eu adivinho? Aposto que foi... Mais ou menos...

(Luz no alto de uma das escadas laterais, no plano da realidade. Pedro, com roupa normal, falando com o médico de serviço. Projetor vertical sobre os dois.)

PEDRO

(Comovido) Eu me chamo Pedro Moreira.

MÉDICO

Pois não.

PEDRO

(Comovido) Sou o marido dessa senhora que está sendo operada.

MÉDICO

Caso de atropelamento, não foi?

PEDRO

(Com angústia) Sim, doutor. Foi atropelada na

Glória. Só ainda agora é que eu soube.
Telefonaram para o escritório. (*Expectante*) O
estado dela – qual é, doutor? Muito grave?

MÉDICO
(*Reticente*) Bem, o estado dela não é bom.

PEDRO
(*Patético*) Não é bom? (*Noutro tom*) Mas há
esperança?

MÉDICO
Sempre há esperança. Está se fazendo tudo.

PEDRO
(*Agoniado*) E ela sofreu muito, doutor?

MÉDICO
Não. Nada. Chegou em estado de choque. Nem
vai sofrer nada.

PEDRO
(*Chocado*) Estado de choque?

MÉDICO
Foi. E isso para o acidentado é uma felicidade.
Uma grande coisa. A pessoa não sente nada –
nada.
(*Trevas. Desce o pano rapidamente.*)

TERCEIRO ATO

(Começa o terceiro ato com o teatro em trevas.
Clessi e Alaíde ao microfone.)

MADAME CLESSI
(Microfone) Talvez você não tenha assassinado seu
marido.

ALAÍDE
(Microfone) Mas eu me lembro! Foi com um ferro
– bati na base do crânio! Aqui.

MADAME CLESSI
(Microfone) Às vezes, pode ter sido sonho!

ALAÍDE
(Microfone, com um acento doloroso) Sonho –
será? Estou com a cabeça tão virada! Pode ser que
tudo tenha ficado só na vontade!

MADAME CLESSI
(Microfone) Então aconteceu o quê, na igreja?
(Luz no plano da memória. Estão Madame Clessi e
o seu namorado vestidos à maneira de 1905.)

ALAÍDE
(Microfone) Estou sempre com a idéia que seu
namorado tinha a cara de Pedro!
(Clessi e Pedro sentados num récamier.)

MADAME CLESSI
(Com o mesmo vestido, mas sem chapéu) Quer ver
meus coelhinhos no quintal?

NAMORADO
(Frio) Não.

MADAME CLESSI
(Meiga) Tem uns tão bonitos! (Levantam-se os

dois. Ele olha-a, depois senta-se de costas para ela.
Clessi anda e volta. Com impaciência e dengue) Ih!
Você é criança demais!

NAMORADO
É o que você pensa!

MADAME CLESSI
(Sentando-se, lânguida) Então não é?

NAMORADO
(Com raiva concentrada) Você acha que eu sou?

MADAME CLESSI
(Com languidez) Aceitou dinheiro de mim!
(Provadora) Não queria, mas aceitou!

NAMORADO
(Atônito) Mas foi você que botou no meu bolso!
Insistiu!

MADAME CLESSI
Estou brincando, bobo! Aquilo não tem nada de
mais!

NAMORADO
(Levantando-se) Você brinca assim comigo e um
dia!...

MADAME CLESSI
(Brincando) Você me bate!

NAMORADO
(Sério) Clessi...

MADAME CLESSI
Senta aqui!

NAMORADO
(Sentando-se. Baixo) Sabe o que é que a gente
podia fazer?

MADAME CLESSI
(Acariciando-o nos cabelos) O quê?

NAMORADO
Adivinhe.

MADAME CLESSI
Diga.

NAMORADO
(Baixo) Morrer juntos. (Face a face, os dois)
Vamos?

MADAME CLESSI
(Sonhadora) Você se parece tanto com o meu filho
que morreu! Ele tinha catorze anos, mas tão
desenvolvido!

NAMORADO
(Súplice) Quer?

MADAME CLESSI
(Meiga) Olhe assim. (Pausa, contemplação) Os
olhos dele! Direitinho!

(Trevas. Disco de derrapagem, grito, ambulância.
Luz no plano da alucinação. Alaíde e Lúcia, de
noivas, e Pedro. Cruz.)

LÚCIA
(Furiosa, punho erguido) Diga bem alto, para

todo o mundo ouvir: "Roubei o namorado de Lúcia".

ALAÍDE

Digo, sim!

LÚCIA

Diga, quero ver!

ALAÍDE

(Em alto e bom som) Roubei o namorado de Lúcia!

LÚCIA

(Excitada) Viu, Pedro? Ela disse! Não teve vergonha de dizer!

ALAÍDE

(Agressiva) Digo quantas vezes quiser!

PEDRO

(Cínico) Briguem à vontade! Não faz mal!

ALAÍDE

(Repreensiva) Você não devia dizer isso, Pedro. É cinismo.

LÚCIA

(Sardônica) Mas oh! Só agora você soube que ele era cínico! Me admira muito!

ALAÍDE

(Dolorosa) Sempre soube.

LÚCIA

(Sem desprezo) Então por que tirou Pedro de mim?

ALAÍDE

Você sempre com esse negócio de tirou – tirou! (Num transporte) É tão bom tirar o namorado das outras. (Irônica) Então de uma irmã...

LÚCIA

(Vangloriando-se) Você continua pensando que ele é só seu?

ALAÍDE

Penso, não. É.

LÚCIA

Já lhe disse que é de nós duas, minha filha! Não quer acreditar – melhor!

PEDRO

(Para Lúcia) Você não devia dizer isso! Alaíde não precisava saber!

ALAÍDE

(Patética) Mas agora sei. Chegou tarde a recomendação.

(Entra a mãe das duas. Vem se abanando.)

ALAÍDE

(Excitada) Foi bom a senhora ter chegado, mamãe!

D. LÍGIA

(Sempre de leque) Brigando outra vez!

LÚCIA

(Acusadora) É ela, mamãe!

ALAÍDE

(Indignada) Eu? Ainda tem coragem!... Mamãe, eles estão desejando a minha morte!

D. LÍGIA

Tire isso da cabeça, minha filha. Você não vê logo!

ALAÍDE

(Patética) Quando eu morrer, eles vão se casar, mamãe! Tenho certeza!

PEDRO

Você parece doida, Alaíde!

ALAÍDE

(Para Lúcia) Diga agora o que você disse de mamãe!

LÚCIA

(Virando-lhe as costas) Quer me intrigar com mamãe! (Para Alaíde) Não adianta!

D. LÍGIA

(Abanando-se) Vamos acabar com isso! É feio!

ALAÍDE

(Com escárnio) Ela está com medo! (Para Lúcia) Não quer dizer?

LÚCIA

(Resoluta) Digo, sim. É muito simples. Eu disse...

ALAÍDE

(Irônica) Perdeu a coragem?

PEDRO

(Olhando em torno) Não tem cadeira. Então vou me ajoelhar. Ajoelhar também descansa. (Ajoelha-se diante da cruz.)

D. LÍGIA

(Repreensiva) Você precisa respeitar mais a religião, Pedro!

(E vai sentar-se, ao lado de Pedro, de costas para a cruz.)

ALAÍDE

(Para Lúcia) Diz ou não diz?

LÚCIA

(Com certa relutância) O que eu disse, mamãe, é que a senhora... transpira muito. Demais! Pronto! (Para Alaíde) Viu como eu disse?

D. LÍGIA

(Abanando-se com mais força) Mas, minha filha! Você teve coragem... Oh! Lúcia!

ALAÍDE

(Na sua cólera) Mas não foi só isso!

(Escurecimento total. Voz de Clessi ao microfone.)

MADAME CLESSI

Por que você parou no meu caso, Alaíde? (Réplica que ninguém ouve. Impaciente) Já sei! Depois você conta isso! Mas primeiro minha conversa com ele! Era tão parecido com o meu filho, mas tão! E os olhos, Alaíde! Aquele jeito de sorrir! Que é que trazia mais o jornal?

(Luz no plano da alucinação.)

ALAÍDE

(Cruel) E aquela história, "aquilo" que você disse?

D. LÍGIA

(Levantando um dos braços e abanando na altura das axilas) Chega! Alaíde! Chega! Uma filha, meu Deus!

LÚCIA

Aquilo o quê?

PEDRO

(Ajoelhado) Deixa ela dizer, D. Lígia. Está tão interessante!

ALAÍDE

(Agressiva) Não se lembra?

LÚCIA

(Resoluta) Agora me lembro! Eu também falei, mamãe, que quando a senhora começa a transpirar – a senhora é minha mãe – mas eu não posso! Não está em mim. Tenho que sair de perto! (Ao mesmo tempo que fala, aproxima-se de D. Lígia e senta-se ao seu lado.)

ALAÍDE

(Triunfante) Isso mesmo! Viu, mamãe?

(Alaíde também vem se sentar, ficando ao lado de Pedro. Trevas. Luz sobre Namorado e Clessi.)

MADAME CLESSI

(Insistente) Aceite. Não tem nada de mais isso! Tão natural!

NAMORADO

(Relutante) Não. Eu sei como você é!

MADAME CLESSI

Mas seu pai não tirou a mesada por minha causa? Então? (Noutro tom) Assim eu fico zangada!

NAMORADO

(Relutante) Para depois você dizer: "Aceitou dinheiro meu". Pensa que me esqueço?

MADAME CLESSI

Aquilo foi brincadeira! Pensou que eu estivesse falando sério?

NAMORADO

(Vencido) Então depois eu devolvo. Só assim.

MADAME CLESSI

Está bom. Que menino! (Noutro tom) Agora vá, meu filho!

NAMORADO

(Amargo) Não precisa me enxotar! Eu vou.

MADAME CLESSI

(Conciliatória) Você sabe por quê! Daqui a pouco o desembargador chega!

NAMORADO

(Enciumado) Viu?

MADAME CLESSI

O quê?

NAMORADO

(Amargo) Eu não tenho coragem de reclamar, depois que aceitei coisas de você.

MADAME CLESSI

(Explicando) Você sabe que ele é um velho amigo!

NAMORADO

(Animado) Só isso? Jura!

MADAME CLESSI

(Categórica) Então! Me conheceu menina!

NAMORADO

(Num repente, sinistro) Eu acabo matando você por causa desse desembargador! Você vai ver! (Entra a mãe do Namorado vestida à 1905.)

NAMORADO

(Em pânico) Mamãe!

(Clessi levanta-se.)

MÃE

(Com raiva concentrada) Eu bem sabia! Tinha a certeza que você estava aqui!

NAMORADO

A senhora vai fazer o quê?

MÃE

(Autoritária) Vá para casa, Alfredo!

MADAME CLESSI

(Doce) Vá. Sua mãe está mandando! (O Namorado sai, depois de tomar a bênção materna.)

MÃE

(Num largo gesto, visivelmente caricatural, trêmulo na voz) A senhora é que é Madame Clessi?

MADAME CLESSI

(Humilde) Sou. A senhora não quer sentar-se?

MÃE

(Em tom de dramalhão) Não. Estou bem assim. (Exageradíssima) Sou a mãe de Alfredo Germont.

MADAME CLESSI

(Humilde) Eu sei.

MÃE

(Com tremura na voz) Então a senhora não tem consciência?

MADAME CLESSI

(Chocada, mas doce) Eu?

MÃE

(Cada vez mais patética) A senhora, sim. Então isso se faz? Com uma criança?

MADAME CLESSI

(Suave e dolorosa) Mas que culpa tenho eu?

MÃE

Que culpa! (Noutro tom) Um menino, uma verdadeira criança, chegando em casa às duas, três, quatro horas da manhã! A senhora não vê? (Trevas. Voz de Alaíde.)

ALAÍDE

(Microfone) Mas eu estou confundindo tudo

outra vez, minha Nossa Senhora! Alfredo Germont é de uma ópera! *Traviata*. Foi, *Traviata*! O pai do rapaz veio pedir satisfações à mocinha. Como ando com a cabeça, Clessi! (*Luz no plano da memória. Clessi e Mãe do Namorado. Tom diferente de representação, mas ainda caricatural.*)

MADAME CLESSI

(*Choramingando*) O olhar daquele homem despe a gente!

MÃE

(*Com absoluta falta de compostura*) Você exagera, Scarlett!

MADAME CLESSI

Rett é indigno de entrar numa casa de família!

MÃE

(*Cruzando as pernas; incrível falta de modos*) Em compensação, Ashley é espiritual demais. Demais! Assim também não gosto.

MADAME CLESSI

(*Chorando, despeitada*) Ashley pediu a mão de Melanie! Vai se casar com Melanie!

MÃE

(*Saliente*) Se eu fosse você, preferia Rett! (*Noutro tom*) Cem vezes melhor que o outro!

MADAME CLESSI

(*Chorosa*) Eu não acho!

MÃE

(*Sensual e descritiva*) Mas é, minha filha! Você viu como ele é forte! Assim! Forte mesmo!

(*Trevas.*)

ALAÍDE

(*Microfone*) Você está vendendo, Clessi? Outra vez. Penso que estou contando o seu caso, contando o que li nos jornais daquele tempo sobre o crime, e quando acabo, misturo tudo! Misturo *Traviata*, ...E o vento levou..., com seu assassinio! Incrível!

(*Pausa*) Não é?

(*Luz no plano da memória. Clessi e Mãe do Namorado já em atitude normal.*)

MÃE

(*Ameaçadora*) É a última vez que pergunto. Desiste ou não desiste?

MADAME CLESSI

(*Com docura*) Peça tudo, tudo, menos isso. Isso, não.

MÃE

(*Agressiva*) Então vou entregar o caso à polícia. Ái quero ver.

MADAME CLESSI

(*Sonhadora*) Tenho chorado tanto! (*Noutro tom*) Nunca tive um amor. É a primeira vez. A senhora, se já amou, compreenderá.

MÃE

(*Perdendo a cabeça*) Indigna!

MADAME CLESSI

(*Com a mesma docura*) Eu sei que sou. Sei. (*Rindo e chorando*) Se a senhora visse como ele se zanga quando eu falo no desembargador!

MÃE

(*Tapando o rosto com a mão*) Meu filho metido com uma mulher desmoralizada! Conhecida!

MADAME CLESSI

(*No mesmo tom de abstração, senta-se.*) Então quando eu boto dinheiro no bolso dele!

MÃE

Mentirosa!

MADAME CLESSI

(*Sempre doce*) Ele, tão cheio de dedos para aceitar!

MÃE

Vou falar com meu marido! (*Ameaçadora*) Ah! Se isso for verdade!

(*Vai saindo, mas Clessi muda de atitude e grita violentamente.*)

MADAME CLESSI

Olha! (*Mãe pára, atônita.*) Você, sim! (*Aproxima-se, agressiva, da Mãe, que recua em pânico.*) Se vier outra vez à minha casa, corro com você daqui!

MÃE

(*As duas, face a face. Acovardando-se*) Mas que é isso?

MADAME CLESSI

(*Violenta*) Eu não sou direita, mas digo. Não esconde. Está ouvindo? Saia, já!

(*Sai a Mãe, alarmada. Trevas. Luz no plano da realidade. Redação e sala de imprensa.*)

1º FULANO

(*Berrando*) Diário!

2º FULANO

(*Berrando*) Me chama o Osvaldo!

1º FULANO

Sou eu.

2º FULANO

É Pimenta. Toma nota.

1º FULANO

Manda.

2º FULANO

Alaíde Moreira, branca, casada, 25 anos. Residência, Rua Copacabana. Olha!

1º FULANO

Que é?

2º FULANO

Essa zinha é importante. Gente rica. Mulher daquele camarada, um que é industrial, Pedro Moreira.

1º FULANO
Sei, me lembro. Continua.

2º FULANO
Afundamento dos ossos da face. Fratura exposta do braço direito. Escoriações generalizadas. Estado gravíssimo.

1º FULANO
...generalizadas. Estado gravíssimo.

2º FULANO
O chofer fugiu. Não tomaram o número. Ainda está na mesa de operação.
(*Trevas. Luz no plano da alucinação. Estão Alaíde e Clessi imóveis. Rumor de derrapagem. Grito de mulher. Ambulância.*)

MADAME CLESSI
O que é que ela disse mais no jornal?

ALAÍDE
Disse que você tinha dito: "Saia já". Que ela teve medo de ser assassinada!

MADAME CLESSI
No dinheiro que eu dava não tocou?

ALAÍDE
Quem falou ao repórter no dinheiro foi a criada!

MADAME CLESSI
(*Sardônica*) Imagine!

ALAÍDE
(*Nervosa*) Ele vem aí, Clessi! Pedro!

MADAME CLESSI
Mas você não tinha assassinado ele?

ALAÍDE
Pensei que tivesse. Mas deve ter sido sonho! Olha ele!
(*Entra Pedro, de luto. Alaíde vai ao seu encontro, sorrindo.*)

ALAÍDE
Dá licença, Clessi? (*Para Pedro, de luto*) Então, meu filho? (*Beijam-se.*)

PEDRO
(*Admirado, confidencial*) Quem é ela?

ALAÍDE
(*Como quem se escusa*) Ah! É mesmo! Me esqueci de apresentar! Clessi, Madame Clessi! Aqui, meu marido!

PEDRO
(*Amável*) A senhora é uma que foi assassinada?

MADAME CLESSI
Pois não.

ALAÍDE
Foi, sim. Em 1905. Aquela que eu lhe contei, Pedro.

PEDRO
Eu me lembro perfeitamente. O namorado era um colegial, não é? Deu uma punhalada?

MADAME CLESSI
(*Sonhadora*) De dia, usava uniforme cáqui. De noite, não.

ALAÍDE
Agora quer dar licença, Clessi?

MADAME CLESSI
Claro.

ALAÍDE
Preciso falar com Pedro uma coisa. Depois chamo você.

PEDRO
(*Para Clessi, que sai, cínico*) Apareça!
(*Clessi, antes de sair, ainda se vira para ele e cumprimenta.*)

PEDRO
(*Com súbita irritação*) Que negócio é esse de você andar falando com Madame Clessi?

ALAÍDE
(*Atarantada*) Que é que tem de mais, meu filho?

PEDRO
(*Com veemência*) Ela não é direita! Não quero essas relações!

ALAÍDE
(*Exaltando-se*) Ela não é direita! E você é "direito" – é? Você pensa que eu não sei de nada? Pensa mesmo?

PEDRO
(*Espantado*) Não sabe o quê?

ALAÍDE
(*Excitada*) Que você e Lúcia... (*Ameaçadora*) Sim, você e Lúcia! Andam desejando a minha morte!

PEDRO
(*Virando-lhe as costas*) Você está doida.

ALAÍDE
Doida, eu! Você sabe que não! Então eu não vejo?

PEDRO
(*Volta a ficar de frente*) O que é que você vê?

ALAÍDE
Vocês cochichando! Eu apareço (*Sardônica*), vocês arranjam logo um assunto diferente, muito diferente, ficam tão naturais.

PEDRO
(*Irônico*) Você tem imaginação, minha filha!

ALAÍDE
Dia e noite, desejando que eu morra! Eu sei para que é! Para se casarem depois da minha morte!

PEDRO
(*Num tom especial*) Então você acha?... Sério?...

ALAÍDE
(*Numa excitação progressiva*) Já planejaram tudo! Todo o crime! Assassinato sem deixar vestígios!

PEDRO
(*Sardônico*) Autêntico crime perfeito!

MADAME CLESSI

(Microfone) Que dois! Planejando um crime!

ALAÍDE

(Sempre excitada) Ainda por cima se faz de inocente! Mas eu pego vocês dois – direitinho! Deixa estar!

(Lúcia entra, como uma aparição. Vem de luto fechado.)

LÚCIA

Ah! Vocês estão aí?

ALAÍDE

(Triunfante) Pronto! Chegou a cúmplice! Vocês estão tão certos da minha morte que até já botaram luto!

LÚCIA

(Inocente) O que é que há?

PEDRO

(Apontando para a testa) É Alaíde que não está regulando bem!

ALAÍDE

(Fremento, para Lúcia) Venha repetir para meu marido aquilo que você disse, “aquilo”! No dia do meu casamento!

LÚCIA

Sei lá de que é que você está falando!

MADAME CLESSI

(Microfone) Irmã assim é melhor não ter!

ALAÍDE

Sabe, sim. Sabe! Aquela insinuação que você fez... Que eu podia morrer!

LÚCIA

(Virando-lhe as costas) Você está sonhando, minha filha! Disse coisa nenhuma!

ALAÍDE

Covarde! Agora está com medo! Mas disse – disse a mim!

PEDRO

Mas se ela nega, Alaíde!

LÚCIA

(Noutra atitude) Pois disse! Pronto! Disse! E agora?

ALAÍDE

(Patética) Então me mate! Por que não me matam? Estamos sozinhos! Depois vocês escondem o meu corpo debaixo de qualquer coisa! (E, à medida que ela fala, os três se aproximam, juntam as cabeças. As cabeças baixam, seguindo o ritmo das palavras.)

PEDRO

(Sinistro) Agora, não! Tem tempo!

(Quando ele acaba, tem-se a impressão plástica de um buquê de cabeças. Trevas. Luz no plano da realidade: rumor de ferros cirúrgicos.)

1º MÉDICO

Pulso?

2º MÉDICO

Incontável... Não reage mais!

1º MÉDICO

Colapso!

3º MÉDICO

Pronto!

(Um dos médicos está cobrindo o rosto de uma mulher. Saem os médicos lentamente, um deles tirando a máscara. “Marcha fúnebre.” Trevas. Luz no plano da alucinação. Alaíde e Clessi de costas para a platéia. Alaíde com um buquê, no qual está dissimulado o microfone. Luz no plano da realidade: botequim e redação.)

PIMENTA

(Berrando) Morreu a fulana.

REPÓRTER

(Berrando e tomando nota) Qual?

PIMENTA

A atropelada da Glória.

REPÓRTER

Que mais?

PIMENTA

Chegou aqui em estado de choque. Morreu sem recobrar os sentidos; não sofreu nada.

REPÓRTER

Isso é o que você não sabe!

PIMENTA

A irmã chora tanto!

REPÓRTER

Irmã é natural!

PIMENTA

Um chuchu!

REPÓRTER

Quem?

PIMENTA

A irmã.

(Trevas. Luz no plano da realidade: Lúcia e Pedro. Lúcia chorando. Coroas. Luz também no plano irreal.)

ALAÍDE

Quem terá morrido ali, naquela casa?

MADAME CLESSI

Olha! Uma fortuna em flores!

ALAÍDE

Enterro de gente rica é assim.

MADAME CLESSI

O meu também teve muita gente, não teve?

ALAÍDE

Pelo menos, o jornal disse.

(No plano da realidade.)

PEDRO
(Em voz baixa) Lúcia!

LÚCIA
(Tomando um choque, levantando-se) Que é? Que horas são?

PEDRO
Três horas.

LÚCIA
Fique longe de mim! Não se aproxime!

PEDRO
Mas que é isso?

LÚCIA
(Com ódio concentrado) Nunca mais! Nunca mais quero nada com você! Juro!

PEDRO
Você enlouqueceu? O que é que eu fiz?

LÚCIA
(Obstinada) Jurei diante do corpo de Alaíde!

PEDRO
(Chocado) Você fez isso?

LÚCIA
(Com decisão) Fiz. Fiz, sim. Quer que eu vá na sala e jure outra vez? (Mergulha a cabeça entre as mãos.) Ontem, antes dela sair para morrer, tivemos uma discussão horrível!

PEDRO
(Baixo) Ela sabia?

LÚCIA
(Patética) Sabia. Adivinhou o nosso pensamento. E eu disse.

PEDRO
Mas comigo nunca tocou no assunto.

LÚCIA
Discutimos quantas vezes! Ameacei-a de escândalo. Mas ontem foi horrível – horrível! Sabe o que ela me disse? “Nem que eu morra, deixarei você em paz!”
(Lúcia fala com a cabeça entre as mãos. Alaíde responde através do microfone escondido no buquê. Luz cai em penumbra, durante todo o diálogo evocativo.)

ALAÍDE
(Com voz lenta e sem brilho) Nem que eu morra, deixarei você em paz!

LÚCIA
(Falando surdamente) Pensa que eu tenho medo de alma do outro mundo?

ALAÍDE
(Microfone) Não brinque, Lúcia! Se eu morrer – não sei se existe vida depois da morte – mas se existir, você vai ver!

LÚCIA
(Sardônica) Ver o quê, minha filha?

ALAÍDE
(Microfone) Você não terá um minuto de paz, se casar com Pedro! Eu não deixo – você verá!

LÚCIA
(Irônica) Está tão certa assim de morrer?

ALAÍDE
(Microfone) Não sei! Você e Pedro são capazes de tudo! Eu posso acordar morta e todo o mundo pensar que foi suicídio!

LÚCIA
Quem sabe? (Outro tom) Eu mandei você tirar Pedro de mim?

ALAÍDE
(Microfone) Mas que foi que eu fiz, meu Deus?

LÚCIA
(Sardônica) Nada!

ALAÍDE
(Microfone) Fiz o que muitas fazem. Tirar um namorado! Quer dizer, uma vaidade... (Com veemência) Você, não! Você e Pedro querem me matar. Isso, sim, é que é crime, não o que eu fiz!

LÚCIA
(Irritante) Mas conquistou Pedro tão mal que ele anda atrás de mim o dia todo!

ALAÍDE
(Microfone) Sabe para onde eu vou agora?

LÚCIA
Não me interessa!

ALAÍDE
E nem digo – minha filha! Vou ter uma aventura! Pecado. Sabe o que é isso? Vou visitar um lugar e que lugar! Maravilhoso! Já fui lá uma vez!

LÚCIA
(Sardônica) Imagino.

ALAÍDE
(Com provocação) Na última vez que fui, tinha duas mulheres dançando. Mulheres com vestidos longos, de cetim amarelo e cor-de-rosa. Uma vitrola. Olha: querendo, pode dizer a Pedro. Não me incomodo. Até é bom!

LÚCIA
(Sardônica) Mentirosa!

ALAÍDE
(Microfone) Ah! Sou?

LÚCIA
(Afirmativa, elevando a voz) É! Não foi lá nunca! Nunca! Tudo isso que você está contando – as duas mulheres, os vestidos de cetim, a vitrola – você leu num livro que está lá em cima! Quer que eu vá buscar? Quer?

ALAÍDE
(Microfone) Está bem, Lúcia. Não fui, menti.
(Dolorosa)

LÚCIA

(Cruel) Você podia ir e ficar por lá!

ALAÍDE

(Microfone) Ouça bem. Eu posso morrer cem vezes, mas você não se casará com Pedro.
(Luz volta a ser normal.)

LÚCIA

(Impressionadíssima, agora para Pedro) Agora, quando penso em Alaíde, só consigo vê-la de noiva.

PEDRO

(Taciturno) Foi isso que ela disse, só?

LÚCIA

(Sombria) Só. Previa que ia morrer!

PEDRO

(Com certa ironia) Isso também nós prevíamos.

LÚCIA

Você diz "nós"!

PEDRO

(Afirmativo) Digo, porque você também previa.

(Pausa) Previa e desejava. Apenas não pensamos no atropelamento. Só.

LÚCIA

(Com desespero) Foi você que botou isso na minha cabeça – que ela devia morrer!

PEDRO

(Com cinismo cruel) Então não devia?

LÚCIA

(Desesperada) Você é um miserável! Nem ao menos espera que o corpo saia! Com o corpo, ali, a dois passos. (Aponta para a direção do que deve ser a sala contígua.) Você dizendo isso!

PEDRO

(Insinuando) Quem é o culpado?

LÚCIA

(Espantada) Eu, talvez!

PEDRO

(Enérgico) Você, sim!

LÚCIA

(Espantada) Tem coragem...

PEDRO

Tenho. (Com veemência) Quem foi que disse: "Você só toca em mim casando!" Quem foi?

LÚCIA

Fui eu, mas isso não quer dizer nada!

PEDRO

(Categórico) Quer dizer tudo! Tudo! Foi você quem me deu a idéia do "crime"! Você!

LÚCIA

(Com medo) Você é tão ruim, tão cínico, que me acusa!

PEDRO

(Com veemência, mas baixo) Ou você ou ela tinha que desaparecer. Preferi que fosse ela.

LÚCIA

(Com angústia) Essa conversa quase diante do caixão!

PEDRO

(Sempre baixo) Não estudamos o "crime" em todos os detalhes? Você nunca protestou! Você é minha cúmplice!

LÚCIA

(Alheando-se, espantada) Mandaram tantas flores!

PEDRO

(Insistente) Agora você se acovarda porque o corpo ainda está aqui!

LÚCIA

(Meio alucinada) Você se lembra do que ela dizia? Daquela vaidade?

VOZ DE ALAÍDE

(Microfone) Eu sou muito mais mulher do que você – sempre fui!

LÚCIA

(Nourta atitude) Foi você quem perdeu minha alma!

PEDRO

(Rápido) E você a minha!

LÚCIA

(Sardônica) Você nunca prestou! Foi sempre isso! Não me olhe, que não adianta!

PEDRO

Está bem. Depois eu falo com você.

LÚCIA

É inútil. Não serei de você, nem de ninguém. Você nunca me tocará, Pedro.

PEDRO

Você diz isso agora!

LÚCIA

Jurei que nem um médico veria o meu corpo.

PEDRO

(Cruel) Então ela ficou impressionadíssima com as mulheres vestidas de amarelo e cor-de-rosa. Uma vitrola! Duas fulanas dançando!

LÚCIA

(Chorosa) Não fale assim! Ela está ali. Morreu.

PEDRO

(Sardônico) Era louca por toda mulher que não prestava. Vivia me falando em Clessi. Uma desequilibrada!

LÚCIA

(Revoltada) Você deve estar bêbedo para falar assim!

PEDRO

(A sério) Ou louço... (Grave) Não tenho o menor medo da loucura.

(Trevas.)

SPEAKER

Pedro Moreira, Gastão dos Passos Costa, senhora e filha, Carmem dos Passos, Eduardo Silva e senhora (ausentes), Otávio Guimarães e senhora, agradecem, sensibilizados, a todos os que compareceram ao sepultamento de sua inesquecível esposa, filha, irmã, sobrinha e cunhada Alaíde e convidam parentes e amigos para a missa de 7º dia, a realizar-se sábado, 17 do corrente, na Igreja da Candelária, às 11 horas.
(Luz no plano da realidade: Lúcia e a Mãe.)

LÚCIA

(Como uma louca) Você viu o que saiu no jornal? “Alaíde Moreira, branca, casada...” (Sardônica) Branca!... (Surdamente) “Fratura exposta do braço direito. Afundamento dos ossos da face...”

MÃE

(Assustada) Não fique assim, Lúcia!

LÚCIA

(Continuando sem dar atenção) “...escoriações generalizadas... Não resistindo aos padecimentos”... (Com voz surda) Sei isso de cor, mamãe! De cor!

MÃE

Minha filha!

LÚCIA

(Espantada) Está ouvindo, mamãe? Ela outra vez! Ela voltou – não disse?

MÃE

Não é nada, minha filha. Ilusão sua.

LÚCIA

(Atônita) Mas eu ouço a voz dela. Direitinho! Falando!

MÃE

Você parece criança, minha filha!

LÚCIA

(Com ar estranho) Não foi nada. Bobagem.

ALAÍDE

(Microfone) Você sempre desejou a minha morte. Sempre – sempre.

MÃE

Quando você for para a fazenda, tudo isso passa. Lá o clima é uma maravilha!

(Trevas. Só microfone.)

PAI

(Microfone) Que é que há com Lúcia e Pedro?

MÃE

(Microfone) Que eu saiba, nada. Por quê?

PAI

(Microfone) Você não viu ontem?

MÃE

(Microfone) Aquilo?

PAI

(Microfone) É. Foi esquisito.

MÃE

(Microfone) Talvez tenha sido sem querer.

PAI

(Microfone) Sem querer coisa nenhuma.

MÃE

(Microfone) Lúcia anda tão nervosa! Mas eu falo com ela.

PAI

(Microfone) Não se meta.

MÃE

(Microfone) Ela ontem me disse uma coisa!

Enfim...

(Luz no plano da realidade: pai e mãe de Lúcia, esta e D. Laura. Lúcia chega de viagem.)

MÃE

Lúcia!

LÚCIA

Mãe! Quantas saudades!

PAI

Eu não mereço.

LÚCIA

Papai!

MÃE

Está tão mais gorda, corada – não é, Gastão?

PAI

Muito mais.

D.LAURA

Depois, quando a gente tira o luto, é outra coisa!

LÚCIA

Ah D. Laura! Nem tinha visto a senhora!

(Saem D. Laura e mãe de Lúcia.)

PAI

(Confidencial) Já resolveu?

LÚCIA

O que é que o senhor acha, papai?

PAI

Isso é com você, minha filha: você é quem tem que decidir.

(Trevas. Luz sobre Alaíde e Clessi, poéticos fantasmas. Iluminam-se as duas divisões extremas do plano da realidade. À direita do público, sepultura de Alaíde. À esquerda, Lúcia, vestida de noiva, prepara-se no espelho. Arranjo da “Marcha nupcial” e da “Marcha fúnebre”.)

LÚCIA

Aperta bem, mamãe.

D.LÍGIA

Está muito folgado aqui!

LÚCIA

Será que Pedro já chegou?

D. LÍGIA

D. Laura aparece quando ele chegar.

LÚCIA

(Retocando qualquer coisa no espelho) Eu só quero que ele me veja lá na igreja.

(Entra D. Laura.)

D. LAURA

Pode-se ver a noiva?

LÚCIA

Ah! D. Laura!

(Beijam-se.)

D. LAURA

(Para D. Lígia) A senhora deve estar muito atrapalhada!

D. LÍGIA

Nem faz idéia!

LÚCIA

(Com dengue) Estou muito feia, D. Laura?

D. LAURA

Linda! Um amor!

LÚCIA

(Estendendo os braços) O buquê.

(Crescendo da música, funeral e festiva. Quando Lúcia pede o buquê, Alaíde, como um fantasma, avança na direção da irmã por uma das escadas laterais, numa atitude de quem vai entregar o buquê. Clessi sobe a outra escada. Uma luz vertical acompanha Alaíde e Clessi. Todos imóveis em pleno gesto. Apaga-se, então, toda a cena, só ficando iluminado, sob uma luz lunar, o túmulo de Alaíde. Crescendo da "Marcha fúnebre". Trevas.)

FIM

OBS: Estréia no Municipal do Rio de Janeiro, com “Os Comediantes”, em dezembro de 1943 e janeiro de 1944. Representada no Municipal de São Paulo em junho de 1944. No Fênix, do Rio de Janeiro, de novembro de 1944 a janeiro de 1945. No Municipal de São Paulo em abril de 1947. No Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, em temporada popular, em novembro de 1947. Direção e encenação de Ziembinski, cenários de Santa Rosa.

A MORATÓRIA

Peça em três atos de JORGE ANDRADE

PERSONAGENS:

JOAQUIM
HELENA
LUCÍLIA
MARCELO
OLÍMPIO
ELVIRA

CENÁRIO:

Dois planos dividem o palco mais ou menos em diagonal.

PRIMEIRO PLANO ou PLANO DA DIREITA: Sala modestamente mobiliada. Na parede lateral direita, duas portas: a do fundo, quarto de Marcelo; a do primeiro plano, cozinha. Ao fundo da sala, corredor que a liga às outras dependências da casa. À esquerda, mesa comprida de refeições e de costura; junto a ela, em primeiro plano, máquina de costura. Encostado à parede lateral direita, entre as duas portas, banco comprido, sem pintura. Na mesma parede, bem em cima do banco, dois quadros: Coração de Jesus e Coração de Maria. Acima dos quadros, relógio grande de parede. No corte da parede imaginária que divide os dois planos, preso à parede, como se fosse um enfeite, um galho seco de jabuticabeira

SEGUNDO PLANO ou PLANO DA ESQUERDA: Elevado mais ou menos uns 30 ou 40 centímetros acima do palco. Sala espaçosa e ricamente mobiliada. À esquerda baixa, porta do quarto de Joaquim; à esquerda alta, porta em arco que liga a sala com a entrada principal da casa e as outras dependências. Na parede do fundo, à direita, porta do quarto de Marcelo; à esquerda, porta do quarto de Lucília. Bem no centro da parede do fundo, o mesmo relógio do PRIMEIRO PLANO. Na parede, entre a porta do quarto de Joaquim e da porta em arco, os mesmos quadros do PRIMEIRO PLANO.

OBSERVAÇÃO:

As salas são iluminadas normalmente, como se fossem uma única, não podendo haver jogo de luz, além daquele previsto no texto. A diminuição da luz no PLANO DA DIREITA ou PRIMEIRO PLANO, na cena final da peça, embora determinada pelo texto, não precisa ser rigorosamente seguida.

AÇÃO:

No SEGUNDO PLANO ou PLANO DA ESQUERDA, a ação se passa em uma fazenda de café em 1929; no PRIMEIRO PLANO ou PLANO DA DIREITA, mais ou menos três anos depois, numa pequena cidade nas proximidades da mesma fazenda.

CENA:

Ao abrir-se o pano, somente o PRIMEIRO PLANO está iluminado. Lucília acaba de cortar um vestido, senta-se à máquina e começa a costurar; suas pernas movimentam-se com incrível rapidez. Joaquim, ligeiramente curvado, aparece à porta da cozinha com uma cafeteira na mão.

PRIMEIRO PLANO

JOAQUIM

Lucília! (Sai.)

(Pausa. Lucília continua costurando. Joaquim aparece novamente.)

JOAQUIM

Lucília!

LUCÍLIA

(Sem parar de costurar) Senhor.

JOAQUIM

Venha tomar o café.

LUCÍLIA

Agora não posso.

JOAQUIM

O café esfria.

LUCÍLIA

Meu serviço está atrasado.

JOAQUIM

Ora, minha filha, cada coisa em sua hora.

LUCÍLIA

Para quem tem muito tempo.

JOAQUIM

Não é preciso se matar assim. Tudo tem um limite.

LUCÍLIA

Sou obrigada a trabalhar como uma... (*Contém-se.*)

JOAQUIM

Você já “amanhece” irritada!

LUCÍLIA

Desculpe, papai.

JOAQUIM

Venha.

LUCÍLIA

(Acalmando-se) O senhor pode trazer para mim? (*Joaquim entra na cozinha e logo aparece com uma xícara de leite.*)

JOAQUIM

Olhe aqui, beba.

LUCÍLIA

Não suporto esse leite.

JOAQUIM

Não comece, Lucília.

LUCÍLIA

(Pausa) Foi ao médico?

JOAQUIM

Fui. Só para fazer a sua vontade.

LUCÍLIA

Que disse ele?

JOAQUIM

Nada. Que poderia dizer?

LUCÍLIA

O senhor anda se queixando do braço.

JOAQUIM

Deve ser de rachar lenha.

LUCÍLIA

Não deu nenhum remédio?

JOAQUIM

Tenho saúde de ferro. Pensa que sou igual a esses mocinhos de hoje?

LUCÍLIA

Estou perguntando, papai, se não receitou nenhum remédio?

JOAQUIM

Se tivesse receitado eu teria dito.

LUCÍLIA

O senhor acha que comprar remédio é jogar dinheiro fora.

JOAQUIM

E é mesmo.

LUCÍLIA

Tenho dinheiro. Se o senhor precisar é só falar.

JOAQUIM

(*Impaciente*) Já disse que não receitou.

LUCÍLIA

Melhor, então.

JOAQUIM

O médico disse que ainda tenho cem anos de vida.

LUCÍLIA

Não gosto de gente exagerada.

JOAQUIM

Está muito certo. Nunca senti nada.

LUCÍLIA

(*Voltando à costura*) Hoje tudo está atrasado.

JOAQUIM

Não se afobe, minha filha.

LUCÍLIA

E que faço do meu serviço?

JOAQUIM

Que importância tem? Você não é obrigada a costurar. Até prefiro que...

LUCÍLIA

(Corta.) Ora, papai! (Pausa. *Lucília olha para Joaquim e disfarça.*) Tia Elvira vem experimentar o vestido e ainda tenho que acabar o da Mafalda.

JOAQUIM

Por que é que sua tia precisa de tantos vestidos?

LUCÍLIA

Ela vai a uma festa amanhã.

JOAQUIM

(Sai levando a xícara.) É um despropósito fazer um vestido para cada festa.

LUCÍLIA

Assim gasta um pouco do dinheiro que tem.

JOAQUIM

(Voz) Não é a festa do coronel Bernardino?

LUCÍLIA

É.

JOAQUIM

(Voz) Você não vai?

LUCÍLIA

Não.

JOAQUIM

(Voz) Por que não? Recebemos convite.

LUCÍLIA

Não quero.

JOAQUIM

(Pausa. *Reaparecendo*) Não sei por que, depois que viemos para a cidade, você se afastou de tudo e de todos.

LUCÍLIA
Convidaram por amabilidade apenas.

JOAQUIM
Convidaram porque você é minha filha. É uma obrigação.

LUCÍLIA
Conheço essa gente.

JOAQUIM
Você precisa se divertir também.

LUCÍLIA
Preciso, mas não posso.

JOAQUIM
(Violento) Pode. Pode.

LUCÍLIA
Não se exalte, papai.

JOAQUIM
Eu digo que pode.

LUCÍLIA
Está certo, sou eu que não quero.

JOAQUIM
(Pausa) Sei o que você sente. Eu também me sinto assim.

LUCÍLIA
É apenas por causa do meu trabalho, nada mais.

JOAQUIM
Há de chegar o dia em que vai poder ir a todas as festas novamente. E de cabeça erguida.

LUCÍLIA
Ainda estou de cabeça erguida. Posso perfeitamente recusar um convite. (Pausa. Os dois se entreolham ligeiramente.) Não vou porque fico cansada.

JOAQUIM
Eu sei. Eu sinto o que é. (Pausa) De cabeça erguida! Prometo isso a você.

LUCÍLIA
Não faço questão nenhuma.

JOAQUIM
Eu faço.

LUCÍLIA
Está bem. Não se toca mais neste assunto. (Pausa)

JOAQUIM
Com a nulidade do processo, vou recuperar a fazenda. Darei a você tudo o que desejar.

LUCÍLIA
Não vamos falar nisso.

JOAQUIM
Por que não? Eu quero falar.

LUCÍLIA
É bom esperar primeiro a decisão do tribunal.

JOAQUIM
(Impaciente) O mal de vocês é não ter esperança. Essa é que é a verdade.

LUCÍLIA
E o mal do senhor é ter demais.

JOAQUIM
Esperança nunca é demais.

LUCÍLIA
Não gosto de me iludir. E depois, se recuperarmos a fazenda, vamos ter que trabalhar muito para pagá-la.

JOAQUIM
Pois trabalha-se.

LUCÍLIA
Só depois disso poderemos pensar em recompensa... e outras coisas. Até lá preciso costurar e com calma.

JOAQUIM
É exatamente o que não suporto.

LUCÍLIA
O quê?

JOAQUIM
Ver você costurando para essa "gente". Gente que não merecia limpar nem nossos sapatos!

LUCÍLIA
Não reparo "neles". Não sei quem são, nem me interessa. Trabalho apenas. (Por um momento fica retesada.) Por enquanto, não há outro caminho.

JOAQUIM
Gentinha! Só tem dinheiro.

LUCÍLIA
(Seca.) É o que não temos mais.

JOAQUIM
(Pausa) Quando meus antepassados vieram para aqui, ainda não existia nada. Nem gente dessa espécie. (Pausa) Era um sertão virgem! (Sorri.) A única maneira de se ganhar dinheiro era fazer queijos. Imagine, Lucília, enchiham de queijos um "carro de bois" e iam vender na cidade mais próxima, a quase 200 quilômetros! Na volta, traziam sal, roupas, ferramentas, tudo que era preciso na fazenda. Foram eles que, mais tarde, cederam as terras para se fundar esta cidade. (Pausa) Quando eu penso que agora...

LUCÍLIA
(Corta, áspera.) Papai! Já pedi ao senhor para não falar mais nisso. O que não tem remédio remediado está.

(Pausa. Joaquim fica sem saber o que fazer.
Atrapalha-se quando tenta arrumar os figurinos que estão em cima da mesa.)

LUCÍLIA
(Impaciente) Papai! Não misture meus figurinos.

JOAQUIM
Queria arrumar.

LUCÍLIA

Não é preciso.

JOAQUIM

(Pausa) Onde está sua mãe?

LUCÍLIA

O senhor sabe que ela foi à igreja.

(Na palavra "igreja" o SEGUNDO PLANO se ilumina.)

JOAQUIM

É verdade.

(Pausa. Joaquim olha para os quadros no PRIMEIRO PLANO. Helena aparece no SEGUNDO PLANO; encaminha-se para os quadros, ajoelha-se e começa a rezar.)

JOAQUIM

Era diante desses quadros que sua mãe costumava rezar lá na fazenda. (Pausa) Foram sua igreja durante trinta e cinco anos!

(Lucília olha para Joaquim e sorri com carinho. Depois de um instante, como se procurasse alguma coisa para dizer ao pai...)

LUCÍLIA

Veio o café?

JOAQUIM

Não.

LUCÍLIA

Tia Elvira prometeu mandar hoje.

JOAQUIM

Prometeu, mas não mandou.

LUCÍLIA

O senhor olhou direito na "jardineira"?

JOAQUIM

Naturalmente que olhei. Só veio o latãozinho de leite.

LUCÍLIA

Com certeza a tia Elvira começa a achar que nos ajuda demais. Um latãozinho de leite por dia!

JOAQUIM

(Abaixa ligeiramente a cabeça.) Deve ter esquecido.

LUCÍLIA

Ela não se cansa de falar na ajuda que nos dá e nas dificuldades que todo mundo está atravessando.

JOAQUIM

(Incomodado) Sua mãe não devia ficar tanto tempo na igreja.

LUCÍLIA

Ou achou melhor trazer pessoalmente, para não esquecermos que devemos favores a eles. Aposto como vai contar a luta que teve para conseguir um pouco de café!

(Joaquim olha para Lucília durante um instante, contrai o rosto e abaixa a cabeça.)

LUCÍLIA

A verdade é que ela deve ter a consciência bem pesada.

JOAQUIM

Por quê?

LUCÍLIA

O senhor não se lembra mais?

JOAQUIM

(Levanta-se.) Não preciso deles para recuperar o que é meu.

LUCÍLIA

Um dia hei de dizer tudo isso a ela.

JOAQUIM

(Saindo para a cozinha) As colheitas andam más.

(Só a voz de Joaquim) Não há mais café como antigamente.

LUCÍLIA

Não se esqueça de que a fazenda deles tem setecentos mil pés de café.

JOAQUIM

(Voz) Que adianta? Não chove!

LUCÍLIA

Enfim: é sempre a mesma coisa: chuva, chuva! (Toca a máquina.) Quando morávamos na fazenda a ladainha era a mesma. (Pausa) O que sei é que preciso trabalhar se quisermos viver, pelo menos decentemente. (Joaquim aparece na porta em arco no SEGUNDO PLANO; está de perneiras e traz um chicote na mão.)

SEGUNDO PLANO

JOAQUIM

Se continuar assim, não sei onde vamos parar! (Helena levanta-se e volta-se para Joaquim.)

HELENA

O que foi que você disse?

JOAQUIM

Não chove, não pode haver café.

HELENA

Hoje tudo está ficando diferente! Não comprehendo mais nada. "De primeiro", tempo de chuva era tempo de chuva.

JOAQUIM

Não há mais café como antigamente.

HELENA

Este ano você estava tão animado, Quim.

JOAQUIM

A safra parecia ser igual à do ano passado. O café estava bem "abotoado".

HELENA

Ainda temos uma florada.

JOAQUIM

Basta olhar o cafezal para desanistar.

HELENA
(Aflita) Meu Deus! (Vacila.)

JOAQUIM
O que foi? Está sentindo alguma coisa, Helena?

HELENA
(Disfarça.) Não estou sentindo nada.

JOAQUIM
E para completar: estes preços!

HELENA
(Aflita) Caíram mais?

JOAQUIM
Espero que não.

HELENA
(Pausa) Quim!

JOAQUIM
Que é?

HELENA
Você...

JOAQUIM
O que há?

HELENA
Falou com a Elvira?

JOAQUIM
(Contraí-se.) Não.

HELENA
Quer que eu fale?

JOAQUIM
Não temos nada a falar com ela.

HELENA
Mas, Quim, nós não podemos continuar assim!

JOAQUIM
Eu sei o que faço.

HELENA
É apenas um empréstimo.

JOAQUIM
Não chegamos ainda ao ponto de esmolar.

HELENA
É um negócio como outro qualquer.

JOAQUIM
Conheço bem aquele... (Pára, enraivecido.) Não moveria uma palha para salvar a minha fazenda.

HELENA
Salvar?!

JOAQUIM
Se fosse este o caso. Eles nunca nos perdoaram por termos ficado com esta fazenda.

HELENA
Ora, Quim, já esqueceram. Você é que não sabe perdoar.

JOAQUIM
Só me faltava esta, agora.

HELENA
O que foi?

JOAQUIM
Você se juntar com minha irmã e meu cunhado para falar de mim.

HELENA
Mas quem é que está falando de você? Quero apenas que resolva esta situação.

JOAQUIM
Tenho dinheiro a receber com o Arlindo.

HELENA
Ele não decide nunca!

JOAQUIM
Darei um jeito com o banco.

HELENA
Não gosto de banco.

JOAQUIM
Eu também não, mas, que vamos fazer?!

HELENA
Já devemos ao banco.

JOAQUIM
Minha fazenda é uma garantia.

HELENA
Quem sabe se a Elvira...

JOAQUIM
Helena! Eu ainda sei defender os meus negócios. Chega!

HELENA
Quero ajudar. Não suporto mais esta incerteza. Afinal você entregou o café ao Arlindo e até hoje nada!

JOAQUIM
Entre dois homens de bem, a palavra empenhada basta.

HELENA
Vender o café a prazo nesta situação é perigoso, Quim.

JOAQUIM
Não há perigo nenhum. As coisas não são feitas assim como você pensa. O que podem me fazer? Tenho os meus direitos. Quando receber o dinheiro do Arlindo, pago os débitos e pronto.

HELENA
Deus queira. (Encaminha-se para o seu quarto e sai.)

JOAQUIM
(Indo à cozinha) Sei o que faço. Cuide dos seus afazeres que eu cuido dos meus. (Pára e olha para a porta do quarto de Marcelo; dirige-se para lá.) Marcelo! (Batê na porta.) Marcelo! Levante-se. Isto não é hora de um homem estar na cama. O sol já está quase dobrando no céu. Levante-se. Vamos ter uma conversa séria hoje.

(Joaquim dirige-se para a cozinha e sai. Acentua-se o barulho da máquina de Lucília. Helena aparece

no PRIMEIRO PLANO, com um véu e um livro de missa na mão; coloca-os em cima da mesa.)

PRIMEIRO PLANO

HELENA

O Marcelo ainda não se levantou?

LUCÍLIA

Não, senhora.

HELENA

Marcelo! (*Bate na porta.*) Marcelo! Levante-se, meu filho. Você não vai ao frigorífico? (*Ouve qualquer coisa.*) Então venha tomar o seu café.

LUCÍLIA

Vamos ver se pelo menos neste emprego ele pára mais.

HELENA

É preciso um pouco de paciência, minha filha.

LUCÍLIA

Você tem demais.

HELENA

Ele tomou juízo.

LUCÍLIA

Já era tempo.

HELENA

(*Desviando a conversa*) A igreja estava repleta.

LUCÍLIA

Mamãe! A senhora não devia ficar até esta hora sem comer nada.

HELENA

Fui comungar.

LUCÍLIA

A senhora comungou domingo.

HELENA

(*Pausa*) Nem quando eu morava lá na fazenda deixava de comungar na primeira sexta feira do mês. Por que vou deixar agora?

JOAQUIM

Helena! (*Joaquim aparece à porta da cozinha do PRIMEIRO PLANO.*) Coei o café para você. Venha tomar.

(*Helena dirige-se para a cozinha; ao passar perto de Joaquim, este lhe faz uma carícia; Helena sorri.*)

LUCÍLIA

Mamãe! O café não veio.

HELENA

Não veio?

JOAQUIM

Não.

HELENA

Se a Elvira prometeu é porque dará um jeito de mandar. (*Sai.*)

LUCÍLIA

Se não vier, mando comprar e pronto.

JOAQUIM

A gente pode precisar do dinheiro para outra coisa.

LUCÍLIA

Trabalho é para comprar o que for necessário.

JOAQUIM

Mas nós temos.

LUCÍLIA

O quê?

JOAQUIM

Café!

LUCÍLIA

Tia Elvira gosta de se fazer esperada. Por mim, não aceitaria nada que viesse daquela gente!

JOAQUIM

(*Pausa*) É que o café que a gente compra por aí... é tão ruim!

(*Lucília olha para o pai e continua o seu trabalho. Joaquim vai ao banco, senta-se e começa, pacientemente, a desfiar pequenos pedaços de pano. Helena aparece no SEGUNDO PLANO, à porta do seu quarto; arruma-se, olha para a cozinha e vai até a porta do quarto de Marcelo.*)

SEGUNDO PLANO

HELENA

Marcelo!

MARCELO

(*Voz*) Senhora.

HELENA

Levante-se, meu filho. Seu pai já chamou.

MARCELO

Já estou de pé.

HELENA

É preciso que você vá à cidade.

MARCELO

(*Aparece, acabando de se vestir.*) O que aconteceu hoje nesta casa?

HELENA

Nada. Por quê?

MARCELO

Todo mundo quer que eu me levante, conversar comigo. O que foi?

HELENA

Já é hora, meu filho.

MARCELO

Não se pode nem dormir sossegado.

HELENA

Seu pai já percorreu toda a fazenda.

MARCELO

Pudera! Ele “levanta com as galinhas”!

JOAQUIM

(*PRIMEIRO PLANO*) Lucília!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Isto não é hora para dormir.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Senhor.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Por que esta aflição?

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) O Olímpio não disse nada na carta?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Não.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Preciso conversar com a sua tia Elvira, vá chamá-la.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Nem quando pretendia voltar?

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Há duas coisas que não nego nunca a você: levantar e ir à cidade.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (Ligeira vacilação) N.. não senhor.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Depressa. Nada de brincadeira.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Ele trata dos meus negócios e não tem nada a me dizer?

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Mande o Benedito “arriar” o cavalo para mim.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) O que ele tinha a dizer era para mim.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Arreie você mesmo.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Mas, afinal, para que temos empregados?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Ora, meu filho, não seja preguiçoso! (Encaminha-se para a cozinha.) Diga à sua tia que preciso muito falar com ela. (Saem.)

PRIMEIRO PLANO**JOAQUIM**

Acho esquisito que, justamente na semana em que se vai resolver o processo, meu advogado não tenha nada a me comunicar.

LUCÍLIA

Pois não tinha. Ele, às vezes, costuma também ter o que me dizer que não seja “ação de nulidade”.

JOAQUIM

(Pausa) Você ainda não resolveu, minha filha?

LUCÍLIA

O quê?

JOAQUIM

Marcar o casamento.

LUCÍLIA

Não.

JOAQUIM

Por que não?

LUCÍLIA

Prefiro não conversar a esse respeito.

JOAQUIM

(Impaciente) Pois eu digo que é preciso.

LUCÍLIA

Isso diz respeito só a mim.

JOAQUIM

A mim também. É a felicidade da minha filha.

LUCÍLIA

(Subitamente) Papai! Estou cansada de dizer que não quero casar mais. Sei da minha vida.

JOAQUIM

Mas por quê?

LUCÍLIA

Porque não quero. Somente isso.

JOAQUIM

Sei por que não quer. A culpa é minha.

LUCÍLIA

Não diga isso.

JOAQUIM

Digo! Digo!

LUCÍLIA

Tenho o direito de resolver o que é melhor para mim. O que se passou, lá na fazenda, nada tem que ver com isso. Apenas não quero casar e deixar vocês.

(Helena aparece à porta da cozinha no PRIMEIRO PLANO.)

JOAQUIM

Não sou um imprestável!

LUCÍLIA

Não estou dizendo isso.

JOAQUIM

Ainda sei me defender.

LUCÍLIA

Quando achar que posso eu me casarei.

HELENA

Viva a sua vida, minha filha.

LUCÍLIA

Minha vida é aqui, junto de vocês.

JOAQUIM

Não quero que você se sacrifique.

LUCÍLIA

Não considero isso sacrifício nenhum. Por favor, vamos mudar de assunto.

JOAQUIM

(Impaciente) Não admito que você estrague o seu futuro.

HELENA

O Marcelo já está colocado; agora tudo vai bem.

LUCÍLIA

Não se pode estragar o que já está estragado.

HELENA

Minha filha!

LUCÍLIA

É isso mesmo.

JOAQUIM

(Violento) Isso é uma censura a mim?

HELENA

Quim!

LUCÍLIA

Não. Quero que me deixem viver a meu modo.

HELENA

O Olímpio não pode esperar a vida inteira.

LUCÍLIA

Nunca pedi a ele que me esperasse. Não vou casar com um moço só porque cuida dos negócios do meu pai.

JOAQUIM

Você gostava dele.

LUCÍLIA

Não gosto mais.

JOAQUIM

É um bom moço. Você seria feliz.

LUCÍLIA

(Subitamente áspera) O senhor não pensava assim três anos atrás. Lembra-se?

HELENA

(Em tom de censura, magoada) Lucília!

JOAQUIM

(Levanta-se.) Não disse! Você ainda não me perdoou!

LUCÍLIA

Nada tenho a perdoar. A situação é nossa e não de vocês. É a minha família.

HELENA

Basta. Basta, minha filha.

LUCÍLIA

Tenho também obrigações e quero cumpri-las.

JOAQUIM

Isso não impede que viva a sua vida.

LUCÍLIA

A minha vida é esta. São duas coisas que não se misturam. Sou responsável também pela carga.

HELENA

Está certo. Quim, por favor...

JOAQUIM

Carga?

LUCÍLIA

Minhas obrigações.

JOAQUIM

(Violento) Então eu e sua mãe somos carga?

LUCÍLIA

Não foi isso que quis dizer. Não faça as coisas mais difíceis, papai.

JOAQUIM

(Abixa a cabeça.) A verdade é que você tem razão.

LUCÍLIA

(Vai até o pai e o abraça.) Não poderia viver longe de vocês, assim como estamos. Nem posso pedir a um moço que arque com todas as responsabilidades. É a situação que é difícil. Sou feliz vivendo junto de vocês. Procure compreender, papai.

JOAQUIM

Eu comprehendo. Eu me exaltei sem razão.

LUCÍLIA

(Volta à máquina.) Bom. Não se fala mais nisso.

HELENA

É o que peço sempre.

JOAQUIM

(Quase num eco) Nós vamos voltar para "lá", minha filha. Prometo isso a você. Só peço que tenham fé.

LUCÍLIA

Está certo, papai. Nós temos.

HELENA

Agora, com o Marcelo colocado, você não precisará trabalhar tanto.. É isto que deixa você nervosa.

(Marcelo aparece à porta de seu quarto, no PRIMEIRO PLANO. Está só com a calça do pijama.)

LUCÍLIA

Se formos esperar por ele, não sei onde iremos parar.

MARCELO

O que aconteceu nesta casa? Não se pode nem dormir sossegado?

JOAQUIM

Preguiçoso! Isto é hora para um homem estar na cama?

MARCELO

E que vou ficar fazendo fora da cama?

JOAQUIM

Trabalhar.

MARCELO

Já é meio-dia?

HELENA

Vá se arrumar, meu filho. Já pedi a você que não saia sem roupa de seu quarto. Isso é feio!

MARCELO

Então. Só entro no serviço ao meio-dia.

JOAQUIM

Faça outra coisa qualquer.

MARCELO

Não tenho vontade.

JOAQUIM

Não sei como “tem” gente que consegue dormir depois que o sol nasce.

HELENA

(Querendo evitar uma discussão, empurra Marcelo para a porta da cozinha.) Se não andar depressa, você perde a “jardineira”. *(Marcelo entra na cozinha.)*

JOAQUIM

Só sabe beber e apodrecer nessa cama.

HELENA

Não diga isso, Quim. Ele é moço, é assim mesmo.

JOAQUIM

Não sei de quem herdou isso! Nunca pus uma gota de álcool na boca.

HELENA

Agora ele está trabalhando.

JOAQUIM

Então, porque está trabalhando, pode fazer o que quiser? Beber, jogar e andar em más companhias?

HELENA

Vai indo ele toma juízo.

JOAQUIM

Trabalhando num frigorífico! Lá isso é lugar para um homem decente trabalhar?!

HELENA

Dou graças a Deus, assim mesmo.

JOAQUIM

(Levanta-se.) Se tivesse estudo não precisava ser empregado dos outros.

HELENA

Mas não estudou, o que vamos fazer!

JOAQUIM

O Marcelo está muito enganado se pensa que vai voltar comigo para a fazenda. Se quiser minha ajuda, que vá estudar.

(Joaquim dirige-se para o corredor.)

LUCÍLIA

(Olhando o pai sair) Papai!

JOAQUIM

(Pára.) Que é?

LUCÍLIA

(Abre a gaveta da máquina.) Olha o dinheiro.

JOAQUIM

Para quê?

LUCÍLIA

O dinheiro para os jornais.

JOAQUIM

Hoje não vou comprar jornais.

LUCÍLIA

Ora, papai. Deixe de ser criança. Ficou aborrecido comigo?

JOAQUIM

Não. Quem tem que me mandar notícias é o Olímpio.

LUCÍLIA

Não importa. O senhor gosta de ler jornais. Tome o dinheiro.

JOAQUIM

(Vindo pegar, irritado) Com este governo quem é que pode ter prazer em ler jornais! Só publicam o que eles querem!

HELENA

Ande, Marcelo!

LUCÍLIA

Papai! Esqueça o que eu disse.

JOAQUIM

Falo é para o seu bem, minha filha.

LUCÍLIA

Eu comprehendo. Não se preocupe que resolverei meus problemas.

JOAQUIM

(Saindo) Eu sei. *(Pára e volta-se para Lucília.)* É que esperamos há três anos! A gente no fim... *(Volta-se e sai.)*

HELENA

Marcelo!

MARCELO

(Voz) Já vai, dona Helena, já vai. “Tem” muito tempo.

HELENA

Para que se levantar na “horinha” de sair?

MARCELO

(Entra, alegre.) Porque o sono não deixa.

HELENA

Quero pedir uma coisa, meu filho.

MARCELO

Tudo o que quiser. Não há nada que eu não faça por você.

HELENA

Falar você sabe.

MARCELO

Então? Que há?

HELENA

Não beba, meu filho; nem jogue. Peço a você.

MARCELO

Mas quem foi que disse que eu bebo?

HELENA

Você chega tarde todos os dias. O que é que fica fazendo na rua até de madrugada?

MARCELO

Nada. Conversando.

HELENA

Mas conversando o quê?

MARCELO

Nada. Simplesmente conversando, dona Helena. De noite o ar é fresco, gostoso, me faz pensar! A senhora quer que eu venha me trancar neste quarto? Não tem pena de seu filho?

HELENA

A noite foi feita para dormir, meu filho.

MARCELO

E para outras coisas também.

HELENA

Não fica bebendo?

MARCELO

Não. Só bebericando.

HELENA

Prometa que nem isso você fará.

MARCELO

Prometo!

HELENA

Agora, vá se vestir. Está satisfeito com o emprego?

MARCELO

Muiiiito!

HELENA

Então tome cuidado.

MARCELO

Trabalhando no meio daqueles ingleses, logo estarei “espikando”. Então a senhora vai ver! Subirei como um rojão! É muito importante saber falar inglês, dona Helena.

HELENA

É? Por quê?

MARCELO

Para trabalhar.

HELENA

Não comprehendo.

MARCELO

Para viajar. Quando eu for viajar você vai comigo. Vamos nos divertir à grande. (*Marcelo levanta o véu da mesa, olha e sorri para a mãe.*) Diga, dona Helena: não sei escolher um presente?

HELENA

(*Recordativa*) Sabe. Lembra-se da sua promessa quando me deu esse véu?

MARCELO

Como não? Eu não estou cumprindo? Até que trabalhar no frigorífico não é tão ruim assim. Matamos mil e quinhentos bois por dia, dona Helena! Mil e quinhentos! (*Dirige-se para o quarto.*)

HELENA

Muito cuidado, Marcelo.

MARCELO

Tenha confiança no seu filho. (*Pára na porta e volta-se para Helena.*) Ele vencerá! (*Entra no quarto num rompante.*)

HELENA

(*Ri.*) “Prosa.”

LUCÍLIA

Quero só ver até quando vai durar esse entusiasmo.

HELENA

Agora ele está satisfeito com o trabalho.

LUCÍLIA

Das outras vezes também ele dizia o mesmo.

HELENA

Os primeiros empregos foram muito ruins, minha filha.

LUCÍLIA

Quando a gente precisa, qualquer emprego serve. Não eram piores do que esta máquina.

HELENA

Ele não estava acostumado a trabalhar para os outros.

LUCÍLIA

Nem eu.

HELENA

Eu sei, Lucília.

LUCÍLIA

A questão é que não estamos em condições de escolher.

HELENA

Precisamos ter calma, senão ele desorienta.

LUCÍLIA

O Marcelo sempre fez o que quis de vocês.

HELENA

Ora, minha filha!

LUCÍLIA

É a pura verdade.

HELENA

Para o homem é mais difícil enfrentar determinadas situações. Estão mais em contato com o “mundo”, têm mais necessidades do que nós, de certas coisas!

LUCÍLIA

Devia ter um pouco mais de amor-próprio.

HELENA

É essa a questão, Lucília. Ele tem, e é isso que desorienta, às vezes. (*Pausa*) Só uma coisa me preocupa.

(*Joaquim aparece no SEGUNDO PLANO, vindo da porta em arco.*)

JOAQUIM

(*SEGUNDO PLANO*) Marcelo!

MARCELO

(*SEGUNDO PLANO*) (Voz que vem da cozinha) Que é?

JOAQUIM
(SEGUNDO PLANO) Ah! Já levantou. Quero conversar com você.

MARCELO
(SEGUNDO PLANO) (Voz) Já vai.

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) O que é, mamãe? O que preocupa a senhora?

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) Trabalhar no frigorífico, no meio de tantas máquinas!

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) Não há perigo nenhum.

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) Antigamente o trabalho era tão simples! Agora é preciso fazer tudo com máquinas!

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) Assim ele aprende a se defender.

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) Depois, minha filha, já imaginou a convivência que ele tem no frigorífico?

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) O Marcelo já tem idade para não se deixar influenciar.

JOAQUIM
(SEGUNDO PLANO) Marcelo!

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) Deus queira.

MARCELO
(SEGUNDO PLANO) (Voz) Um minuto, "seu" Quim. (*Helena pega o livro de missa e o véu e dirige-se para o corredor.*)

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) A que horas a Mafalda vem experimentar o vestido?

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) (*Olha o relógio.*) Daqui a pouco.

HELENA
(PRIMEIRO PLANO) Precisa de ajuda?

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) Não. O vestido está quase pronto. (*Helena sai pelo corredor e Marcelo entra pela porta da cozinha no SEGUNDO PLANO. Durante esta cena, o barulho da máquina de costura vai aumentando pouco a pouco. Lucília toca a máquina com incrível rapidez.*)

SEGUNDO PLANO

MARCELO
(Entrando) Senhor.

JOAQUIM
Venha cá.

MARCELO
Tenho pressa.

JOAQUIM
Eu também. Tem pressa por quê? Quem tem pressa não dorme até esta hora.

MARCELO
Vou à cidade.

JOAQUIM
Sente-se. Vamos conversar.

MARCELO
Agora não posso, papai.

JOAQUIM
Pode. Pode. Eu digo que pode.

MARCELO
Não podemos conversar à noite?

JOAQUIM
Não, senhor. Tem que ser agora. Sente-se.

MARCELO
De que se trata?

JOAQUIM
Quero saber até quando pretende continuar nessa vadiagem.

MARCELO
Tenho feito o que é possível.

JOAQUIM
O que é que você julga possível?

MARCELO
(Sorri.) Ora, muita coisa.

JOAQUIM
Por exemplo.

MARCELO
(*Ligeira hesitação*) Ontem... passei o dia todo assistindo a entrega do arroz nas roças.

JOAQUIM
Sozinho?

MARCELO
Não. Com o administrador, naturalmente.

JOAQUIM
Ainda bem. Bom o arroz?

MARCELO
(Alegre) Achei bom.

JOAQUIM
Estou perguntando, meu filho, se o arroz é bom e não o que você acha. Que tipo de arroz é?

MARCELO
Acho que...

JOAQUIM
Quantas sacas foram entregues?

MARCELO
Não contei.

JOAQUIM
Ainda bem que o administrador estava junto. E você vem me dizer que assistiu a entrega do arroz nas roças?

MARCELO

(Ainda com bom humor) E não assisti?!

JOAQUIM

Você espareceu lá pelas roças, isto sim.

MARCELO

(Levanta-se.) Está certo. Não sei fazer nada.

JOAQUIM

Sente-se. Não precisa me dizer isto; já sei.

MARCELO

Que posso fazer? Nunca trabalhei.

JOAQUIM

Outra coisa que não precisa me dizer. Podia, ao menos, se interessar mais.

MARCELO

O senhor nunca me ensinou nada sobre a fazenda.

JOAQUIM

Essas coisas não se ensinam: aprende-se observando. Tenho reparado em você. Anda pela fazenda com o pensamento no mundo da lua.

MARCELO

Não sei frear meu pensamento.

JOAQUIM

Pois bem: você esteve praticamente em todos os colégios do Estado, nenhum serviu. Tenho lutado com você para estudar, mas não adianta. Não quer estudar, não é?

MARCELO

Não sei viver preso.

JOAQUIM

Estou perguntando se não quer estudar.

MARCELO

Não dou para os estudos.

JOAQUIM

Então é preciso trabalhar. De hoje em diante não terá um tostão meu se não trabalhar.

MARCELO

Quando devo começar?

JOAQUIM

Quando? Já devia ter começado.

(Helena aparece à porta de seu quarto no SEGUNDO PLANO.)

MARCELO

Está certo. O que é para eu fazer?

JOAQUIM

De amanhã em diante a fiscalização do café fica por sua conta.

MARCELO

Bom. Mas já aviso: aos sábados e domingos ninguém me "pega" aqui.

JOAQUIM

Não importa. O homem que trabalha pode fazer o que quiser nas horas de folga. Não precisa dar satisfação de seus atos a ninguém.

MARCELO

Logo pretendo dar lições de como se fiscaliza um cafezal. O senhor vai ver.

JOAQUIM

Espero. O que é que vai fazer na cidade?

HELENA

(Corta.) Ver umas coisas para mim. Volte logo, Marcelo. Não fique por lá.

JOAQUIM

Ele que se atreva. Traga também a Lucília.

HELENA

Ora! Por quê?

JOAQUIM

Chega de aprender costura.

HELENA

Ela ainda não acabou o curso, Quim!

JOAQUIM

Basta algumas noções. A Lucília não vai ser costureira.

HELENA

Sempre é bom saber fazer as coisas direito.

JOAQUIM

Agora que estamos no assunto, quero dizer, já que não fui consultado na ocasião, que não aprovo esse contato de minha filha com costureirinhas. Sabe lá quem freqüenta esses cursos. Gente de toda a espécie. Essas noções ela poderia ter aprendido aqui, com você.

HELENA

A Lucília precisa também se divertir um pouco.

JOAQUIM

Já deve ter se divertido bastante. Chega. Quero que venha embora.

MARCELO

(Saindo para o quarto) Se o Olímpio deixar.

JOAQUIM

Olímpio? Quem é Olímpio?

HELENA

É... Você comprehende, Quim...

JOAQUIM

Se não me disser quem é, não posso compreender nada.

HELENA

É um namorado que a Lucília arranjou.

JOAQUIM

(Violento) Então minha filha está na cidade, solta com um namorado?

HELENA

Solta? Que expressão, Quim!

JOAQUIM

É isso mesmo. Quem é esse Olímpio?

HELENA

Ele esteve muito tempo fora.

JOAQUIM

Mas quem é ele? O que faz? É filho de quem?
(*No PRIMEIRO PLANO, Lucília olha o relógio e apressa o seu trabalho.*)

HELENA

Estava estudando advocacia.

JOAQUIM

Quero saber de quem é que é filho. Isso é que é importante.

HELENA

Voltou agora, formado. Já abriu escritório. É o melhor partido da cidade. Todas as mães de filhas...

JOAQUIM

Então só porque é advogado pode casar com minha filha?

HELENA

É um bom rapaz.

JOAQUIM

Pelo que vejo, você entregaria a nossa filha para o primeiro que aparecesse com um cartucho qualquer de doutor.

HELENA

Hoje tem muita importância ser formado, Quim.

JOAQUIM

Que importância o quê. Esses "dotorzinhos" só sabem falar. Aposto que não sabe nem "olhar" a idade de um cavalo!

HELENA

Ora, Quim!

JOAQUIM

E "montar" muito menos! Helena! Espero que você não tenha o mau gosto de proteger semelhante namoro. Ainda por cima, um rapaz que nem conheço.

HELENA

Conhece, sim.

JOAQUIM

Conheço? Olímpio? Não sei de ninguém com esse nome.

HELENA

É porque não se lembra mais.

JOAQUIM

Então?

HELENA

É o filho do coronel João José.

JOAQUIM

Como? Você está louca?

HELENA

Não sei por quê!

JOAQUIM

Não sabe? Então não se lembra do que ele me fez?

HELENA

Quim! O que tem a Lucília com as suas lutas políticas?

(*No PRIMEIRO PLANO, Lucília tem um momento de desânimo; logo se recupera e volta ao trabalho.*)

JOAQUIM

Muita coisa. Não suporto essa gente.

HELENA

O Olímpio não tem culpa do que aconteceu.

JOAQUIM

(*Com desprezo*) O Olímpio! Você fala "Olímpio" como se já fosse íntimo da minha casa. Não quero saber disso. Ele também deve ser do PRP. Basta para mim. Era só o que me faltava: ver minha filha casada com um "perripista"!

HELENA

Você não pode sacrificar a sua filha por causa de uma política estúpida.

JOAQUIM

Posso. Posso. Sacrificar por quê? Grande coisa romper um namoro!

HELENA

É que ela gosta dele.

JOAQUIM

Isso não tem a menor importância. Não admito e pronto.

HELENA

Mas, Quim...

JOAQUIM

Não se fala mais nisto. (*Levanta-se.*)

HELENA

Não diga nada a Lucília. Eu mesma falo.

JOAQUIM

(*Vai bater na porta do quarto de Marcelo.*) Já sabia que devia haver alguma coisa errada. É o que dão essas lições de costura. Marcelo! (*Frisa as palavras.*) Se eu tivesse sido consultado, nada disto teria acontecido.

HELENA

Não há nada de errado. É um direito que ela tem.

JOAQUIM

(*Violento*) Na minha casa e na minha família, mando eu. Sei perfeitamente o que é direito ou não. Sei, também, o que serve para a minha filha. Era só o que faltava! Um "dotorzinho" qualquer mandar em minha filha! Ele que se atreva a... a...

HELENA

Quim, não precisa gritar dessa maneira!

(*Marcelo aparece muito bem vestido.*)

JOAQUIM

(*A Marcelo*) Diga à sua irmã para vir hoje sem falta, se não quiser que eu vá buscá-la.

MARCELO

Pois não, "seu" Quim.

JOAQUIM

(Saindo pela porta em arco) E não quero ouvir falar mais nisto.

MARCELO

(Depois de uma pausa) O que foi?

HELENA

O namoro de sua irmã.

MARCELO

Se soubesse não diria nada.

HELENA

Um dia ele teria que ficar sabendo.

MARCELO

Sorria. Não gosto de ver você triste.

HELENA

Seu pai grita, mas acaba concordando.

MARCELO

Desta vez acho que não. Também a Lucília não podia arranjar outro rapaz para namorar? Logo quem: o filho do chefe do PRP no interior. Pudera!

HELENA

Com jeito a gente leva o seu pai aonde quer.

MARCELO

(Sorri.) Devo dar o recado a Lucília?

HELENA

Não. Diga apenas para vir.

MARCELO

(Abraça Helena.) Desde quando você virou Santo Antônio?

HELENA

(Olha para Marcelo e sorri.) Já sei: dinheiro, não é?

MARCELO

Infelizmente, é!

HELENA

Quando é que vai tomar juízo, meu filho?

MARCELO

Tenho muito. É que ainda não comecei a gastar.

HELENA

Já é tempo.

MARCELO

Não brigue comigo. Não se esqueça de que é a minha namorada.

HELENA

Prefiro que você tenha outra namorada e trabalhe.

MARCELO

Deixe de ser ridícula!

HELENA

Assim você acaba com as minhas economias. Quanto?

MARCELO

O que for possível. Não posso ir à cidade sem dinheiro. O que vão dizer as "meninas"?

HELENA

Mais respeito, Marcelo!

(Marcelo ri. Helena entra em seu quarto. Em baixo, no PRIMEIRO PLANO, Joaquim aparece carregando um pacote de jornais, senta-se no banco e esparrama os jornais à sua volta. Marcelo, em cima, acaba de se arrumar. Helena volta.)

HELENA

Toma. É o que tenho. (Marcelo faz menção de sair.) Tome cuidado, meu filho. não vá ficar por lá.

MARCELO

Amanhã começo a minha carreira de capataz. (Sai.)

HELENA

Os anjos que digam amém.

MARCELO

(Volta e dá um beijo na mãe.) Amém. (Sai correndo.)

(Helena sorri, examina a sala, arruma alguma coisa, pega uma cesta de costura, senta-se e começa a trabalhar. Joaquim, em baixo, ri satisfeito.)

PRIMEIRO PLANO**LUCÍLIA**

Alguma novidade?

JOAQUIM

Esses políticos são todos uns sujos.

LUCÍLIA

O que foi?

JOAQUIM

Entregam-se ao "ditador" com uma facilidade de vendidos.

LUCÍLIA

Não é à toa que não gosto de política.

JOAQUIM

Também, a única coisa boa que ele fez até agora foi acabar com o PRP.

LUCÍLIA

Com os outros partidos políticos também.

JOAQUIM

(Exaltando-se) O meu partido nunca fez o que o PRP fez.

LUCÍLIA

Para mim são todos iguais.

JOAQUIM

É por causa deles que nós, lavradores, estamos nesta situação.

LUCÍLIA

Ora, papai, o senhor sabe que isso não depende de partidos. Crise é uma coisa à parte.

JOAQUIM

(Violento) Foram eles! Foram eles!

LUCÍLIA

Papai! Não se exalte. Estamos apenas conversando.

JOAQUIM

Foram eles os culpados. Aqueles “carcomidos”!

LUCÍLIA

(Subitamente retesada) Do rompimento do meu namoro também?

JOAQUIM

(Deixa cair o jornal, triste.) Lucília! Você não esquece isso? Você não sabe perdoar, minha filha!

LUCÍLIA

(Altiva, levanta a cabeça, ainda retesada.) É por isso que sou sua filha.

JOAQUIM

(Reagindo novamente) O pai do Olímpio me insultou em público naquela eleição.

(Marcelo sai de seu quarto no PRIMEIRO PLANO, vestido simplesmente.)

MARCELO

Mamãe já pediu para não se discutir política.

JOAQUIM

Estou em minha casa. Discuto o quanto queira.

MARCELO

Está certo. Estou apenas lembrando.

LUCÍLIA

Desculpe-me, papai. Não tive intenção de magoar o senhor. (Joaquim senta-se novamente, mas não continua a ler.) Marcelo! Deixe o papai falar o que quiser.

MARCELO

Por mim, que me importa.

LUCÍLIA

Então não diga nada. A casa é dele.

MARCELO

(Pequena pausa) Lucília!

LUCÍLIA

Que é?

MARCELO

(Sorri.) Estou... (Mostra o bolso vazio.)

LUCÍLIA

E eu com isso?

MARCELO

Preciso pegar a “jardineira” para chegar ao frigorífico.

LUCÍLIA

Se você deitasse mais cedo e não gostasse tanto do “ar fresco” da noite, sobraria mais dinheiro.

MARCELO

Só esta vez. No mês que vem não vou precisar mais.

LUCÍLIA

Tenho dinheiro contado para tudo.

MARCELO

Então não posso ir trabalhar. (Senta-se.)

LUCÍLIA

Isso é com você.

MARCELO

Lembro-me que a mamãe...

LUCÍLIA

Já sei: você dava um abraço, um beijo, chamava de minha namorada, e pronto: o dinheiro saía. Não se esqueça de que não estamos mais na fazenda.

MARCELO

Será que você não pode compreender?

LUCÍLIA

Não, não posso.

MARCELO

Você é moça demais para bancar a solteirona.

LUCÍLIA

Não estou bancando nada.

MARCELO

Não vê que estou fazendo uma força danada?

LUCÍLIA

Força faço eu.

MARCELO

Lucília! Eu tenho tentado. Quero ajudar, mas não consigo me libertar. Tenha paciência. É questão de tempo.

LUCÍLIA

(Pequena pausa) É a última vez, entendeu?

MARCELO

(Sorri.) Também espero que seja.

LUCÍLIA

(Tira o dinheiro da máquina.) Espera, não: tem que ser. Não gosto de ver você nesta situação.

MARCELO

Tudo vai bem. Não se preocupe. Até amanhã. Até amanhã, papai.

(Marcelo sai pelo corredor. Joaquim levanta a cabeça e olha para o corredor.)

JOAQUIM

Até amanhã.

LUCÍLIA

Leia seu jornal, papai. Eu digo as coisas sem pensar.

JOAQUIM

Coitado do meu filho!

LUCÍLIA

Coitado, por quê?

JOAQUIM

Porque sim.

LUCÍLIA

Não trabalho também?

JOAQUIM

Você trabalha no meio da sua gente, em casa.

LUCÍLIA

Ele é homem.

JOAQUIM

Você sabe o que é trabalhar no frigorífico?

LUCÍLIA

Há outros que trabalham lá. Ele não é o único.

JOAQUIM

Mas não são meus filhos.

(No SEGUNDO PLANO, Helena empertiga-se como se ouvisse alguma coisa; depois volta à sua posição normal.)

LUCÍLIA

Quando é preciso, o que se pode fazer?

JOAQUIM

(Olha fixamente para Lucília.) Não sei o que está acontecendo com você, minha filha!

LUCÍLIA

Comigo?

JOAQUIM

É.

LUCÍLIA

(Empertiga-se.) O que há comigo?

JOAQUIM

Parece que está ficando dura, intolerante!

LUCÍLIA

Ou são vocês que estão moles?

JOAQUIM

Pode ser, não sei.

LUCÍLIA

(Larga a costura.) O senhor pensa, papai, que gosto de saber que meu irmão viaja em "jardineiras" sujas, que trabalha num frigorífico no meio de pessoas que ele nunca viu e sem educação nenhuma? Pensa? Isso me atinge tanto quanto o senhor. Acontece que precisamos encarar a situação de frente, não há outra saída.

JOAQUIM

Eu sei, minha filha.

LUCÍLIA

Espero que o senhor não fale nada. Deixe ele trabalhar. Aos poucos a situação melhora. O Marcelo não terá nada a perder, mesmo se voltarmos para a fazenda. Pelo contrário, só assim poderá ajudar o senhor "lá", aprendendo, agora, a ter responsabilidade.

JOAQUIM

Não pretendo dizer nada, mas não posso deixar de sentir.

(Ouve-se alguém batendo, em baixo. Os dois olham

para o corredor. Novo sobressalto de Helena no

SEGUNDO PLANO.)

LUCÍLIA

O senhor pode atender para mim?

(Joaquim ainda olha para Lucília, levanta-se e sai pelo corredor. Lucília apressa o seu serviço. Joaquim volta.)

JOAQUIM

(Irritado) É essa Mafalda.

LUCÍLIA

Pediu para ela se sentar?

JOAQUIM

Não. (Emburrado) Disse que você já ia. (Irritado) "Da onde" veio esse "povo"? Acho que você não devia trabalhar para essa gente.

LUCÍLIA

Ela paga bem e é isso que interessa. (Lucília deixa cair sua caixa de botões e alfinetes.) Ah! Meus alfinetes!

JOAQUIM

Eu cato para você, minha filha.

LUCÍLIA

Pode deixar, pego na volta.

JOAQUIM

Não me custa.

LUCÍLIA

Ora, papai!

JOAQUIM

(Irritado) Vocês não me deixam fazer nada!

LUCÍLIA

Não tem cabimento, papai, o senhor catar alfinetes no chão!

(Lucília encaminha-se para o corredor.)

JOAQUIM

Lucília! (Falam abaixando a voz.)

LUCÍLIA

Senhor.

JOAQUIM

Você vai à sala assim?

LUCÍLIA

Assim como?

JOAQUIM

Com esse vestido?

LUCÍLIA

O que tem meu vestido?

JOAQUIM

Está velho, minha filha.

LUCÍLIA

Não posso trocar de vestido para atender uma freguesa.

JOAQUIM

É preciso guardar as aparências, Lucília.

LUCÍLIA

Estou trabalhando, não posso estar bem vestida.

JOAQUIM

Você sabe como essa gente é. Depois saem falando.

LUCÍLIA

Falando o quê?

JOAQUIM

Falando!

LUCÍLIA

Será que alguém ainda não sabe?

JOAQUIM

Não essa "gentinha".

LUCÍLIA

O senhor tem cada uma!

JOAQUIM

Você podia cuidar mais de si.

LUCÍLIA

Não tenho tempo para isso.

JOAQUIM

Depende apenas de um pouco de boa vontade.

LUCÍLIA

Três anos em cima de uma máquina de costura não é brincadeira.

JOAQUIM

(Violento) Ainda somos o que fomos!

LUCÍLIA

Eu sei, papai. (Pausa) Velho ou não, devemos muito a ele. (Com certa amargura) Foi com este vestido que descobri a minha vocação para a costura. Não se lembra? Ele tem um valor muito grande para nós.

(Lucília pega as costuras e encaminha-se para o corredor.)

JOAQUIM

Não gosto de ouvir você falar assim, minha filha!

LUCÍLIA

(Olha o vestido; sorri, querendo se desculpar.) Apesar de tudo, a Mafalda nunca teve um igual. Fique o senhor sabendo que este vestido fez e ainda pode fazer muito sucesso. (Dá uma leve volta sobre si.) Além do mais, ele me traz também boas recordações. (Sai.)

(Joaquim ajoelha-se com uma certa dificuldade, entra em baixo da mesa e começa a catar os botões e alfinetes. Ao mesmo tempo que Lucília, em baixo, dá a volta sobre si, em cima, Helena levanta-se, preparando-se para receber alguém. Anda apressada para a esquerda como se fosse entrar em seu quarto, ao mesmo tempo que Joaquim se ajoelha, em baixo. Elvira aparece à porta em arco: está muito bem vestida; usa algumas jóias e tem os cabelos ligeiramente pintados. Elvira tem qualquer coisa de rígido em sua pose. Quando aparece, Elvira está com a fisionomia contraída; olha um instante para

Helena. Quando Helena se volta, Elvira sorri subitamente.)

SEGUNDO PLANO

ELVIRA

Helena!

HELENA

(Pára.) Elvira! Como vai?

ELVIRA

Bem. (Arruma-se.) E você?

HELENA

Como Deus quer.

ELVIRA

Já estava a caminho daqui quando encontrei o Marcelo.

HELENA

Fez boa viagem?

ELVIRA

Com essas estradas? Pensei que fosse chegar sem roupa.

HELENA

Estão mesmo muito ruins.

ELVIRA

Enfim, isso não é a pior coisa.

HELENA

(Pausa um pouco embaraçosa) Preciso muito falar com você, Elvira.

ELVIRA

Você não pode imaginar a situação em que estamos!

HELENA

Aconteceu alguma coisa?

LUCÍLIA

(Voz) Mamãe!

ELVIRA

Depois conversamos.

HELENA

O que foi, Elvira?

ELVIRA

(Compungida) Agora não, na frente dela, não.

HELENA

Por quê? Minha filha está doente?

ELVIRA

Não.

HELENA

É sobre o Olímpio?

ELVIRA

(Olha para a porta.) Não.

HELENA

O Marcelo disse alguma coisa?

LUCÍLIA

(Chega correndo pela porta e pára.) Mamãe!

(Lucília aparece à porta em arco, com o mesmo

vestido com que saiu em baixo. Está muito bem vestida e penteada. Corre a abraçar Helena.)

LUCÍLIA

Quanta saudade!

(No PRIMEIRO PLANO, Joaquim acaba de juntar os botões, levanta-se e vai para o banco; começa a ler os jornais novamente.)

HELENA

Como vai, minha filha?

LUCÍLIA

Tão bem como a senhora não imagina. Fizemos ótima viagem, não foi, tia Elvira?

ELVIRA

Mais ou menos.

HELENA

Senti muita falta de você.

LUCÍLIA

Onde está o papai?

HELENA

Acho que no cafezal.

LUCÍLIA

(Sorri.) Tenho uma surpresa para ele.

HELENA

(Disfarçando) Onde está o Marcelo?

LUCÍLIA

Não quis voltar.

HELENA

Recomendei a ele que não ficasse na cidade.

LUCÍLIA

Ora, mamãe, deixe o Marcelo se divertir.

ELVIRA

Bem que insisti, Helena, mas não houve meio.

LUCÍLIA

Ele vai aproveitar. Nunca a “cidade” esteve tão divertida! *(Suspira.)*

HELENA

(Olha para Elvira.) Ele me prometeu.

LUCÍLIA

A senhora ainda acredita nas promessas do Marcelo? Que ingenuidade, mamãe!

ELVIRA

Principalmente agora que...

LUCÍLIA

Olhe bem para mim, mamãe. Não vê qualquer coisa de diferente?

HELENA

Está com boa aparência, minha filha.

LUCÍLIA

Só isso?

HELENA

Bem vestida, também.

LUCÍLIA

Não está orgulhosa de mim?

HELENA

Por quê?

LUCÍLIA

(Dando uma volta e fazendo pose.) Olhe só o meu vestido! Ninguém nunca teve um igual!

HELENA

Muito bonito, mesmo!

LUCÍLIA

Fique a senhora sabendo que este vestido fez um grande sucesso.

HELENA

Não é para menos.

LUCÍLIA

E sabe quem fez?

HELENA

Não.

LUCÍLIA

Está vendo, tia, como ela faz pouco caso de mim? Eu! Fui eu quem fez!

HELENA

Verdade?

ELVIRA

A Lucília tem muito jeito. Mais do que a minha costureira.

LUCÍLIA

“Alguém” disse que eu era a mais bonita e mais elegante da cidade!

HELENA

Vá se trocar, minha filha.

LUCÍLIA

(Depois de beijar a mãe) Veja se a senhora consegue fazer a tia sorrir. Esteve emburrada durante toda a viagem. *(Sai correndo para o seu quarto.)* Estou feliz!... feliz!... feliz!...*(Pára, volta-se para a mãe e caminha lentamente para ela.)* Mamãe! Fiquei conhecendo o melhor moço do mundo.

HELENA

(Com esforço) Já soube.

LUCÍLIA

Vou me casar, maezinha!

HELENA

Pense bem, minha filha. Casamento é uma coisa muito séria.

LUCÍLIA

Sei o que quero.

HELENA

É preciso falar primeiro com o seu pai.

LUCÍLIA

Mas quem vai casar sou eu!

(No PRIMEIRO PLANO, Joaquim, aflito, dobra o jornal. Helena, também aflita, passa a mão pelos olhos e vacila.)

ELVIRA
Helena!

LUCÍLIA
Mamãe! O que foi?

HELENA
(Recupera-se.) Nada. Nada.

LUCÍLIA
Não se preocupe. Eu falarei com papai.
(Lucília beija a mãe e sai correndo; quando chega perto da porta de seu quarto, pára, sorri e volta-se novamente para Helena.)

HELENA
O que foi?

LUCÍLIA
Não vai ser tão fácil convencer o papai.

HELENA
(Preocupada) Por quê?

LUCÍLIA
Não.

HELENA
(Aflita) Vamos, Lucília, diga o que é!

LUCÍLIA
É que “ele” conhece muito bem advocacia, mas... não entende nada, absolutamente nada de cachorros e cavalos.

HELENA
Ora, minha filha!

LUCÍLIA
Leis! Leis! É só no que ele pensa.

HELENA
É natural.

LUCÍLIA
Não é formidável?

ELVIRA
Que expressão, Lucília!
(Lucília ri e sai da sala.) (Pausa.)

ELVIRA
Helena!

HELENA
Não foi nada. Fiquei comovida, apenas.

ELVIRA
Sinceramente, Helena, não sei o que dizer.

HELENA
O Quim compreenderá.

ELVIRA
É que...

HELENA
Não é possível que vá sacrificar a Lucília por causa de política.

ELVIRA
Acontece, Helena, que vamos ter que enfrentar problemas muito mais graves.

HELENA
Problemas mais graves?

ELVIRA
Você precisa ser forte.

HELENA
De que se trata? O que é que está querendo me dizer?

ELVIRA
A situação não é boa.

HELENA
Não comprehendo, Elvira!

ELVIRA
São muito graves os acontecimentos.

HELENA
Que acontecimentos?
(No PRIMEIRO PLANO, Joaquim levanta-se subitamente e vem se apoiar sobre a mesa, lendo ainda o jornal.)

ELVIRA
Vamos atravessar uma grande crise.

JOAQUIM
(PRIMEIRO PLANO) Lucília!

HELENA
(SEGUNDO PLANO) Crise?

ELVIRA
(SEGUNDO PLANO) O café caiu a zero.

JOAQUIM
(PRIMEIRO PLANO) Lucília!

HELENA
(SEGUNDO PLANO) (Aturdida) Caiu?

ELVIRA
(SEGUNDO PLANO) Os lavradores foram abandonados pelo governo.

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) (Entrando) Que foi, papai?

HELENA
(SEGUNDO PLANO) Não é possível!

JOAQUIM
(PRIMEIRO PLANO) Minha filha! (Joaquim fica olhando para Lucília sem poder falar.)

ELVIRA
(SEGUNDO PLANO) O governo não pôde sustentar a política de defesa do café e...

LUCÍLIA
(PRIMEIRO PLANO) (Preocupada) Que está acontecendo, papai?

HELENA
(SEGUNDO PLANO) Diga, Elvira!

JOAQUIM
(PRIMEIRO PLANO) Não disse que íamos voltar para a fazenda?

ELVIRA
(SEGUNDO PLANO) ... e os preços caíram vertiginosamente. Vamos todos à ruína.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Já pedi tanto ao senhor que não fale mais nisso!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Meu Deus! Que será de nós!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Moratória! Moratória, minha filha!

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) O que é isto?

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) É preciso ânimo, Helena!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Prazo! Prazo de dez anos aos lavradores.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Dez anos?!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Procurando à sua volta.) É preciso... é preciso...

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) Já pedi ao Augusto para...

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Não disse, minha filha...

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) ...para não protestar nada.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Que tivessem esperança?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Protestar o quê?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (Veemente) É preciso que o Olímpio ganhe o processo!

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) A dívida que o Quim fez comigo!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Deus é grande!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Dívida! Que dívida?

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) Não sabia?!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Que vergonha!

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Que diz o jornal?

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) O Quim deve ao banco e a muita gente, Helena.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Angustiada) Não! Não!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) (Lendo o jornal) Aqui está bem claro:...

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) O que estiver ao meu alcance...

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) ... prazo de dez anos para pagamento das dívidas!

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) ... eu farei para ajudar vocês.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Será verdade que vamos voltar?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Minha casa!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Não tenha dúvida, minha filha!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Ainda mais angustiada) Minha família!

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) E a fazenda vai ser novamente inteiramente nossa?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Num desespero crescente) Nossas terras!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Foi sempre nossa!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Não se contendo mais) Nossas terras! Não! Elvira! Será o fim de tudo!

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) Helena! Acalme-se, por favor.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (Entregando-se à alegria) Replantaremos nosso jardim!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Meu marido, meus filhos nasceram aqui...

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) (Recordativo) Novas jabuticabeiras!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) ... não poderão viver! (Soluça.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Foi apenas um sonho! Um sonho mau.

ELVIRA

(SEGUNDO PLANO) (Temerosa) Helena! Helena!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) É preciso ter fé! É preciso ter esperança!

(Helena caminha, desorientada, pela sala; sua voz sai reprimida pela dor.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (No auge da alegria) Papai! Papai! (Abraça Joaquim.)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (No auge do desespero) Quim!
QUIM! QUIM! (Elvira abraça Helena.)
(Helena começa a soluçar convulsivamente.
Joaquim e Lucília continuam abraçados, silenciosos
na sua grande alegria.)

PANO RÁPIDO**SEGUNDO ATO****CENÁRIO:**

O mesmo do primeiro ato. Cobrindo a máquina de costura, uma toalha mais ou menos vistosa; sobre a máquina, um vaso com flores. A ação no SEGUNDO PLANO se passa algum tempo depois, e a do PRIMEIRO PLANO, na mesma semana.

CENA:

Ao abrir-se o pano as duas salas estão vazias. Joaquim entra pelo corredor, no PRIMEIRO PLANO, carregando um latãozinho de leite e um pacote; quando vai entrar na cozinha, encontra-se com Lucília.

PRIMEIRO PLANO**LUCÍLIA**

Bom dia, papai.

JOAQUIM

Bom dia, minha filha. Aonde vai?

LUCÍLIA

À igreja.

JOAQUIM

Assim é que gosto de ver você. Bem vestida.

LUCÍLIA

Nunca saí à rua mal vestida.

JOAQUIM

Encontrei as sementes.

LUCÍLIA

Onde?

JOAQUIM

Na chácara do Honorato.

LUCÍLIA

O senhor já foi lá, hoje?

JOAQUIM

Encontrei todos na cama. É uma vergonha!
(Desembrulha o pacote.) Vou fazer a nova horta
perto da bica do monjolo.

LUCÍLIA

Se a bica ainda estiver de pé.

JOAQUIM

Se “eles” derrubaram um pau da cerca da minha
fazenda, vão pagar caro. Olhe: alface, cebola,
couve... Isto é para você. (Entrega alguma coisa a
Lucília.)

LUCÍLIA

Que é?

JOAQUIM

Sementes para o jardim. Comprei bastante de
girassol.

LUCÍLIA

E essas batatas?

JOAQUIM

São de dália.

LUCÍLIA

Para que tantas?

JOAQUIM

Brancas, amarelas, roxas, a cor que você quiser.

LUCÍLIA

O jardim estava uma beleza quando saímos de lá!

JOAQUIM

Em pouco tempo ficará bonito outra vez. Imagine
como deve estar.

LUCÍLIA

Quanto custaram as sementes?

JOAQUIM

Uma bagatela!

LUCÍLIA

Quanto?

JOAQUIM

Troquei com o presente de sua tia.

LUCÍLIA

O prendedor de gravata? O senhor foi logrado!

JOAQUIM

Para que me servia aquilo!

LUCÍLIA

Bom. Não tem importância. Presente da tia
Elvira. Até logo. (Quando vai sair, pára, olhando
para o galho da jabuticabeira.) Ele vai voltar
conosco, não vai, papai?

JOAQUIM

Quem?

LUCÍLIA

Nosso galho de jabuticabeira.

JOAQUIM

Naturalmente que vai.

LUCÍLIA

É maravilhoso!

JOAQUIM

Se você visse como estava florido quando eu o
trouxer da fazenda!

LUCÍLIA

Eu vi.

JOAQUIM

Uma jabuticabeirinha que parecia doente e, de
um dia para outro, ficou branca de flores. Bastou
chover.

LUCÍLIA

Vamos fazer, para ela, um rego d'água especial.

JOAQUIM

Naturalmente que vamos!

LUCÍLIA

(Apressada) Estou atrasada. (*Pára e volta-se para Joaquim.*) O senhor tomou o remédio?

JOAQUIM

Ainda não. Você acha...

LUCÍLIA

(Corta.) Acho que é preciso, sim senhor. Vá tomar.

JOAQUIM

É jogar dinheiro fora.

LUCÍLIA

Espero que não banque mais a criança.

JOAQUIM

Por quê?

LUCÍLIA

Dizendo que o médico não havia receitado nada.

JOAQUIM

Não quis que você ficasse preocupada.

LUCÍLIA

Agindo assim, o senhor me preocupa muito mais.

JOAQUIM

Estou satisfeito! Estou muito satisfeito, minha filha.

LUCÍLIA

Não é para menos.

JOAQUIM

Não. Não é só por causa da moratória. Acho que deve casar o mais depressa possível.

LUCÍLIA

Ainda é cedo para pensar nisso.

JOAQUIM

Certas coisas têm o poder de nos transformar. Só de ver você feliz, esqueço tudo o que passei.

(*Olham-se durante um momento.*) Traga o Olímpio depois da missa.

LUCÍLIA

(Saindo) Está bem.

JOAQUIM

Lucília!

LUCÍLIA

(Sai.) Mamãe está me esperando.

(*Helena aparece no SEGUNDO PLANO. Está envelhecida e desanimada. Depois de vacilar, dirige-se à porta do quarto de Lucília. Joaquim pega as sementes e o latãozinho, olha para o galho de jabuticabeira, sorri e entra na cozinha.*)

SEGUNDO PLANO

HELENA

Lucília!

LUCÍLIA

(Voz) Senhora.

HELENA

Não vai rezar a ladainha comigo?

LUCÍLIA

(Voz) Vou.

HELENA

Então, venha.

LUCÍLIA

(Voz) Já vai, mamãe.

HELENA

Não demore, minha filha.

(*Helena ajoelha-se diante dos quadros. Lucília aparece à porta de seu quarto, observa a mãe e, depois, também se ajoelha.*)

HELENA

A ladainha de Nossa Senhora?

LUCÍLIA

É.

(*Joaquim entra no PRIMEIRO PLANO. As vozes começam num murmúrio e depois se elevam. Joaquim carrega um par de botas; enquanto fala, vai limpando as botas.*)

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Marcelo!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Santa mãe de Deus.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Marcelo!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Santa Virgem das virgens.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe de Jesus Cristo.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Levante-se, meu filho. Hoje temos grandes novidades!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe da divina graça.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Quero dormir.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe puríssima.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Nada disso. O sol já nasceu há muito tempo. (*Sai para a cozinha.*)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe castíssima.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe imaculada.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

(*Marcelo aparece à porta de seu quarto no PRIMEIRO PLANO e fica parado, meio tonto; está com cara de ressaca.*)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe intacta.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe amável.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

(*Marcelo vai, cambaleando, olhar as horas.*)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe admirável.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Mãe do bom conselho. (*Helena vacila.*)

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Rogai por nós. (*Lucília passa a mão no ombro de Helena e esta empertiga-se novamente.*)

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) Chamar a gente a esta hora! (*Volta ao quarto.*)

(*Enquanto Marcelo volta ao quarto, as vozes no SEGUNDO PLANO tornam-se um murmúrio e, depois, elevam-se novamente.*)

SEGUNDO PLANO**HELENA**

À vossa proteção nós recorremos, Santa Mãe de Deus; não desprezeis as súplicas que, em nossas necessidades, vos dirigimos, mas livrai-nos sempre de todos os perigos, ó virgem gloriosa e bendita.

LUCÍLIA

Rogai por nós.

HELENA

Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.

LUCÍLIA

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

HELENA

Amém. (*Helena e Lucília levantam-se.*)

LUCÍLIA

(*Depois de uma pausa*) Papai onde está?

HELENA

Foi à cidade.

LUCÍLIA

Sozinho?

HELENA

Não quis de maneira nenhuma que eu fosse com ele.

LUCÍLIA

Que foi fazer?

HELENA

Ver se recebia o dinheiro do Arlindo.

LUCÍLIA

Por que deixou, mamãe? Não vê que o papai é capaz de agredir o Arlindo?

HELENA

Recomendei ao Benedito que avisasse sua tia.

LUCÍLIA

Também o papai é de uma boa fé incrível. Vender café a prazo numa época destas!

HELENA

Se tivesse me ouvido, nada disto teria acontecido.

LUCÍLIA

(Pausa) Mamãe! E se o Arlindo não pagar? Que acontece?

HELENA

(Contraí-se.) Não sei.

LUCÍLIA

A senhora sabe. Diga!

HELENA

Deixe por conta de seu pai. Ele resolve.

LUCÍLIA

Ora, mamãe. O papai perde o controle, se exalta pela menor coisa. Precisamos ajudá-lo.

HELENA

Seu pai não gosta que ninguém interfira nos negócios dele.

LUCÍLIA

Por isso mesmo chegamos aonde estamos!

HELENA

Lucília! Não censure o seu pai.

LUCÍLIA

Quero saber o que vai acontecer. Diga!

HELENA

(Com esforço) Se ele não receber o dinheiro, a fazenda vai à praça.

LUCÍLIA

O que é isso?

HELENA

Será vendida para pagamento das dívidas.

LUCÍLIA

(Pausa) Que vergonha, mamãe! O que vão pensar de nós?

HELENA

Isso acontece com qualquer um, como está acontecendo. Não somos os únicos ameaçados. A maioria dos fazendeiros está na mesma situação.

LUCÍLIA

Como é que papai permitiu que chegássemos a este ponto!

HELENA

Tivemos anos difíceis, minha filha. Falta de chuva, geadas, tanta coisa! Não é uma questão somente de seu pai.

LUCÍLIA

(Pequena pausa) São muitas dívidas?

HELENA

Infelizmente, são.

LUCÍLIA

A senhora não podia ter evitado?

HELENA

Você conhece seu pai. Nunca me põe a par de nada.

LUCÍLIA

Que vamos fazer?

HELENA

Esperar.

LUCÍLIA

Esperar quando tudo nos ameaça?! Esperar quando papai está sofrendo esta humilhação?

HELENA

Esperar, minha filha, e pedir a Deus que tenha compaixão de nós.

LUCÍLIA

Deve haver uma saída. Não se perde tudo da noite para o dia, assim sem mais nem menos.

HELENA

Seu pai é muito cabeçudo. Não ouve o que a gente fala. Quando envereda para um lado não há nada que o faça voltar.

LUCÍLIA

A senhora falou alguma coisa com tia Elvira?

HELENA

(Com esforço) Falei.

LUCÍLIA

O quê?

HELENA

Pedi que arranjasse o dinheiro para o Quim, ou pelo menos que... (Pára, aflita.)

LUCÍLIA

Continue, mamãe.

HELENA

... que arrematasse a fazenda.

LUCÍLIA

(Violenta) "Eles" ficarem com as nossas terras?!

HELENA

Não quero que seja arrematada por gente estranha.

LUCÍLIA

(Veemente) Aposto como o papai não fará isso! Aposto!

HELENA

Ele me prometeu.

LUCÍLIA

Por que a senhora não me chamou? Eu teria ido com ele de qualquer jeito.

HELENA

Para quê?

LUCÍLIA

Talvez a gente pudesse encontrar um outro meio.

HELENA

O Quim sabe que é preciso. Ele vai falar, tenho certeza.

LUCÍLIA

Se não fosse tão orgulhoso eu acreditaria.

HELENA

Orgulho é pecado, minha filha.

LUCÍLIA

Também pode ser qualidade. Conforme as condições, é preferível perder.

HELENA

Você ainda não pensou nas consequências que teremos que sofrer, se o Quim perder a fazenda?

LUCÍLIA

Se o papai não fizer isso, não o censurarei.

HELENA

Sem a fazenda ele não será ninguém. Vai se sentir inútil.

LUCÍLIA

Ver a nossa fazenda nas mãos do tio Augusto é pior do que perdê-la.

HELENA

Não vê, Lucília, que seu pai não pode viver fora daqui?

LUCÍLIA

Assim, é um humilhação!

HELENA

Devemos pensar somente em seu pai, pôr tudo de lado. Ele está no fim da vida, sofreria mais se tivesse que sair.

LUCÍLIA

(Contendo-se) É demais, mamãe. É demais!

HELENA

Se seu tio arrematar a fazenda, o Quim poderá continuar, trabalhar, morrer em suas terras. Há homens que não sabem, não podem viver fora de

seu meio. Seu pai sempre morou na fazenda. Para nós o mundo se resume nisso. Toda a nossa vida está aqui. (*Joaquim sai no PRIMEIRO PLANO, trazendo um embornal, cartuchos, buzina de chifre, pios de passarinho etc.*) E não esqueça, Lucília, de que seu irmão não tem profissão, não estudou. Em que condições iríamos viver?

LUCÍLIA

E eu? Por acaso não conto para nada?

HELENA

Você é mulher!

LUCÍLIA

Posso ajudar também.

HELENA

Viveríamos, mas não é só isso que importa. A gente nasce vive e trabalha na terra. Não aprendemos a fazer outra coisa, nem a viver de outra maneira. Se tivéssemos que sair, não sei o que poderia acontecer.

(*Joaquim, enquanto conversa, vai examinando as suas coisas.*)

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Marcelo!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Do jeito que tio Augusto é rancoroso, agora há de querer humilhar papai.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) (Entrando) Bom dia, Quim.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Há outras coisas que podem nos humilhar mais.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Bom dia, Elvira.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (Subitamente) Mamãe! Vou à cidade.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Helena e Lucília não estão?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Não, minha filha. Não adiantará nada.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Foram à igreja. Marcelo!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Quero ficar junto de papai. (*Entra no quarto.*)

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Ainda dormindo?!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Ainda.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Lucília! Não vá, minha filha. O Marcelo está lá, ele ajuda seu pai.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Os moços têm muito sono, não é mesmo? É bom dormir enquanto pode!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Preguiça! Deita tarde, é isso!

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Não tem preocupações. (*Suspira.*) Gostaria de poder dormir assim.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (*Encostando-se à parede*) Não adianta! (*Reprime os soluços.*) Não adianta mais.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Eu tenho preocupações e durmo. Só uma coisa nos tira o sono: consciência pesada. Isto, graças a Deus, eu não tenho.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) (*Ligeiro estremecimento*) Já está se preparando?

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Estou. Não vejo chegar a hora de voltar.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) A Lucília não está costurando mais?

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Não. Não quero que costure.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Queria experimentar o vestido. Não tem importância, volto mais tarde. Trouxe esses queijos da fazenda.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Não vai esperar?

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Não posso. Preciso ir ao asilo. Hoje temos reunião da diretoria. E como são cansativas e cacetes! Mas precisamos ajudar o próximo! (*Suspira.*)

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Venha almoçar.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Venho, sim. Até logo. (*Sai.*)

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Até logo.

(*Lucília sai de seu quarto no SEGUNDO PLANO, acabando de se arrumar.*)

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Não agüento mais ver o papai nesse estado.

(*Joaquim, no PRIMEIRO PLANO, pega os queijos e sai para a cozinha.*)

SEGUNDO PLANO

HELENA

Você não poderá fazer nada, minha filha.

LUCÍLIA

Ao menos estarei junto dele.

HELENA

Vamos esperar aqui.

LUCÍLIA

(Beija a mãe.) Não. Não sei esperar. Se ficar aqui, enlouqueço. (Corre para a porta em arco.) Alguém precisa ajudá-lo a salvar a fazenda...

(Lucília pára subitamente, ficando embarçada, sem saber o que fazer.)

HELENA

(Nervosa) Lucília! O que foi, Lucília?

LUCÍLIA

Bom dia.

OLÍMPIO

(Voz) Bom dia.

HELENA

(Temerosa) Quem é? Quem é que está aí, minha filha?

LUCÍLIA

É... é o Olímpio.

HELENA

(Controla-se.) Mande entrar, Lucília.

LUCÍLIA

Desculpe-me. Faça o favor de entrar.

(Olímpio aparece; atrapalha-se ligeiramente quando vê Helena.)

OLÍMPIO

Bom dia.

HELENA

Bom dia. (Momento de embarço) Não quer se sentar?

OLÍMPIO

Obrigado. (Senta-se.)

HELENA

(Pausa) O senhor veio da cidade?

OLÍMPIO

Vim.

HELENA

Não viu o meu marido?

OLÍMPIO

(Embaraço) N... não!

HELENA

(Pausa) Espero que o senhor não repare, mas é que estamos preocupadas. O momento é bastante difícil para todos.

LUCÍLIA

Mamãe!

HELENA

(Mais rápida) O senhor comprehende, estamos lutando para salvar a fazenda e é natural que...

LUCÍLIA

(Com orgulho) De qualquer maneira, saberemos enfrentar a situação.

OLÍMPIO

Não duvido. (Momento de embarço)

HELENA

(Levanta-se.) O senhor me permite?

OLÍMPIO

(Levanta-se também.) Pois não. À vontade, minha senhora.

HELENA

Lucília! Mande ver um café. Pode deixar, eu mesma vejo.

(Helena sai para a cozinha. Pausa.)

OLÍMPIO

Lucília!

LUCÍLIA

Desculpe-me. Não tive intenção de ofendê-lo.

OLÍMPIO

Por que não voltou à cidade?

LUCÍLIA

Com esta situação não pude voltar.

OLÍMPIO

Você prometeu voltar com a resposta!

LUCÍLIA

(Admirada) Resposta?!

OLÍMPIO

Combinamos ficar noivos, não foi?

LUCÍLIA

É muito amável de sua parte fingir que ignora a situação.

OLÍMPIO

Lucília! Eu comprehendo que o momento é difícil, mas acho que os nossos sentimentos devem estar acima de tudo.

LUCÍLIA

É que não estou bem certa disso.

OLÍMPIO

(Pausa) Acha que eu não devia ter vindo?

LUCÍLIA

Acho.

OLÍMPIO

(Embaraçado) Neste caso... (Dirige-se para a porta.)

LUCÍLIA

Espero que comprehenda.

OLÍMPIO

Compreender o quê?

LUCÍLIA

Tudo.

OLÍMPIO

Para mim nada mudou.

LUCÍLIA

Mudou tanto que eu mesma custo a crer.

OLÍMPIO

Você está apenas desorientada pelos acontecimentos. É natural.

LUCÍLIA

Gostaria de acreditar nisso.

OLÍMPIO

Garanto a você.

LUCÍLIA

É muito mais grave do que parece. Você está pensando na situação financeira em que vamos ficar e eu não. Sinto que todos nós vamos ser envolvidos e, depois, não poderemos mais ser os mesmos. Não é só a fazenda que estamos ameaçados de perder.

OLÍMPIO

Seu pai é um homem forte.

LUCÍLIA

Forte! Diante de certas coisas, que adianta ser forte?

OLÍMPIO

Só assim poderemos enfrentar o que nos ameaça.

LUCÍLIA

Tenho observado papai. Aquela calma não me engana. Há qualquer coisa atrás de seu silêncio que me assusta. Tenho visto papai andando pela fazenda como um animal acuado. Olha tudo demoradamente. Parece dizer adeus até às pedras, às árvores. Subitamente, parece que tudo adquiriu vida, sentido. O menor objeto, o movimento de um galho, os animais, as plantas, os gestos, tudo! Tudo passou a ter um significado diferente. Ontem...

OLÍMPIO

Fale, Lucília. Desabafe.

LUCÍLIA

Ontem encontrei papai no meio das jabuticabeiras, olhando-as, quase acariciando-as. Passava de uma para outra, examinando com uma ansiedade, como se todas estivessem doentes. Por um momento me deu a impressão de estar perdido, sem poder sair do meio delas. Fui ao seu encontro. Quando me viu, apressou o passo, fugiu de mim, como se eu fosse demais. (*Pausa*) Foi ele quem plantou todas!

OLÍMPIO

Compreendo o que ele sente.

LUCÍLIA

É o que eu gostaria de saber: até que ponto ele é forte. Se eu pudesse encontrar um meio de ajudá-lo. Esta calma, este silêncio de papai me apavoram. Eu sofreria tudo por ele.

OLÍMPIO

Certos fatos são irremediáveis!

LUCÍLIA

Papai finge uma segurança... (*Pára e olha para Olímpio.*) O que você quis dizer com isso?

OLÍMPIO

Nada. Nada. Não quer a minha ajuda?

LUCÍLIA

O que pode você fazer?

OLÍMPIO

Lucília! Há solução para tudo.

LUCÍLIA

Aponte-me uma.

OLÍMPIO

Nosso casamento!

LUCÍLIA

E minha família?

OLÍMPIO

(*Embaraço*) Constituiremos a nossa.

LUCÍLIA

E deixo a minha no momento mais difícil?!

OLÍMPIO

(*Pausa. Olímpio luta contra um pensamento; depois resolve subitamente.*) Sua família pode ir morar conosco!

LUCÍLIA

(*Rígida*) Ir morar conosco? Por quê?

OLÍMPIO

(*Com esforço*) O Arlindo... não conseguiu se salvar também. A fazenda de seu pai vai à praça hoje.

LUCÍLIA

Não!

OLÍMPIO

Lucília!

LUCÍLIA

Papai!

OLÍMPIO

Não queria que soubesse por intermédio de outra pessoa.

LUCÍLIA

Não me encoste a mão!

OLÍMPIO

Lucília! Tenha calma!

LUCÍLIA

Calma? Quando tudo se volta contra nós, quando perdemos o que é nosso, é só o que tem pra me dizer?

OLÍMPIO

O momento é difícil para todos.

LUCÍLIA

O que interessa é meu pai.

OLÍMPIO

Interessa também o que tínhamos combinado! A inimizade de nossos pais nada representa para nós. Não se lembra?

LUCÍLIA

A situação agora é outra.

OLÍMPIO

Não os nossos sentimentos.

LUCÍLIA

Tudo mudou. Nossos sentimentos são o que menos conta.

OLÍMPIO

Você não pode ser sincera, Lucília!

LUCÍLIA

Sou! Sou! Não estamos de igual para igual. Para o meu pai seria mais uma humilhação.

OLÍMPIO

Não diga isso!

LUCÍLIA

Digo! Digo! Ele nunca iria morar conosco e não o censuro. (*Subitamente*) Não quero mais casar.

OLÍMPIO

Pense bem, Lucília. Seus pais não sofrerão tanto se tiverem a nossa casa.

LUCÍLIA

Não tenho feito outra coisa: pensar, pensar!

OLÍMPIO

Você é moça, nada poderá fazer.

LUCÍLIA

Sei se posso ou não. Não quero falar mais nisso.

OLÍMPIO

É possível que tudo termine assim?

LUCÍLIA

Não posso fazer nada.

OLÍMPIO

Você não quer fazer nada.

LUCÍLIA

(Pausa) Olímpio! Por favor, compreenda.

OLÍMPIO

Reconheço que é difícil a situação, mas não é com atitudes contra tudo e todos que podemos vencer um momento como este.

LUCÍLIA

(*Contraí-se*) Nada mais tem sentido. Nada!

OLÍMPIO

(Pausa) Então, eu representava muito pouco para você.

LUCÍLIA

Muito! No meio que me pertencia. Agora não me pertence mais.

OLÍMPIO

Isso é orgulho!

LUCÍLIA

Pois que seja.

OLÍMPIO

(Pausa) Sei o que sente. Acha humilhante depender de mim, o filho do inimigo político de seu pai. Como se casamento fosse só isto: combinação de fortunas ou de partidos políticos.

Nunca aprovei essa mentalidade e espero que isso acabe de uma vez. Sempre achei vergonhoso o que meu pai fez ao seu e o que o seu fez a muita gente. Esse coronelismo que não reconhece razão a ninguém, que destrói tudo, que é cego!

LUCÍLIA

Meu pai nada tem com a minha atitude.

OLÍMPIO

Não acredito e prefiro não acreditar. Não posso crer que seu orgulho chegue a tanto!

LUCÍLIA

Você não comprehende que minha família vai depender de mim? Não posso obrigá-los a aceitar sua ajuda.

OLÍMPIO

Você tem irmão.

LUCÍLIA

Marcelo?! Desde que ficamos ameaçados de perder a fazenda, não faz outra coisa senão beber. Você sabe disso.

OLÍMPIO

Então, mais do que nunca, você precisa do meu apoio. (*Joaquim entra no PRIMEIRO PLANO, trazendo uma espingarda; enquanto fala vai engraxando-a.*)

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (*Começando a entregar-se*) Não. Não!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Marcelo!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Não posso compreender, Lucília. Realmente não comprehendo.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Quero saber por que é que saiu do frigorífico!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Basta que eu comprehenda. Agora, antes que... Por favor, deixe-me.

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Estou com dor de cabeça.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Preguiçoso! Enquanto trocar o dia pela noite, será sempre assim.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Seja franca, Lucília! Está acontecendo alguma coisa que eu não possa saber? (*Aproxima-se*) Confie em mim.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (*Temendo o contato*) Não me encoste a mão, já disse.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Nem no dia mais importante da minha vida, você se anima?

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) É mesmo o que você quer?

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) É o que preciso aceitar.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Aceitar por quê? Por quê?

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Porque sim. Não há explicação.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) É um adeus?

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) A Lucília parece outra!... e você nessa indiferença! (Pára e olha para o quarto.) Marcelo!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (Controlando-se) É... é um adeus!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Antes de sair desejo que saiba que gosto muito de você. Nada mudaria isto. Nada! (Joaquim põe a espingarda em cima da mesa, vai até a porta do quarto de Marcelo e abre-a.)

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) O Olímpio chegou. Hoje sim, podemos comemorar. Quero que todos em minha casa... (Pára subitamente.) Saia da cama!

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Não estou me sentindo bem, papai.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) (Violento) Não me interessa! (Entra no quarto.) Saia deste quarto!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Você não tem nada a dizer, Lucília?

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Por favor, já não sei mais... É melhor assim.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Se mudar de atitude, estarei à sua espera.

(Joaquim aparece sucumbido à porta do quarto de Marcelo e encosta-se ao batente.)

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Quero que ao menos comprehenda que eu gostaria... Espero que tudo... Olímpio! Deixe-me.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Inútil!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Até à vista. (Dirige-se para a porta.)

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Não me amole.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Bêbado!

MARCELO

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Oh! Meu Deus!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (Desesperada) Olímpio!

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) Saia daí para limpar isto.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (Corre e abraça Olímpio.) Tenho medo!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Acalme-se! Confie em mim.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Não vá embora agora. Não me deixe sozinha!

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Nós vamos encontrar uma solução. Tenha calma!

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Não posso deixá-los. Eu sei. Não posso deixá-los.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Já disse que não é preciso.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Abrace-me com força, Olímpio. Não quero pensar. Não me deixe pensar.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Minha querida! Estou aqui! Não! Não diga mais nada. Precisamos decidir o que vamos fazer. Só com calma poderemos convencer seu pai.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) Sei o que nos espera e tenho medo.

JOAQUIM

(PRIMEIRO PLANO) (Atravessando a sala, lentamente) Você é um homem sem palavra. Não passa de um vencido.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) Não se preocupe com o futuro. Para isso estarei junto de você. Venha! Vamos esperar seu pai. Ele vai compreender.

(Olímpio e Lucília saem, abraçados, pela porta em arco. Ao mesmo tempo Marcelo aparece à porta de seu quarto no PRIMEIRO PLANO e Helena com uma bandeja de xícaras, à porta da cozinha no SEGUNDO PLANO. Helena volta-se e sai novamente. Marcelo encosta-se ao batente da porta, completamente atordoado.)

PRIMEIRO PLANO

JOAQUIM
Pegue um pano e limpe isto, já. Não quero que sua mãe veja essa sujeira.

MARCELO

Não vamos discutir agora, papai.

JOAQUIM

É agora! Agora!

MARCELO

Minha cabeça...

JOAQUIM

(Corta.) Está cheia de álcool. Nunca teve dentro outra coisa.

MARCELO

Não quero discutir, já disse.

JOAQUIM

(Violento) Sente-se! Estou falando com você. Quero saber por que saiu do frigorífico.

MARCELO

Aquilo não é emprego de gente. O senhor sabe disso.

JOAQUIM

Não sei nada.

MARCELO

(Olha o pai durante um instante.) Eu tentei ficar lá, papai. Eu tentei, mas não consegui.

JOAQUIM

Você não honra o nome que tem.

MARCELO

(Pausa) E o que é que vale este nome?

JOAQUIM

Muita coisa. Ainda somos o que fomos.

MARCELO

Não somos nada, esta é que é a verdade.

JOAQUIM

Não me confunda com você.

MARCELO

Até quando o senhor vai mentir a si mesmo? Não percebe, não vê que não contamos mais para nada? Ninguém mais tem consideração por nós.

JOAQUIM

Por você não podiam ter mesmo.

MARCELO

Nem pelo senhor, papai.

JOAQUIM

Ninguém nunca me faltou o respeito.

MARCELO

(Pausa) Papai! Há dias fui à Casa Confiança comprar um par de sapatos. Pedi para pagar no fim do mês, e o dono me perguntou: "Quem é o senhor?" "Sou filho de seu Quim", respondi. Sabe o que ele me perguntou ainda? "E quem é o seu Quim?"

JOAQUIM

(Empertiga-se.) Ele se atreveu?!

MARCELO

Vivemos num mundo diferente, onde o "nome" não conta mais... e nós só temos "nome".

JOAQUIM

Se você trabalhasse não precisaria ouvir isso!

MARCELO

Não podia continuar no frigorífico. Não podia. Às vezes sentia que ia enlouquecer. Por que havia de continuar? Por quê? Não se vive para isso.

JOAQUIM

Para quê, então? Para ser um inútil?

MARCELO

O senhor finge não compreender o que digo. Não me adapto a esta ordem de coisas.

JOAQUIM

Servia para ajudar sua irmã até voltarmos para a fazenda. Mas é melhor ficar na cama do que enfrentar a vida.

MARCELO

O senhor me ensinou?

JOAQUIM

Mostrei o caminho. Fiz minha obrigação.

MARCELO

O caminho! É exatamente o que estou querendo provar: que o senhor mostrou o caminho errado. O caminho que para nós, principalmente para nós, não tem mais sentido. O senhor não me educou para ser operário.

JOAQUIM

Então, por que não estudou? Não foi por falta de falar.

MARCELO

A situação seria a mesma. Não se trata disso. O que importa é aceitar ou não o presente; esquecer, saber esquecer. (Pausa) Papai! O senhor não comprehende que depois de se ter vivido solto, no meio do campo, depois de se ter conhecido uma outra segurança, não é possível ficar preso o dia inteiro dentro de um salão com o chão sujo de sangue e receber ordens de gente que... que... Não agüentava aquilo. Estava farto. Era lá que a saudade, a consciência do que fomos, mais me oprimia.

JOAQUIM

Eu afirmo a você: (Num grito) ainda somos o que fomos!

MARCELO

Papai! Por que é que ninguém vem à nossa casa? Lembra-se como vivia cheia de gente? Como era alegre? Por quê? Porque não passamos de uns "quebrados" sem importância.

JOAQUIM

(Quase apoplético) Não sou um "quebrado"! A moratória vai devolver tudo que era meu. Tudo!

MARCELO

(Com mágoa) O senhor ainda acredita nisso?

JOAQUIM

Acredito! Sempre acreditei. O Olímpio chegou ontem. A fazenda vai ser devolvida. O processo de praceamento está nulo por lei. (*Marcelo abaixa a cabeça, contendo-se.*) O seu mal é que não soube ter esperança!

MARCELO

O senhor teve por todos.

JOAQUIM

Teve, não: tenho. Não sou um desfibrado como você. Sei defender os meus direitos. A lei manda que os editais de praça sejam publicados pela imprensa local, e não foram. O processo está, portanto, nulo. Estou cansado de afirmar isto.

MARCELO

(*Pausa*) Desejo apenas que o senhor continue com essa esperança, aconteça o que acontecer.

JOAQUIM

Não tenha dúvida. E pode estar certo de uma coisa: na minha fazenda você não põe os pés.

MARCELO

Sei disso!

JOAQUIM

Posso me gabar de nunca ter descido um degrau, um degrau sequer, da minha posição. Nunca perdi a dignidade. Não sujei o meu nome com atitude nenhuma. Eu sei esperar.

MARCELO

(*Pausa*) De minha parte o senhor não precisa ter mais receios. Vou embora daqui.

JOAQUIM

Você não soube arcar com a responsabilidade. Em vez de ajudar, só nos tem dado desgostos e mais desgostos.

MARCELO

Não pretendo mais acusar o senhor.

JOAQUIM

Acusar?! Uma pessoa como você não pode acusar ninguém, de nada. E a mim muito menos.

MARCELO

(*Levanta-se.*) Não? E a nossa situação?

JOAQUIM

Não tive culpa.

MARCELO

Teve. Teve muita culpa. Os maus negócios foram feitos pelo senhor e ninguém mais.

JOAQUIM

Você se atreve?

MARCELO

Atrevo porque é a verdade. Foi o senhor que vendeu o café a prazo e contraiu dívidas e mais dívidas.

JOAQUIM

Marcelo!

MARCELO

Reconheço, sou um fraco. Não assumi a responsabilidade. E o senhor? O senhor que só pensa na sua fazenda, no seu processo, nos seus direitos, no seu nome. Enquanto pensa em si mesmo, na sua honra, não pode sentir o que sinto. O senhor não sai à rua para saber o que os outros pensam de nós. O senhor finge não perceber que não fazemos mais parte de nada, que o nosso mundo está irremediavelmente destruído. Se voltássemos para a fazenda...

JOAQUIM

(*Num grito*) Vamos voltar!

MARCELO

... tornaríamos a perdê-la. As regras para viver são outras, regras que não compreendemos nem aceitamos. O mundo, as pessoas, tudo! Tudo agora é diferente! Tudo mudou. Só nós é que não. Estamos apenas morrendo lentamente. Mais um pouco e ficaremos como aquele galho de jabuticabeira: secos! secos!

(*Helena aparece no corredor do PRIMEIRO PLANO.*)

JOAQUIM

(*Explodindo*) Saia da minha casa!

HELENA

Quim!

(*Marcelo corre e fecha a porta de seu quarto, ficando de costas.*)

JOAQUIM

Saia já da minha casa!

MARCELO

É o que vou fazer.

HELENA

Que foi que aconteceu?

MARCELO

(*Contendo os soluços*) Nada, mamãe, nada. Apenas mais uma discussão.

JOAQUIM

Ninguém aqui está morrendo.

HELENA

Quim, por favor.

MARCELO

Não quero discutir.

HELENA

Meu filho! Não levante a voz ao seu pai! O que foi?

MARCELO

Não foi nada, mamãe. Não foi nada.

JOAQUIM

Você é um bêbado, sem caráter.

HELENA

Quim, pelo amor de Deus!

MARCELO

Não diga isso. O senhor é injusto.

JOAQUIM

Digo. Digo. É a pura verdade.

HELENA

(Reagindo) Verdade coisa nenhuma.

JOAQUIM

Helena!

HELENA

(Veemente) Chega. Chega. Estou cansada dessas discussões.

JOAQUIM

O Marcelo tornou a embébedar-se.

HELENA

Porque não passa de um criançola. É agora que precisa do nosso apoio.

JOAQUIM

Criançola! Na idade dele eu já tomava conta da minha família.

HELENA

Você! Você! Sempre você!

JOAQUIM

O que é isso, Helena?

HELENA

É meu filho. Não posso admitir que o ponha fora de casa. Não é assim que se corrige.

JOAQUIM

Tenho lutado para encaminhá-lo, mas é inútil! Não quer reagir, não quer trabalhar, não quer fazer nada!

HELENA

E nós? Que fizemos a nossos filhos? Diga, Quim!

JOAQUIM

Não fizemos nada. São coisas que acontecem.

HELENA

Acontecem não a todos.

JOAQUIM

Você me acusa, Helena?

HELENA

Defendo, não acuso ninguém. Sempre disse e continuo dizendo: é preciso ter paciência, é preciso saber esperar. Vocês perdem o controle, se exaltam pela menor palavra. Quim! Precisamos ser tolerantes se quisermos vencer esta situação. Se não quisermos ver nossa família dividida e destruída.

JOAQUIM

Defenda, defenda seu filho. Deixe que ele fique um perdido, um inútil.

HELENA

Não acuso você de nada, Quim. Sempre aceitei o

que fazia ou determinava como sendo o mais certo. Em tudo! Mas você pode afirmar que nunca errou? Pode?

JOAQUIM

Há erros e erros. Nunca fui um vagabundo...

MARCELO

Papai!

JOAQUIM

... beberrão...

MARCELO

Papai! (*Agarra-se ao pai.*)

JOAQUIM

Tire as mãos de mim.

HELENA

Marcelo!

MARCELO

Olhe bem para mim. Olhe bem para mim, papai.

JOAQUIM

Não é o rosto de meu filho!

MARCELO

O senhor não está vendo que eu sei?!

HELENA

(Separando-os) Quim! Meu filho! Tenha piedade!

MARCELO

Por isso mesmo. Papai! Volte a si. O senhor está cego. Não vê que...

HELENA

Não diga mais nada, meu filho!

MARCELO

... não é mais possível? Não queria magoá-lo. Não tenho coragem... eu... eu... (*Marcelo começa a soluçar e cai sentado no banco.*)

JOAQUIM

Não quero encontrar mais você em minha casa.

HELENA

Acalme-se, Quim!

JOAQUIM

Não criei um filho para receber insultos.

HELENA

(Perdendo a paciência) Você não aprende nunca a perdoar?!

JOAQUIM

Não se fala mais nisto. Ele que vá cuidar da sua vida.

HELENA

Devemos ficar todos juntos!

JOAQUIM

(Volta-se para Marcelo.) Somente aqueles que não têm esperança é que morrem lentamente. Pedi a Deus e agora tenho certeza de que vou morrer na minha fazenda, no meio do campo! (*Marcelo olha, ansioso, para o pai e contrai o rosto.*) Tenho pena de você, meu filho. (Dirige-se para a porta.)

HELENA

Onde é que você vai, Quim?

JOAQUIM

Não sei. Andar. Onde está Lucília?

HELENA

Foi se encontrar com o Olímpio. (*Marcelo levanta a cabeça.*)

JOAQUIM

(*Saindo*) Melhor. Falarei com os dois. (*Sai.*)

MARCELO

(*Levanta-se, aflito.*) Papai! Papai!

HELENA

Marcelo! (*Segura-o.*) Assim ele se acalma.

MARCELO

Não deixe, mamãe, não deixe.

HELENA

Quero falar com você. (*Marcelo aperta a cabeça com as mãos.*) Por que perde a paciência com seu pai, meu filho? Você já o conhece. Ele não gosta que durma até tarde.

MARCELO

Não foi por causa disso.

HELENA

Por quê, então?

MARCELO

Acusei o papai de ser o culpado de tudo.

HELENA

Meu filho! Onde está com a cabeça? Você me prometeu não tocar mais nesse assunto.

MARCELO

Não sei. Não sei de mais nada.

HELENA

Seu pai anda preocupado. Há três anos que espera ansiosamente o resultado desse processo. É natural que viva irritado. Vocês não têm paciência com ele. Setenta anos! A vida inteira levantando de madrugada, pensando em colheitas, em negócios, em vocês... Tendo responsabilidade e, de uma hora para outra, se vê sem nada, sem ter o que fazer o dia todo; sofrendo calado, esperando, esperando... (*Procura se controlar.*) E para que tudo isso? Para você, meu filho, vir falar com ele desse jeito. Fazer essas acusações! Não tem caridade?

MARCELO

Vou embora; aqui não consigo viver.

HELENA

É preciso se conformar com a situação. É necessário que você, que é moço, pare num emprego para melhorarmos de vida. (*Pausa*) Você me prometeu não beber mais.

MARCELO

Não estou bebendo. (*Retesa-se.*) É que ontem à noite...

HELENA

O que foi? Diga!

MARCELO

(*Obcecado por uma idéia*) Ele fica falando que vamos voltar para a fazenda e não posso mais ouvir falar nisso.

HELENA

Deixe o seu pai falar, meu filho. É o único prazer que ele tem. Ele se agarra nisso para continuar a viver. O resto, que importa?

MARCELO

Mamãe!

HELENA

Para que desiludi-lo?

MARCELO

A senhora não espera voltar?

HELENA

(*Rígida*) Não. Não espero mais.

MARCELO

Não? Por quê?

HELENA

Nunca tive ilusões. Para mim tudo acabou naquele dia... (*Olha levemente para os quadros.*) ...naquele dia em que eu e seu pai saímos de "lá". Falo em voltar para não desanistar o Quim.

MARCELO

(*Com esforço*) Foi por isso que eu bebi ontem à noite. Papai ia ficar sabendo. Tive medo!

HELENA

(*Temeroso*) Sabendo? Sabendo o quê?

MARCELO

Ele... ele perdeu.

HELENA

Perdeu?!

MARCELO

O processo de nulidade. Não pude me controlar; não tive coragem de dizer. Mamãe! Não queria que você sofresse. Não posso vê-la sofrer!

HELENA

(*Recupera-se.*) Pense em seu pai, não em mim.

MARCELO

Mamãe! Acalme-se.

HELENA

Pedi tanto a Deus que adiasse; que adiasse até ele morrer.

MARCELO

Mamãe! Não fique assim. Papai é um homem forte... ele saberá se conformar!

HELENA

Deus sabe o que faz. (*Helena, aflita, se desprende dos braços de Marcelo.*)

MARCELO

Onde é que a senhora vai?

HELENA

Ele não pode se encontrar com o Olímpio. É preciso que o Olímpio minta. (*Atravessa a sala correndo.*) É necessário que ele minta. Quim! Quim! (*Sai correndo pelo corredor.*)
(Neste instante, ouve-se Joaquim gritar no SEGUNDO PLANO:)

JOAQUIM

(Fora) Retire-se! Retire-se da minha casa!
(Joaquim aparece, vindo da porta em arco, seguido por Lucília e Olímpio. Joaquim procura esconder o rosto, que está todo machucado de um lado.
Marcelo, no PRIMEIRO PLANO, fica um instante parado, depois entra na cozinha; logo depois aparece com um pano na mão e entra no seu quarto.)

SEGUNDO PLANO**JOAQUIM**

(Entrando) Não admito, já disse.

OLÍMPIO

Procure compreender, "seu" Quim. Eu e a Lucília queremos casar e acho que...

JOAQUIM

(Corta, brusco.) A minha fazenda vai à praça, não a minha filha. Minha família não está em liquidação.

OLÍMPIO

Sei que o senhor não se dá com o meu pai, mas isso não justifica uma atitude contra mim.

JOAQUIM

Faça o favor de se retirar.

LUCÍLIA

Não seja indelicado, papai.

JOAQUIM

Quero que este sujeito e todos saibam que ainda sei dirigir minha casa e defender o nome da família. Que ninguém se atreva a me fazer observações. Por enquanto nada mudou; e nem vai mudar.

OLÍMPIO

Nada tenho com as atitudes políticas de meu pai.

JOAQUIM

É por causa da política de vocês que atravessamos esta crise. Se eu perder a fazenda, vocês serão os culpados.

(Marcelo sai do quarto com o pano na mão e entra na cozinha. Logo depois, volta e torna a entrar no quarto.)

OLÍMPIO

Isso não impede que sua filha seja feliz comigo.

JOAQUIM

Sua opinião não me interessa.

LUCÍLIA

É a sua última palavra?

JOAQUIM

Não costumo falar duas vezes. Você sabe disso.

OLÍMPIO

(Pausa) Se precisar de minha ajuda, estarei a seu inteiro dispor. Passe bem, Lucília! (Quando faz menção de sair:)

LUCÍLIA

Espere, Olímpio.

OLÍMPIO

É melhor conversarmos depois.

LUCÍLIA

Não. É agora. Papai! Reconheço e respeito seus direitos, sua autoridade, mas acho que o senhor não pode... (Lucília pára subitamente e leva a mão à boca.)

JOAQUIM

(Ainda de costas) Diga, minha filha. O que é que não posso?

LUCÍLIA

Nada! Nada!

JOAQUIM

Admiro muito que minha filha venha me falar na sua felicidade justamente neste momento. Então minha fazenda, toda a minha vida nada representam para você? (Silêncio) Responda, minha filha!

LUCÍLIA

É só o que importa, papai.

JOAQUIM

Pelo que vejo, a felicidade de vocês já não depende mais de mim?

LUCÍLIA

Depende, depende sim, papai.

JOAQUIM

(Voltando-se para Lucília) Já não sirvo para nada, não é?

LUCÍLIA

O que foi? O que é isso em seu rosto, papai?

JOAQUIM

(Procura esconder o rosto novamente.) Não foi nada.

LUCÍLIA

O Arlindo?!

JOAQUIM

Não foi nada, já disse.

LUCÍLIA

(Violenta) Papai! Ele agrediu o senhor?

JOAQUIM

Não.

JOAQUIM

Por que o seu rosto está machucado assim?

JOAQUIM
(*Fugindo*) Bati... bati na travessa da cocheira.

LUCÍLIA
(*Quase descontrolada*) Não acredito! Foi o Arlindo quem fez isto? Diga, papai!

JOAQUIM
(*Com esforço*) O Arlindo não está na cidade. Fugiu, abandonou tudo.

LUCÍLIA
Quem?

JOAQUIM
Não se fala mais nisso.

LUCÍLIA
Papai! O senhor foi falar com tio Augusto?

JOAQUIM
Não quero conversar sobre isso!

LUCÍLIA
(*Eleva a voz.*) Foi, papai?
(*Joaquim faz um gesto afirmativo com a cabeça.*)

LUCÍLIA
Ele não quis ajudar? (*Gesto negativo com a cabeça*) Esperei tanto que o senhor não fosse lá. Preferia mil vezes perder tudo a dever algum favor àquela gente.

JOAQUIM
Fui obrigado, minha filha. Que podia fazer?

LUCÍLIA
Que foi que aconteceu?

JOAQUIM
Pedi a ele que me emprestasse o dinheiro e ele me respondeu... (*Contraí-se.*) ... que fazia muito em perdoar a minha dívida com Elvira. Perdi a cabeça.

LUCÍLIA
(*Inteiramente retesada*) Espero que o senhor tenha reagido à altura!?

JOAQUIM
Dei-lhe uma bofetada e... brigamos (*Abaixa a cabeça.*)

LUCÍLIA
Eu sabia que aquele ordinário ia se aproveitar disso. (*Anda, agitada, pela sala. Sua voz sai descontrolada pelo ódio.*) Ele há de pagar! Ele precisa pagar! Se o senhor tivesse me levado, não teríamos sofrido esta humilhação. Papai! Precisamos voltar lá!

OLÍMPIO
Lucília! Assim você o desorienta mais ainda.

JOAQUIM
Brigamos no meio da rua. Eu... eu... Não sei! Fiquei transtornado. A vergonha que senti... (*Esconde os rosto nas mãos.*)

LUCÍLIA
Papai! (*Abraça-o.*) Perdoa-me. Acalme-se. Nós havemos de encontrar alguma solução.

(*Marcelo sai do quarto, já vestido, anda pela sala, examina os objetos em cima da mesa e depois sai apressado pelo corredor.*)

JOAQUIM
Não sei como, minha filha, mas, de repente, senti como se estivesse só naquela cidade. Parecia que todas as portas estavam fechadas para mim. Eu não conhecia mais ninguém. Percebia que atrás das janelas todos me olhavam e... ninguém... ninguém...

LUCÍLIA
Não, papai, o senhor não está só. Eu estou aqui. Nós estamos aqui. O senhor vai ver que nem tudo está perdido.

JOAQUIM
Quando cheguei e ouvi você falando...

LUCÍLIA
Não pretendo deixá-lo. Nunca!

JOAQUIM
(*Subitamente*) Preciso encontrar uma solução.

LUCÍLIA
Nós vamos encontrar, papai.

JOAQUIM
Não entregarei minha fazenda, assim sem mais nem menos.

LUCÍLIA
Não vamos entregar.

OLÍMPIO
Lucília! Pense no que está dizendo! Tudo vai depender de você.

JOAQUIM
Isso é roubo! Não podem me tomar o que me pertence.

LUCÍLIA
Não deixaremos.

JOAQUIM
Meus direitos sobre essas terras não dependem de dívidas. Nasci e fui criado aqui. Aqui nasceram meus filhos. Aqui viveram e morreram meus pais. Isto é mais do que uma simples propriedade. É meu sangue! Não podem me fazer isso!

OLÍMPIO
Eu sei “seu” Quim, mas é preciso considerar a situação, não perder a calma. Lembre-se de sua família.

LUCÍLIA
Papai! Ouça-me: é melhor pensarmos com calma.

JOAQUIM
(*Animando-se pouco a pouco*) Hei de encontrar um meio. Não entrego a minha fazenda sem lutar até o fim.

LUCÍLIA

Isso mesmo, papai! Vamos lutar.

OLÍMPIO

Não seja insensata, Lucília!

LUCÍLIA

(Áspera) Estou com papai em tudo e por tudo.

JOAQUIM

Pensei morrer antes de ver este dia. Não se tem mais respeito por nada. Não existem mais amizades. Não se pode acreditar na palavra de ninguém. Não entregarei minhas terras por nada! (Subitamente) Pode dizer a eles, na cidade, que se vierem aqui eu os receberei à bala, à bala! Está ouvindo?

LUCÍLIA

Papai!

JOAQUIM

(Apoplético) Não me importo de morrer. Nada de bom, nada de decente restará depois disto.

LUCÍLIA

Não, papai! Não! Acalme-se!

JOAQUIM

Nem meus filhos poderão me respeitar. (*Lucília tenta abraçar Joaquim.*)

OLÍMPIO

“Seu” Quim!

JOAQUIM

Ninguém! Deixe-me, minha filha.

LUCÍLIA

Não, papai, pelo amor de Deus, acalme-se!

JOAQUIM

(Libertando-se de Lucília) São terras que pertenceram a meus pais. Que são de meus filhos. São minhas! (Anda, desorientado, pela sala.) Isto é sagrado! Só Deus... só Deus... (Pára, ofegante.)

LUCÍLIA

(Desesperando-se) Olímpio! Ajude-nos. Não deixe que papai fique assim!

JOAQUIM

Ninguém vai me tirar daqui. (Cai ajoelhado diante dos quadros.)

LUCÍLIA

Mamãe! (Corre para a cozinha.) Mamãe!

JOAQUIM

Meu Deus! Eu... eu... (Sua voz não sai.)

HELENA

(Aparece acompanhada por Lucília.) O que foi? O que é isto?

JOAQUIM

Não tire minhas terras!

HELENA

Quim! (Abraça-o.) Quim! Não desespere!

JOAQUIM

Não tire a minha fazenda! Não tire a minha fazenda!

LUCÍLIA

Papai! Nós vamos lutar. Se for preciso, morremos aqui. Não vamos sair. Aclame-se.

HELENA

Lucília! Contenha-se! Venha, Quim. Nós daremos um jeito. (Levanta-o.)

JOAQUIM

Tudo o que é nosso, Helena, vendido assim, como se fosse coisa sem dono.

HELENA

Precisamos ser fortes, não nos deixar levar. Deus sabe o que faz.

JOAQUIM

Eu estava lá e não podia fazer nada. Nada!

HELENA

Venha.

JOAQUIM

Ninguém vai me tirar daqui, ninguém, ouviu?

HELENA

(Leva-o para o quarto.) Está certo, Quim. Nós daremos um jeito. Tenha calma. (Saem.) (Pausa)

OLÍMPIO

(Fica sem saber o que fazer.) Lucília!

LUCÍLIA

Eu disse a você. Compreende agora?

OLÍMPIO

Compreendo.

LUCÍLIA

(Pausa) Olímpio! Diga-me: não há mesmo esperança nenhuma?

OLÍMPIO

Não sei, Lucília. Tudo é possível.

LUCÍLIA

Temos que entregar o que é nosso, que sempre foi nosso, assim, como se estivéssemos com as mãos amarradas?

OLÍMPIO

Temo que sim.

LUCÍLIA

(Desanimada) Temos que sair, então?

OLÍMPIO

É indispensável que você convença seu pai. Agora não há outra solução.

LUCÍLIA

(Pausa) Está bem.

OLÍMPIO

Vou estudar o processo e, se houver alguma falha, entrarei imediatamente com um recurso.

Teremos, assim, tempo para esperar uma resolução do governo. Não é possível que ele

deixe uma classe inteira ir à ruína, sem tomar uma providência qualquer. (Pausa)
(Neste instante, Marcelo aparece na porta em arco. Marcelo está com o rosto contraído; fica observando Lucília e Olímpio. Quando Lucília e Olímpio derem com ele, Marcelo estampará no rosto um sorriso forçado.)

OLÍMPIO
 Lucília!

LUCÍLIA
 Convencerei papai.

OLÍMPIO
 É preciso lutar contra esse desespero e aceitar a realidade, se for necessário.

LUCÍLIA
 Meu sentimento de família e de felicidade está ligado às nossas terras. Em minha família foi sempre assim. Não aprendi a sentir de outra maneira. É esta a única realidade.

OLÍMPIO
(Pausa) Está bem, Lucília!

LUCÍLIA
 Nós não podemos ser destruídos. E isso ainda depende de nós. *(Pausa)* Agora vá. Antes de mais nada, precisamos dar uma esperança a papai.
(Dão com Marcelo.)

MARCELO
 Como vai?

OLÍMPIO
 Bem. E você?

MARCELO
(Sorri.) Como sempre.

(Lucília e Olímpio saem pela porta em arco. Marcelo olha para trás e depois vem até o meio da sala. Por um momento, dá a impressão de um extremo abandono. Torna a contrair o rosto.)

MARCELO
 Mamãe!

HELENA
(Entrando) Fale baixo, meu filho.

MARCELO
(Sorri novamente.) Que foi?

HELENA
 Seu pai está descansando.

MARCELO
 Papai deitado a esta hora?! O mundo vai acabar!

HELENA
 Então, você não sabe, meu filho?

MARCELO
 Não. Saber o quê? Estou chegando agora.

HELENA
 Onde você anda com a cabeça, Marcelo?

MARCELO

(Sorri.) No mundo da lua. Papai já disse isso, não se lembra?

HELENA

Meu filho! A fazenda de seu pai foi à praça. Temos que sair daqui.

MARCELO

Ora, mamãe! Quem pode nos obrigar a sair daqui?

HELENA

Não brinque, Marcelo!

MARCELO

Papai dará um jeito. Não quero ver você triste. Olhe só o que eu trouxe. *(Desembrulha um véu.)* Não é uma beleza?

HELENA

(Reprimindo as lágrimas) É!

MARCELO

Andei pela cidade toda para encontrar o mais bonito. Experimente. *(Põe o véu em Helena.)* As santas vão ficar com ciúmes! A mais bela...

HELENA

Meu filho! *(Soluça.)*

MARCELO

(Abraça-a.) Não chore. *(Contraí o rosto.)* Não quero que sofra. Eu sei que não sei fazer nada, só vivo sonhando, no mundo da lua!... mas estou aqui, junto de você. Tudo! Menos vê-la chorar. *(Seu rosto se contraí ainda mais.)* Mamãe! Por favor, não chore. Eu... *(Procura se dominar.)* ... nunca deixarei você. Não sou mais o seu companheiro?

HELENA

(Olha para Marcelo e este desvia o rosto.) Você sabia, meu filho?

MARCELO

(Fugindo) Tenho uma porção de coisas engraçadas da cidade para contar...

HELENA

(Corta.) Diga, Marcelo, você já sabia? *(Marcelo faz um gesto afirmativo com a cabeça.)* Sempre tive medo que isto acontecesse.

MARCELO

Mamãe! Ainda podemos salvar a fazenda. Ouvi o Olímpio dizer qualquer coisa a Lucília!

(Lucília entra pelo corredor do SEGUNDO PLANO, acompanhada por Olímpio. Lucília vem, rígida, até a mesa e senta-se; fica examinando os objetos que estão em cima da mesa.)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Só Deus sabe.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) É verdade. Eu ouvi. Pergunte a Lucília!

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Meu filho! Eu sei me conformar.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Se tivermos que sair, para onde vamos?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Não sei, ainda. Se tivermos que sair, só peço a Deus que dê confiança ao Quim; que ele não perca nunca a esperança de voltar.

OLÍMPIO

(SEGUNDO PLANO) (Chamando) Lucília!

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Papai não merecia isso.

LUCÍLIA

(SEGUNDO PLANO) (Como se voltasse a si) É melhor assim. Não se tem mais esperança e pronto.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Deus sabe o que faz.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) (Falsa alegria) Mas não importa. Arranjarei um emprego e conquistarei o mundo para você.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Os anjos que digam amém. Venha, meu filho, venha falar com seu pai. Agora ele precisa de todo o nosso apoio. (Entram no quarto de Joaquim.)

PRIMEIRO PLANO

LUCÍLIA

A gente se sente à parte, sem sentido.

OLÍMPIO

(Pequena pausa) Quer que fale com seu pai sobre a decisão do tribunal? Ou você mesma quer falar?

LUCÍLIA

Você poderá explicar melhor. (Retesa-se.) Para um advogado, aquilo talvez tenha lógica.

OLÍMPIO

Lucília!

LUCÍLIA

Não o estou censurando. As leis não foram feitas por você.

OLÍMPIO

Voltarei aqui com seu pai. (Dirige-se para a porta.)

LUCÍLIA

Olímpio!

OLÍMPIO

Que é, Lucília?

LUCÍLIA

Leia... leia mais uma vez a sentença do juiz... a parte final.

OLÍMPIO

Lucília! Você me prometeu não tocar mais nisso.

LUCÍLIA

Quero ouvir a sentença ainda uma vez. Faça-me o favor.

(Olímpio abre a pasta e tira alguns papéis. Marcelo aparece à porta do quarto de Joaquim, no SEGUNDO PLANO; olha longamente a sala. Enquanto Olímpio lê, Marcelo atravessa a sala em direção a seu quarto, examinando tudo.)

OLÍMPIO

(Lê.) "Não procede a nulidade alegada. A lei manda publicar os editais no Diário Oficial e em jornal local, onde houver... Etimologicamente, jornal vem do italiano "giornale" e de "giorno"; do latim "diurnus", de "dies-dieī", quer dizer, diário. Ora, na comarca não há diário, e sim semanários. Não é obrigada a publicação em semanários..."

(No SEGUNDO PLANO, Marcelo volta-se angustiado e corre para seu quarto. Quando Marcelo corre, Helena aparece à porta de seu quarto e fica olhando Marcelo. Idêntico movimento de Helena, que também examina a sala, angustiada.)

LUCÍLIA

(Num sussurro) Dies-dieī!

OLÍMPIO

Lucília!

LUCÍLIA

Obrigada. Até a vista.

OLÍMPIO

(Pausa) Até logo.

(Olímpio sai. Lucília fica repetindo: "DIES-DIEI". No SEGUNDO PLANO, cresce a angustia de Helena. Lucília levanta-se, tira o vaso de flores de cima da máquina e a toalha; depois abre-a com resolução.)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Enquanto Lucília tira o vaso de flores e a toalha, Helena cai ajoelhada na frente dos quadros.) Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós! Tirai nossas terras, mas conservai, conservai, eu vos suplico... (Olha para o quarto de Joaquim e subitamente esconde o rosto nas mãos. Enquanto Lucília abre a máquina de costura...)

PANO

TERCEIRO ATO

CENÁRIO:

O mesmo dos atos anteriores. A sala do PRIMEIRO PLANO está exatamente como terminou no segundo ato; a do SEGUNDO PLANO, porém, já não tem os objetos de uso caseiro e os enfeites; só restam os móveis descobertos, os dois quadros na parede e o relógio.

AÇÃO:

No SEGUNDO PLANO, algum tempo depois; no PRIMEIRO PLANO, imediatamente à do segundo ato.

CENA:

Ao abrir-se o pano, Lucília está à máquina. De repente, olha o relógio, levanta-se e vai ao corredor, segurando ainda a sua costura.

LUCÍLIA

Mamãe! É a senhora, mamãe?

(Lucília volta à máquina de costura. Helena aparece no SEGUNDO PLANO, vindo de seu quarto; está abatida e parece ainda mais envelhecida. Apesar de continuar empertigada, dá a impressão de frágil, angustiada. Helena olha a sala, demorando os olhos nos móveis; vai à porta da cozinha e...)

SEGUNDO PLANO**HELENA**

Quim! Quim!

JOAQUIM

(Voz que vem da sala ao fundo) Que é?

HELENA

(Gesto de aborrecimento) Que está fazendo aí no escuro?

JOAQUIM

(Voz) Nada. Descansando.

HELENA

Já fechei as janelas. Você tornou a abrir?

JOAQUIM

(Voz) Não.

HELENA

Aqui está mais claro.

JOAQUIM

(Voz) Assim é melhor. Senti vontade de ficar sentado no escuro.

HELENA

Está preocupado, Quim?

JOAQUIM

(Voz) Não. Há muito tempo que não ficava aqui, nesta salinha.

HELENA

Não quero que se preocupe.

JOAQUIM

(Voz) Não estou preocupado.

HELENA

Então, venha para cá.

(Pausa. Joaquim aparece à porta em arco, pára e olha para Helena. Joaquim também envelheceu, mas não tanto como Helena. Atrás de sua calma, nota-se uma ansiedade dolorosa.)

JOAQUIM

Você viu que o balaústre do alpendre estragou?

HELENA

Não.

JOAQUIM

Está rachado!

HELENA

Deve ser o sol.

JOAQUIM

Preciso mandar consertar.

HELENA

Não gosto, Quim, que você fique assim!

JOAQUIM

Assim, como?

HELENA

Examinando tudo.

JOAQUIM

Não estou examinando nada.

HELENA

Está sim. Tenho visto você por aí, como se estivesse procurando alguma coisa.

JOAQUIM

Apenas vi que o balaústre está estragado e que preciso mandar consertar. O que tem isso de extraordinário?

HELENA

Já está estragado há tanto tempo!

JOAQUIM

Como é que não me disse nada? O que é que vão pensar de nós?

HELENA

Não está rachado, apenas descascado.

JOAQUIM

Estou dizendo que está rachado é porque está rachado.

HELENA

Descascado. Também sei distinguir as coisas.

JOAQUIM

(Olha para Helena.) Está certo, minha velha. Descascado!

(Joaquim dá uma volta pela sala.)

HELENA

Sente-se, Quim. Já andou muito hoje.

JOAQUIM

Não quero.

HELENA

Por que se levantou tão cedo? Ainda estava escuro.

JOAQUIM

(Impaciente) Sempre me levantei a essa hora.

HELENA

(Com docura) Eram três e meia, Quim.

JOAQUIM

Estava sem sono.

HELENA

(Pausa) O que será que aconteceu na colônia esta noite?

JOAQUIM

Por quê?

HELENA

Não ouviu o barulhão que fizeram os cachorros? Um deles começou a latir e todos acompanharam.

JOAQUIM

Cachorro de colônia é assim mesmo; late à toa, faz barulho por qualquer coisa.

HELENA

(Pausa) E como cantaram os galos! Quando ia terminando um, começa outro; ora perto, ora longe. Logo depois da meia-noite... (*Os dois se olham.*) ... tive a impressão de que algum bicho estava pegando uma galinha. Não ouviu o barulho?

JOAQUIM

Foi aí, na mexeriqueira. Os cachorros do mato não chegam assim tão perto da casa. Alguma galinha deve ter caído do “puleiro”.

HELENA

Com certeza foi a do “pescoço pelado”. Ela dorme lá e é “arrilenta” como ela só.

JOAQUIM

(*Olha para a bandeira da porta de seu quarto.*) Um dos vidros da “bandeira” precisa ser trocado. Entra muita luz no quarto. Acho que foi isso que não me deixou dormir.

HELENA

(*Olhando também*) Deve ser.

(*Helena faz menção de perguntar alguma coisa, mas desiste, demonstrando um certo receio.*)

JOAQUIM

(Pausa) O forro do nosso quarto (*Olha para cima, examinando o forro da sala.*) ainda está perfeito.

HELENA

Antigamente sabiam trabalhar.

JOAQUIM

Faziam as coisas para o “resto” da vida!

HELENA

(Pausa. Luta contra um pensamento, decidindo-se subitamente.) Por que não conversou comigo “de noite”?

JOAQUIM

(Violento) Ora, Helena, a noite foi feita para dormir. (Pausa longa)

HELENA

(Calma) Foi na lavoura, Quim?

JOAQUIM

Fui.

HELENA

Está tudo em ordem?

JOAQUIM

Tudo.

HELENA

E...? (Pára, indecisa.)

JOAQUIM

A chuva foi boa, molhou bastante.

HELENA

(Forçando) E o café?

JOAQUIM

A florada abriu. (Anima-se.) O cafezal está uma beleza, branco como um véu! Se chover mais, vamos ter uma colheita... (Pára subitamente. Helena olha para ele e desvia o rosto.)

HELENA

Quim! (Levanta-se.)

JOAQUIM

(Anda, impaciente, pela sala.) O barulho de chuva durante a noite; aquele cheiro de terra invadindo o quarto...!

HELENA

Quim! Olhe para mim. Que foi que combinamos? Partir como se fôssemos apenas fazer uma viagem, não foi?

JOAQUIM

Naturalmente que é apenas uma viagem, mas não posso deixar de sentir.

HELENA

Está certo. Não quero que sofra por causa disso.

JOAQUIM

(Violento) Quem é que disse que estou sofrendo?

HELENA

Ninguém, Quim, ninguém.

JOAQUIM

Não posso compreender essa sua calma! Sabe lá quem é essa gente que vem morar aqui? (Pausa) Onde está a minha “cadeira de balanço”?

HELENA

Já mandei embora. Sente-se aqui.

JOAQUIM

(Impaciente) Já disse que não quero me sentar! (Pausa. Joaquim vai à porta em arco e fica olhando para fora.)

HELENA

Quim!

JOAQUIM

(Distante) Hummm!

HELENA

Que é que está olhando aí?

JOAQUIM

Nada. (Olha para Helena.) Não sei por que usei tão pouco a “salinha”??!

HELENA

Você nunca parava em casa durante o dia.

JOAQUIM

Podia ter me sentado ali, à noite.

HELENA

Cansados como ficávamos?! À noite, só queríamos deitar.

JOAQUIM

Há sempre tanta coisa para se ver, que não se tem tempo nem de pensar.

HELENA

Você sumia o dia inteiro!

JOAQUIM

(Pausa) Helena!

HELENA

Que é?

JOAQUIM

Você se lembra?

HELENA

Do quê?

JOAQUIM

De quando ficamos a sós pela primeira vez?

HELENA

Não, não me lembro.

JOAQUIM

Não se lembra mais?!

HELENA

Como havia de me lembrar, Quim?!

JOAQUIM

Foi aqui, nesta salinha! (*Olha novamente para fora.*)

HELENA

(Pausa) Não foi!

JOAQUIM

Como não foi?

HELENA

(Sorri.) Foi na estrada, quando vínhamos para cá.

JOAQUIM

Digo aqui, em casa.

HELENA

Ah!

JOAQUIM

Naquela época não havia o nicho, a janela grande; mas é ainda a mesma sala, são os mesmos móveis!

HELENA

(Recordativa) A casa me pareceu grande demais.

JOAQUIM

Só para nós dois.

HELENA

Pensei que não fosse dar conta.

JOAQUIM

Você só podia ser uma boa dona de casa!

HELENA

Foi o que mamãe me ensinou.

JOAQUIM

(Pausa) Há uma coisa que eu sempre quis perguntar, Helena.

HELENA

Diga.

JOAQUIM

O que foi que pensou de mim no momento em que ficamos a sós?

HELENA

Nada.

JOAQUIM

Nada?!

HELENA

Nada. Não conhecia você direito.

JOAQUIM

(Irritado) Você tem cada uma! A gente vê uma pessoa e sente alguma coisa!

HELENA

Não sei; não me lembro. Sabia, desde menina, que ia casar com você, mas... (Sorri.) acho que ouvi sua voz pela primeira vez quando disse "sim" lá na capela!

JOAQUIM

Não queria casar comigo?

HELENA

Não sei. Não me perguntaram.

JOAQUIM

E se tivessem perguntado?

HELENA

Não me perguntariam nunca.

JOAQUIM

(Violento) Mas e se perguntassem?

HELENA

Como vou saber, Quim? Eu nem sabia o que era isso.

JOAQUIM

E depois?

HELENA

Naturalmente que sim. (*Entreolham-se, evocativos.*)

JOAQUIM

Quando voltarmos para a fazenda, vou me sentar mais nesta salinha.

HELENA

(Subitamente triste) Quando... (Pára.)

JOAQUIM

(Sem ter percebido) Sabe o que estive pensando hoje no cafezal? Que devia ter me casado mais cedo!

HELENA

Por quê?

JOAQUIM

Teríamos aproveitado mais.

HELENA

Aproveitamos tanto!

JOAQUIM

Pois me parece que foi ontem que chegamos aqui, juntos.

HELENA

Sabe? No começo você me atemorizou, é verdade. Tinha um ar tão respeitável com aqueles bigodões. Parecia meu pai! (*Riem.*)

JOAQUIM

Com a morte de papai, fiquei, ainda muito moço, o chefe da família.

HELENA

Tivemos três dias de festas quando casamos. Naquele tempo é que se sabia fazer festas! Estavam todos lá! Era uma gente bem diferente, não é, Quim?

JOAQUIM

Muito! Os “antigos” eram de peso.

HELENA

A Donana, a Madrinha, a Betica, o coronel Orlando, o coronel Francisco, o coronel Torquato!

JOAQUIM

É gente que não se vê mais!

HELENA

Como discutiam! Como falavam alto! Davam a impressão de briga, quando estavam apenas conversando.

JOAQUIM

Bastava “tocar” em caçadas, ou em política!

HELENA

(*Pausa*) Já não se caça como antigamente!

JOAQUIM

O “pessoal” de hoje é muito “perrengue”. Só sabe ficar na cidade, fazendo o que não deve! (*Pausa*) Quero morrer como meu avô: caçando.

HELENA

Se a gente pelo menos morresse... (*Disfarça.*) como quer!

JOAQUIM

Meu avô comeu a “matula” e sentou-se encostado ao tronco de uma árvore. Quando os outros caçadores chegaram, já estava morto. Um dos cachorros estava deitado em sua perna... e ele parecia dormir!

HELENA

(*Evocativa*) Três dias de festas!

JOAQUIM

Eu tomava parte nas discussões, mas era em você que pensava.

HELENA

Sabe o que é que eu pensava? Na minha casa. Na casa de meus pais. Eu julgava que, depois que tudo aquilo acabasse, ia voltar para lá!

JOAQUIM

Ora, Helena!

HELENA

É verdade. Fiquei apavorada quando me vi em cima daquele cavalo e sozinha com você, na estrada.

JOAQUIM

Não me passou pela cabeça que ia ser tão feliz!

HELENA

Para não sentir medo, sabe no que comecei a pensar? Como se dava “ponto” em goiabada, como se fazia sabão de cinza, como se aproveitava o leite para fazer queijo e o que devia fazer para me tornar uma boa fazendeira. Tentava me lembrar de todas as recomendações de minha mãe, uma por uma!

JOAQUIM

(*Pausa*) Para no fim... chegarmos a isto!

HELENA

(*Afliita*) Não, Quim! Não comece outra vez.

JOAQUIM

Você, meus filhos, todos, no fundo, me censuram.

HELENA

Nem eles, nem eu, podemos acusar você. Nem ninguém! Já disse isso tantas vezes!

JOAQUIM

Essas coisas a gente sente, minha velha. Não é preciso ninguém dizer.

HELENA

É uma situação apenas passageira, Quim. Tudo vai acabar bem.

JOAQUIM

Eu sei que vai acabar bem. Tem que acabar bem. Estou me referindo ao que aconteceu.

HELENA

Entregamos nossa fazenda a essa gente até se decidir o processo, depois vamos voltar. Não foi assim que o Olímpio explicou?

JOAQUIM

Foi.

HELENA

Não há razão, portanto, para nos atormentarmos. Não é verdade?

JOAQUIM

(*Com esforço*) É.

HELENA

(*Pausa longa*) Quim! Quem arrematou a fazenda?

JOAQUIM

Não conheço.

HELENA
Não são fazendeiros?!

JOAQUIM
Acho que não.

HELENA
(Pausa) Não é melhor levarmos nossas coisas?

JOAQUIM
Que coisas?

HELENA
Nossos móveis... tudo, enfim.

JOAQUIM
Helena! Já disse que não levamos nada. Não estamos fazendo uma mudança!

HELENA
Não posso imaginar uma casa sem meus móveis.
(Olha os móveis.)

JOAQUIM
(Pausa) O que me preocupa mais são as minhas jabuticabeiras.

HELENA
Por quê?

JOAQUIM
Ora, Helena! É preciso soltar a água nas valetas para “molhar” as jabuticabeiras. Fiz isso a vida inteira, será que você não sabe?!

HELENA
Naturalmente que sei.

JOAQUIM
Se não molhar, a florada não abre.

HELENA
Podemos recomendar aos novos donos... (Pára.)

JOAQUIM
(Furioso) Que novos donos? O único dono aqui ainda sou eu. Você parece que tem prazer em entregar o que é nosso!

HELENA
Podemos pedir a eles que ponham água de vez em quando!

JOAQUIM
Gente que não conhecemos. Não vamos pedir nada a eles.

HELENA
Está bem, Quim. Como achar melhor.

JOAQUIM
(Pausa. Joaquim olha para o relógio.) Seria bom tirar agora?

HELENA
O quê?

JOAQUIM
O relógio.

HELENA
Na hora de sair nós tiramos.

JOAQUIM
(Pausa) Foi presente de casamento do meu avô ao meu pai. Sabe? Meu avô tinha um propósito. Os antigos não davam nada assim sem mais nem menos. Sabiam sempre o que era mais útil. Junto com o presente veio a recomendação: “Meu filho! Não deixe nunca o sol pegar você na cama e saiba dividir o seu tempo que tudo...” Disto ninguém poderá me acusar, Helena. Em toda a minha vida, só aquela vez quando tive maleita, não vi o sol nascer.

HELENA
Ninguém vai acusar você de nada, Quim. Já disse isso!

JOAQUIM
Até hoje não comprehendi como foi que tudo isso aconteceu!

HELENA
As coisas mudam, Quim. Às vezes, não somos culpados das coisas que nos acontecem...
(Disfarça.) embora tudo pareça erro nosso.

JOAQUIM
Naquele dia, andei como um louco pela cidade; em cada casa que entrava, era como se não entrasse ninguém. Estamos sós, Helena; nem parentes, nem amigos! Não sei o que foi feito deles.

HELENA
Nós nos afastamos de todos, Quim. Não freqüentamos nada!

JOAQUIM
E para quê? Uma gentinha, que não sei de onde veio, tomou conta de tudo!

HELENA
As cidades também crescem. É por isso que aparecem tantas “caras novas”!

JOAQUIM
Vivíamos muito bem sem elas. Gentinha!

HELENA
(Sorri.) Nós não saímos daqui, não acompanhamos nada. Antes as reuniões eram feitas nas fazendas! Hoje são feitas na cidade... e estivemos sempre longe de tudo!

JOAQUIM
Fizemos muito bem.

HELENA
A verdade, Quim, é que não evoluímos!

JOAQUIM
Não sei; pode ser. (De repente) Vou ver se já recolheram as vacas.

HELENA
Você viu que as formigas tornaram a sair?

JOAQUIM

Não. Onde?

HELENA

Novamente ali.

(Helena aponta para a esquerda, entre a porta em arco e a de seu quarto.)

JOAQUIM

Precisamos pôr água quente.

HELENA

São danadas, nunca vi!

JOAQUIM

Espere. Vou buscar a chaleira.

(Helena fica examinando a parede. Elvira aparece em baixo, no PRIMEIRO PLANO.)

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Bom dia, Lucília.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Bom dia. (Lucília, que estivera o tempo todo sentada à mesa, costurando à mão, levanta-se e vai à máquina.)

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Onde está Helena?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Não sei. Acho que saiu.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Posso experimentar o vestido?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Pode.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) (Pega o vestido.) O Olímpio voltou, não é?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Voltou.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Alguma novidade?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Não sei.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Soube que não pretende costurar mais.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Quem disse?

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Seu pai.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Não sei ainda.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Espero que faça exceção para mim. (Sai.)

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Quim!

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Entrando) Onde?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Olhe aqui. Está vendo?

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Não.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Aqui. Viu?

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Agacha-se.) Vi. (Despeja a água.) (Lucília, no PRIMEIRO PLANO, vai à parede do fundo e passa a mão no galho da jabuticabeira; tem um momento de desânimo e dirige-se para a máquina de costura.)

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Desta vez elas me pagam. Quero ver se tornam a sair.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Nunca vi formiga mais daninha.

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Se deixarmos, elas tomam conta da casa.

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Já invadiram o guarda-comida.

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Elas são “sabidas”. (Levanta-se.) Saíram na cozinha também?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Levantando-se) Saíram. (Saem para a cozinha.)

PRIMEIRO PLANO**ELVIRA**

(Entrando) Para falar a verdade, não gosto muito deste tipo de vestido, mas é a moda, o que se pode fazer!

LUCÍLIA

Fica bem na senhora.

ELVIRA

Fica? Você acha que fica?

LUCÍLIA

Se não achasse não teria dito.

ELVIRA

Que foi?

LUCÍLIA

Nada, por quê?

ELVIRA

Parece nervosa.

LUCÍLIA

Estou cansada.

ELVIRA

Não vá me espantar. Tenho horror de alfinetes!

LUCÍLIA

Já aconteceu isso alguma vez?

ELVIRA

Não. Ah! Esqueci de avisar o Quim: o café vem amanhã.

LUCÍLIA

(Seca) Vou falar com papai.

ELVIRA

O que é que você tem?

LUCÍLIA

Nada, já disse.

ELVIRA

Pensei que estivesse satisfeita?

LUCÍLIA

Por que haveria de estar?

ELVIRA

Aconteceu alguma coisa?

LUCÍLIA

Não. Não posso ficar aborrecida?

ELVIRA

Não devemos nos aborrecer. Isso envelhece a gente.

(Lucília ajoelha-se para ajustar a barra do vestido de Elvira. No SEGUNDO PLANO, Helena aparece vindo da cozinha, olha a sala e, de repente, volta-se e fica olhando a "salinha"; depois lentamente, anda e desaparece.)

LUCÍLIA

Tenho a impressão de que a senhora não vai envelhecer nunca.

ELVIRA

Por quê?

LUCÍLIA

Por não ter nada com que se aborrecer.

ELVIRA

Você é que não sabe! Se soubesse o trabalho, as dores de cabeça que me dá este asilo! Se não tomar a iniciativa de fazer o que é preciso, ninguém toma. Não me incomodo de ajudar, mas acho que é preciso cooperação. Todos devem dar! Só eu, sempre eu! Já tenho muitas despesas. E depois, minha filha, o Augusto...

LUCÍLIA

(Corta, brusca.) Não me chame de sua filha.

ELVIRA

Por quê?

LUCÍLIA

Porque não sou sua filha.

ELVIRA

(Pausa. Elvira olha para Lucília.) O Augusto está ficando tão ranzinza.

LUCÍLIA

Ranzinza, como?

ELVIRA

Acha que sou "mão aberta" demais, que sustento

sozinha o asilo e... coisas assim. Sempre soube fazer economia!

LUCÍLIA

Aconselho a senhora a não nos trazer mais nada.

ELVIRA

Por que não? Também tenho o direito. Dou o que quiser a quem quiser.

LUCÍLIA

(Ainda ajoelhada) A senhora não pode ficar um instante parada? Assim não posso acertar esta barra.

(Pausa)

ELVIRA

(Desconfiada) O Olímpio não trouxe mesmo novidade nenhuma?

LUCÍLIA

Trouxe. Papai perdeu o processo.

ELVIRA

Perdeu?

LUCÍLIA

Exatamente.

ELVIRA

(Abatida) Coitado do Quim!

LUCÍLIA

Acho melhor assim. Não se tem mais esperança e pronto.

ELVIRA

E você me conta isso assim?!

LUCÍLIA

Para a senhora, que diferença faz?

ELVIRA

Muita! Por que é que me diz isso?

LUCÍLIA

Porque penso assim.

ELVIRA

Acho que no fundo, bem no fundo, o Quim não esperava mais.

LUCÍLIA

Por quê?

ELVIRA

O Quim, como eu, sabe sentir suas culpas.

LUCÍLIA

(Tesa) Como assim?

ELVIRA

A gente sente quando uma culpa nos pesa na alma, tanto como um pecado qualquer.

LUCÍLIA

E então?

ELVIRA

Afinal, seu pai cometeu muitos erros. A gente só paga aquilo que deve.

LUCÍLIA

(Tentando se controlar) Ainda não comprehendi.

ELVIRA

Primeiro, seu pai ficou com a melhor parte da fazenda quando eu também tinha direito. Depois, não soube aproveitar isso e endividou-se, por culpa exclusivamente dele, e acabou perdendo tudo. Reconheço que o Quim sempre foi um homem bom, de muito boa fé, mas sem visão nenhuma, desastrado para os negócios.

LUCÍLIA

E para terminar, agrediu tio Augusto naquele dia, não é?

ELVIRA

Foi um gesto infeliz, mas perdoável.

LUCÍLIA

Mas que vocês não perdoaram.

ELVIRA

Quem disse...

LUCÍLIA

(Corta.) Queriam, com certeza, que ele se arrastasse pelo chão?

ELVIRA

Precisamos aprender a aceitar nossas próprias culpas. Pecamos, erramos e continuamos a pecar e a errar porque estamos sempre pedindo prazo a Deus para os corrigirmos.

LUCÍLIA

É muito fácil julgar os outros.

ELVIRA

(Amargurada) Chega um dia em que esse prazo é tirado definitivamente.

LUCÍLIA

Ainda bem que a senhora pensa assim.

ELVIRA

Não é mesmo?

LUCÍLIA

Tenho certeza de que a senhora também pede prazo para seus erros, para seus pecados.

ELVIRA

Eu?!

LUCÍLIA

É. Esta ajuda que nos dá é porque também se sente culpada.

ELVIRA

Que culpa tenho eu?

LUCÍLIA

(Descontrolando-se) Que culpa?! Acha pouco o desespero em que papai tem vivido?

ELVIRA

Não fui eu quem arruinou seu pai.

LUCÍLIA

Sei disso. Mas podia ter evitado.

ELVIRA

Eu?

LUCÍLIA

É. A senhor mesma.

ELVIRA

(Empertiga-se.) Quem agrediu primeiro foi o Quim e não o Augusto!

LUCÍLIA

Depois daquela resposta grosseira, papai não podia fazer outra coisa.

ELVIRA

Quem precisa dos outros não pode ter orgulho.

LUCÍLIA

Isso mostra bem o que a senhora é. A verdade é que deixou a nossa fazenda ir à praça e ser arrematada por gente que não tinha o menor amor às nossas terras.

ELVIRA

Nós, como todos, também estávamos em má situação.

LUCÍLIA

(Levanta-se de um ímpeto.) Mentira!

ELVIRA

Lucília! (Afasta-se.)

LUCÍLIA

É isso mesmo. Mentira! Vocês não perderam nada.

ELVIRA

Você está louca!

LUCÍLIA

Não estou louca, não. Sei bem o que estou dizendo. Essa culpa a senhora vai levar para o túmulo.

ELVIRA

Lucília!

LUCÍLIA

Não vai poder resgatar nunca. O preço dela é o nosso sofrimento, são nossas humilhações. Vocês podiam ter ficado com a fazenda, papai teria onde morrer. Depois era só vender, não a queria para mim.

ELVIRA

Não tive culpa nenhuma. Deus sabe disso.

LUCÍLIA

Preferiram ver a fazenda nas mãos de gente estranha a dar oportunidade ao papai de morrer em sossego. Vocês souberam se vingar!

ELVIRA

Você não sabe o que está dizendo!

LUCÍLIA

Sei muito bem. Quem sabe a senhora pensa que com um latãozinho de leite, café e outras coisas pode resgatar tudo isso?

ELVIRA

Não quero resgatar nada. Tenho a consciência limpa. Tínhamos compromissos também.

LUCÍLIA

Que compromissos? Compromissos com o seu dinheiro? Nem filhos tem! .

ELVIRA

Nunca mais porei os pés aqui.

LUCÍLIA

Pouca diferença faz. Sei e posso sustentar a minha casa.

ELVIRA

Você é uma mal-agradecida.

LUCÍLIA

A ajuda que nos deu já foi paga. Não se esqueça de que nunca lhe cobrei um tostão pelo meu trabalho.

ELVIRA

Você não tem respeito?!

LUCÍLIA

Se a senhora merecesse respeito, teria tido um pouco de amor por seu irmão, piedade ao menos. Gostaria que tivesse assistido a chegada deles, quando vieram da fazenda. Só aí poderia compreender até que ponto sofreram! Com o relógio, os quadros e esse... esse galho de jabuticabeira nas mãos... pareciam duas crianças assustadas, com medo de serem repreendidas. Atrás de cada gesto, de cada olhar, havia um pedido de perdão, como se eu... eu pudesse censurá-los em alguma coisa. Egoísta! A senhora é uma mulher má! Papai é mesmo de boa fé, tem bom coração, caso contrário teria posto a senhora daqui para fora. O que eles sofreram, você e tio Augusto hão de pagar.

(Elvira vira-se e sai pelo corredor. Lucília, lentamente, cai ajoelhada junto à mesa. No SEGUNDO PLANO, Joaquim aparece com um galho de jabuticabeira carregado de flores.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (No auge da angústia.) Papai! Papai!

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Alegre) Helena! *(Dá uma volta na sala.)* Helena! Olha como está florido este galho de jabuticabeira. Helena! *(Olhando pela porta em arco)* Que foi?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) (Voz) N...ada! Nada!

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Você está chorando, minha velha?

HELENA

(SEGUNDO PLANO) Não. Não estou.

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Como não está? Venha para cá. *(Joaquim desaparece em direção à salinha.)*

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) *(Aparece já vestida.)* Antes de sair tenho uma verdade a dizer: vocês, os filhos, também não souberam perdoar. Nunca perdoaram a seu pai a pobreza em que ficaram!

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Porque vivíamos desesperados.

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Cada um tem suas razões. Se não ajudei foi porque não pude, e isto basta.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Pode ficar com seu dinheiro. Faça bastante caridade!

ELVIRA

(PRIMEIRO PLANO) Lucília!

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Ficamos pobres e continuamos pobres à nossa custa. Agora saia daqui! Já esperei demais por este dia. Felizmente não moramos mais em sua casa, e devo isto ao meu trabalho. *(Elvira sai. Lucília vai até a máquina de costura e cai sentada. Joaquim e Helena aparecem abraçados, vindos da porta em arco.)*

SEGUNDO PLANO**JOAQUIM**

(Entra falando.) ... Foi a chuva desta noite! Parece que os galhos estão enrolados em algodão. Até nas raízes fora da terra abriram flores! O zunzum das abelhas é de ensurdecer a gente. Veja que beleza! É daquela jabuticabeira que parecia doente.

HELENA

Aquela do fundo do quintal?

JOAQUIM

É. Eu sabia que ela ia “arribar”.

HELENA

Não pensei que ela fosse... *(Vacila.)* resistir!

JOAQUIM

Que foi, minha velha?

HELENA

Não foi nada.

JOAQUIM

Você me recomendava para ter calma e agora se desespera?

HELENA

Tinta e cinco anos, Quim! Tinta e cinco anos aqui e agora... tudo isto!

JOAQUIM

Já se esqueceu? “Partir como se fossemos apenas fazer uma viagem!” Não é assim?

HELENA

(Controlando-se) É!

JOAQUIM

(Os dois voltam-se ao mesmo tempo para a porta.)

Deve ser o Marcelo.

(Lucília vai ao corredor do PRIMEIRO PLANO.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Mamãe? É você?

(Silêncio. Lucília volta à máquina.)

JOAQUIM

Vamos tirar o relógio?

HELENA

E os quadros.

JOAQUIM

Tornaremos a pôr no mesmo lugar quando voltarmos.

HELENA

(Com esforço) Naturalmente.

JOAQUIM

Acho que só pegando uma cadeira.

HELENA

Eu levo.

(Pausa longa. O barulho da máquina de costura vai aumentando pouco a pouco, até atingir o ponto máximo. Lucília movimenta as pernas com incrível rapidez. Joaquim sobe com certa dificuldade na cadeira e tira o relógio; põe o relógio em cima da mesa e fica admirando-o.)

HELENA

Quim! Os quadros.

(Tiram os quadros, subindo ao móvel; põem também na mesa. Helena acaricia-os; depois voltam-se e olham a parede nua.)

JOAQUIM

Veja, Helena, como ficou marcada a parede.

MARCELO

(Voz) Mamãe!

HELENA

(Abraça, aflita, Joaquim.) Quim! Quim!

JOAQUIM

Não se esqueça: "como se fôssemos apenas fazer uma viagem".

MARCELO

(Voz) Onde vocês estão?

HELENA

Aqui... aqui na sala, meu filho.

JOAQUIM

Eu sei o que você está pensando.

HELENA

Não diga mais nada.

(Marcelo aparece à porta em arco e fica olhando para Helena e Joaquim.)

JOAQUIM

Não entrego minhas terras sem lutar até o fim.

HELENA

Está certo, Quim.

(Continuam abraçados, dando, porém, impressão de abandono, de indefesos. Marcelo continua rígido, olhando para os dois. Lucília levanta-se e vai ao corredor.)

LUCÍLIA (PRIMEIRO PLANO) E **MARCELO** (SEGUNDO PLANO)

(Juntos) Mamãe!

JOAQUIM

Agora, ânimo, minha velha.

HELENA

As recordações... essas, ninguém poderá nos tomar.

JOAQUIM

Nem nossas terras.

(Lucília volta à máquina.)

HELENA

Mesmo que não... Devemos ter fé, Quim. A justiça de Deus é a única que não falha.

JOAQUIM

Nós temos!

MARCELO

Está tudo pronto. Podemos ir.

HELENA

(Pausa) Você recomendou a Rosária para abrir a casa de vez em quando? Não quero que fique suja de pó.

JOAQUIM

Recomendei.

HELENA

Será que as janelas estão todas fechadas?

JOAQUIM

Estão. Você mesma fechou.

HELENA

Quem vai aguar os vasos e o jardim?

JOAQUIM

O Benedito.

HELENA

(Pega um dos quadros.) Então, podemos ir.

MARCELO

Pode deixar, mamãe. Eu levo.

HELENA

(Agarra-se ao quadro.) Não. Eu mesma quero levar.

(Helena caminha, lentamente, para a porta. No PRIMEIRO PLANO, cresce o barulho da máquina de costura).

HELENA

(Pára à porta.) Quim! (Sem se voltar) Nossos móveis... Você acredita que os novos donos... Não demore, Quim! (Sai.) (Joaquim e Marcelo ficam olhando para a porta por onde saiu Helena. Lucília pára a máquina e olha para o corredor.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (Ainda sentada) Papai! (Levanta-se, impaciente, vai ao corredor e volta à mesa, sempre segurando a "costura".)

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Com esforço) E o seu emprego?

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Começo na próxima semana. Vamos?

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Vamos. (Pausa) Será por pouco tempo.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Mamãe está esperando.

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) (De repente, olha para o corredor.) Mamãe?

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Pega o relógio.) Vamos.

HELENA

(PRIMEIRO PLANO) (Voz) Já vou, minha filha.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) (Segura o outro quadro.) A Lucília já arranjou a máquina de costura.

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Violento) Não me fale nisto.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Antes de sair, quero dizer ao senhor que... que farei o que for possível para ajudar. Nunca trabalhei, mas...

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) (Corta.) Está certo, meu filho. Vamos recuperar tudo que é nosso. Tudo! Não tenho a menor dúvida.

HELENA

(PRIMEIRO PLANO) (Entrando) Não agüento mais esperar.

(Joaquim abraça o relógio e fica olhando a sala com grande ansiedade.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) A senhora estava aí na sala?

HELENA

(PRIMEIRO PLANO) Estava esperando seu pai.

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Vamos, papai. Ânimo!

JOAQUIM

(SEGUNDO PLANO) Quem é que está desanimado?

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) A senhora... já sabe?

MARCELO

(SEGUNDO PLANO) Ninguém! Ninguém!

HELENA

(PRIMEIRO PLANO) Já.

(Joaquim e Marcelo olham a sala e saem com resolução.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Papai aonde foi? Ele também sabe?

HELENA

(PRIMEIRO PLANO) Não. Saiu daqui para encontrar com você e Olímpio.

(Joaquim volta à sala no SEGUNDO PLANO e pega o galho de jabuticabeira que havia esquecido em cima da mesa. Torna a sair, procurando não olhar nada. Depois que Joaquim sai, as luzes do SEGUNDO PLANO vão diminuindo pouco a pouco até a sala ficar escura.)

LUCÍLIA

(PRIMEIRO PLANO) Com certeza, desencontramos.

PRIMEIRO PLANO**HELENA**

Procurei o Quim e não consegui encontrar.

LUCÍLIA

Deve estar com o Olímpio.

HELENA

Fui ao empório aonde ele costuma ir, à igreja, a toda parte!

LUCÍLIA

A senhora não devia andar assim.

HELENA

Se ele pelo menos não fosse tão violento.

LUCÍLIA

Precisamos deixar o papai protestar à vontade, e ficar quietas. É um direito que ele tem. Não pense mais nisso.

HELENA

(Aflita) Você sabe como é seu pai, Lucília! Como não hei de pensar?

LUCÍLIA

Não vai acontecer nada, mamãe. Acalme-se.

HELENA

Ele já não tem idade para enfrentar essas coisas.

LUCÍLIA

Mais uma razão para nos mantermos calmas.

(Impaciente) Não podemos nos descontrolar. Assim ele não sofrerá tanto. (Volta à costura.)

HELENA

(Olhando os objetos em cima da mesa) Não seria melhor guardar tudo isto?

LUCÍLIA

Por quê? Não foi ele mesmo quem pôs aí?

HELENA

Foi, mas agora... pode ser que...

LUCÍLIA

Ele terá que ver um dia: é preferível que veja de uma vez. (Pausa)

HELENA

Meu Deus! Por que é que demoram tanto!

LUCÍLIA

Mamãe! Tenha calma.

HELENA

(Entregando-se ao desespero) Não agüento mais.
Não agüento mais, minha filha.

LUCÍLIA

(Abraça Helena.) Não se preocupe. O Olímpio saberá dar a notícia.

HELENA

(Aflita) Preferia... preferia...

LUCÍLIA

O que? Diga, mamãe.

HELENA

Gostaria que o Olímpio mentisse.

LUCÍLIA

Não! Chega! Vamos enfrentar de uma vez a realidade.

HELENA

Tenho medo, Lucília!

LUCÍLIA

Precisamos aceitar e não pensar mais nisto.

HELENA

Uma pessoa como seu pai não vive sem esperança.
Era a única coisa que lhe restava.

LUCÍLIA

(Perde a paciência.) Mamãe! Não fique pensando nisto, pelo amor de Deus!

HELENA

Não consigo.

LUCÍLIA

Papai é um homem forte.

HELENA

Ele sempre desejou morrer no meio do campo,
como o finado Inácio Antônio, e agora...!

LUCÍLIA

Onde terá ido? A senhora foi ao “ponto” das jardineiras? Ele vai lá todos os dias.

HELENA

Você também tem medo, minha filha?

LUCÍLIA

(Controla-se.) Não. Ele gosta de ver as jardineiras que chegam e partem para as fazendas.

HELENA

Ele esteve lá, mas... (Pára e fica muito excitada.)

LUCÍLIA

(Temerosa) Que foi, mamãe?

HELENA

Chegaram!

LUCÍLIA

Por favor, acalme-se.

HELENA

Mãe de Deus, rogai por nós!

MARCELO

(Voz) Sente-se, papai. Vou chamar a mamãe.

JOAQUIM

(Voz) Não.

(Ouve-se o barulho de alguma coisa que cai no chão. Lucília fica imóvel, tesa, olhando para o corredor. Percebe-se que Helena continua rezando. Joaquim aparece no corredor, pára e fica com os olhos presos em Helena. Faz um gesto como se pedisse desculpas; há nele uma angústia inexpressível.)

LUCÍLIA

(Amargurada) Papai!

HELENA

Quim!

(Joaquim vai até a mesa e encosta-se.)

LUCÍLIA

Sente-se, papai.

HELENA

Quim, meu velho! Que fizeram com você?

LUCÍLIA

(Procurando se conter) Papai! (Marcelo e Olímpio aparecem no corredor.)

HELENA

Sente-se, Quim. Não quer se sentar?

JOAQUIM

(Tentando ser violento) Por que é que todos querem que eu me sente?

HELENA

Por nada, nada!

(Joaquim, depois de pegar um trapo na mesa, senta-se, lentamente. Pausa longa. Joaquim começa a desfiar o trapo.)

LUCÍLIA

(Avança na direção do pai.) Não! Isso não. Papai!
Proteste, grite, fale alguma coisa. Não fique assim!
Não fique assim, pelo amor de Deus!

HELENA

Lucília!

LUCÍLIA

É isso mesmo. Proteste. Proteste, papai. O senhor tem direito, nós temos esse direito. As terras são nossas, sempre foram nossas. Ninguém pode nos tomar. Papai! Ainda há esperança, daremos um jeito; é preciso que o senhor não aceite, nós não podemos aceitar.

OLÍMPIO

(Tenta segurar Lucília.) Lucília!

LUCÍLIA

(Lucília repele Olímpio.) Deixe-me.

HELENA

Minha filha! Respeite o sofrimento de seu pai.

LUCÍLIA

Não! Não quero ver o meu pai assim. Não quero, não quero. Deve haver um jeito. Olímpio! Diga que há. Minta! É preciso que você minta!

OLÍMPIO

Mentir como, Lucília?

LUCÍLIA

Não quero que meu pai fique sem esperança. Não quero. (*Bate com as mãos no peito de Olímpio.*)

Não quero! Não...

(*Lucília cai sentada à máquina, ainda repetindo: "NÃO". Pouco a pouco, começa a soluçar.*)

JOAQUIM

(*Olha para Lucília.*) Eu... eu não sofro, não sofro mais, minha filha. Não precisa ter medo. Eu... eu...

(*Lucília não resiste mais e começa a soluçar fortemente. Todo o seu corpo é sacudido pela explosão do desespero e ela se agarra a Olímpio. Olímpio levava para fora da sala. Helena caminha lentamente e vai ficar atrás da cadeira de Joaquim; põe a mão em seus ombros. Marcelo senta-se no banco.*)

JOAQUIM

(*Subitamente aflijo*) Helena! E as minhas jabuticabeiras?

HELENA

Não pense, Quim, não pense mais nisso. Não faltará chuva.

JOAQUIM

(*Pausa*) Em que mês estamos?

MARCELO

Em abril.

JOAQUIM

Abril! (*Pausa*) “O café está sendo arruado!”

(*As luzes vão abaixando lentamente.*)

MARCELO

Já não se ouve o canto das cigarras!

JOAQUIM

O feijão da seca começa a soltar vagens!

HELENA

Os que plantaram... vão começar a colher!

(*As vozes se transformam num murmúrio e as luzes se apagam definitivamente.*)

PANO LENTO**FIM**

OBS: “A MORATÓRIA” foi apresentada pela primeira vez no dia 6 de maio de 1955, no Teatro Maria Della Costa de São Paulo, tendo os papéis a seguinte distribuição:

Joaquim Elísio de Albuquerque

Helena Moná Delacy

Lucília Fernanda Montenegro

Marcelo Milton Morais

Olímpio Sérgio Britto

Elvira Wanda Kosmos

Direção e cenografia de Gianni Ratto; assistente de direção, Fernando Torres; e costumes de Luciana Petrucelli.

AUTO DA COMPADECIDA

Ariano Suassuna

PERSONAGENS:

PALHAÇO
 JOÃO GRILLO
 CHICÓ
 MAJOR ANTÔNIO MORAIS
 PADRE
 SACRISTÃO
 PADEIRO
 MULHER DO PADEIRO
 BISPO
 FRADE
 SEVERINO DO ARACAJU
 CANGACEIRO
 DEMÔNIO
 O ENCOURADO (O DIABO)
 MANUEL (NOSSO SENHOR JESUS CRISTO)
 A COMPADECIDA (NOSSA SENHORA)

O Auto da Compadecida foi escrito com base em romances e histórias populares do Nordeste. Sua encenação deve, portanto, seguir a maior linha de simplicidade, dentro do espírito em que foi concebido e realizado. O cenário (usado na encenação como um picadeiro de circo, numa idéia excelente de Clênio Wanderley, que a peça sugeriu) pode apresentar uma entrada de igreja à direita, com uma pequena balaustrada ao fundo, uma vez que o centro do palco representa um desses pátios comuns nas igrejas das vilas do interior. A saída para a cidade é à esquerda e pode ser feita através de um arco. Nesse caso, seria conveniente que a igreja, na cena do julgamento, passasse a ser a entrada do céu e do purgatório. O trono de Manuel, ou seja, Nosso Senhor Jesus Cristo, poderia ser colocado na balaustrada, erguida sobre um praticável servido por escadarias. Mas tudo isso fica a critério do ensaiador e do cenógrafo, que podem montar a peça com dois cenários, sendo um para o começo e outro para a cena do julgamento, ou somente com cortinas, caso em que se imaginará a igreja fora do palco, à direita, e a saída para a cidade à esquerda, organizando-se a cena para o julgamento através de simples cadeiras de espaldar alto, com saída para o inferno à esquerda e saída para o purgatório e para o céu à direita. Em todo caso, o autor gostaria de deixar claro que seu teatro é mais aproximado dos espetáculos de circo e da tradição popular do que do teatro moderno. Agradece ainda o autor a seus amigos Jean Louis Marfaing, José Paulo Moreira da Fonseca e Henrique Oscar as críticas que fizeram ao quadro final da peça e que resultaram em sua modificação para a forma em que vai finalmente escrita aqui.

Ao abrir o pano, entram todos os atores, com exceção do que vai representar Manuel, como se se tratasse de uma tropa de saltimbancos, correndo, com gestos largos, exibindo-se ao público. Se houver algum ator que saiba caminhar sobre as mãos, deverá entrar assim. Outro trará uma corneta, na qual dará um alegre toque, anunciando a entrada do grupo. Há de ser uma entrada festiva, na qual as mulheres dão grandes voltas e os atores agradecerão os aplausos, erguendo os braços, como no circo. A atriz que for desempenhar o papel de Nossa Senhora deve vir sem caracterização, para deixar bem claro que, no momento, é somente atriz. Imediatamente após o toque de clarim, o Palhaço anuncia o espetáculo.

PALHACO

(Grande voz) Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade.
 (Toque de clarim)

PALHAÇO

A intervenção de Nossa Senhora no momento propício, para triunfo da misericórdia. Auto da Compadecida!
 (Toque de clarim)

A COMPADECIDA

A mulher que vai desempenhar o papel desta excelsa Senhora declara-se indigna de tão alto mister.

(Toque de clarim)

PALHAÇO

Ao escrever esta peça, onde combate o mundanismo, praga de sua igreja, o autor quis ser representado por um palhaço, para indicar que sabe, mais do que ninguém, que sua alma é um velho catre, cheio de insensatez e de solércia. Ele não tinha o direito de tocar nesse tema, mas ousou fazê-lo, baseado no espírito popular de sua gente, porque acredita que esse povo sofre, é um povo salvo e tem direito a certas intimidades.

(Toque de clarim)

PALHAÇO

Auto da Compadecida! O ator que vai representar Manuel, isto é, Nossa Senhor Jesus Cristo, declara-se também indigno de tão alto papel, mas não vem agora, porque sua aparição constituirá um grande efeito teatral e o público seria privado desse elemento surpresa.

(Toque de clarim)

PALHAÇO

Auto da Compadecida! Uma história altamente moral e um apelo à misericórdia.

JOÃO GRILÓ

Ele diz “à misericórdia” porque sabe que, se fôssemos julgados pela justiça, toda a nação seria condenada.

PALHACO

Auto da Compadecida! (Cantando) Tombei, tombei, mandei tombar!

ATORES

(Respondendo ao canto) Perna fina no meio do mar.

PALHAÇO

Oi, eu vou ali e volto já.

ATORES

(Saindo) Oi, cabeça de bode não tem que chupar.

PALHAÇO

O distinto público imagine à sua direita uma igreja, da qual o centro do palco será o pátio. A saída para a rua é à sua esquerda. (*Essa fala dará idéia da cena, se se adotar uma encenação mais simplificada, e pode ser conservada mesmo que se monte um cenário mais rico.*) O resto é com os atores.

(Aqui pode se tocar uma música alegre e o Palhaço sai dançando. Uma pequena pausa e entram Chicó e João Grilo.)

JOÃO GRILÓ

E ele vem mesmo? Estou desconfiado, Chicó. Você é tão sem confiança!

CHICÓ

Eu, sem confiança? Que é isso, João, está me desconhecendo? Juro que ele vem. Quer benzer o cachorro da mulher para ver se o bicho não morre. A dificuldade não é ele vir, é o padre benzer. O bispo está aí e tenho certeza de que o padre João não vai querer benzer o cachorro.

JOÃO GRILÓ

Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem de mais?

CHICÓ

Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILÓ

Que é isso, Chicó? (*Passa o dedo na garganta.*) Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

CHICÓ

Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho. O que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive?

JOÃO GRILÓ

Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que você é sem confiança.

CHICÓ

Eu, sem confiança? Antônio Martinho está aí para dar as provas do que eu digo.

JOÃO GRILÓ

Antônio Martinho? Faz três anos que ele morreu.

CHICÓ

Mas era vivo quando eu tive o bicho.

JOÃO GRILÓ

Quando você teve o bicho? E foi você quem pariu o cavalo, Chicó?

CHICÓ

Eu não. Mas do jeito que as coisas vão, não me admiro mais de nada. No mês passado uma mulher teve um, na serra do Araripe, para os lados do Ceará.

JOÃO GRILÓ

Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome; ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo. A comida é mais barata e é coisa que se pode vender. Mas seu cavalo, como foi?

CHICÓ

Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia

se mudar, mas recomendou todo o cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até as seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noitinha, mas quando acabei o serviço e enchocalhei a rês, olhei ao redor e não conhecia o lugar em que estávamos. Tomei uma vereda que havia assim e saí tangendo o boi...

JOÃO GRILÓ

O boi? Não era uma garrota?

CHICÓ

Uma garrota e um boi.

JOÃO GRILÓ

E você corria atrás dos dois de uma vez?

CHICÓ

(Irritado) Corria, é proibido?

JOÃO GRILÓ

Não, mas eu admiro é eles correrem tanto tempo juntos, sem se apartarem. Como foi isso?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Saí tangendo os bois e de repente avistei uma cidade. É uma história que eu não gosto nem de contar.

JOÃO GRILÓ

Conte, conte sempre, você está em casa.

CHICÓ

Você sabe que eu comecei a correr da ribeira do Taperoá, na Paraíba. Pois bem, na entrada da rua perguntei a um homem onde estava e ele me disse que era Propriá, de Sergipe.

JOÃO GRILÓ

Sergipe, Chicó?

CHICÓ

Sergipe, João. Eu tinha corrido até lá no meu cavalo. Só sendo bento mesmo.

JOÃO GRILÓ

Mas Chicó, e o rio São Francisco?

CHICÓ

Lá vem você com sua mania de perguntas, João.

JOÃO GRILÓ

Claro, tenho que saber. Como foi que você passou.

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Só podia estar seco nesse tempo, porque não me lembro quando passei... E nesse tempo todo o cavalo ali comigo, sem reclamar nada!

JOÃO GRILÓ

Eu me admirava era se ele reclamassem.

CHICÓ

É por causa dessas e de outras que eu não me admiro mais de nada, João. Cachorro bento, cavalo bento, tudo isso eu já vi.

JOÃO GRILÓ

Quer dizer que você acha que o homem vem?

CHICÓ

Só pode vir. É o único jeito que ele tem a dar. A mulher disse que o larga se o cachorro morrer. O doutor diz que não sabe o que é que o bicho tem, o jeito agora é apelar para o padre. Hora de se chamar padre é a hora da morte, de modo que ele tem de vir. Padre João! Padre João!

JOÃO GRILÓ

(Ajoelhando-se, em tom lamentoso) Lembra-te de Nosso Senhor Jesus Cristo, Chicó. Chicó, Jesus contigo e tu vais com Jesus. Lembra-te de Nosso Senhor Jesus Cristo, Chicó.

CHICÓ

Que latomia é essa para o meu lado? Você quer me agourar?

JOÃO GRILÓ

(Erguendo-se) Ah, e você está vivo?

CHICÓ

Estou, que é que você está pensando? Não é besta não?

JOÃO GRILÓ

Você disse que hora de chamar padre era a hora da morte, começou a gritar por padre João, eu só podia pensar que estava lhe dando a agonia.

CHICÓ

(Depois de estender-lhe o punho fechado) Padre João!

JOÃO GRILÓ

Padre João! Padre João!

PADRE

(Aparecendo na igreja) Que há? Que gritaria é essa? (Fala afetadamente com aquela pronúncia e aquele estilo que Leon Bloy chamava "sacerdotalis".)

CHICÓ

Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

PADRE

Para eu benzer?

CHICÓ

Sim.

PADRE

(Com desprezo) Um cachorro?

CHICÓ

Sim.

PADRE

Que maluquice! Que besteira!

JOÃO GRILÓ

Cansei de dizer a ele que o senhor não benzia.
Benze porque benze, vim com ele.

PADRE

Não benzo de jeito nenhum.

CHICÓ

Mas, padre, não vejo nada de mal em se benzer o bichinho.

JOÃO GRILÓ

No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não o benzeu?

PADRE

Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ

Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE

É, mas quem vai ficar engracado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILÓ

É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engracado é ele, e uma coisa é benzer o motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE

(Mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILÓ

Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE

E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILÓ

É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE

(Desfazendo-se em sorrisos) Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILÓ

(Cortante) Quer dizer que benze, não é?

PADRE

(A Chicó) Você o que é que acha?

CHICÓ

Eu não acho nada de mais.

PADRE

Nem eu. Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus.

JOÃO GRILÓ

Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

PADRE

Digam ao major que venha. Eu estou esperando.
(Entra na igreja.)

CHICÓ

Que invenção foi essa de dizer que o cachorro era do major Antônio Morais?

JOÃO GRILÓ

Era o único jeito de o padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do major que se pela. Não viu a diferença? Antes era "Que maluquice, que besteira!", agora "Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus!"

CHICÓ

Isso não vai dar certo. Você já começa com suas coisas, João. E havia necessidade de inventar que era empregado de Antônio Morais?

JOÃO GRILÓ

Meu filho, empregado do major e empregado de um amigo do major é quase a mesma coisa. O padeiro vive dizendo que é amigo do homem, de modo que a diferença é muito pouca. Além disso, eu podia perfeitamente ter sido mandado pelo major, porque o filho dele está doente e pode até precisar do padre.

CHICÓ

João, deixe de agouro com o menino, que isso pode se virar por cima de você.

JOÃO GRILÓ

E você deixe de conversa. Nunca vi homem mais mole do que você, Chicó. O padeiro mandou você arranjar o padre para benzer o cachorro e eu arranjei sem ter sido mandado. Que é que você quer mais?

CHICÓ

Ih, olha como isso está pegando com o patrão! Faz gosto um empregado dessa qualidade.

JOÃO GRILÓ

Muito pelo contrário, ainda hei de me vingar do que ele e a mulher me fizeram quando estive doente. Três dias passei em cima de uma cama para morrer e nem um copo d'água me mandaram. Mas fiz esse trabalho com gosto, somente porque se tratava de enganar o padre. Não vou com aquela cara.

CHICÓ

Com qual? Com a do padre?

JOÃO GRILÓ

Com as duas. Estou acertando as contas com o padre e a qualquer hora acerto com o patrão. Eu conheço o ponto fraco do homem, Chicó.

CHICÓ

Qual é? É a besteira?

JOÃO GRILÓ

Nada disso, se o ponto fraco das pessoas daqui fosse somente a besteira, ninguém estava livre de mim. Você mesmo é um leso de marca, Chicó. Só não boto você no bolso porque sou seu amigo.

CHICÓ

E qual é o ponto fraco do patrão? (*Essas duas últimas falas são cortáveis, a critério do encenador.*)

JOÃO GRILÓ

Chicó, deixe de ser hipócrita, que você sabe.

CHICÓ

Juro que não sei, João.

JOÃO GRILÓ

É a mulher, Chicó, e você sabe muito bem disso. Você mesmo sabe que a mulher dele...

CHICÓ

João, fale baixo, que o padre pode ouvir. Essas coisas num instante se espalham.

JOÃO GRILÓ

Deixe de besteira, Chicó, todo mundo já sabe que a mulher do padeiro engana o marido.

CHICÓ

João, danado, ou você fala baixo ou eu o esgano já, já.

JOÃO GRILÓ

Mas todo mundo não sabe mesmo?

CHICÓ

Sabe, mas não sabe que foi comigo, entendeu? E, mesmo, ela já me deixou por outro. Uma vez, João, e não posso me esquecer dela. Mas não quer mais nada comigo.

JOÃO GRILÓ

Nem pode querer, Chicó. Você é um miserável que não tem nada e a fraqueza dela é dinheiro e bicho.

CHICÓ

Dinheiro e bicho?

JOÃO GRILÓ

Sim. Tenho certeza de que ela não o teria deixado se você fosse rico. Nasceu pobre, enriqueceu com o negócio da padaria e agora só pensa nisso. Mas eu hei de me vingar dela e do marido de uma vez.

CHICÓ

Por que essa raiva dela?

JOÃO GRILÓ

Ó homem sem vergonha! Você inda pergunta? Está esquecido de que ela o deixou? Está esquecido da exploração que eles fazem conosco naquela padaria do inferno? Pensam que são o cão só porque enriqueceram, mas um dia hão de me pagar. E a raiva que eu tenho é porque quando estava doente, me acabando em cima de

uma cama, via passar o prato de comida que ela mandava para o cachorro. Até carne passada na manteiga tinha. Para mim nada, João Grilo que se danasse. Um dia eu me vingo.

CHICÓ

João, deixe de ser vingativo que você se desgraça. Qualquer dia você inda se mete numa embrulhada séria.

JOÃO GRILÓ

E o que é que tem isso? Você pensa que eu tenho medo? Só assim é que posso me divertir. Sou louco por uma embrulhada.

CHICÓ

Permita então que eu lhe dê meus parabéns, João, porque você acaba de se meter numa danada.

JOÃO GRILÓ

Eu? Que há?

CHICÓ

O major Antônio Moraes vem subindo a ladeira. Certamente vem procurar o padre.

JOÃO GRILÓ

Ave Maria! Que é que se faz, Chicó?

CHICÓ

Não sei, não tenho nada a ver com isso. Você que inventou a história e que gosta de embrulhada que resolva.

JOÃO GRILÓ

Cale a boca, besta. Não diga uma palavra e deixe tudo por minha conta. (*Vendo Antônio Moraes no limiar, à esquerda*) Ora viva, seu major Antônio Moraes, como vai Vossa Senhoria? Veio procurar o padre? (*Antônio Moraes, silencioso e terrível, encaminha-se para a igreja, mas João toma-lhe a frente.*) Se Vossa Senhoria quer, eu vou chamá-lo. (*Antônio Moraes afasta João do caminho com a bengala, encaminhando-se de novo para a igreja. João, aflito, dá a volta, tomando-lhe a frente, e fala, como último recurso.*) É que eu queria avisar para Vossa Senhoria não ficar espantado: o padre está meio doido.

ANTÔNIO MORAIS

(Parando) Está doido? O padre?

JOÃO GRILÓ

(Animando-se) Sim, o padre. Está dum jeito que não respeita mais ninguém e com mania de benzer tudo. Vim dar um recado a ele, mandado por meu patrão, e ele me recebeu muito mal, apesar de meu patrão ser quem é.

ANTÔNIO MORAIS

E quem é seu patrão?

JOÃO GRILÓ

O padeiro. Pois ele chamou o patrão de cachorro e disse que apesar disso ia benzê-lo.

ANTÔNIO MORAIS

Que loucura é essa?

JOÃO GRILLO

Não sei, é a mania dele agora. Benze tudo e chama a gente de cachorro.

ANTÔNIO MORAIS

Isso foi porque era com seu patrão. Comigo é diferente.

JOÃO GRILLO

Vossa Senhoria me desculpe, mas eu penso que não.

ANTÔNIO MORAIS

Você pensa que não?

JOÃO GRILLO

Penso, sim. E digo isso porque ouvi o padre dizer: "Aquele cachorro, só porque é amigo de Antônio Moraes, pensa que é alguma coisa".

ANTÔNIO MORAIS

Que história é essa? Você tem certeza?

JOÃO GRILLO

Certeza plena. Está doidinho, o pobre do padre.

ANTÔNIO MORAIS

Pois vamos esclarecer a história, porque alguém vai pagar essa brincadeira. Quanto à mania de benzer, não faz mal, ela me será útil. Meu filho mais moço está doente e vai para o Recife tratarse. Tem uma verdadeira mania de igreja e não quer ir sem a bênção do padre. Mas fique certo de uma coisa: hei de esclarecer tudo e se você está com brincadeiras para meu lado, há de se arrepender. Padre João! Padre João!

(Sai pela direita. No mesmo instante, Chicó tenta fugir, mas João agarra-o pelo pescoço.)

JOÃO GRILLO

Não, você fica comigo. Vim encomendar a bênção do cachorro por sua causa e você tem de ficar. E mesmo, Chicó, você já está acostumado com essas coisas, já teve até um cavalo bento!

CHICÓ

É, mas acontece que o major Antônio Moraes pode ter alguma coisa de cavalo, de bento é que ele não tem nada.

JOÃO GRILLO

Deixe de ser frouxo e fique aqui.

ANTÔNIO MORAIS

(Voltando) Ah, padre, estava aí? Procurei-o por toda parte.

PADRE

(Da igreja) Ora quanta honra! Uma pessoa como Antônio Moraes na igreja! Há quanto tempo esses pés não cruzam os umbrais da casa de Deus!

ANTÔNIO MORAIS

Seria melhor dizer logo que faz muito tempo que não venho à missa.

PADRE

Qual o quê, eu sei de suas ocupações, de sua saúde...

ANTÔNIO MORAIS

Ocupações? O senhor sabe muito bem que não trabalho e que minha saúde é perfeita.

PADRE

(Amarelo) Ah, é?

ANTÔNIO MORAIS

Os donos de terras é que perderam hoje em dia o senso de sua autoridade. Vêem-se senhores trabalhando em suas terras como qualquer foreiro. Mas comigo as coisas são como antigamente, a velha ociosidade senhorial.

PADRE

É o que eu vivo dizendo, do jeito que as coisas vão, é o fim do mundo. Mas que coisa o trouxe aqui? Já sei, não diga, o bichinho está doente, não é?

ANTÔNIO MORAIS

É, já sabia?

PADRE

Já, aqui tudo se espalha num instante. Já está fedendo!

ANTÔNIO MORAIS

Fedendo? Quem?

PADRE

O bichinho!

ANTÔNIO MORAIS

Não. Que é que o senhor quer dizer?

PADRE

Nada, desculpe, é um modo de falar.

ANTÔNIO MORAIS

Pois o senhor anda com uns modos de falar muito esquisitos.

PADRE

Peço que desculpe um pobre padre sem muita instrução. Qual é a doença? Rabugem?

ANTÔNIO MORAIS

Rabugem?

PADRE

Sim, já vi um morrer disso em poucos dias. Começou pelo rabo e espalhou-se pelo resto do corpo.

ANTÔNIO MORAIS

Pelo rabo?

PADRE

Desculpe, desculpe, eu devia ter dito "pela cauda". Deve-se respeito aos enfermos, mesmo que sejam os de mais baixa qualidade.

ANTÔNIO MORAIS

Baixa qualidade? Padre João, veja com quem está falando. A igreja é uma coisa respeitável, como garantia da sociedade, mas tudo tem um limite.

PADRE

Mas o que foi que eu disse?

ANTÔNIO MORAIS

Baixa qualidade! Meu nome todo é Antônio Noronha de Brito Morais e esse Noronha de Brito veio do Conde dos Arcos, ouviu? Gente que veio nas caravelas, ouviu?

PADRE

Ah bem! E na certa os antepassados do bichinho também vieram nas galeras, não é isso?

ANTÔNIO MORAIS

Claro! Se meus antepassados vieram, é claro que os dele vieram também. Que é que o senhor quer insinuar? Quer dizer por acaso que a mãe dele...

PADRE

Mas, uma cachorra!...

ANTÔNIO MORAIS

O quê?

PADRE

Uma cachorra.

ANTÔNIO MORAIS

Repita.

PADRE

Não vejo nada de mal em repetir, não é uma cachorra mesmo?

ANTÔNIO MORAIS

Padre, não o mato agora mesmo porque o senhor é um padre e está louco, mas vou me queixar ao bispo. (A João) Você tinha razão. Apareça nos Angicos, que não se arrependerá. (Sai.)

PADRE

(Aflitíssimo) Mas me digam pelo amor de Deus o que foi que eu disse.

JOÃO GRILLO

Nada, nada, padre. Esse homem só pode estar louco com essa mania de ser grande. Até ao cachorro ele quer dar carta de nobreza!

PADRE

Faço tudo para agradá-lo e vai-se queixar ao bispo. Ah se fosse no tempo do outro! Aquele, sim, era um santo, a coisa mais fácil do mundo era satisfazê-lo. Esse dagora é uma águia, um verdadeiro administrador. Será que vai me suspender?

JOÃO GRILLO

Que nada, padre, antes disso eu vou aos Angicos e arranjo tudo.

PADRE

Arranja mesmo, João? Como?

JOÃO GRILLO

Deixe comigo. Antônio Morais começou a ser meu amigo de repente. Não viu como me convidou para ir aos Angicos? Agora é assim,

João Grilo pra lá, Antônio Morais pra cá... Está completamente perturbado.

PADRE

Pois arranje as coisas, João, que você não se arrepende.

JOÃO GRILLO

Chama-se já está arranjado. Agora, eu queria um favorzinho do senhor padre.

PADRE

Eu já estava esperando por uma dessas. Nessa minha profissão a gente se acostuma de tal modo com isso de dar e tomar... O próprio direito à graça só se consegue cumprindo os mandamentos.

JOÃO GRILLO

O que eu vou pedir é coisa muito mais fácil do que cumprir os mandamentos.

PADRE

Diga então o que é!

JOÃO GRILLO

O cachorro do meu patrão está muito mal e eu queria que o senhor benzesse o bichinho.

PADRE

De novo? Mas é possível?

JOÃO GRILLO

É mais do que possível. O senhor não ia benzer o do major Antônio Morais?

PADRE

E de quem é que você está falando?

JOÃO GRILLO

De meu patrão.

PADRE

E seu patrão não é Antônio Morais?

JOÃO GRILLO

Não.

PADRE

Mas você ainda agora disse isso aqui, João.

JOÃO GRILLO

Eu? Quem disse isso foi Chicó.

(Chicó dá um grande salto de surpresa.)

PADRE

E quem é seu patrão?

JOÃO GRILLO

O padeiro.

PADRE

E o cachorro dele também está doente?

JOÃO GRILLO

Está.

PADRE

Também, oh terra para ter cachorro doente só é essa!

JOÃO GRILLO

E a mania agora é benzer, benzer tudo quanto é bicho.

(Ouvem-se fora grandes gritos de mulher.)

JOÃO GRILÓ

É a velha, com o cachorro. Como é, o senhor benze ou não benze?

PADRE

Pensando bem, acho melhor não benzer. O bispo está aí e eu só benzo se ele der licença. (*À esquerda aparece a mulher do padeiro e o padre corre para ela.*) Pare, pare! (*Aparece o padeiro.*) Parem, parem! Um momento. Entre o senhor e entre a senhora: o cachorro fica lá!

MULHER

Ai, padre, pelo amor de Deus, meu cachorro está morrendo. É o filho que eu conheço neste mundo, padre. Não deixe o cachorrinho morrer, padre.

PADRE

(*Comovido*) Pobre mulher! Pobre cachorro! (*João Grilo estendeu-lhe um lenço e ele se assoa ruidosamente.*)

PADEIRO

O senhor benze o cachorro, padre João?

JOÃO GRILÓ

Não pode ser. O bispo está aí e o padre só benzia se fosse cachorro do major Antônio Morais, gente mais importante, porque senão o homem pode reclamar.

PADEIRO

Que história é essa? Então Vossa Senhoria pode benzer o cachorro do major Antônio Morais e o meu não?

PADRE

(*Apaziguador*) Que é isso, que é isso?

PADEIRO

Eu é que pergunto: que é isso? Afinal de contas eu sou presidente da Irmandade das Almas, e isso é alguma coisa.

JOÃO GRILÓ

É, padre, o homem aí é coisa muita. Presidente da Irmandade das Almas! Para mim isso é um caso claro de cachorro bento. Benza logo o cachorro e tudo fica em paz.

PADRE

Não benzo, não benzo e acabou-se! Não estou pronto para fazer essas coisas assim de repente. Sem pensar, não.

MULHER

(*Furiosa*) Quer dizer, quando era o cachorro do major, já estava tudo pensado, para benzer o meu é essa complicação! Olhe que meu marido é presidente e sócio benfeitor da Irmandade das Almas! Vou pedir a demissão dele!

PADEIRO

Vai pedir minha demissão!

MULHER

De hoje em diante não me sai lá de casa nem um pão para a Irmandade!

PADEIRO

Nem um pão!

MULHER

E olhe que os pães que vêm para aqui são de graça!

PADEIRO

São de graça!

MULHER

E olhe que as obras da igreja é ele quem está custeando!

PADEIRO

Sou eu que estou custeando!

PADRE

(*Apaziguador*) Que é isso, que é isso!

MULHER

O que é isso? É a voz da verdade, padre João. O senhor agora vai ver quem é a mulher do padeiro!

JOÃO GRILÓ

Ai, ai, ai, e a senhora, o que é que é do padeiro?

MULHER

A vaca...

CHICÓ

A vaca?!

MULHER

A vaca que eu mandei para cá, para fornecer leite ao vigário, tem que ser devolvida hoje mesmo.

PADEIRO

Hoje mesmo!

PADRE

Mas até a vaca? Sacristão, sacristão!

JOÃO GRILÓ

A vaca também é demais! (*Arremedando o padre*) Sacristão, sacristão!

(*O sacristão aparece à porta. É um sujeito magro, pedante, pernóstico, de óculos azuis que ele ajeita com as duas mãos de vez em quando, com todo o cuidado. Pára no limiar da cena, vindo da igreja, e examina todo o pátio.*)

JOÃO GRILÓ

Sacristão, a vaca da mulher do padeiro tem que sair!

SACRISTÃO

Um momento. Um momento. Em primeiro lugar, o cuidado da casa de Deus e de seus arredores.

Que é isso? Que é isso?

(*Ele domina toda a cena, inclusive o padre, que tem uma confiança enorme na empáfia, segurança e hipocrisia do secretário.*)

MULHER E PADEIRO

(Ao mesmo tempo, em resposta à pergunta do sacristão) É o padre...

SACRISTÃO

(Afastando os dois com a mão e olhando para a direita) Que é aquilo? Que é aquilo?

(Sua afetação de espanto é tão grande, que todos se voltam para a direção em que ele olha.)

SACRISTÃO

Mas um cachorro morto no pátio da casa de Deus?

PADEIRO

Morto?

MULHER

(Mais alto) Morto?

SACRISTÃO

Morto, sim. Vou reclamar à prefeitura.

PADEIRO

(Correndo e voltando-se do limiar) É verdade, morreu.

MULHER

Ai, meu Deus, meu cachorrinho morreu.

(Correm todos para a direita, menos João Grilo e Chicó. Este vai para a esquerda, olha a cena que se desenrola lá fora e fala com grande gravidade na voz.)

CHICÓ

É verdade, o cachorro morreu. Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre.

JOÃO GRILLO

(Suspirando) Tudo o que é vivo morre. Está aí uma coisa que eu não sabia! Bonito, Chicó, onde foi que você ouviu isso? De sua cabeça é que não saiu, que eu sei.

CHICÓ

Saiu mesmo não, João. Isso eu ouvi um padre dizer uma vez. (Esta cena, a partir daqui, é cortável, a critério do encenador, até a frase "Mas deixe de agonia, que o povo vem aí".) Foi no dia em que meu pirarucu morreu.

JOÃO GRILLO

Seu pirarucu?

CHICÓ

Meu, é um modo de dizer, porque, para falar a verdade, acho que eu é que era dele. Nunca lhe contei isso não?

JOÃO GRILLO

Não, já ouvi falar de homem que tem peixe, mas de peixe que tem homem é a primeira vez.

CHICÓ

Foi quando eu estive no Amazonas. Eu tinha amarrado a corda do arpão em redor do corpo, de modo que estava com os braços sem movimento. Quando ferrei o bicho, ele deu um puxavante maior e eu caí no rio.

JOÃO GRILLO

O bicho pescou você!...

CHICÓ

Exatamente, João, o bicho me pescou. Para encurtar a história, o pirarucu me arrastou rio acima três dias e três noites.

JOÃO GRILLO

Três dias e três noites? E você não sentia fome não, Chicó?

CHICÓ

Fome não, mas era uma vontade de fumar danada. E o engráçado foi que ele deixou para morrer bem na entrada de uma vila, de modo que eu pudesse escapar. O enterro foi no outro dia e nunca mais esqueci o que o padre disse, na beira da cova.

JOÃO GRILLO

E como o avistaram da vila?

CHICÓ

Ah, eu levantei um braço e acenei, acenei, até que uma lavadeira me avistou e vieram me soltar.

JOÃO GRILLO

E você não estava com os braços amarrados, Chicó?

CHICÓ

João, na hora do aperto, dá-se um jeito a tudo.

JOÃO GRILLO

Mas que jeito você deu?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. Mas deixe de agonia, que o povo vem aí.

MULHER

(Entrando) Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

JOÃO GRILLO

(Mesmo tom) Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai! (Dá uma cotovelada em Chicó.)

CHICÓ

(Obediente) Ai, ai, ai, ai, ai! Ai, ai, ai, ai, ai!

(Essa lamentação deve ser mal representada de propósito, ritmada como choro de palhaço de circo.)

SACRISTÃO

(Entrando com o padre e o padeiro) Que é isso, que é isso? Que barulho é esse na porta da casa de Deus?

PADRE

Todos devem se resignar.

MULHER

Se o senhor tivesse benzido o bichinho, a essas horas ele ainda estava vivo.

PADRE

Qual, qual, quem sou eu!

MULHER

Mas tem uma coisa, agora o senhor enterra o cachorro.

PADRE

Enterro o cachorro?

MULHER

Enterre e tem que ser em latim. De outro jeito não serve, não é?

PADEIRO

É, em latim não serve.

MULHER

Em latim é que serve!

PADEIRO

É, em latim é que serve!

PADRE

Vocês estão loucos! Não enterro de jeito nenhum.

MULHER

Está cortado o rendimento da Irmandade.

PADRE

Não entero.

PADEIRO

Está cortado o rendimento da Irmandade!

PADRE

Não entero.

MULHER

Meu marido considera-se demitido da presidência.

PADRE

Não entero.

PADEIRO

Considero-me demitido da presidência!

PADRE

Não entero.

MULHER

A vaquinha vai sair daqui imediatamente.

PADRE

Oh mulher sem coração!

MULHER

Sem coração, porque não quero ver meu cachorrinho comido pelos urubus? O senhor enterra!

PADRE

Ai meus dias de seminário, minha juventude heróica e firme!

MULHER

Pão para a casa do vigário só vem agora dormido e com o dinheiro na frente. Enterra ou não enterra?

PADRE

Oh mulher cruel!

MULHER

Decida-se, padre João.

PADRE

Não me decido coisa nenhuma, não tenho mais idade para isso. Vou é me trancar na igreja e de lá ninguém me tira. (*Entra na igreja, correndo.*)

JOÃO GRILÓ

(*Chamando o patrão à parte*) Se me dessem carta branca, eu enterrava o cachorro.

PADEIRO

Tem a carta.

JOÃO GRILÓ

Posso gastar o que quiser?

PADEIRO

Pode.

MULHER

Que é que vocês estão combinando aí?

JOÃO GRILÓ

Estou aqui dizendo que, se é desse jeito, vai ser difícil cumprir o testamento do cachorro, na parte do dinheiro que ele deixou para o padre e para o sacristão.

SACRISTÃO

Que é isso? Que é isso? Cachorro com testamento?

JOÃO GRILÓ

Esse era um cachorro inteligente. Antes de morrer, olhava para a torre da igreja toda vez que o sino batia. Nesses últimos tempos, já doente para morrer, botava uns olhos bem compridos para os lados daqui, latindo na maior tristeza. Até que meu patrão entendeu, com a minha patroa, e é claro que ele queria ser abençoado pelo padre e morrer como cristão. Mas nem assim ele sossegou. Foi preciso que o patrão prometesse que vinha encomendar a bênção e que, no caso de ele morrer, teria um enterro em latim. Que em troca do enterro acrescentaria no testamento dele dez contos de réis para o padre e três para o sacristão.

SACRISTÃO

(*Enxugando uma lágrima*) Que animal inteligente! Que sentimento nobre! (*Calculista*) E o testamento? Onde está?

JOÃO GRILÓ

Foi passado em cartório, é coisa garantida. Isto é, era coisa garantida, porque agora o padre vai deixar os urubus comerem o cachorrinho, e se o testamento for cumprido nessas condições, nem meu patrão nem minha patroa estão livres de serem perseguidos pela alma.

CHICÓ*(Escandalizado) Pela alma?***JOÃO GRILLO**

Alma não digo, porque acho que não existe alma de cachorro, mas assombração de cachorro existe e é uma das mais perigosas. E ninguém quer se arriscar assim a desrespeitar a vontade do morto.

MULHER*(Duas vezes) Ai, ai, ai, ai, ai!***JOÃO GRILLO E CHICÓ***(Mesma cena)***SACRISTÃO**

(Cortante) Que é isso, que é isso? Não há motivo para essas lamentações. Deixem tudo comigo.

*(Entra apressadamente na igreja.)***PADEIRO**

Assombração de cachorro? Que história é essa?

JOÃO GRILLO

Que história é essa? Que história é essa é que o cachorro vai se enterrar é em latim.

PADEIRO

Pode ser que se enterre, mas em assombração de cachorro eu nunca ouvi falar.

CHICÓ

Mas existe. Eu mesmo já encontrei uma.

PADEIRO*(Temeroso) Quando? Onde?***CHICÓ**

Na passagem do riacho de Cosme Pinto.

PADEIRO

Tinham me dito que o lugar era assombrado, mas nunca pensei que se tratasse de assombração de cachorro.

CHICÓ

Se o lugar é assombrado, não sei. O que eu sei é que eu ia atravessando o sangrador do açude e me caiu do bolso n'água uma prata de dez tostões. Eu ia com meu cachorro e já estava dando a prata por perdida, quando vi que ele estava assim como quem está cochichando com outro. De repente o cachorro mergulhou e trouxe o dinheiro, mas quando fui verificar só encontrei dois cruzados.

PADEIRO

Ol! E essas almas de lá têm dinheiro trocado?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim.

*(O sacristão e o padre saem da igreja.)***SACRISTÃO**

Mas eu não já disse que fica tudo por minha conta?

PADRE

Por sua conta como, se o vigário sou eu?

SACRISTÃO

O vigário é o senhor, mas quem sabe quanto vale o testamento sou eu.

PADRE

Hem? O testamento?

SACRISTÃO

Sim, o testamento.

PADRE

Mas que testamento é esse?

SACRISTÃO

O testamento do cachorro.

PADRE

E ele deixou testamento?

PADEIRO

Só para o vigário deixou dez contos.

PADRE

Que cachorro inteligente! Que sentimento nobre!

JOÃO GRILLO

E um cachorro desse ser comido pelos urubus! É a maior das injustiças.

PADRE

Comido, ele? De jeito nenhum. Um cachorro desse não pode ser comido pelos urubus.

(Todos aplaudem, batendo palmas ritmadas e discretas, e o padre agradece, fazendo mesuras. Mas de repente lembra-se do bispo.)

PADRE

(Aflito) Mas que jeito pode-se dar nisso? Estou com tanto medo do bispo! E tenho medo de cometer um sacrilégio!

SACRISTÃO

Que é isso, que é isso? Não se trata de nenhum sacrilégio. Vamos enterrar uma pessoa altamente estimável, nobre e generosa, satisfazendo, ao mesmo tempo, duas outras pessoas altamente estimáveis (*Aqui o padeiro e a mulher fazem uma curvatura a que o sacristão responde com outra igual*), nobres (*nova curvatura*) e, sobretudo, generosas (*novas curvaturas*). Não vejo mal nenhum nisso.

PADRE

É, você não vê mal nenhum, mas quem me garante que o bispo também não vê?

SACRISTÃO

O bispo?

PADRE

Sim, o bispo. É um grande administrador, uma águia a quem nada escapa.

JOÃO GRILLO

Ah, é um grande administrador? Então pode deixar tudo por minha conta, que eu garanto.

PADRE

Você garante?

JOÃO GRILLO

Garanto. Eu teria medo se fosse o anterior, que era um santo homem. Só o jeito que ele tinha de olhar para a gente me fazia tirar o chapéu. Mas com esses grandes administradores eu me entendo que é uma beleza.

SACRISTÃO

E, mesmo, não será preciso que Vossa Reverendíssima intervenha. Eu faço tudo.

PADRE

Você faz tudo?

SACRISTÃO

Faço.

MULHER

Em latim?

SACRISTÃO

Em latim.

PADEIRO

E o acompanhamento?

JOÃO GRILLO

Vamos eu e Chicó. Com o senhor e sua mulher, acho que já dá um bom enterro.

PADEIRO

Você acha que está bem assim?

MULHER

Acho.

PADEIRO

Então eu também acho.

SACRISTÃO

Se é assim, vamos ao enterro. (*João Grilo estende a mão a Chicó, que a aperta calorosamente.*) Como se chamava o cachorro?

MULHER

(*Chorosa*) Xaréu.

SACRISTÃO

(*Enquanto se encaminha para a direita, em tom de canto gregoriano*) Absolve, Domine, animas omnium fidelium defunctorum ab omni vinculi delictorum.

TODOS

Amém.

(*Saem todos em procissão, atrás do sacristão, com exceção do padre, que fica um momento silencioso, levando depois a mão à boca, em atitude angustiada, e sai correndo para a igreja. Aqui o espetáculo pode ser interrompido, a critério do ensaiador, marcando-se o fim do primeiro ato. E pode-se continuá-lo, com a entrada do palhaço.*)

PALHAÇO

Muito bem, muito bem, muito bem. Assim se conseguem as coisas neste mundo. E agora, enquanto Xaréu se enterra “em latim”, imaginemos o que se passa na cidade. Antônio

Morais saiu furioso com o padre e acaba de ter uma longa conferência com o bispo a esse respeito. Este, que está inspecionando sua diocese, tem que atender a inúmeras conveniências. Em primeiro lugar, não pode desprestigar a Igreja, que o padre, afinal de contas, representa na paróquia. Mas tem também que pensar em certas conjunturas e transigências, pois Antônio Morais é dono de todas as minas da região e é um homem poderoso, tendo enriquecido fortemente o patrimônio que herdou, e que já era grande, durante a guerra, em que o comércio de minério esteve no auge. De modo que lá vem o bispo. Peço todo o silêncio e respeito do auditório, porque a grande figura que se aproxima é, além de bispo, um grande administrador e político. Sou o primeiro a me curvar diante desse grande príncipe da Igreja, prestando-lhe minhas mais carinhosas homenagens.

(Curva-se profundamente e o bispo entra pela direita, acompanhado pelo frade. O bispo é um personagem mediocre, profundamente enfatuado, enquanto o frade, a quem todos tratam com desprezo mal disfarçado, é a alegria e bondade em pessoa. Ante a curvatura do palhaço, o bispo faz um gesto soberano, mandando-o erguer-se. O frade aponta o palhaço e dispara na risada, tapando a boca com a mão, mas o bispo olha-o severamente e o frade baixa a cabeça, intimidado. Nova curvatura do palhaço, novo gesto do bispo.)

PALHAÇO

(*Animado pelo acolhimento*) Muito bem, olá, como está Vossa Reverendíssima, como vai essa prosápia, essa bizarria...

(Enquanto fala, vai fazendo graças ingênuas de palhaço, pendurando o chapéu e o paletó, que caem ao chão, num cabide imaginário. Já em mangas de camisa, dirige-se ao bispo com os braços largamente abertos, como quem vai abraçá-lo, mas o bispo ergue a mão num gesto de desprezo e o palhaço ri amarelo, parando, à espera.)

BISPO

Retro. Onde está o padre?

PALHAÇO

Deve estar na igreja.

(O bispo volta-se para o frade, fazendo-lhe um aceno majestoso e descuidado. O frade corre para a igreja.)

BISPO

É horrível ter de viver com um débil mental às costas, mas meu antecessor gostava dele e não quis desprestigiá-lo, porque afinal de contas ele era meu colega, de modo que conservei essa lesma

no lugar em que a encontrei.
 (O palhaço concorda, fazendo uma grande curvatura, e vem falar ao público.) .

PALHAÇO
 E agora afasto-me prudentemente, porque a vizinhança desses grandes administradores é sempre uma coisa perigosa e a própria Igreja ensina que o melhor é evitar as ocasiões. (Ao bispo) Peço licença a Vossa Excelência Reverendíssima, mas tenho que me retirar.
(Curvaturas do palhaço e do bispo. O palhaço sai e, no mesmo instante, o frade volta com o padre.)

PADRE
(Nervoso) Não esperava Vossa Reverendíssima aqui agora, de modo que...

BISPO
 Deixemos isso, *passons*, como dizem os franceses. Mas há coisas que não posso deixar de lado com essa facilidade.

PADRE
 Não estou entendendo.

BISPO
(Severo) Pois entenderá já. Quando eu lhe disser que Antônio Morais falou comigo...

PADRE
(Sorridente) Antônio Morais falou com o senhor!

BISPO
 Falou sim, e foi para reclamar de seu procedimento para com ele.

PADRE
 Não entendo o que Vossa Reverendíssima quer dizer.

BISPO
 Não vejo dificuldade nenhuma em se entender isso, padre João. Antônio Morais veio a mim se queixar de sua brutalidade para com ele.

PADRE
 Como é?

BISPO
 Vamos deixar de brincadeiras. O senhor sabe perfeitamente a que estou me referindo. Por que chamou a mulher dele de cachorra?

PADRE
 Eu?

BISPO
 Sim, o senhor. Quer me levar ao ridículo, é, padre João?

PADRE
 Não, nunca, Deus me livre. Mas juro que não chamei a mulher dele de cachorra.

BISPO
 Chamou, padre João.

PADRE
 Não chamei, senhor bispo.

BISPO
 Chamou, padre João.

PADRE
 Não chamei, senhor bispo.

BISPO
(Elevando a voz) Chamou, padre João.

PADRE
(Resignado) Chamei, senhor bispo.

BISPO
 Afinal, chamou ou não chamou?

PADRE
 Não chamei, mas se Vossa Reverendíssima diz que eu chamei é porque sabe mais do que eu.

BISPO
 Então não é verdade que ele veio pedir que o senhor lhe abençoasse o filho e que você chamou a mulher dele de cachorra?

PADRE
 O filho?

BISPO
 Sim, o filho dele que está doente!

PADRE
 E é o filho dele que está doente?

BISPO
 Claro que é, não é o que estou dizendo?

PADRE
 O Grilo tinha me dito que era o cachorro!

BISPO
 O grilo? Padre João, você quer brincar comigo? Que história de grilo e cachorro é essa?

PADRE
Vossa Reverendíssima perdoe, agora eu entendo tudo.

BISPO
 Mas acontece que agora quem começa a não entender sou eu.

PADRE
 A culpa é do Grilo.

BISPO
 Do grilo?

PADRE
 De João Grilo.

BISPO
 Quem? João Grilo?

PADRE
 Um canalhinha amarelo que mora aqui e trabalha na padaria. Chegou dizendo que o cachorro de Antônio Morais estava doente e que ele queria que eu o benzesse. Quando o homem chegou, a confusão foi a maior do mundo. Agora eu entendo tudo. Mas ele me paga.

JOÃO GRILO*(Cantando fora)*

Lampião e Maria Bonita
 Pensava que nunca morria:
 Morreu à boca da noite,
 Maria Bonita ao romper do dia.
(Entram João Grilo e Chicó.)

JOÃO GRILO

Padre João, querido padre João, está tudo pronto
 e nós muito satisfeitos com o senhor.

PADRE

João Grilo, querido João Grilo, nós também
 estamos satisfeitíssimos com o senhor.

JOÃO GRILO

Qual, quem sou eu, um pobre Grilo que não vale
 nada... É bondade de Vossa Reverendíssima.

PADRE

É mesmo, é bondade minha, porque você não
 passa de um amarelo muito safado!

JOÃO GRILO

Está ouvindo, Chicó? Eita, eu, se fosse você,
 reagia.

CHICÓ

Eu?

JOÃO GRILO

Sim, eu, se fosse você, reagia. Não admito que
 ninguém diga isso de um amigo meu na minha
 frente.

CHICÓ

Mas o amigo é você!

JOÃO GRILO

E então? Reaja, Chicó, seja homem!

CHICÓ

Eu, não. Reaja você!

JOÃO GRILO

Você não é homem não, Chicó?

CHICÓ

Eu sou homem, mas sou frouxo.

JOÃO GRILO

Muito bem, se é assim, eu falo. Por que Vossa
 Reverendíssima me chamou de safado?

PADRE

Porque você é um amarelo muito safado.

JOÃO GRILO

Pois se esqueceram de botar isso na minha
 certidão de idade.

(O padre tenta agredir João, mas o frade o impede.)

PADRE

Como é que você veio me dizer que o cachorro de
 Antônio Moraes estava doente, fazendo-me
 chamar a mulher dele de cachorra?

JOÃO GRILO

Ah, e a safadeza é essa? Isso é nada, padre João!

Muito pior é enterrar cachorro em latim, como se
 ele fosse cristão, e nem por isso eu vou chamá-lo
 de safado.

PADRE

(Enorme grito) Ai!

BISPO

Que é isso?

PADRE

Uma dor que me deu de repente. Ai!

JOÃO GRILO

Coitado, não. Tem que ver o grito que minha
 patroa dava enquanto se fazia o enterro do
 cachorro.

PADRE

Ai, João Grilo, meu querido, me acuda que eu
 estou morrendo.

JOÃO GRILO

Eu? Quem sou eu para socorrer padre, eu, um
 amarelo muito safado!

PADRE

Eu retiro o que disse, João.

JOÃO GRILO

Retirando ou não retirando, o fato é que o
 cachorro enterrou-se em latim.

BISPO

Um cachorro? Enterrado em latim?

PADRE

Enterrado latindo, senhor bispo. Au, au, au, não
 sabe?

BISPO

Não sei não senhor, nunca vi um cachorro morto
 latir... Que história é essa?

PADRE

Ai! Ai! Ai!

SACRISTÃO

(Entrando) Que é isso? Que é isso?

JOÃO GRILO

É o bispo que quer saber que história é essa.

SACRISTÃO

(Fazendo medidas) Senhor bispo, excelente e
 reverendíssimo senhor bispo... Qual história?

JOÃO GRILO

Essa de padre e sacristão se juntarem para
 enterrar um cachorro em latim.

SACRISTÃO

Ai.

JOÃO GRILO

Que aperreio é esse? A desgraça agora foi que
 começou!

BISPO

Então houve isso? Um cachorro enterrado em
 latim?

JOÃO GRILO

E então? É proibido?

BISPO

Se é proibido? Deve ser, porque é engracado demais para não ser. É proibido! É mais do que proibido! Código Canônico, artigo 1627, parágrafo único, letra k. Padre, o senhor vai ser suspenso.

PADRE

Ai!

JOÃO GRILO

Vossa Excelência Reverendíssima vai suspender o padre?

BISPO

Vou, por que não? Acha pouco o que ele fez? Uma vergonha! Uma desmoralização!

PADRE

Ai!

BISPO

E o sacristão também vai pular fora de seu emprego!

SACRISTÃO

Ai!

BISPO

Quanto ao senhor, senhor João Grilo, vai ver agora o que é administrar. O senhor vai se arrepender de suas brincadeiras, jogando a Igreja contra Antônio Moraes. Uma vergonha, uma desmoralização!

JOÃO GRILO

É mesmo, é uma vergonha. Um cachorro safado daquele se atrever a deixar três contos para o sacristão, quatro para o padre e seis para o bispo, é demais.

BISPO

(Mão em concha no ouvido) Como?

JOÃO GRILO

Ah! E o senhor não sabe da história do testamento ainda não?

BISPO

Do testamento? Que testamento?

CHICÓ

O testamento do cachorro.

BISPO

Testamento do cachorro?

PADRE

(Animando-se) Sim, o cachorro tinha um testamento. Maluquice de sua dona. Deixou três contos de réis para o sacristão, quatro para a paróquia e seis para a diocese.

BISPO

É por isso que eu vivo dizendo que os animais também são criaturas de Deus. Que animal interessante! Que sentimento nobre!

PADRE

(Arriscando) Para atender à vontade da dona, deixei que o sacristão acompanhasse o...

BISPO

(Sorridente) O enterro!

PADRE

(Sorridente) Sim, o enterro.

BISPO

Em latim?

SACRISTÃO

Nada, eu disse aí umas quatro ou cinco coisas que sabia, coisa pouca.

JOÃO GRILO

(Gregoriano) Não sei quê, não sei quê, defunctorum.

CHICÓ

(Mesmo tom) Amém.

BISPO

É preciso deliberar. É assunto para se discutir com muito cuidado. Vamos reunir o concílio.

(Encaminha-se para a igreja. O sacristão quer ir logo depois dele, mas o padre o impede e toma para si o lugar de honra. O frade os segue.)

SACRISTÃO

(Do limiar, antes de entrar na igreja) Na verdade, vê-se logo que é um grande administrador.

CHICÓ

Você ainda se desgraça numa embrulhada dessas. Eles viram a bexiga?

JOÃO GRILO

(Exibindo-a) Que nada, está aqui.

CHICÓ

Se a mulher do padeiro descobrir que você tirou a bexiga do cachorro antes do enterro...

JOÃO GRILO

Que é que tem isso? Eu estava precisando dela para um negócio que estou planejando e a necessidade desculpa tudo. O cachorro já estava morto, não precisava mais dela, eu tirei porque estava precisando! Ela não tem nada a reclamar.

CHICÓ

É, o cachorro já estava morto, mas você sabe como esse povo rico é cheio de agonia com os mortos. Eu, às vezes, chego a pensar que só quem morre completamente é pobre, porque com os ricos a agonia continua por tanto tempo depois da morte, que chega a parecer que ou eles não morrem direito ou a morte deles é outra.

JOÃO GRILO

Você ainda não viu nada! Eu ter tirado a bexiga do cachorro não quer dizer coisa nenhuma. Danado é o gato que arranjei para tomar o lugar do morto.

CHICÓ

Do morto? Que morto?

JOÃO GRILÓ

O cachorro, companheiro. Você vai ver uma coisa.

CHICÓ

Não estou entendendo nada.

JOÃO GRILÓ

Pois vai entender daqui a pouco. Vou entrar também no testamento do cachorro.

CHICÓ

Como, João?

JOÃO GRILÓ

Eu não lhe disse que a fraqueza da mulher do patrão era bicho e dinheiro?

CHICÓ

Disse.

JOÃO GRILÓ

Pois vou vender a ela, para tomar o lugar do cachorro, um gato maravilhoso, que descome dinheiro.

CHICÓ

Descome, João?

JOÃO GRILÓ

Sim, descome, Chicó. Come ao contrário.

CHICÓ

Está doido, João! Não existe essa qualidade de gato.

JOÃO GRILÓ

Muito mais difícil de existir é pirarucu que pesca gente e você mesmo já foi pescado por um.

CHICÓ

É mesmo, João, do jeito que as coisas vão eu não me admiro mais de nada.

JOÃO GRILÓ

Para uma pessoa cuja fraqueza é dinheiro e bicho, não vejo nada melhor do que um bicho que descome dinheiro.

CHICÓ

João, não é duvidando não, mas como é que esse gato descome dinheiro?

JOÃO GRILÓ

É isso que é preciso combinar com você. A mulher vem já para cá, cumprir o testamento. Eu dei o gato amarrado ali fora. Você vá lá e enfeie essas pratas de dez tostões no desgraçado do gato, entendeu?

CHICÓ

Entendi demais. (*Vai sair, mas volta.*) Ó João!

JOÃO GRILÓ

Hem?

CHICÓ

E cabe?

JOÃO GRILÓ

Sei lá! Se não couber, bote de cinco tostões, entendeu?

CHICÓ

Entendi.

JOÃO GRILÓ

Quando eu gritar por você, venha, me entregue o gato e deixe o resto por minha conta.

CHICÓ

(*Vai sair, mas volta.*) E o que é que eu ganho nisso tudo?

JOÃO GRILÓ

Uma parte no testamento do cachorro.

CHICÓ

(*Idem*) E se o negócio der errado?

JOÃO GRILÓ

Lá vem você com suas latomias! Quer ou não quer? Se não quer diga logo, que eu arranjo outro sócio.

CHICÓ

Quero.

JOÃO GRILÓ

Então vá.

CHICÓ

(*Idem*) E a bexiga do cachorro?

JOÃO GRILÓ

Homem, vá-se embora pelo amor de Deus que a mulher vem por aí! Espere. A bexiga é quem vai nos garantir se o negócio der errado. Leve-a, encha-a de sangue e bote no peito dentro da camisa. Vá, vá.

(*Chicó faz uma saudação à mulher, que vem entrando, com dois pacotinhos de dinheiro, e sai.*)

JOÃO GRILÓ

Como vai a senhora? Já está mais consolada?

MULHER

Consolada? Como, se além de perder meu cachorro ainda tive de gastar treze contos para ele se enterrar?

JOÃO GRILÓ

Está aí o dinheiro?

MULHER

Está. Entregue ao padre e ao sacristão.

JOÃO GRILÓ

Um momento. O que é que tem escrito aqui?

MULHER

Sacristão.

JOÃO GRILÓ

E aqui?

MULHER

Padre.

JOÃO GRILÓ

Pois por favor escreva aqui “bispo e padre”.

MULHER

Bispo e padre? Por quê?

JOÃO GRILLO

Porque houve aqui um pequeno arranjo e o bispo também teve que entrar no testamento.

MULHER

(Escrevendo) Que complicação! E se ao menos eu lucrasse alguma coisa... Mas perdi foi meu cachorro.

JOÃO GRILLO

Quem não tem cão caça com gato.

MULHER

Hem?

JOÃO GRILLO

Quem não tem cão caça com gato e eu arranjei um gato que é uma beleza para a senhora.

MULHER

Um gato?

JOÃO GRILLO

Um gato.

MULHER

E é bonito?

JOÃO GRILLO

Uma beleza!

MULHER

Ai, João, traga para eu ver! Chega a me dar uma agonia. Traga, João, já estou gostando do bichinho. Gente, não, é povo que não tolero, mas bicho dá gosto.

JOÃO GRILLO

Pois então vou buscá-lo.

MULHER

Espere. Sabe do que mais, João? Não vá buscar o gato que isso só me traz aborrecimento e despesa. Não viu o que aconteceu com o cachorro? Terminei tendo que fazer o testamento.

JOÃO GRILLO

Ah, mas aquilo é porque foi o cachorro. Com meu gato é diferente...

MULHER

Diferente por quê?

JOÃO GRILLO

Porque, em vez de dar despesa, esse gato dá lucro.

MULHER

Fora vaca, cavalo e criação, bicho que dá lucro não existe.

JOÃO GRILLO

Não existe se não... Eu fico meio encabulado de dizer!

MULHER

Que é isso, João, você está em casa! Diga!

JOÃO GRILLO

É que o gato que eu lhe trouxe descome dinheiro.

MULHER

Descome dinheiro?

JOÃO GRILLO

Descome, sim.

MULHER

Essa eu só acredito vendo.

JOÃO GRILLO

Pois vai ver. Chicó!

MULHER

Ah, e é história de Chicó? Logo vi.

JOÃO GRILLO

Nada de história de Chicó, mas foi ele quem guardou o bicho. Chicó!

CHICÓ

(Entrando com o gato) Tome seu gato. Eu não tenho nada com isso.

(João dá-lhe uma cotovelada e apresenta o gato à mulher.)

JOÃO GRILLO

Está aí o gato.

MULHER

E daí?

JOÃO GRILLO

É só tirar o dinheiro.

MULHER

Pois tire.

JOÃO GRILLO

(Virando o gato para Chicó, com o rabo levantado) Tire aí, Chicó.

CHICÓ

Eu não, tire você.

JOÃO GRILLO

Deixe de luxo, Chicó, em ciência tudo é natural.

CHICÓ

Pois se é natural, tire.

JOÃO GRILLO

Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões.) Está aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente.

MULHER

Muito obrigada, mas se você não se zangar eu quero ver de novo.

JOÃO GRILLO

De novo?

MULHER

Vi você passar a mão e sair com o dinheiro, mas agora quero ver é o parto.

JOÃO GRILLO

O parto?

MULHER

Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.

JOÃO GRILLO

Pois então veja.

MULHER

(Depois da nova retirada) Nossa Senhora, é mesmo. João, me arranje esse gato pelo amor de Deus.

JOÃO GRILLO

Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, dê ou não lhe dê o gato.

MULHER

Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?

JOÃO GRILLO

De modo nenhum; há um jeito e é até fácil.

MULHER

Pois diga qual é, João.

JOÃO GRILLO

Deixe eu entrar no testamento do cachorro.

MULHER

Pois você entra. Por quanto vende o gato?

JOÃO GRILLO

Um conto, está bom?

MULHER

Está não, está caro.

JOÃO GRILLO

Mas por um gato que descome dinheiro!

MULHER

Já fiz a conta, vou levar dois mil dias só para tirar o preço.

JOÃO GRILLO

Mas ele descome mais de uma vez por dia, a senhora não viu?

MULHER

Mas ele pode morrer. Só dou quinhentos e, se você não aceitar, será demitido da padaria.

JOÃO GRILLO

Está certo, fica pelos quinhentos.

MULHER

Tome lá. Passe o gato, Chicó. Meus Deus, que gatinho lindo! Agora a coisa é outra, tenho um filho de novo e vou tirar o prejuízo. (*Sai contentíssima.*)

CHICÓ

João, adeus. Eu vou-me embora.

JOÃO GRILLO

Nada disso, tome lá a metade do dinheiro e deixe de ser mole.

CHICÓ

Homem, eu não tenho coragem de continuar sempre, é melhor fugir logo, enquanto tudo está em paz.

JOÃO GRILLO

Não adianta, Chicó, você já entrou na história e

agora é tarde porque a mulher descobre já.
Quantas pratas você conseguiu meter?

CHICÓ

Três.

JOÃO GRILLO

Então o negócio estoura já.

CHICÓ

Meus Deus, se eu sair com vida dessa história, subo a Serra do Pico de joelhos.

JOÃO GRILLO

Deixe de moleza, Chicó. Você encheu a bexiga de sangue?

CHICÓ

(Apontando a barriga) Enchi, está aqui.

JOÃO GRILLO

Então está tudo garantido.

(*Entram o bispo, o padre, o frade e o sacristão.*)

BISPO

Não resta nenhuma dúvida, foi tudo legal, certo e permitido. Código Canônico, artigo 368, parágrafo terceiro, letra b.

SACRISTÃO

Quer dizer que não agi mal?

BISPO

Muito pelo contrário, você agiu muito bem.

JOÃO GRILLO

E aqui está a prova de que você agiu muito bem. (*Entregando os pacotes*) “Bispo e padre” e “sacristão”.

SACRISTÃO

(*Falsamente admirado*) Que é isso? Que é isso?

JOÃO GRILLO

O testamento do cachorro, a prova de que você agiu bem, de acordo com o Código Canônico, artigo não sei quanto, parágrafo sete, letra b.

PADRE

Ah, você sabe ler, João?

JOÃO GRILLO

Não, conheci pelo peso.

PADRE

(*Dividindo o pacote*) Senhor bispo...

BISPO

Não há pressa, não há pressa... (*Mesmo assim, recebe o dinheiro, conta-o e embolsa-o, rapidamente.*)

JOÃO GRILLO

E fica mais uma vez tudo em paz, na santa paz do Senhor, com o cachorro enterrado em latim e todo mundo satisfeito.

CHICÓ

Isso é o que você diz, João, mas acho que a opinião do padeiro é outra e muito diferente.

JOÃO GRILO

E quem é que está pedindo a opinião do padeiro?

CHICÓ

Ninguém, mas, mesmo sem ninguém pedir, ele vem ali doido para dar.

PADEIRO

(Entrando) Ah, você está aí? (Pega João pela camisa.) O gato não descome dinheiro coisa nenhuma, descome o que todo gato descome. Mas você me paga!

JOÃO GRILO

Que é isso? Que é isso? O senhor não tem vergonha de dizer essas coisas diante do bispo? Descome, não descome! Que conversa mais imoral! Que chamego é esse?

PADEIRO

(Furioso) Imoral é você, vendendo aquele gato!

JOÃO GRILO

E eu tenho culpa de sua mulher só gostar de bicho?

PADEIRO

Só gostar de bicho não, que ela casou comigo.

JOÃO GRILO

Sua diferença para bicho é muito pouca, padeiro.

PADEIRO

O quê? É assim que você me trata agora? Olhe que eu boto você para fora da padaria!

JOÃO GRILO

Você não bota coisa nenhuma, porque eu já estou fora dela. Faz exatamente dez minutos que eu me considero demitido daquela porcaria. Um sujeito como eu não trabalha para uma mulher que compra gato.

PADEIRO

Ladrão! Ladrão!

JOÃO GRILO

Ladrão é você, presidente da Irmandade. Três dias passei em cima de uma cama, tremendo de febre. Mandava pedir socorro a ela e a você e nada. Até o padre que mandei pedir para me confessar não mandaram. E isso depois de passar seis anos trabalhando naquela desgraça!

PADEIRO

Ingrato, eu que nunca o despedi, apesar de todas as suas trapaças!

JOÃO GRILO

Nunca me despediu porque eu trabalhava barato e bem. Está aí o padre João que o diga: qual era o melhor pão da rua, padre João?

PADRE

O pão de João Grilo.

JOÃO GRILO

Está vendo? Ladrão é você, ladrão de farinha. Eu o que faço é me defender como posso.

BISPO

Afinal que barulhada é essa?

PADEIRO

Foi esse ladrão que vendeu um gato à minha mulher, dizendo que ele botava dinheiro, senhor bispo.

FRADE

Ra, ra! Essa foi boa!

PADEIRO

Boa? E é um fraude que vem me dizer isso? É o fim do mundo.

BISPO

Não se incomode, trata-se de um débil mental.

PADEIRO

Faço minha queixa ao senhor bispo, na qualidade de presidente da Irmandade das Almas.

BISPO

Está recebida a queixa e vai ser apurado o fato, para denúncia à autoridade secular.

JOÃO GRILO

Não vai ser apurada coisa nenhuma, porque agora eu vou me embora daqui. E sabem do que mais? Vão se danar todos, sacristão, padeiro, padre, bispo, porque eu já estou cheio, sabem?

SACRISTÃO

João Grilo!

PADRE

João Grilo!

BISPO

Senhor João Grilo!

JOÃO GRILO

É isso mesmo, e façam o favor de não me irritar, senão eu dou um tiro na cabeça do Chicó!

CHICÓ

Na minha? Dê na da sua mãe, que pelo menos nasceu você.

(Fora, som de tiros e gritos de socorro.)

PADRE

Meu Deus, que terá sido isso?

BISPO

O barulho era de tiro.

MULHER

(Entrando assombrada) Valha-me Deus! Ai, meu marido de minha alma, vai morrer todo mundo agora. Socorro, senhor bispo.

BISPO

Que há? Que é isso? Que barulho!

MULHER

É Severino do Aracaju que entrou na cidade com um cabra e vem para cá, roubar a igreja.

PADRE

Ave Maria! Valha-me Nossa Senhora!

BISPO

Quem é Severino do Aracaju?

SACRISTÃO

Um cangaceiro, um homem horrível.

BISPO

(À mulher) Chame a polícia.

MULHER

A polícia correu.

BISPO

Correu?

MULHER

E então? Informaram-se por onde ele vinha e saíram exatamente pelo outro lado.

BISPO

Ave Maria! Valha-me Nossa Senhora!

MULHER

Ai! Meu Deus!

PADEIRO

Ai! Meu Deus!

PADRE

E será verdade mesmo? Onde está Severino?

SEVERINO

(Aparecendo) Aqui.

BISPO

(Desmaiando) Ai!

JOÃO GRILLO

Que grande administrador!

SEVERINO

Um momento, ninguém corra. O primeiro que tentar fugir morre. O que é isso que está deitado, é algum cônego?

BISPO

(Abrindo os olhos, cioso do posto) Bispo.

SEVERINO

Ótimo. Nunca tinha matado um bispo, o senhor vai ser o primeiro.

BISPO

(Desmaiando) Ai!

SEVERINO

(Dando-lhe um pontapé) Levante-se e deixe de chamego. Chilique comigo não pega. (O bispo levanta-se vagarosamente.) Vossa Reverendíssima vai me desculpar, mas deixe ver os bolsos.

BISPO

Não tenho nada, o capitão comprehende...

SEVERINO

(Cortante) Mesmo assim eu quero ver. E deixe de me chamar de capitão, que eu não gosto.

BISPO

E como hei de chamar-lhe então?

SEVERINO

Severino, que é meu nome de batismo.

PADRE

É que nós não temos coragem de chamar uma pessoa tão importante de Severino.

SEVERINO

Isso tudo é porque quem está com o rifle sou eu. Se fosse qualquer um de vocês, eu era chamado era de Bilu. Deixem de conversa, que isso comigo não vai. Mostre os bolsos. (Tirando o dinheiro) Seis contos! Mas é possível? Já vi que o negócio de reza está prosperando por aqui.

JOÃO GRILLO

Depois que se começou a enterrar cachorro, então, faz gosto!

SEVERINO

E isto tudo foi para se enterrar um cachorro?

JOÃO GRILLO

Foi.

SEVERINO

Nesse caso o padre deve ter também alguma coisa para seu amigo Severino.

PADRE

Tenho, não vou negar. Aqui estão dois contos, senhor Severino. É o que posso lhe dar no momento.

SEVERINO

(Irônico) É mesmo, padre? Não é possível! Numa terra em que o bispo tem seis contos, o padre deve ter no mínimo uns três. (Severo) Deixe ver os bolsos. Olhe lá, eu não disse? Fazendo jogo sujo, hem, padre? Quem diria, um ministro de Deus! Enfim, isso é um fim de mundo. E o sacristão, que é que me diz disso tudo?...

SACRISTÃO

Só tenho a lamentar minha pobreza, que não me permite ajudar os amigos.

SEVERINO

Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, que não tem ninguém por ele, a não ser seu velho e pobre papo-amarelo. Mas mesmo assim eu quero ajudá-lo, porque Vossa Senhoria é meu amigo. (Tirando o dinheiro) Três contos! Estou quase pensando em deixar o cangaço. Eu deixava vocês viverem, o bispo demitia o sacristão e me nomeava no lugar dele. Com mais uns cinqüenta cachorros que se enterrassem, eu me aposentava. (Sonhador) Podia comprar uma terrinha e ia criar meus bodes. Umas quatro ou cinco cabeças de gado e podia-se viver em paz e morrer em paz, sem nunca mais ouvir falar no velho papo-amarelo.

BISPO

Mas é uma grande idéia, Severino.

SEVERINO

É uma grande idéia agora, porque a polícia fugiu. Mas ela volta com mais gente e eu não dava três dias para o senhor bispo fazer o enterro do novo sacrístão.

MULHER

(*Sedutora*) Então venha trabalhar comigo na padaria. Garanto que não se arrependeria.

SEVERINO

(*Severo*) Mostre a mão esquerda.

MULHER

(*Caricosa*) Pois não, com muito gosto.

SEVERINO

É uma aliança?

MULHER

É, sou casada com essa desgraça aí, mas estou tão arrependida! Só gosto de homens valentes e esse é uma vergonha.

SEVERINO

Vergonha é uma mulher casada na igreja se oferecer desse jeito. Aliás, já tinha ouvido falar que a senhora enganava seu marido com todo mundo.

PADEIRO

O quê? É possível?

JOÃO GRILÓ

Está aí Chicó que o diga.

CHICÓ

Eu?

SEVERINO

A coisa de que eu tenho mais raiva no mundo é de mulher assim. Sabe o que é que eu faço com as que encontro com esse costume?

MULHER

Não.

SEVERINO

Ferro na tábua do queixo.

MULHER

Ai!

PADEIRO

Não ligue ao que ela diz, mas o senhor podia vir mesmo trabalhar comigo na padaria. Não se ganha muito, mas dá para viver.

SEVERINO

Então ganha-se pouco na padaria?

PADEIRO

Muito pouco, eu mesmo não tenho nada aqui, veja.

SEVERINO

Não precisa, eu acredito. O que você tinha deixou no cofre e eu tirei tudo, de passagem por lá.

PADEIRO

Ai!

SEVERINO

Não vejo motivo para essas agoniias. Estou no meu direito, porque a polícia fugiu e eu tomei a cidade.

JOÃO GRILÓ

Dou toda razão a você, Severino, mas está ficando tarde e eu tenho o que fazer. Vamos embora, Chicó. Vocês, até logo e muito boa viagem para todos.

SEVERINO

Um momento, amarelinho, quero falar com você. (A *Chicó*) Você também não se apresse.

JOÃO GRILÓ

Homem, eu já sei qual é a conversa que você quer ter comigo. Tome logo meus duzentos e cinqüenta mil réis e deixe eu ir-me embora. Dê os seus também, Chicó, e vamos sair daqui que o calor está aumentando.

SEVERINO

Nada disso. Você agora fica e vai morrer com os outros. Está me chamando de ladrão? Severino do Aracaju pode ser assassino, mas não mata ninguém sem motivo. Até hoje só matei para roubar. É assim que garanto meu sustento. Mas você me chamou de ladrão e vai se arrepender.

BISPO

Quer dizer que o senhor vai nos matar a todos?

SEVERINO

Vou, por que não?

BISPO

Mas você não disse que só mata para garantir seu sustento?

SEVERINO

E não é o que estou fazendo?

BISPO

É um louco. Socorro! Socorro!

SEVERINO

Pode gritar à vontade, garanto que não vem ninguém. Mas somente por causa desse grito, Vossa Excelência vai ser o primeiro. Tenha a bondade de passar para ali porque Severino do Aracaju não mata ninguém defronte da igreja.

FRADE

Severino!

SEVERINO

Senhor!

FRADE

Deixe eu confessar esse povo.

SEVERINO

O senhor fraude vai me perdoar, mas não tenho tempo. A polícia pode voltar e tenho que matar vocês de um por um.

FRADE

Então vou absolver todos condicionalmente, e peço ao padre que faça o mesmo comigo.

BISPO

Débil mental! (A Severino) Cavalheiro...

SEVERINO

(Fazendo uma vénia) Senhor bispo... Não adianta olhar para os lados, porque, se não sair, morre aqui mesmo. Seja homem, dê um exemplo a seus dois secretários, que estão em tempo de se acabar de medo.

(O padre e o sacristão começam a rezar. O bispo ergue a cabeça e quer sair com dignidade, mas as pernas lhe tremem de tal modo que ele vai tropeçando.)

SEVERINO

Sustente as pernas, senhor bispo! Que vergonha, chega a dar desgosto se matar um homem desse! Vá, vá logo!

(O bispo sai pela esquerda. Severino faz um aceno para o cangaceiro. Este sai, atrás do bispo. Um tiro. Severino baixa a cabeça afirmativamente, sorrindo com a eficiência da execução. O cangaceiro reaparece, fazendo um gesto horizontal e cortante com a mão.)

SEVERINO

Senhor padre, pela ordem é a sua vez.

PADRE

(Descobrindo o rosto) Pode cuidar logo do sacristão.

SACRISTÃO

Nada disso, a vez é do senhor.

SEVERINO

Para não haver discussão, vão os dois de uma vez.

PADRE

(A João Grilo) Tudo isso por sua culpa, com suas histórias de cachorro bento e cachorro enterrado!

JOÃO GRILÓ

Cachorro bento é você. Eu não digo que sou sem sorte mesmo? Aqui desgraçado, aperreado, me preparando para morrer, ainda aparece padre João para me chamar de cachorro! Cachorro é você!

(Com a raiva, o padre João se esquece do medo e sai rapidamente, mas o sacristão fica.)

SEVERINO

Que é isso, quer deixar o padre sem poder rezar o ofício?

SACRISTÃO

O ofício? Que ofício, o dos mortos?

SEVERINO

Nada, o do casamento. Vou casar vocês dois com a morte. Ra, ra, essa foi boa!

SACRISTÃO

(Sem gosto) Foi ótima!

SEVERINO

Vá atrás de seu patrão e nunca mais se esqueça aqui do padre que os casou.

CANGACEIRO

E nem do sacristão.

(O sacristão sai. Dois tiros, mesma cena entre Severino e o cangaceiro.)

FRADE

Agora, eu?

SEVERINO

Não, não gosto de matar fraude que dá azar. Vá embora. (O fraude sai.) E chega agora a vez do excelentíssimo senhor padeiro desta cidade de Taperoá, que terá a subida satisfação de morrer ao lado de sua excelentíssima mulher safada.

PADEIRO

Antes de morrer, tenho um pedido a fazer.

SEVERINO

Ai, ai, ai! O que é?

PADEIRO

Quero que ela morra primeiro, para eu ver.

SEVERINO

Concedido. Mate a mulher primeiro.

MULHER

Ah, desgraçado!

PADEIRO

Desgraçada é você que me desgraçava a testa sem eu saber. E se ao menos fosse uma pessoa de respeito! Mas até Chicó!

CHICÓ

Até Chicó o quê? Eu fui que corri o perigo de ficar falado, andando com essa mulher pra cima e pra baixo!

PADEIRO

Eu não digo? Você me desgraçou. Caminhe na frente! Faço questão de ver essa desgraça morrer!

MULHER

E então? Pensa que vou fazer cara feia? Está muito enganado, tenho mais coragem do que muito homem safado. Você, sim, está aí em tempo de se acabar. Pensa que não vi as pernas de sua calça tremendo, desde que ele entrou? Frouxo safado, não lhe dou o gosto de me queixar de jeito nenhum. (Ao cangaceiro) Está pronto?

CANGACEIRO

Estou.

MULHER

Pois vamos. (Sai firmemente, acompanhada pelo marido, que cambaleia.) Eu não disse? Segure aqui, que eu ajudo.

(O padeiro se apóia na mulher e saem os dois abraçados.)

JOÃO GRILÓ

E é assim que serão dois numa só carne.

CHICÓ

Não mangue não, João. Mulher valente! Safada, mas valente!

JOÃO GRILÓ

Você diz isso é porque sabe.

(*Um só tiro. Ficam todos em expectativa e o cangaceiro volta.*)

SEVERINO

Que foi isso? Só matou um?

CANGACEIRO

Não, os dois.

SEVERINO

Só ouvi um tiro.

CANGACEIRO

Ia matar a mulher primeiro, como o senhor mandou, mas no momento em que ia puxar o gatilho, o homem correu, abraçou-se com a mulher e morreram juntos.

SEVERINO

Muito bem. Como é o nome de Vossa Senhoria?

JOÃO GRILÓ

Minha Senhoria não tem nome nenhum, porque não existe. Pobre tem lá senhoria, só tem desgraça.

SEVERINO

Diga então o nome de Vossa Desgracência.

JOÃO GRILÓ

João Grilo.

SEVERINO

Chega então agora a vez de Sua Desgracência, o senhor João Grilo, o amarelo mais amarelo que já tive a honra de matar. Pode ir, a casa é sua.

JOÃO GRILÓ

Um momento. Antes de morrer, quero lhe fazer um grande favor.

SEVERINO

Qual é?

JOÃO GRILÓ

Dar-lhe esta gaita de presente.

SEVERINO

Uma gaita? Para que eu quero uma gaita?

JOÃO GRILÓ

Para nunca mais morrer dos ferimentos que a polícia lhe fizer.

SEVERINO

Que conversa é essa? Já ouvi falar de chocalho bento que cura mordida de cobra, mas de gaita que cura ferimento de rifle é a primeira vez.

JOÃO GRILÓ

Mas cura. Essa gaita foi benzida por Padre Cícero, pouco antes de morrer.

SEVERINO

Eu só acredito vendo.

JOÃO GRILÓ

Pois não. Queira Vossa Excelênciia me ceder seu punhal.

SEVERINO

Olhe lá!

JOÃO GRILÓ

Não tenha cuidado. Pode apontar o rifle e, se eu tentar alguma coisa para seu lado, queime.

SEVERINO

(*Ao cangaceiro*) Aponte o rifle para esse amarelo, que é desse povo que eu tenho medo. (*Entrega o punhal a João sob a mira do cangaceiro.*) E agora?

JOÃO GRILÓ

Agora vou dar uma punhalada na barriga de Chicó.

CHICÓ

Na minha, não.

JOÃO GRILÓ

Deixe de moleza, Chicó. Depois eu toco na gaita e você fica vivo de novo! (*Murmurando a Chicó*) A bexiga, a bexiga!

(*Acena para Chicó, mostrando a barriga e lembrando a bexiga, mas Chicó não entende.*)

CHICÓ

Muito obrigado, mas eu não quero não, João.

JOÃO GRILÓ

(*Novos acenos*) Mas eu não já disse que toco na gaita?

CHICÓ

Então vamos fazer o seguinte: você leva a punhalada e quem toca na gaita sou eu.

JOÃO GRILÓ

Homem, sabe do que mais? Vamos deixar de conversa. Tome lá! Morra, desgraçado!

(*Dá uma punhalada na bexiga. Com a sugestão, Chicó cai ao solo, apalpa-se, vê a bexiga e só então entende. Ele fecha os olhos e finge que morreu.*)

JOÃO GRILÓ

Está vendo o sangue?

SEVERINO

Estou. Vi você dar a facada, disso nunca duvidei. Agora, quero ver é você curar o homem.

JOÃO GRILÓ

É já.

(*Começa a tocar na gaita e Chicó começa a se mover no ritmo da música, primeiro uma mão, depois as duas, os braços, até que se levanta como se estivesse com dança de São Guido.*)

SEVERINO

Nossa Senhora! Só tendo sido abençoado por meu padrinho Padre Cícero. Você não está sentindo nada?

CHICÓ
Nadinha.

SEVERINO
E antes?

CHICÓ
Antes como?

SEVERINO
Antes de João tocar na gaita.

CHICÓ
Ah, eu estava morto.

SEVERINO
Morto?

CHICÓ
Completamente morto. Vi Nossa Senhora e Padre Cícero no céu.

SEVERINO
Mas em tão pouco tempo? Como foi isso?

CHICÓ
Não sei, sei que foi assim.

SEVERINO
E que foi que Padre Cícero lhe disse?

CHICÓ
Disse: "Essa é a gaitinha que eu abençoei antes de morrer. Vocês devem dá-la a Severino que precisa dela mais do que vocês".

SEVERINO
Ah meu Deus, só podia ser meu padrinho Padre Cícero mesmo. João, me dê essa gaitinha!

JOÃO GRILLO
Então me solte e solte Chicó.

SEVERINO
Não pode ser, João. Eu matei o bispo, o padre, o sacristão, o padeiro e a mulher e eles morreram esperando por você. Se eu não o matar, vêm-me perseguir de noite, porque será uma injustiça com eles.

JOÃO GRILLO
Mas mesmo eu lhe dando essa gaita? Você repare que eu podia ter morrido sem nada lhe dizer e você nunca saberia de nada, porque ninguém ia dar importância a uma gaita.

SEVERINO
É verdade.

JOÃO GRILLO
Eu lhe dei uma oportunidade de conhecer Padre Cícero e você me paga desse modo!

SEVERINO
De conhecer meu padrinho? Nunca tive essa sorte. Fui uma vez ao Juazeiro só para conhecê-lo, mas pensaram que eu ia atacar a cidade e fui recebido a bala.

JOÃO GRILLO
Mas pode conhecê-lo agora.

SEVERINO
Como?

JOÃO GRILLO
Seu cabra lhe dá um tiro de rifle, você vai visitá-lo. Então eu toco na gaita e você volta.

SEVERINO
E se você não tocar?

JOÃO GRILLO
Não está vendo que eu não faço uma miséria dessa? Garanto que toco.

SEVERINO
Sua idéia é boa, mas por segurança entregue a gaita a meu cabra. (*João entrega a gaita.*) Agora eu levo um tiro e vejo meu padrinho?

JOÃO GRILLO
Vê, nãovê, Chicó?

CHICÓ
Vê demais. Está lá, vestido de azul, com uma porção de anjinhos em redor. Ele até estava dizendo: "Diga a Severino que eu quero vê-lo".

SEVERINO
Ai, eu vou. Atire, atire!

CANGACEIRO
Capitão!

SEVERINO
Atire, cabra frouxo, eu não estou mandando?

CANGACEIRO
Capitão!

SEVERINO
Atire!

JOÃO GRILLO
Homem, atire logo pelo amor de Deus!
(*O cangaceiro ergue o rifle.*)

SEVERINO
Espere. (*João, extremamente nervoso, ergue os braços para o céu.*) Não se esqueça de tocar na gaita.

CANGACEIRO
Não tenha cuidado, capitão.

SEVERINO
Então atire.
(*O cangaceiro ergue o rifle de novo e atira. Severino cai e o cangaceiro pega a gaita.*)

JOÃO GRILLO
(*Impedindo-o*) Não, deixe para tocar depois! Deixe pobre de Severino conversar mais um pedaço com Padre Cícero! Essas ocasiões são poucas, é pra isso aproveitar.

CANGACEIRO
Não, já deu tempo de ele ver o padre. (*Toca na gaita e nada.*) Capitão! (*Toca na gaita.*) Capitão! Capitão! (*Empurra Severino com o pé.*) Está morto!

JOÃO GRILLO

Toque na gaita!

CANGACEIRO

(Depois de tocar) Ah Grilo amaldiçoado, você matou o capitão.

JOÃO GRILLO

Em cima dele, Chicó.

(Atacam o cangaceiro. Sem que ninguém veja a facada, João Grilo dá uns meneios e saltos de gato na frente do cangaceiro, que puxa um revólver. Chicó imobiliza os braços do cangaceiro, segurando-o por trás. Com uma das mãos, força-o a apontar o revólver para o chão.)

JOÃO GRILLO

Solte o homem, Chicó!

CHICÓ

Mas, João, soltar o homem com um revólver na mão?

JOÃO GRILLO

Solte o homem, Chicó!

CHICÓ

João, se eu soltar o homem, ele mete-lhe o revólver na cara!

JOÃO GRILLO

Solte o homem, Chicó!

CHICÓ

João, você está doido? Não está vendo que o homem passa-lhe fogo?!

JOÃO GRILLO

Solte o homem, Chicó!

CHICÓ

Pois então tome!

(Solta o cangaceiro, que cai ao chão.)

JOÃO GRILLO

Eu não lhe disse que soltasse, homem? Na primeira visagem que eu fiz na frente dele, meti-lhe a faca na barriga.

CHICÓ

João, meu filho, você é grande! Vamos embora!

JOÃO GRILLO

Nada disso, só saio daqui com o testamento do cachorro.

(Vai ao lugar onde está o corpo de Severino e tira o dinheiro.)

CHICÓ

João, de tudo isso eu só não entendo uma coisa.

JOÃO GRILLO

O que é?

CHICÓ

Como foi que você adivinhou que Severino vinha e preparou a história da bexiga?

JOÃO GRILLO

Eu não adivinhei coisa nenhuma, a bexiga estava

preparada para a mulher do padeiro, quando ela viesse reclamar o preço do gato. Eu ia ver se convencia o marido dela a dar-lhe uma facada, para experimentar a gaita e me vingar do que ela me fez. Severino meteu-se no meio porque quis e de enxerido que era.

CHICÓ

Vamos embora, João.

JOÃO GRILLO

Mas Chicó, tenha vergonha, você ainda está com medo?

CHICÓ

Estou, João, com um pressentimento ruim danado!

JOÃO GRILLO

Então vamos embora, mas deixe de agouro.

(Chicó sai para a cidade, mas João pára no limiar, erguendo teatralmente os braços.)

JOÃO GRILLO

E agora a vida boa e a independência para João Grilo e para Chicó, graças à minha altíssima sabedoria e ao testamento do cachorro.

CHICÓ

(De fora) João, venha embora pelo amor de Deus!

JOÃO GRILLO

Já vou, Chicó, João Grilo já vai.

(O cangaceiro reergue dificilmente a cabeça, pega o rifle, atira em João e morre. João entra em cena segurando o espinhaço e senta-se no chão. Chicó volta correndo.)

CHICÓ

Que foi isso, João?

JOÃO GRILLO

O cabra estava vivo ainda e atirou em mim.

CHICÓ

Ai, minha Nossa Senhora, será que você vai morrer, João?

JOÃO GRILLO

Acho que vou, Chicó, estou ficando com a vista escura.

CHICÓ

Ai, meu Deus, pobre de João Grilo vai morrer!

JOÃO GRILLO

Deixe de latomia, Chicó, parece que nunca viu um homem morrer! Nisso tudo eu só lamento é perder o testamento do cachorro. (Morre.)

CHICÓ

João! João! Morreu! Ai meu Deus, morreu pobre de João Grilo! Tão amarelo, tão safado e morrer assim! Que é que eu faço no mundo sem João? João! João! Não tem mais jeito, João Grilo morreu. Acabou-se o Grilo mais inteligente do mundo. Cumpriu sua sentença e encontrou-se

com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. Que posso fazer agora? Somente seu enterro e rezar por sua alma.

(Entra na igreja, limpando as lágrimas, e aqui pode-se novamente interromper o espetáculo. Se se montar a peça com dois cenários, organiza-se então a cena para o julgamento que se segue. Mas pode-se continuá-lo com o mesmo cenário, usando-se somente pequenas modificações, já sugeridas no início, e que o próprio texto a seguir esclarece.)

PALHAÇO

(Entrando) Peço desculpas ao distinto público que teve de assistir a essa pequena carnificina, mas ela era necessária ao desenrolar da história. Agora a cena vai mudar um pouco. João, levante-se e ajude a mudar o cenário. Chicó! Chame os outros.

CHICÓ

Os defuntos também?

PALHAÇO

Também.

CHICÓ

Senhor bispo, senhor padre, senhor padeiro!
(Aparecem todos.)

PALHAÇO

É preciso mudar o cenário para a cena do julgamento de vocês. Tragam o trono de Nosso Senhor! Agora a igreja vai servir de entrada para o céu e para o purgatório. O distinto público não se espante ao ver, nas cenas seguintes, dois demônios vestidos de vaqueiro, pois isso decorre de uma crença comum no sertão do Nordeste.
(É claro que essas falas serão cortadas ou adaptadas pelo encenador, de acordo com a montagem que fizer.)

PALHAÇO

Agora os mortos. Quem estava morto?

BISPO

Eu.

PALHAÇO

Deite-se ali.

PADRE

Eu também.

PALHAÇO

Deite-se junto dele. Quem mais?

JOÃO GRILLO

Eu, o padeiro, a mulher, o sacristão, Severino e o cabra.

PALHAÇO

Deitem-se todos e morram.

JOÃO GRILLO
Um momento.

PALHAÇO
Homem, morra, que o espetáculo precisa continuar!

JOÃO GRILLO
Espere, quer mandar no meu morredor?

PALHAÇO
O que é que você quer?

JOÃO GRILLO
Já que tenho de ficar aqui morto, quero pelo menos ficar longe do sacristão.

PALHAÇO
Pois fique. Deite-se ali. E você, Chicó?

CHICÓ
Eu escapei. Estava na igreja, rezando pela alma de João Grilo.

PALHAÇO
Que bem precisada anda disso. Saia e vá rezar lá fora. Muito bem, com toda essa gente morta, o espetáculo continua e terão oportunidade de assistir a seu julgamento. Espero que todos os presentes aproveitem os ensinamentos desta peça e reformem suas vidas, se bem que eu tenha certeza de que todos os que estão aqui são uns verdadeiros santos, praticantes da virtude, do amor a Deus e ao próximo, sem maldade, sem mesquinhez, incapazes de julgar e de falar mal dos outros, generosos, sem avareza, ótimos patrões, excelentes empregados, sóbrios, castos e pacientes. E basta, se bem que seja pouco. Música.

(Música de circo. O palhaço sai dançando. Se se montar a peça em três atos ou houver mudança de cenário, começará aqui a cena do julgamento, com o pano abrindo e os mortos despertando.)

JOÃO GRILLO

(Para o cangaceiro) Mas me diga uma coisa, havia necessidade de você me matar?

CANGACEIRO

E você não me matou?

JOÃO GRILLO

Pois é por isso mesmo que eu reclamei. Você já estava desgraçado, podia ter me deixado em paz.

SEVERINO

Eu, por mim, agora que já morri, estou achando até bom. Pelo menos estou descansando daquelas correrias. Quem deve estar achando ruim é o bispo.

BISPO

Eu? Por quê? Estou até me dando bem!

JOÃO GRILLO

É, estão todos muito calmos porque ainda não repararam naquele freguês que está ali, na sombra, esperando que nós acordemos.

PADRE

Quem é?

JOÃO GRILLO

Você ainda pergunta? Desde que cheguei que comecei a sentir um cheiro ruim danado. Essa peste deve ser um diabo.

DEMÔNIO

(Saindo da sombra, severo) Calem-se todos. Chegou a hora da verdade.

SEVERINO

Da verdade?

BISPO

Da verdade?

PADRE

Da verdade?

DEMÔNIO

Da verdade, sim.

JOÃO GRILLO

Então já sei que estou desgraçado, porque comigo era na mentira.

DEMÔNIO

Vocês agora vão pagar tudo o que fizeram.

PADRE

Mas o que foi que eu...

DEMÔNIO

Silêncio! Chegou a hora do silêncio para vocês e do comando para mim. E calem-se todos. Vem chegando agora quem pode mais do que eu e do que vocês. Deitem-se! Deitem-se! Ouçam o que estou dizendo, senão será pior!

(Desde que ele começou a falar, soam ritmadamente duas pancadas fortes e secas, uma de tambor e uma de prato, com uma pausa mais ou menos longa entre elas, ruído que deve se repetir até a aparição do Encourado. Este é o diabo, que, segundo uma crença do sertão do Nordeste, é um homem muito moreno, que se veste como um vaqueiro. Esta cena deve se revestir de um caráter meio grotesco, pois a ordem que o Demônio dá, mandando que os personagens se deitem, já insinua o fato de que o maior desejo do diabo é imitar Deus, resultado de seu orgulho grotesco. E tanto é assim que ele tenta conseguir pela intimidação o tributo que Jesus terá depois, espontaneamente, quando de sua entrada. O bispo é o único a esboçar um movimento de obediência, mas, antes que ele se deite, o Encourado entra, dando pancadas de rebenque na perna e ajustando suas luvas de couro. Os mortos começam a tremer exageradamente e o Demônio acorre para junto dele, servil e pressuroso.)

DEMÔNIO

Desculpe, fiz tudo para que eles se deitassem, mas não houve jeito.

ENCOURADO

(Ríspido) Cale-se. Você nunca passará de um imbecil. Como se eu vivesse fazendo questão de ser recebido dessa ou daquela maneira!

DEMÔNIO

Peço-lhe desculpas, não foi isso que eu quis dizer.

ENCOURADO

Foi exatamente isso que você quis dizer. É terrível ter-se um sonho como o que eu tive e ver que ele vai ancorar nesse embrutecimento da inteligência e da dignidade!

DEMÔNIO

Isso pode acontecer comigo. Eu posso me sentir assim, mas o senhor...

ENCOURADO

Cale-se, já disse! Que me importa o que você faz ou sente? O que me desgosta é ver minha imagem refletida em você, uma imagem profundamente repugnante. Mas vamos aos fatos. Que vergonha! Todos tremendo! Tão corajosos antes, tão covardes agora! O senhor bispo, tão cheio de dignidade, o padre, o valente Severino... E você, o Grilo que enganava todo mundo, tremendo como qualquer safado!

JOÃO GRILLO

Que é que posso fazer? Já disse mais de cem vezes a mim que não tremesse e tremi. Desde que ouvi aquelas pancadas que comecei a sentir um calafrio danado.

ENCOURADO

E tem razão, porque o que vai lhe acontecer é coisa muito séria. (Sorrindo) É engraçado como vocês empregam às vezes a palavra exata, sem terem consciência perfeita do fato. O que você sentiu foi exatamente um arrepião de danado. (Severo, ao Demônio) Leve a todos para dentro.

SEVERINO

Ai meu Deus, vou pagar minhas mortes no inferno!

BISPO

Senhor Demônio, tenha compaixão de um pobre bispo!

ENCOURADO

Ah, compaixão... Como pilharia, é boa! Vamos, todos para dentro. Para dentro, já disse. Todos para o fogo eterno, para padecer comigo.

(O Demônio começa a perseguir os mortos e o alarido deles é terrível. Ele vai agarrando um por um e os mortos vão se desvencilhando, aos gritos.)

BISPO

Ai! Leve o padre!

PADRE

Ai! Leve o sacristão!

SACRISTÃO

Ai! Leve Severino!

SEVERINO

Ai! Leve o cabra!

JOÃO GRILLO

Parem, parem! Acabem com essa molecagem!
(*Seu grito é tão grande que todos param e o silêncio se faz.*)

JOÃO GRILLO

Acabem com essa molecagem. Diabo dum barulho danado! É assim, é? É assim, é?

ENCOURADO

Assim como?

JOÃO GRILLO

É assim de vez? É só dizer “pra dentro” e vai tudo? Que diabo de tribunal é esse que não tem apelação?

ENCOURADO

É assim mesmo e não tem para onde fugir.

JOÃO GRILLO

Sai daí, pai da mentira! Sempre ouvi dizer que para se condenar uma pessoa ela tem de ser ouvida!

BISPO

Eu também. Boa, João Grilo!

PADRE

Boa, João Grilo!

MULHER

Boa, João Grilo!

PADEIRO

Você achou boa?

MULHER

Achei.

PADEIRO

Então eu também achei. Boa, João Grilo!

SEVERINO

É isso mesmo e eu vou apelar para Nossa Senhor Jesus Cristo, que é quem pode saber.

ENCOURADO

Besteira, maluquice!

PADRE

Besteira ou maluquice, eu também apelo. Senhor Jesus, certo ou errado, eu sou um padre e tenho meus direitos. Quero ser julgado, antes de ser entregue ao Diabo.

(*Aqui começam a soar pancadas de sino, no mesmo ritmo das de tambor anteriores. O Encourado começa a ficar agitado.*)

JOÃO GRILLO

Ah! Pancadinhas benditas! Oi, está tremendo? Que vergonha, tão corajoso antes, tão covarde agora! Que agitação é essa?

ENCOURADO

Quem está agitado? É somente uma questão de inimizade. Tenho o direito de me sentir mal com aquilo que me desagrada.

JOÃO GRILLO

Eu, pelo contrário, estou me sentindo muito bem. Sinto-me como se minha alma quisesse cantar.

BISPO

(*Estranhamente emocionado*) Eu também. É estranho, nunca tinha experimentado um sentimento como esse. Mas é uma vontade esquisita, pois não sei bem se ela é de cantar ou de chorar.

(*Esconde o rosto entre as mãos. As pancadas do sino continuam e toca uma música de aleluia. De repente, João ajoelha-se, como que levado por uma força irresistível, e fica com os olhos fixos para cima.*)

Todos vêm ajoelhando vagarosamente.

Encourado volta rapidamente as costas para não ver o Cristo que vem entrando. É um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos. A cena ganha uma intensa suavidade de iluminura. Todos estão de joelhos, com o rosto entre as mãos.

ENCOURADO

(*De costas, grande grito, com o braço ocultando os olhos*) Quem é? É Manuel?

MANUEL

Sim, é Manuel, o Leão de Judá, o Filho de Davi. Levantem-se todos, pois vão ser julgados.

JOÃO GRILLO

Apesar de ser um sertanejo pobre e amarelo, sinto perfeitamente que estou diante de uma grande figura. Não quero faltar com o respeito a uma pessoa tão importante, mas, se não me engano, aquele sujeito acaba de chamar o senhor de Manuel.

MANUEL

Foi isso mesmo, João. Esse é um de meus nomes, mas você pode me chamar também de Jesus, de Senhor, de Deus... Ele gosta de me chamar de Manuel ou Emanuel, porque pensa que assim pode se persuadir de que sou somente homem. Mas você, se quiser, pode me chamar de Jesus.

JOÃO GRILLO

Jesus?

MANUEL

Sim.

JOÃO GRILLO

Mas, espere, o senhor é que é Jesus?

MANUEL

Sou.

JOÃO GRILO

Aquele Jesus a quem chamavam Cristo?

MANUEL

A quem chamavam, não, que era Cristo. Sou, por quê?

JOÃO GRILO

Porque... Não é lhe faltando com o respeito não, mas eu pensava que o senhor era muito menos queimado.

BISPO

Cale-se, atrevido.

MANUEL

Cale-se você. Com que autoridade está repreendendo os outros? Você foi um bispo indigno de minha Igreja, mundano, autoritário, soberbo. Seu tempo já passou. Muita oportunidade teve de exercer sua autoridade, santificando-se através dela. Sua obrigação era ser humilde, porque, quanto mais alta é a função, mais generosidade e virtude requer. Que direito tem você de repreender João porque falou comigo com certa intimidade? João foi um pobre em vida e provou sua sinceridade exibindo seu pensamento. Você estava mais espantado do que ele e escondeu essa admiração por prudência mundana. O tempo da mentira já passou.

JOÃO GRILO

Muito bem. Falou pouco, mas falou bonito. A cor pode não ser das melhores, mas o senhor fala bem que faz gosto.

MANUEL

Muito obrigado, João, mas agora é a sua vez. Você é cheio de preconceitos de raça. Vim hoje assim de propósito, porque sabia que isso ia despertar comentários. Que vergonha! Eu, Jesus, nasci branco e quis nascer judeu, como podia ter nascido preto. Para mim, tanto faz um branco como um preto. Você pensa que eu sou americano para ter preconceito de raça?

PADRE

Eu, por mim, nunca soube o que era preconceito de raça.

ENCOURADO

(*Sempre de costas para Manuel*) É mentira! Só batizava os meninos pretos depois dos brancos.

PADRE

Mentira! Eu muitas vezes batizei os pretos na frente.

ENCOURADO

Muitas vezes, não, poucas vezes, e mesmo essas poucas quando os pretos eram ricos.

PADRE

Prova de que eu não me importava com a cor, de que o que me interessava...

MANUEL

Era a posição social e o dinheiro, não é, padre João? Mas deixemos isso, sua vez há de chegar. Pela ordem, cabe a vez ao bispo. (*Ao Encourado*) Deixe de preconceitos e fique de frente.

ENCOURADO

(*Sombrio*) Aqui estou bem.

MANUEL

Como queira. Faça seu relatório.

JOÃO GRILO

Foi gente que eu nunca suportei: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. Esse aí é uma mistura disso tudo.

MANUEL

Silêncio, João, não perturbe. (*Ao Encourado*) Faça a acusação do bispo. (*Aqui, por sugestão de Clênio Wanderley, o Demônio traz um grande livro que o Encourado vai lendo.*)

ENCOURADO

Simonia: negociou com o cargo, aprovando o enterro de um cachorro em latim porque o dono lhe deu seis contos.

BISPO

E é proibido?

ENCOURADO

Homem, se é proibido eu não sei. O que eu sei é que você achava que era e depois, de repente, passou a achar que não era. E o trecho que foi cantado no enterro é uma oração da missa dos defuntos.

BISPO

Isso é aí com meu amigo sacristão. Quem escolheu o pedaço foi ele.

ENCOURADO

Falso testemunho: citou levianamente o Código Canônico, primeiro para condenar o ato do padre e contestar o ricaço Antônio Morais, depois para justificar o enterro. Velhacaria: esse bispo tinha fama de grande administrador, mas não passava de um político, apodrecido de sabedoria mundana.

BISPO

Quem fala! Um desgraçado que se perdeu por causa disso...

MANUEL

Não interrompa, não é esse o momento de discutir isso. Pode continuar.

ENCOURADO

Arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções: esse bispo, falando com um pequeno, tinha uma soberba só comparável à subserviência que usava para tratar com os grandes. Isto sem se falar no fato de que vivia

com um santo homem, tratando-o sempre com o maior desprezo.

BISPO

Com um santo homem, eu?

ENCOURADO

Sim, o frade.

BISPO

Só aquele imbecil mesmo pode ser chamado de santo homem.

ENCOURADO

O processo de santificação dele está encaminhado por aí. Ele acaba de pedir para ser missionário entre os índios e vai ser martirizado. Eu não, para mim isso não passa de uma tolice, mais aí para Manuel você está se desgraçando.

BISPO

Mas é possível que aquele frade...

MANUEL

É perfeitamente possível e não diga mais nada. Mais alguma coisa?

ENCOURADO

Não, estou satisfeito.

MANUEL

Então, acuse o padre.

PADRE

De mim ele não tem nada o que dizer.

ENCOURADO

É o que você pensa, minha safra hoje está garantida. Tudo o que eu disse do bispo pode se aplicar ao padre. Simonia, no enterro do cachorro, velhacaria, política mundana, arrogância com os pequenos, subserviência com os grandes.

PADRE

Mas não citei o Código Canônico em falso.

ENCOURADO

Em compensação, acaba de incorrer em falta de coleguismo com o bispo.

PADRE

E o que eu fizer aqui ainda voga?

MANUEL

Não, isso é confusão do demônio.

ENCOURADO

E ele tinha ainda outro defeito que o bispo nunca teve.

PADRE

Qual era?

ENCOURADO

A preguiça. Deixava tudo nas costas do sacristão e a paróquia ficava completamente entregue a esse patife, por sua culpa.

SACRISTÃO

Patife é você.

JOÃO GRILÓ

(Ao sacristão) Homem, que esse sujeito aí deve ser pior do que você, deve, mas você tinha uma ruindade bem apurada!

MANUEL

Silêncio, João, já lhe disse que não interrompesse.

JOÃO GRILÓ

O senhor me desculpe, mas a língua fica balançando na boca que chega a me dar uma agonia. Eu posso ouvir um safado desses dizendo que prestava e ficar calado?

MANUEL

Deixe a acusação para o colega dele.

SACRISTÃO

Colega?

MANUEL

É brincadeira minha, mas, depois que João chamou minha atenção, notei que o diabo tem mesmo um jeito assim de sacristão.

ENCOURADO

Protesto contra essas brincadeiras. Isso aqui é um lugar sério.

MANUEL

Calma, rapaz, você não está no inferno. Lá, sim, é um lugar sério. Aqui pode-se brincar. Faça a acusação do sacristão.

ENCOURADO

Esse sujeito foi quem tramou a história do enterro. Foi ele quem saiu cantando o trecho da missa atrás do cachorro, com olho nos três contos. Em latim, na língua que você escolheu. Hipocrisia e auto-suficiência chegaram e aí ficaram. E, além de tudo, roubava a igreja.

PADRE

Ah patife!

MANUEL

Ah patife não, padre João, o senhor devia dizer "Ah patifes", porque faz tempo que eu não vejo tanta coisa ruim junta. E o padeiro?

ENCOURADO

Ele e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.

MULHER

É mentira!

JOÃO GRILÓ

É não, é verdade. Três dias passei...

MANUEL

Em cima de uma cama, com febre, e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.

JOÃO GRILÓ

Mas eu posso? Me diga mesmo se eu posso? Bife

passado na manteiga para o cachorro e fome para João Grilo. É demais!

ENCOURADO

Avareza do marido, adultério da mulher. Bem medido e bem pesado, cada um era pior do que o outro.

JOÃO GRILLO

Está aí Chicó que o diga.

MANUEL

Chicó?

JOÃO GRILLO

Ah, é verdade, Chicó ficou. Já estava tão acostumado a aperrear pobre de Chicó que me esqueci de que ele tinha ficado. É um amigo meu.

MANUEL

Eu o conheço, estou até de olho nele por causa das histórias que vive contando.

JOÃO GRILLO

Aquilo é o sol. Não vá ligar isso não. O sol do sertão é quente e Chicó começa a ver demais. É o sol.

MANUEL

(*Ao Encourado*) Anote aí negação do livre-arbítrio contra João.

ENCOURADO

Está anotado.

MANUEL

Pois desanote. Não está vendo que é brincadeira? João sabe lá o que é livre-arbítrio, homem?

JOÃO GRILLO

É isso mesmo, desanote e não tem nada de fazer cara feia que não adianta. Eu não sei o que é isso mesmo não, mas sei que você quer é me desgraçar.

MANUEL

Acuse Severino e o cabra dele.

ENCOURADO

E precisa? São dois cangaceiros conhecidos. Mataram mais de trinta.

MANUEL

É verdade?

SEVERINO

É. Matei, não vou negar.

ENCOURADO

Acho que basta. Inferno nele.

MANUEL

Espere, isso também não é assim de repente não! Davi fez coisa muito pior, traindo o amigo com a mulher e mandando ainda por cima o pobre morrer na guerra e, no entanto, era meu avô e grande amigo meu, um santo de quem você não tem coragem nem de pronunciar o nome.

JOÃO GRILLO

Tenho visto poucos sujeitos levar carão e ficar com a cara lisa com esse.

ENCOURADO

É, você está muito engraçado agora, mas Manuel é justo e, quando ele me entregar vocês, há de ver que com o diabo não se brinca.

JOÃO GRILLO

E quem disse que ele vai nos entregar?

ENCOURADO

Você acha pouco? Eu não estou vendendo os olhos dele, porque estou de costas, mas pressinto essas coisas. A situação está favorável para mim e preta para vocês. (*Começa a rir e todos começam a tremer.*)

MULHER

É verdade, senhor?

MANUEL

É verdade, a situação está ruim para vocês, porque as acusações são graves.

BISPO

Ai valha-me Deus! Valha-me Deus! Valha-me Deus nessa hora de angústia.

ENCOURADO

Agora é tarde, você devia ter se lembrado disso antes.

PADRE

São João, meu padroeiro, não me deixe ir para o inferno, pelo amor de Deus.

ENCOURADO

Está aí quem é maior do que esse não sei o quê e vai me entregar você.

MULHER

(*Ao padeiro*) Homem, tenha coragem pelo menos agora e dê uma palavra em nosso favor.

PADEIRO

Estou vendo se acho algum santo padeiro, para me pegar com ele.

ENCOURADO

O que me diverte nisso tudo é ver esse amarelo tremendo de medo. Coragem, João Grilo, uma pessoa como você tremendo?

JOÃO GRILLO

Não sou eu, é meu corpo, mas a cabeça está trabalhando.

MANUEL

Está mesmo, João?

JOÃO GRILLO

Está, Nosso Senhor, e se a tremedeira parasse eu era capaz de me defender.

MANUEL

Pois pode parar.

JOÃO GRILLO

(Parando e respirando) Que alívio, já estava ficando cansado. O que é isso?

MANUEL

É besteira do demônio. Esse sujeito é meio espírita e tem mania de fazer mágica.

JOÃO GRILLO

Eu logo vi que isso só podia ser confusão desse catimbozeiro.

MANUEL

E agora? Que é que você diz em sua defesa? Sei que você é astuto, mas não pode negar o fato de que foi acusado.

JOÃO GRILLO

O senhor vai me desculpar, mas eu não fui acusado de coisa nenhuma.

MANUEL

Não?

ENCOURADO

Foi mesmo não. Começou com uma confusão tão grande que eu me esqueci de acusá-lo. Vou começar.

JOÃO GRILLO

Você não vai começar coisa nenhuma, porque a hora de acusar já passou.

MANUEL

Deixe de chicana, João, você pensa que isso aqui é o palácio da justiça? Pode acusar.

ENCOURADO

Agora você me paga, amarelo. O sacristão, o padre e o bispo fizeram o enterro do cachorro, mas a história foi toda tramada por ele. E vendeu um gato à mulher do padeiro dizendo que ele botava dinheiro.

JOÃO GRILLO

Mentira, Nossa Senhor.

MANUEL

Verdade, João Grilo.

JOÃO GRILLO

É, é verdade, mas, do jeito que eles me pagavam, o jeito era eu me virar. Além disso, eu estava com pena do gato, tão abandonado, e queria que ele passasse bem.

MULHER

É, e nessa pena levou meus quinhentos mil-réis.

ENCOURADO

Depois, foi ele quem matou Severino e o cabra dele, com uma história de gaita, Padre Cícero e não sei que mais.

JOÃO GRILLO

Legítima defesa, Nossa Senhor!

ENCOURADO

Mentira, Manuel!

MANUEL

Verdade, Demônio!

ENCOURADO

Mas não se esqueça de que a história estava preparada para a mulher do padeiro.

MANUEL

É verdade, aí você passou da conta, João. E tudo por causa do bife passado na manteiga!

ENCOURADO

De modo que o caso dele é sem jeito. É o primeiro que vou levar. Essa é boa, João Grilo, o amarelo que enganava todo mundo, vai levar na cabeça.

JOÃO GRILLO

Ah, e você pensa que eu me entreguei? Pode ser que eu vá, mas não é assim não!

BISPO

Mas é caso sem jeito, João. Ai meu Deus!

PADRE

Ai meu Deus!

SACRISTÃO

Ai meu Deus!

JOÃO GRILLO

(Para Manuel) Olhe a besteira deles: Deus aqui e eles gritando por Deus!

MANUEL

E por quem eles iriam gritar?

JOÃO GRILLO

Por alguém que está mais perto de nós, por gente que é gente mesmo.

MANUEL

E eu não sou gente, João? Sou homem, judeu, nascido em Belém, criado em Nazaré, fui ajudante de carpinteiro... Tudo isso vale alguma coisa.

JOÃO GRILLO

O senhor quer saber de uma coisa? Eu vou lhe ser franco: o senhor é gente, mas não é muito não. É gente e ao mesmo tempo é Deus, é uma misturada muito grande. Meu negócio é com outro.

BISPO

Agora, a gente está desgraçado de vez. João, isso é coisa que se diga?

MANUEL

Mas o que foi que João disse demais? Tudo isso é verdade, porque eu sou homem e sou Deus!

ENCOURADO

Homem, dê-se a respeito!

MANUEL

Esse respeito de que você fala foi coisa que eu nunca soube impor, graças a Deus.

JOÃO GRILLO

Eu, se fosse o senhor, nunca diria "Graças a Deus!"

MANUEL

Por quê? É uma coisa que todo mundo diz.

JOÃO GRILLO

O senhor não é Deus?

MANUEL

Sou.

JOÃO GRILLO

Pois eu, se fosse Deus, só diria “Graças a mim”.

MANUEL

Para quê, João?

JOÃO GRILLO

Pra fazer inveja ao diabo.

ENCOURADO

A confusão já começa. Apelo para a justiça.

JOÃO GRILLO

E eu para a misericórdia.

PADRE

Acho que nosso caso é sem jeito, João. Uma vez estudei uma lição sobre isso e sei que em Deus não existe contradição entre a justiça e a misericórdia. Já fomos julgados pela justiça, a misericórdia dirá a mesma coisa.

JOÃO GRILLO

E quem foi que disse que nós já fomos julgados pela justiça?

PADRE

Você mesmo ouviu Nossa Senhor dizer que a situação era difícil.

JOÃO GRILLO

E difícil quer dizer sem jeito? Sem jeito! Sem jeito por quê? Vocês são uns pamonhas, qualquer coisinha estão arriando. Não vê que tiveram tudo na terra? Se tivessem tido que agüentar o rojão de João Grilo, passando fome e comendo macambira na seca, garanto que tinham mais coragem. Quer ver eu dar um jeito nisso, padre João?

PADRE

Quero, Joca.

JOÃO GRILLO

Agora é Joca, hem? E você, senhor bispo?

BISPO

Eu também, João.

JOÃO GRILLO

Padeiro?

PADEIRO

Veja o que pode fazer, João.

JOÃO GRILLO

Severino? Mulher e cabra?

MULHER

Nós também. Nossa esperança é você.

JOÃO GRILLO

Tudo precisando de João Grilo! Pois vou dar um jeito.

ENCOURADO

É isso que eu quero ver.

MANUEL

Com quem você vai se pegar, João? Com algum santo?

JOÃO GRILLO

O senhor não repare não, mas de besta só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

MANUEL

Quem é?

JOÃO GRILLO

A mãe da justiça.

ENCOURADO

(Rindo) Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?

MANUEL

Não ria, porque ela existe.

BISPO

E quem é?

MANUEL

A misericórdia.

SEVERINO

Foi coisa que nunca conheci. Onde mora? E como chamá-la?

JOÃO GRILLO

Ah, isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (Recitando)

Valha-me Nossa senhora,
Mãe de Deus de Nazaré!
A vaca mansa dá leite,
A braba dá quando quer.
A mansa dá sossegada,
A braba levanta o pé.
Já fui barco, fui navio,
Mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher.

ENCOURADO

Vá vendo a falta de respeito, viu?

JOÃO GRILLO

Falta de respeito, nada, rapaz! Isso é o versinho de Canário Pardo que minha mãe cantava para eu dormir. Isso tem nada de falta de respeito!

Já fui barco, fui navio,
Mas hoje sou escaler.
Já fui menino, fui homem,
Só me falta ser mulher.
Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus de Nazaré.

(Cena igual à da aparição de Nosso Senhor, e Nossa Senhora, A Comadecida, entra.)

ENCOURADO

(Com raiva surda) Lá vem a Comadecida!
Mulher em tudo se mete!

JOÃO GRILÓ

Falta de respeito foi isso agora, viu? A senhora se zangou com o verso que eu recitei?

A COMPADECIDA

Não, João, por que eu iria me zangar? Aquele é o versinho que Canário Pardo escreveu para mim e que eu agradeço. Não deixa de ser uma oração, uma invocação. Tem umas graças, mas isso até a torna alegre e foi coisa de que eu sempre gostei. Quem gosta de tristeza é o diabo.

JOÃO GRILÓ

É porque esse camarada aí tudo o que se diz ele enrasca a gente, dizendo que é falta de respeito.

A COMPADECIDA

É máscara dele, João. Como todo fariseu, o diabo é muito apegado às formas exteriores. É um fariseu consumado.

ENCOURADO

Protesto.

MANUEL

Eu já sei que você protesta, mas não tenho o que fazer, meu velho. Discordar de minha mãe é que não vou.

ENCOURADO

Grande coisa esse chamego que ela faz para salvar todo mundo! Termina desmoralizando tudo.

SEVERINO

Você só fala assim porque nunca teve mãe.

JOÃO GRILÓ

É mesmo, um sujeito ruim desse, só sendo filho de chocadeira!

A COMPADECIDA

E para que foi que você me chamou João?

JOÃO GRILÓ

É que esse filho de chocadeira quer levar a gente para o inferno. Eu só podia me pegar com a senhora mesmo.

ENCOURADO

As acusações são graves. Seu filho mesmo disse que há tempo não via tanta coisa ruim junta.

A COMPADECIDA

Ouvi as acusações.

ENCOURADO

E então?

JOÃO GRILÓ

E então? Você ainda pergunta? Maria vai nos defender. Padre João, puxe aí uma ave-maria!

PADRE

(Ajoelhando-se) Ave Maria, cheia de graça, o senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

JOÃO GRILÓ

Um momento, um momento. Antes de

respondermos, lembrem-se de dizer, em vez de “agora e na hora de nossa morte”, “agora na hora de nossa morte”, porque, do jeito que nós estamos, está tudo misturado.

TODOS

Santa Maria, mãe de Deus, roguem por nós, pecadores, agora na hora de nossa morte. Amém.

A COMPADECIDA

Não precisava fazer a modificação, João. Eu entenderia.

JOÃO GRILÓ

É, a senhora eu acredito que entendesse, mas aquele sujeito ali, com muito menos do que isso, faz uma confusão.

A COMPADECIDA

Está bem, vou ver o que posso fazer.

JOÃO GRILÓ

(Ao Encourado) está vendido? Isso aí é gente e gente boa, não é filha de chocadeira não! Gente como eu, pobre, filha de Joaquim e de Ana, casada com um carpinteiro, tudo gente boa.

MANUEL

E eu, João? Estou esquecido nesse meio?

JOÃO GRILÓ

Não é o que eu digo, Senhor? A distância entre nós e o senhor é muito grande. Não é por nada, não, mas sua mãe é gente como eu, só que gente muito boa, enquanto eu não valho nada.

(Ocorrendo-lhe a brincadeira) Mas com toda desgraça, acho que sou menos ruim do que o sacristão.

A COMPADECIDA

Intercedo por esses pobres que não têm ninguém por eles, meu filho. Não os condene.

MANUEL

Que é que eu posso fazer? Esse aí era um bispo avarento, simoníaco, político...

A COMPADECIDA

Mas isso é a única coisa que se pode dizer contra ele. E era trabalhador, cumpria suas obrigações nessa parte. Era de nosso lado e quem não é contra nós é por nós.

MANUEL

O padre e o sacristão... (Gesto de desânimo)

A COMPADECIDA

É verdade que não eram dos melhores, mas você precisa levar em conta a língua do mundo e o modo de acusar do diabo. O bispo trabalhava e por isso era chamado de político e de mero administrador. Já com esses dois a acusação é pelo outro lado. É verdade que eles praticaram atos vergonhosos, mas é preciso levar em conta a pobre e triste condição do homem. A carne

implica todas essas coisas turvas e mesquinhias. Quase tudo o que eles faziam era por medo. Eu conheço isso, porque convivi com os homens: começam com medo, coitados, e terminam por fazer o que não presta, quase sem querer. É medo.

ENCOURADO

Medo? Medo de quê?

BISPO

Ah, senhor, de muitas coisas. Medo da morte...

PADRE

Medo do sofrimento...

SACRISTÃO

Medo da fome...

PADEIRO

Medo da solidão. Perdoei minha mulher na hora da morte, porque a amava e porque sempre tive um medo terrível da solidão.

MANUEL

E é a mim que vocês vêm dizer isso, a mim que morri abandonado até por meu pai!

A COMPADECIDA

Era preciso e eu estava a seu lado. Mas não se esqueça da noite no jardim, do medo por que você teve de passar, pobre homem, feito de carne e de sangue, como qualquer outro, e, como qualquer outro também, abandonado diante da morte e do sofrimento.

JOÃO GRILLO

Ouvi dizer que até suar sangue o senhor suou.

MANUEL

É verdade, João, mas você não sabe do que está falando. Só eu sei o que passei naquela noite.

A COMPADECIDA

Seja então compassivo com quem é fraco.

MANUEL

Mas esses dois? Você mesmo via daqui e comentava o que eles faziam com João Grilo e os outros empregados na padaria!

JOÃO GRILLO

Se é por mim, não há dificuldade, porque eu sou tão sem-vergonha, que já me esqueci de tudinho.

MANUEL

Devia ter esquecido lá, João. Pode alegar alguma coisa em favor deles?

A COMPADECIDA

O perdão que o marido deu à mulher na hora da morte, abraçando-se com ela para morrerem juntos.

MANUEL

Isso pode se dizer em favor dele. Mas ela?

ENCOURADO

Enganava o marido com todo mundo.

MULHER

Porque era maltratada por ele. Logo no começo de nosso casamento, começou a me enganar. A senhora não sabe o que eu passei, porque nunca foi moça pobre casada com homem rico, como eu. Amor com amor se paga.

A COMPADECIDA

Eu entendo tudo isso mais do que você pensa. Sei o que as mulheres passam no mundo, se bem que não tenha do que me queixar, porque meu marido era o que se pode chamar um santo.

JOÃO GRILLO

Grande novidade!

A COMPADECIDA

O quê, João?

JOÃO GRILLO

Falei não.

ENCOURADO

Falou, sim. Ele disse: "Grande novidade".

A COMPADECIDA

Na verdade, João tem toda a razão. Falei assim por falar, mas que São José era um santo não é nenhuma novidade.

ENCOURADO

A senhora está falando muito e vê-se perfeitamente sua proteção contra esses nojentos, mas nada pôde dizer ainda em favor da mulher do padeiro.

A COMPADECIDA

Já aleguei sua condição de mulher, escravizada pelo marido e sem grande possibilidade de se libertar. Que posso alegar ainda em seu favor?

PADEIRO

A prece que fiz por ela antes de morrer. O mais ofendido pelos atos que ela praticava era eu e, no entanto, rezei por ela. Isso deve ter algum valor.

A COMPADECIDA

E tem. Alego isso em favor dos dois.

MANUEL

Está recebida a alegação.

A COMPADECIDA

Quanto a Severino e ao cabra dele...

MANUEL

Quanto a esses, deixe comigo. Estão ambos salvos.

ENCOURADO

É um absurdo contra o qual...

MANUEL

Contra o qual já sei que você protesta, mas não recebo seu protesto. Você não entende nada dos planos de Deus. Severino e o cangaceiro dele foram meros instrumentos de sua cólera. Enlouqueceram ambos, depois que a polícia

matou a família deles e não eram responsáveis por seus atos. Podem ir para ali.
(Severino e o Cangaceiro abraçam os companheiros e saem para o céu.)

BISPO
 E nós?

SACRISTÃO
 Decida-se logo, por favor, porque essa ansiedade é pior do que qualquer outra coisa.

MANUEL
 Não diga isso, você não sabe o que se passa lá. Qualquer ansiedade é melhor do que aquilo.

ENCOURADO
 É, mas não posso ficar eternamente à espera. Qual é a sentença?

A COMPADECIDA
 Um momento, filho. Antes de dizer qualquer coisa, não se esqueça de que o frade absolveu a todos condicionalmente e rezou por eles.

MANUEL
 Pois não. Vou então proferir a sentença.

JOÃO GRILLO
 Um momento, senhor. Posso dar uma palavra?

MANUEL
 Você o que é que acha, minha mãe?

A COMPADECIDA
 Deixe João falar.

MANUEL
 Fale, João.

JOÃO GRILLO
 Os cinco últimos lugares do purgatório estão desocupados?

MANUEL
 Estão.

JOÃO GRILLO
 Pegue esses cinco camaradas e bote lá.

A COMPADECIDA
 É uma boa solução, meu filho. Dá para eles pagarem o muito que fizeram e assegura a sua salvação.

JOÃO GRILLO
 E tem a vantagem de descontentar aquele camarada ali, que é pior do que carne de cobra. Não está vendo ele ali, de costas?

MANUEL
 Estou.

JOÃO GRILLO
 Isso é de ruim.

MANUEL
 Minha mãe o que é que acha?

A COMPADECIDA
 Eu ficaria muito satisfeita.

MANUEL
 Então está concedido.

ENCOURADO
 Não tem jeito não. Homem que mulher governa...

MANUEL
 Podem ir, vocês cinco.
(Os cinco se despedem comovidamente de João Grilo.)

JOÃO GRILLO
 Muito bem. Desmanchem essa cara de enterro e boa viagem para todos.
(Saem todos.)

MANUEL
 E agora, nós, João Grilo. Por que sugeriu o negócio para os outros e ficou de fora?

JOÃO GRILLO
 Porque, modéstia à parte, acho que meu caso é de salvação direta.

ENCOURADO
 Era o que faltava! E a história que estava preparada para a mulher do padeiro?

MANUEL
 É, João, aquilo foi grave.

JOÃO GRILLO
 E o senhor vai dar uma satisfação a esse sujeito, me desgraçando para o resto da vida? Valha-me Nossa Senhora, mãe de Deus de Nazaré, já fui menino, fui homem...

A COMPADECIDA
(Sorrindo) Só lhe falta ser mulher, João, já sei. Vou ver o que posso fazer. *(A Manuel)* Lembre-se de que João estava se preparando para morrer quando o padre o interrompeu.

ENCOURADO
 E, e apesar de todo o aperreio, ele ainda chamou o padre de cachorro bento.

A COMPADECIDA
 João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório.

JOÃO GRILLO
 Para o purgatório? Não, não faça isso assim não. *(Chamando a Comadecida à parte)* Não repare eu dizer isso, mas é que o diabo é muito negociante, e com esse povo a gente pede o mais para impressionar. A Senhora pede o céu, porque aí o acordo fica mais fácil a respeito do purgatório.

A COMPADECIDA
 Isso dá certo lá no sertão, João! Aqui se passa tudo de outro jeito! Que é isso! Não confia mais na sua advogada?

JOÃO GRILLO

Confio, Nossa Senhora, mas esse camarada termina enrolando nós dois.

A COMPADECIDA

Deixe comigo. (*A Manuel*) Peço-lhe, então, muito simplesmente que não condene João.

MANUEL

O caso é duro. Compreendo as circunstâncias em que João viveu, mas isso também tem um limite. Afinal de contas, o mandamento existe e foi transgredido. Acho que não posso salvá-lo.

A COMPADECIDA

Dê-lhe então outra oportunidade.

MANUEL

Como?

A COMPADECIDA

Deixe João voltar.

MANUEL

Você se dá por satisfeito?

JOÃO GRILLO

Demais. Para mim é até melhor, porque daqui para lá eu tomo cuidado para a hora de morrer e não passo nem pelo purgatório, para não dar gosto ao cão.

A COMPADECIDA

Então fica satisfeito?

JOÃO GRILLO

Eu fico. Quem deve estar danado é o filho de chocadeira.

(O Encourado, furioso, volta-se para João, mas nesse momento, ou dá um grande grito e corre para o inferno, ou deita-se no chão e rasteja até onde está a Virgem, para que ela lhe ponha o pé sobre a nuca, cf. Gênesis, 3, 15, saindo após.)

JOÃO GRILLO

Que foi que ele teve, meu Deus?

A COMPADECIDA

Na raiva, virou-se para você e me viu.

JOÃO GRILLO

Quer dizer que estou despachado, não é?

MANUEL

Não. Vou deixar que você volte, porque minha mãe me pediu, mas só deixo com uma condição.

JOÃO GRILLO

Qual é?

MANUEL

Você me fazer uma pergunta a que eu não possa responder. Pode ser?

JOÃO GRILLO

Está difícil.

MANUEL

É possível, você que é tão esperto?

JOÃO GRILLO

Mais esperto do que eu é o senhor que me criou. Mas vou tentar sempre.

A COMPADECIDA

Isto, João. Tenha coragem, não desanime, que eu estou aqui, torcendo por você.

JOÃO GRILLO

Então estou garantido. Eu me lembro de que uma vez, quando padre João estava me ensinando o catecismo, leu um pedaço do Evangelho. Lá se dizia que ninguém sabe o dia e a hora em que o Dia do Juízo será, nem homem, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho. Somente o Pai é que sabe. Está escrito lá assim mesmo?

MANUEL

Está. É no Evangelho de São Marcos, capítulo 13, versículo 32.

JOÃO GRILLO

Isso é que é conhecer a Bíblia. O senhor é protestante?

MANUEL

Sou não, João, sou católico.

JOÃO GRILLO

Pois na minha terra, quando a gente vê uma pessoa boa e que entende da Bíblia, vai ver é protestante. Bem, se o senhor não faz objeção, minha pergunta é esta. Em que dia vai acontecer sua segunda ida ao mundo?

MANUEL

João, isso é um grande mistério. É claro que eu sei, mas ninguém entenderia nada, se eu explicasse. Nem posso explicar nada agora, porque você vai voltar e isso faz parte de minha vida íntima com meu pai.

JOÃO GRILLO

Então deixe eu ir-me embora. Acredito que o senhor saiba, isso faz parte de sua vida íntima com o senhor seu Pai, mas o que o senhor disse foi que podia voltar se lhe fizesse uma pergunta que o senhor não pudesse responder.

A COMPADECIDA

É verdade, meu filho.

MANUEL

Eu sei, mas para que você não fique cheio de si, vou lhe confessar que já sabia que você ia se sair bem. Minha mãe já tinha combinado tudo comigo, mas você estava precisando levar uns apertos. Estava ficando muito saído.

JOÃO GRILLO

Quer dizer que posso voltar?

MANUEL

Pode, João, vá com Deus.

JOÃO GRILÓ

Com Deus e com Nossa Senhora, que foi quem me valeu. (*Ajoelhando-se diante de Nossa Senhora e beijando-lhe a mão*) Até à vista, grande advogada. Não me deixe de mão, não, estou decidido a tomar jeito, mas a senhora sabe que a carne é fraca.

A COMPADECIDA

Até à vista, João.

JOÃO GRILÓ

(*Beijando a mão do Cristo*) Muito obrigado, senhor. Até à vista.

MANUEL

Até à vista, João.

(*João bota o chapéu de palha velho e esburacado na cabeça e vai saindo.*)

MANUEL

João!

JOÃO GRILÓ

Senhor?

MANUEL

Veja como se porta.

JOÃO GRILÓ

Sim senhor.

(*Sai de chapéu na mão, sério, curvando-se.*)

MANUEL

Se a senhora continua a interceder desse jeito por todos, o inferno vai terminar como disse Murilo: feito repartição pública, que existe, mas não funciona.

PALHAÇO

(*Entrando*) Aqui, sinto interromper a conversa de dois atores tão importantes, mas é preciso arrumar novamente a cena para o enterro de João. Estamos novamente na terra. Levem seus tronos, por favor, enquanto se ajeita o resto do cenário e o espetáculo continua. (*Depois da saída dos dois atores.*) Chicó arranjou uma rede e colocou nela o corpo do amigo. Vamos enterrá-lo, ele e eu. Vai começar o ato final da peça. (*Essa é uma das falas que podem ser suprimidas ou adaptadas, de acordo com a encenação adotada. O Palhaço sai e volta logo, segurando um dos punhos da rede em que João vai se enterrar. Segurando o outro punho, entra Chicó.*)

CHICÓ

Ai, ai, nunca pensei que João fosse tão pesado!

PALHAÇO

Vamos descansar um pouco, que o cemitério é longe.

(*Deitam o corpo, dentro da rede, no chão, e sentam-se um pouco, enxugando o suor.*)

CHICÓ

Quando eu penso que pobre de João não tem nem direito a um enterro em latim! Coitado, está mais abandonado do que o cachorro do padeiro. Pobre de João!

JOÃO GRILÓ

(*Erguendo a cabeça para fora da rede*) É, pobre João agora, mas nesse instante vinha reclamando de meu peso.

CHICÓ

Você ouviu alguma coisa?

PALHAÇO

Eu não.

CHICÓ

Pois eu ouvi direitinho a fala de João.

PALHAÇO

Ai, ai, ai, você já começa com suas histórias!

JOÃO GRILÓ

(*Com voz calma*) Um padre-nosso e uma ave-maria para essa alma que aqui pena!

CHICÓ

Ai!

PALHAÇO

Ai! Chicó, me acuda que é a alma de João!

CHICÓ

Valha-me Nossa Senhora! João, pelo amor de Deus, se lembre de que fui seu amigo!

JOÃO GRILÓ

(*Saltando da rede*) Estou aqui, Chicó!

CHICÓ

Ai!

PALHAÇO

Ai! Corre, Chicó!

CHICÓ

E eu posso? Acho que minhas pernas caíram.

PALHAÇO

Então vá-se danar, porque eu vou!

(*Sai correndo. Chicó ajoelha-se.*)

JOÃO GRILÓ

(*Cruzando os braços*) Tenha vergonha, Chicó! Um homem desse tamanho com medo de alma! Nem coragem para correr teve!

CHICÓ

Ai meu Deus, é João! João, dizei-me o que quereis e se estais no céu, no inferno ou no purgatório!

JOÃO GRILÓ

Olhe a besteira dele! Fica logo com fala de alma: “João, dizei-me se estais não sei o quê!” Tenha vergonha, Chicó, estou vivo!

CHICÓ

É alma e da ruim, daquela que diz que está viva. Ai, minha Nossa Senhora!

JOÃO GRILO

(Dando-lhe um tapa) Levante, Chicó. Não está vendo que sou eu? Estou vivo, rapaz!

CHICÓ

É possível?

JOÃO GRILO

Tanto é possível que estou aqui.

CHICÓ

Eu só acredito vendo.

JOÃO GRILO

(Aproximando-se) Pois então veja.

CHICÓ

Ai!

JOÃO GRILO

Que é isso, homem? Você não disse que só acreditava vendo?

CHICÓ

Disse, mas não lhe pedi que mostrasse, não.

JOÃO GRILO

E como é que vai ser agora, Chicó?

CHICÓ

Assim mesmo, eu sem acreditar e você sem me mostrar.

JOÃO GRILO

E nossa sociedade, nossa velha amizade, vão se acabar?

CHICÓ

Já estão acabadas. É contra meus princípios fazer sociedade com defunto.

JOÃO GRILO

Mas eu estou vivo, rapaz. Veja, pegue aqui no meu braço.

CHICÓ

Ai!

JOÃO GRILO

Tenha coragem, homem, pegue!

(Com a maior cautela, Chicó toca-lhe o braço e enfim se convence.)

CHICÓ

Meu Deus, é mesmo! João! (Abraça-o.) Como foi isso, João?

JOÃO GRILO

Sei não, Chicó, acho que a bala pegou de raspão. Fiquei com a vista escura e quando acordei estava na rede e vocês iam me enterrar. Mas tenho uma notícia horrível para você.

CHICÓ

João, você tendo escapado, é o que basta. O que é que há?

JOÃO GRILO

Perdi o dinheiro.

CHICÓ

Que dinheiro, rapaz?

JOÃO GRILO

O testamento do cachorro. Quando acordei, meti a mão no bolso e não achei nada.

CHICÓ

Pode ficar descansado, João, o dinheiro da sociedade está aqui. Eu tirei de seu bolso, antes de você se enterrar.

JOÃO GRILO

Ah, cabra safado, com pena de mim, mas não se esqueceu do dinheiro, hem!

CHICÓ

Homem, quer saber de uma coisa? Foi. Você estava morto, esse dinheiro não ia mais lhe servir, achei que era mais seguro eu ficar com ele.

JOÃO GRILO

Fez bem, eu teria feito o mesmo. Quer dizer que estamos ricos?

CHICÓ

Estamos. Além do dinheiro do enterro, o que Severino tirou da padaria. Estamos ricos, João. Que acha de ficarmos com a padaria?

JOÃO GRILO

Grande idéia. (Como quem vê a tabuleta) Padaria Miramar, João Grilo, Chicó & Cia. Que acha?

CHICÓ

Lindo. Mas João... Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora! Meu Deus, meu Deus! Meu Deus, meu Deus! Burro! Burro!

JOÃO GRILO

Que é isso? Burro o quê? Burro é você!

CHICÓ

Sou eu mesmo, João, sou o maior burro que já apareceu por aqui. Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

JOÃO GRILO

O que é que há rapaz?

CHICÓ

Coitado de mim, coitado de pobre de João! Era rico nesse instante e agora é pobre de novo!

JOÃO GRILO

Não me diga que perdeu o dinheiro!

CHICÓ

Perdi nada, está aqui! Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

JOÃO GRILO

E porque essa gritaria, homem de Deus?

CHICÓ

Eu pensei que você tinha morrido, João!

JOÃO GRILO

E o que é que tem isso, homem?

CHICÓ

Tem que eu, pensando que não tinha mais jeito, fiz uma promessa a Nossa Senhora para dar todo o dinheiro a ela, se você escapasse!

JOÃO GRILÓ

Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

CHICÓ

Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora!

JOÃO GRILÓ

Mas, Chicó, como é que se faz uma promessa dessas?

CHICÓ

E eu sabia lá que você ia escapar, desgraça? Oh homem duro de morrer, meu Deus!

JOÃO GRILÓ

Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

CHICÓ

Agora é tarde para me dizer isso.

JOÃO GRILÓ

Não terá sido a metade que você prometeu?

CHICÓ

Não, João, foi tudo.

JOÃO GRILÓ

Ah, promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

CHICÓ

É, só reclama de mim! E você, por que achou de escapar?

JOÃO GRILÓ

Acho que foi de tanta vontade que eu estava de enriquecer. Não terá sido engano seu, Chicó?

CHICÓ

Não, João, tenho certeza absoluta: entrei na igreja, me ajoelhei e prometi.

JOÃO GRILÓ

Tudo?

CHICÓ

Tudo.

JOÃO GRILÓ

Ah, promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

CHICÓ

Mas ela já foi feita e o jeito é pagar.

JOÃO GRILÓ

Pagar?

CHICÓ

Sim.

JOÃO GRILÓ

Tudo?

CHICÓ

Tudo.

JOÃO GRILÓ

Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!

CHICÓ

Está certo, homem, estou tão desgostoso quanto

você! Diabo de uma reclamação em cima da gente de minuto em minuto! É melhor deixar de conversa: vamos pagar o que se deve!

JOÃO GRILÓ

Vamos, não: vá você! Eu não prometi nada e metade do dinheiro é meu!

CHICÓ

É, mas acontece que quando eu prometi ele era todo meu, porque eu me considerava seu herdeiro.

JOÃO GRILÓ

Eu não tenho nada com isso, não prometi nada.

CHICÓ

Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.

JOÃO GRILÓ

Chicó!

CHICÓ

Que é?

JOÃO GRILÓ

Espere por mim que eu também vou.

CHICÓ

Vai?

JOÃO GRILÓ

Vou.

CHICÓ

Pois eu já estava convencido de que você estava certo.

JOÃO GRILÓ

É, mas faltou quem me convencesse. Se fosse a outro santo, ainda ia ver se dava um jeito, mas você achou de prometer logo a Nossa Senhora! Quem sabe se eu não escapei por causa disso? O dinheiro fica como se fossem os honorários da advogada. Nunca pensei que essa também aceitasse pagamento.

CHICÓ

João, veja como fala!

JOÃO GRILÓ

Que é isso, Chicó, está se mascarando? Com Deus, não, mas com Nossa Senhora eu tenho coragem de tirar brincadeira!

CHICÓ

Quer dizer que entrega?

JOÃO GRILÓ

Entrego. Palavra é palavra, e depois estive pensando: quem sabe se a gente, depois de ficar rico, não ia terminar como o padeiro? Assim é melhor cumprir a promessa: com desgraça a gente já está acostumado e assim pelo menos não se fica com aquela cara.

CHICÓ

É mesmo.

JOÃO GRILÓ

Pois vamos. Mas, de outra vez, veja o que promete, infeliz, porque essa, ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito!
(*Saem. Entra o Palhaço.*)

PALHAÇO

A história da Compadecida termina aqui. Para encerrá-la, nada melhor do que o verso com que acaba um dos romances populares em que ela se baseou:

“Meu verso acabou-se agora,
Minha história verdadeira.
Toda vez que eu canto ele,
Vêm dez mil-réis pra algibeira.
Hoje estou dando por cinco,
Talvez não ache quem queira.”
E se não há quem queira pagar, peço pelo menos
uma recompensa, que não custa nada e é sempre
eficiente: seu aplauso.
PANO

FIM

ATENÇÃO - AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas pela revista *Teatro da Juventude* poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, em todo o território nacional, bem como por amadores filiados a bibliotecas, clubes e outras entidades culturais e sociais, livres de pagamento de direitos autorais, **desde que autorizadas pelo autor ou pela SBAT**

– Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc., estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela SBAT (Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel.: (011) 229-9011).

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los, sem compromisso, à Comissão de Teatro. Estes devem ser digitados ou datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista. As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de _____ a _____ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907

PEÇAS PUBLICADAS NA TEATRO DA JUVENTUDE

Edição 01 (Agosto de 1995)

História do Barquinho	Ilo Krugli
A Pílula Falante	Monteiro Lobato – Adap. Júlio Gouveia
A Sopa de Pedra	Tatiana Belinky
Trativelindepraglutifotitotquelux	Roberto Freire
Lambe-Beiços e seu Criado Cata-Faroles	Fábio Gaia
A Moreninha	Miroel Silveira

Edição 02 (Outubro de 1995)

Pinóquio – Collodi	Texto de Alceu Nunes
O Gigante	Walter Quaglia
Os Dois Timidos– Eugène Labiche	Trad. Osmar Cruz
Uma Consulta	Arthur Azevedo*
Cena de Natal	Renata Pallottini
Boa Noite, Felipe	Jair Therezinha Aguiinsky Dânia
O Segredo de Natal	Hagar Aguiar Caruso

Edição 03 (Dezembro de 1995)

Tremembé Jones contra Kong-Kong	Chico de Assis
Tronodocromo	Gabriela Rabelo e José Rubens Siqueira
Fofó, meu amor	Ricardo Gouveia
Aves exóticas voam para Vazabarris	Décio Gentil e Adir de Lima

Edição 04 (Fevereiro de 1996)

Cegonha boa de bico	Marilu Alvarez
Soltando o verbo	Zecarlos de Andrade
Buchicho	Gilda Vanderbrande
Este ovo é um galo	Lauro Cesar Muniz

Edição 05 (Abril de 1996)

O Castelo de Mulumi	Jurandyr Pereira
Feitiço da Vila	Zeca Capellini e Claudia Dalla Verde
Capital Federal	Arthur de Azevedo*

Edição 06 (Junho de 1996)

A flautinha de Uirá	Stella Leonards
Cupido e Stanislawsky	Ricardo Gouveia
Arena conta Tiradentes	Gianfrancesco Guarneri e Augusto Boal

Edição 07 (Agosto de 1996)

E as bruxas foram àLua	Roberto Rocha Coelho
O palhaço do Planeta Verde	Hilton Have
Parlapatões, Patifes e Paspalhões	Hugo Possolo
Maldita Parentela	França Júnior*
Quem casa, quer casa	Martins Pena*

Edição 08 (Outubro de 1996)

Quem casa quer casa – ou não?	Tatiana Belinky
A ver Estrelas	João Falcão
Farsa da boa preguiça	Ariano Suassuna*

Edição 09 (Dezembro de 1996)

O palhacinho triste e a rosa	Maria Cecília Oliveira Marques
Canção de Assis	Júlio Fisher
Canção de Natal	Ricardo Leite
As aventuras de Ripiô Lacraia	Chico de Assis

Edição 10 (Fevereiro de 1997)

Libel e o Palhacinho	Jurandyr Pereira
Somos todos do jardim da infância	Domingos de Oliveira
Uma vendedora de recursos	Gastão Tojeiro*
Uma lição longe demais	Zeno Wilde

Edição 11 (Abril de 1997)

O ovo de Páscoa trincado	Sylvia Lee
Colombo – O novo mundo	Walter Quaglia
Em moeda corrente do país	Abílio Pereira de Almeida

Edição 12 (Junho de 1997)

Um certo patinho feio	Gilda Vanderbrande
Enquanto se vai morrer	Renata Pallottini
Mumu, uma vaca metafísica	Marcelo Moraes

Edição 13 (Agosto de 1997)

Crocodilo do Nilo	Zeca Capellini, Cláudia Dalla e Lica Neaimé
O Violino Mágico	Júlio Fischer
Feitiço dos Deuses	Marilu Alvarez
Nó de quatro pernas	Nazareno Tourinho

Edição 14 (Outubro de 1997)

Praça de Retalhos	Carlos Meceni
Festa de Natal	Maria Vera Siqueira
A magia dos brinquedos	Rita Marta Mozetti
A história de Tião Bolero	Hugo Possolo
O evangelho segundo Zebedeu	César Vieira

Edição 15 (Dezembro de 1997)

Mestre Espoco e seus bichos muito loucos Analy A. Pinto e Maria Eugênia Di Domenico

O Testamento do Cangaceiro Chico de Assis

Eles não usam black-tie Gianfrancesco Guarneri

Edição 16 (Fevereiro de 1998)

Miss Canil, um Besteiro Infantil	Ewa Procter
Aleijadinho aqui e agora	Lafayette Galvão
O macaco da vizinha	J. Manuel Macedo*

Edição 17 (Abril de 1998)

Viagem ao faz de conta	Walter Quaglia
Namoro	Índer Miranda Costa
Uma Rosa para Hitler	Roberto Vignati e Greghi Filho
Pedro e Domitila	Énio Gonçalves

Edição 18 (Junho de 1998)

Chapéu, Chapelão & Cia	Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior
Cala a boca já morreu	Luis Alberto de Abreu
Como se faz um deputado	França Júnior*

Edição 19 (Agosto de 1998)

Lampião e Maria Bonita no reino divino	Annamaria Dias. Letra/Música Gilda Vandenbrande
De manhã é mais gostoso	Izaias Almada
Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela	Leilah Assunção

Edição 20 (Outubro de 1998)

Os Magos de Belém	Gilda Vandenbrande
Apolo & As super-gatinhas	Hermes Altemani & Nery Gomide
Pedro Mico	Antonio Callado
Você tem medo do ridículo, Clark Gable? Ou Somos o que somos	Analy A. Pinto

Edição 21 (Dezembro de 1998)

A lira dos vinte anos	Paulo César Coutinho
O crime da cabra	Renata Pallottini
A receita	Jorge Andrade

Edição 22 (Fevereiro de 1999)

Donança faz Quitutes	Fábio Gaia
O Namorador ou A Noite de São João	Martins Pena*
O Lider	Lauro César Muniz
Barbosinha Futebol Crubi	César Vieira

Edição 23 (Abril de 1999)

Na Festa de São Lourenço	José de Anchieta*
Guerras do Alecrim e da Manjerona	Antônio José, O Judeu*
Leonor de Mendonça	Gonçalves Dias*

Edição 24 (Junho de 1999)

O Noviço	Martins Pena*
A Torre em Concurso	Joaquim Manoel de Macedo*
O Demônio Familiar	José de Alencar*

Edição 25 (Agosto de 1999)

Lição de Botânica	Machado de Assis*
Caiu o Ministério	França Júnior*
O Mambembe	Arthur Azevedo e José Piza*

Edição 26 (Outubro de 1999)

A Casa Fechada	Roberto Gomes*
Onde Canta o Sabiá...	Gastão Tojeiro
Flores de Sombra	Claudio de Souza*

Edição 27 (Dezembro de 1999)

Manhãs de sol	Oduvaldo Vianna
As Noivas	Paulo Gonçalves
Cala a Boca, Etelvina!...	Armando Gonzaga

Edição 28 (Fevereiro de 2000)

Deus lhe Pague	Joracy Camargo*
A morta	Oswaldo de Andrade
Santa Marta Fabril S.A.	Abílio Pereira de Almeida

Edição 29 (Abril de 2000)

Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
Pluft, o Fantasminha	Maria Clara Machado
Dona Xepa	Pedro Bloch

*Peças de domínio público.

FOTOLITO E IMPRESSÃO
 IMPRENSA OFICIAL
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE
Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Tel.: (011) 6099-9457/6099-9529
CNPJ 48.066.047/0001-84
<http://www.imesp.com.br>

TINS
SÉDEALENCARMACHA
EVEDOFRANÇAJUNIOR
OTOJEIROJORACYCAMARGO
RADESILVEIRASAMPAIONELSON
LIODEALMEIDAJORGEANDRADE
NIEPODUVALDOVIANNAFILH
SARMUNIZARIANOSSUNASÉ
GOMESJOÁOBIT ENCOUNT
APALOTINICONSUELODF
LOISABELC/MARAJO
EBIANTONIOBARM
TAÍDEMARIOPRATA
JOSÉDEANCHI
SMARTINSPE
SÉDEA
AZEVED
TÁOT
AP

500 Anos de Dramaturgia Brasileira